ANEXO I

GLOSSÁRIO VISUAL DAS FLORES





Achillea L – Erva-das-cortadelas; Erva-de-São-João-de-Ggrisley; Erva-carpinteira; Eupatório-demésue; Macela, Macela-de-São-João; Macela-Francesa; Milefólio; Mil-em-rama; Milfolhada.





Alcea rósea – Malva da Índia; Malva-rosa; Alteia; Gigantes; Malvaísco.





Amaranthus graecizans – Amaranto; Cristas-de-galo; Rabo-de-raposa; Beldros; Bredos; Tristes





Anthurium – Antúrio.





Asphodelus albus; Asphodelus ramosus – Asfódelo; Abrótea; Abrótea-da-primavera; Asfódelo-ramalhudo; Gamão.





Artemisia vulgaris – Artemísia; Artemísia-comum; Artemísia-mole; Artemísia-verdadeira; Erva-das-ervas; Erva-de-fogo; Erva-de-São-João; Estacia; Flor-de-São-João; Rainha-das-ervas; Urtemige.





Centaurea cyanus - Ambreta; Ciano; Fidalguinhos; Lóios; Lóios-dos-jardins; Loucos-dos-jardins; Saudades.



Centaurea solstitialis – Cardo; Estrela.





Chrysanthemum – Crisântemo.





Chrysanthemum *parthenium* – Matricária, Artemísia dos Ervanários, Artemísia Romana, Marcela-da-serra, Camomila-pequena, Erva-de-Santa-Maria.





Chrysanthemum leucanthemum – Margarida.





Convallaria majalis – Conválaria; Lírio-dos-vales; Lírio-de-Maio; Lírio-convale; Lágrimas-de-Nossa-Senhora.



Dahlia – Dália.





Dianthus caryophyllus, Dianthus chinensis – Cravo; Cravina.





Digitalis Purpurea – Abeloura; Abelouro; Abelouro-vermelho; Alcoques; Beloiro; Beloura; Boca-de-sapo; Caçapeiro; Calças-de-cuco; Caralhotas; Chapote; Chapoto; Dedaleira; Delaleira; Digital; Enchoque; Erva-dedal; Erva-dedeira; Estalo; Estoira-fois; Estoirotes; Estoura-foles; Estorafoles; Estraques; Folha-deraposa; Folha-de-sapo; Luvas-de-Nossa-Senhora; Luvas-de-Santa-Maria; Maia; Matruca; Mena; Nenas; Podonhos; Pilatroques; Pucarinhos; Teijeira; Tracles; Traqueira; Traqueiro; Trocles; Trócolos; Troques.



Ephedra fragilis – Cornicabra; Gestrela; Piorno.





Fuchsia – Brincos de princesa.





Gerberal – Gerbera.





Lilium – Lírio; Lílias; Coroa-de-Rei; Coroa Imperial.





Muscari neglectum.





Myosotis (scorpioides; sylvatica) – Miosótis; Não-me-Esqueças; Olhos de Maria.





Rosa – Roseira.





Strelitzia reginae – Estrelícia; Flor-Ave-do-Paraíso.





Tagetes erecta, Tagetes patula – Cravo-de-defunto; Cravo-da-índia; Cravo Túnico





Viola odorata – Violetas.





Viola tricolor – Amor-perfeito.

Observação: o presente glossário é somente um breve apontamento visual, podendo as cores e as formas das flores variarem.

ANEXO II

GLOSSÁRIO

ÁGAPE	refeição, de carácter religioso, dos primeiros cristãos; refeição entre amigos (Do gr. *agápe*, «afeição; refeição fraternal», pelo lat. tard. *agàpe-*, «amor; ágape»)
ABLUÇÃO	lavagem; lavagem total ou parcial do corpo; purificação por meio de água (Do lat. *ablutióne-*, «lavagem; baptismo»)
ANEPÍGRAFO	sem inscrição; sem título (Do gr. *anepígraphos*, «que não tem inscrição»)
ARA	altar gentílico onde se faziam os sacrifícios; altar cristão; pedra de ara - pedra benta sobre a qual, durante a missa, o sacerdote coloca o cálice e a patena com a hóstia (Do lat. *ara-*, «altar»)
BODO	distribuição de alimentos, dinheiro e vestuário aos pobres, em dias festivos; comida; iguaria (Do lat. *votu-*, «voto; promessa»)
CANTARIA	pedra lavrada ou simplesmente aparelhada, geralmente em paralelepípedos, para construções (De *canto [= pedra]+-aria*)
CANTEIRO	artista que trabalha em cantaria (De *canto [= pedra grande para esquadria]+-eiro*)
CATAFALCO	estrado em que se coloca o féretro; essa
CATECÚMENO	aquele que se prepara para receber o baptismo (Do gr. *katekhoúmenos*, «o que é instruído de viva voz», pelo lat. *catechumènu-*, «id.»)
CEMITÉRIO	recinto destinado à sepultura dos defuntos; campo-santo (do gr. *koimetérion*, «dormitório», pelo lat. *coemeterìu-*, «cemitério»)
CENOTÁFIO	monumento sepulcral erigido em memória de um morto sepultado noutra parte (Do gr. *kenotáphion*, «túmulo vazio», pelo lat. *cenotaphìu-*, «id.»)
CEPOTAPHIA	jardim em volta de um túmulo.
CIPO	coluna truncada que os antigos punham em cima das sepulturas; marco miliário; coluna com inscrições; pedra tumular (Do lat. *cippu-*, «poste; marco»)
CÍRIO	vela grande de cera; festa de romagem a algum santuário (Do lat. *cerèu-*, «de cera»)
CONSAGRAÇÃO	acto pelo qual uma coisa deixa de ser profana para ser destinada ao serviço divino; sagração; sacramento administrado por um bispo ou por um padre por meio do qual é fortalecida e aperfeiçoada a graça conferida pelo baptismo; crisma; cerimónia de administração desse sacramento
CRIPTA	galeria subterrânea; catacumba; jazigo onde se enterravam os mortos, em algumas igrejas (Do gr. *krÿpte*, «abóbada subterrânea», pelo lat. *crypta-*, «cripta; gruta»)
DÍPTICO	conjunto de duas tábuas que se dobravam em forma de livro e onde se escrevia; listas de nomes das pessoas por quem se rezava na missa, a que corresponde actualmente o memento (Do gr. *díptykhos*, «dobrado em dois», pelo lat. *dipt]chu-*, por *dipt]cha-*, «díptico»)
ENDOCULTURAÇÃO	processo que explica a transmissão e a aprendizagem de comportamentos dentro de uma mesma cultura (geralmente quando se é criança), feito pela educação, pela imitação
EPÍGRAFE	inscrição em local destacado de um edifício (Do gr. *epigraphé*, «inscrição»)
EPITÁFIO	inscrição tumular; escrito em louvor de pessoa falecida; elogio fúnebre (Do gr. *epitáphion*, «inscrição tumular», pelo lat. *epitaphìu-*, «id.»)

ESCATOLOGIA	parte da teologia que trata dos fins últimos do homem e do que há-de acontecer no fim do mundo (De *escato-*, «último» +*-logia*)
ESQUIFE	caixão para levar os cadáveres a enterrar; ataúde; féretro; tumba (Do lomb. *skif*, «barco», pelo it. ant. *schifo*, «id.», pelo fr. *esquif*, «embarcação simples»)
ESSA	estrado onde se coloca o caixão do cadáver durante as cerimónias fúnebres que precedem o enterro; catafalco (Do lat. **ersa*, part. pass. fem. de *erigère*, «erguer»)
ESTELA	coluna monolítica destinada a ter inscrição (Do gr. *stéle*, «coluna», pelo lat. *stela-*, «id.»)
EXÉQUIAS	cerimónias religiosas fúnebres (Do lat. *exsequìas*, «préstito fúnebre»)
EUCARISTIA	o pão e o vinho consagrados e transubstanciados em Cristo; hóstia consagrada (Do gr. *eukharistía*, «acção de graças», pelo lat. *eucharistìa-*, «eucaristia»)
FENECER	acabar; extinguir-se; morrer; murchar (Do lat. **finiscère*, freq. de *finíre*, «acabar»)
HIPOGEU	escavação subterrânea onde os Egípcios depositavam os seus mortos; cripta (Do gr. *hypógeion*, «subterrâneo», pelo lat. *hypogaeu-*, «hipogeu; sepultura»)
HOMILIA	breve exposição doutrinária feita pelo sacerdote durante a Missa (Do gr. *homilía*, «reunião», pelo lat. *homilìa-*, «homilia»)
INDULGÊNCIA	perdão da pena temporal devida pelos pecados já perdoados (Do lat. *indulgentìa-*, «id.»)
INUMAÇÃO	acto ou efeito de inumar; enterramento
INUMAR	enterrar (um cadáver); sepultar (Do lat. *inhumáre*, «meter na terra»)
KONTÁKION:	Estrofe de origens antigas, que resume o mistério da festa ou as características do santo. É cantada na liturgia eucarística e repetida em todas as Horas do Ofício divino.
LITANIA	ladainha; série de breves invocações, algumas com nítido carácter místico e poético, dirigidas a Deus, à Virgem e aos santos, usadas no culto católico (Do gr. *litaneía*, «oração», pelo lat. *litanía-*, «id.»)
LITURGIA	conjunto das cerimónias e orações determinadas pela autoridade competente para cada acto do culto oficial; rito (Do gr. *leitourgía*, «função pública», pelo lat. ecl. *liturgìa-*, «liturgia»)
MANES	as almas dos entes queridos falecidos
MAUSOLEO	que tem a grandeza do mausoléu (Do lat. *mausolèu-*, «de Mausolo», sátrapa da Círia, na antiga Pérsia (séc. IV a. C.), cujo túmulo, designado por Mausoléu, é muito célebre)
MEMENTO	oração que se reza pelos defuntos, e que principia pela palavra latina *memento*, que significa *lembra-te* (Do lat. *memento*, imp. de *meminisse*, «lembrar-se»)
MEMORIAL	é a parte dos sacrifícios de cereais que, com ou sem incenso, é queimada pelo sacerdote no altar, em combinação com a oferta de comestíveis (cf. Lv 2,2 e nota), sendo o restante reservado à manutenção dos sacerdotes. É, pois, a parte do sacrifício que pertence exclusivamente a Deus: a oferta faz Deus lembrar-se do homem, ou leva o homem a lembrar-se de Deus, a quem pertencem todos os sacrifícios.
MENSAE	pequena mesa colocada à frente das campas para partilhar o repasto funerário
NECRÓPOLE	cidade dos mortos; escavação subterrânea em que certos povos da

	Antiguidade depositavam os mortos; cemitério (Do grego *nekrópolis*)
OBITUÁRIO	registo dos óbitos acontecidos durante certo tempo (Do lat. *obìtu-*, «óbito» +*ário*)
OBLATO	leigo que se oferecia para prestar serviços num convento; indivíduo que os pais dedicam ao serviço de Deus; religioso que doava todos os seus bens à comunidade da ordem em que ingressava (Do lat. *oblátu-*, «oferecido», part. pass. de *offerre*, «levar à frente; oferecer»)
OFERTÓRIO	parte da missa em que o sacerdote oferece a hóstia e o cálice; acto de oferecer qualquer quantia para o culto ou em sufrágio das almas dos defuntos; oferta; dádiva (Do lat. *offertorìu-*, «id.»)
OITAVA	em liturgia é o prolongamento por 8 dias da celebração duma festa importante, ou então o 8.º dia dessa celebração. Tal costume, com raízes na liturgia judaica, esteve muito em voga durante a Idade Média. A reforma de S. Pio V reduziu o seu número, e o Conc. Vat. II só manteve as do Natal e da Páscoa.
OSSÁRIO	lugar onde se guardam ossos; sepultura comum (Do lat. *ossarìu-*, «urna sepulcral»)
PANTEÃO	templo que os Gregos e os Romanos consagravam a todos os deuses; edifício nacional onde se depositam os restos mortais daqueles que mais engrandeceram a pátria
PENITÊNCIA	pena imposta pelo confessor ao penitente para remissão dos seus pecados; um dos sete sacramentos da Igreja, que consiste na acusação dos próprios pecados a um confessor; confissão; arrependimento de ter ofendido a Deus (Do lat. *poenitentìa-*, «id.»)
PRÓSFORA	pão usado na Divina Liturgia (Do grego: "aquilo que é oferecido")
PURGATÓRIO	tormento constante; expiação; lugar onde, segundo a religião católica, se purificam as almas dos justos, antes de entrarem no Céu, cumprindo a pena devida por pecados mortais, já perdoados, ou por pecados veniais (com maiúscula) (Do lat. *purgatorìu-*, «id.»)
PRÉSTITO	aglomerado de pessoas em marcha; cortejo; procissão (Do lat. *praestìtu-*, «que está adiante»)
PSICOPOMPO	"Acompanhante das Almas"
SARCÓFAGO	túmulo calcário onde os antigos encerravam os cadáveres que não queriam incinerar; túmulo; caixão em que os Egípcios encerravam as múmias
SEPULTURA	acto de sepultar; lugar ou cova onde se deposita um cadáver; túmulo
SUFRAGAR	aprovar; favorecer ou apoiar por meio de sufrágio ou voto; fazer sufrágios por; orar pela alma de... (Do lat. vulg. **suffragáre*, do lat. cl. *suffragári*, «votar; patrocinar»)
SUFRÁGIO	preces para sufragar as almas dos mortos
TANATOLOGIA	tratado acerca da morte; estudo dos aspectos médicos, psicológicos e sociológicos da morte; parte da medicina legal que aborda as questões relacionadas com a morte (De *tanato-*+*-logia*)
TROPÁRIO	breve composição poética de métrica variável, cujo ritmo está baseado sobre o acento tônico. Os tropários podem-se distinguir conforme o seu contéudo (da ressurreição, da Mãe de Deus, etc.), ou conforme o lugar em que se coloca dentro de um Ofício divino. Há um tropário principal, ou do dia (ás vezes dois) repetido em todas as Horas canônicas e durante a liturgia eucarística. Este tropário é chamado, pelos gregos. Apolítokion (-que conclui), porque a primeira vez que se canta é no fim das Vésperas (1º Hora canônica do dia litúrgico).
TUMBA	espécie de maca onde se conduzem cadáveres à sepultura; caixão;

	túmulo; sepulcro (Do gr. *tñmbos*, «túmulo», pelo lat. *tumba*-, «id.»)
TUMULO	monumento construído em memória da pessoa nele sepultada; sepultura; mausoléu
URNA	recipiente com tampa onde se recolhiam as cinzas dos finados; caixão funerário

Observação: procurei escrever os significados das palavras relacionadas com a investigação, expondo somente o que estiver relacionado com o assunto, e omitindo outras significações.

ANEXO III

Simbologia de árvores, flores, frutos e de outras plantas relacionadas com a morte

Aipo – símbolo de pranto. Na antiguidade era dedicada às exéquias fúnebres. Cobriam com esta planta as sepulturas e decorava-se os aposentos dos que morriam. Os antigos gregos diziam de alguém que não se curava, que carecia de aipo, isto é, que estava próximo da morte. Para Santo Agostinho, o aipo era pranto, porque significa a tristeza que temos após uma perda de algo que estimávamos (Barreyra, 2005).

Alecrim ou **rosmaninho** – o nome provém do árabe *al-iklil*. Na Antiguidade greco-romana, as flores de alecrim decoravam os túmulos juntamente com as folhas dos ciprestes: "colocavam-se nas mãos dos mortos raminhos de alecrim, que simbolizavam a imortalidade da alma" (Lipp, 1997:61) e queimavam-se os ramos nos rituais fúnebres e noutras cerimónias religiosas. Nos países nórdicos é ainda considerada uma planta fúnebre: o caixão é coberto de alecrim e os mortos levam ramos desta planta nas mãos (Nogueira, 2004:22; Lipp, 1997). Na simbologia cristã, evoca a ideia de fidelidade. É símbolo da tristeza, mas esta planta era igualmente conhecida por ser estimuladora da memória, e por isso era usada tanto em casamentos como em funerais. No adagiário português não faltam provérbios que confirmam a ligação à memória, tal como: "Quem pelo alecrim passou e dele não colheu, ou nunca teve amores ou deles se esqueceu" (Nogueira, 2004:22). Na Europa pós-clássica simbolizava devoção eterna. O rosmaninho era especialmente dedicado às campas e muito usado em funerais, pelo menos no século XIX. Wheatley, citado por Albert McNeal (1875:16), escreveu:

> To express their hopes that their friend is not lost for ever, each person in the company usually bears in his hand a sprig of Rosemary—a custom which seems to have taken its rise from a practice among the heathens.

Esta planta como verdeja com muita facilidade e rapidez, evidenciando a sua vitalidade era associada à vida que reverdece da campa. Hoje em dia, na Grã-Bretanha, no dia 11 de Novembro usa-se o alecrim para homenagear os mortos das duas guerras mundiais.

Amaranto ou **crista-de-galo**, ou **rabo-de-raposa** (*Amaranthus graecizans*) – do grego *amaranthos*, "que não murcha". Os antigos escolhiam as flores de amaranto para decorar os sepulcros dos parentes, como símbolo de melancolia eterna (Nogueira, 2004:28). Símbolo da imortalidade.

Anémona (*Anemone palmata*) – do grego *anemone*, "flor do vento", é uma flor primaveril com uma duração de 4 meses. Na lenda greco-romana de Afrodite e Adónis, esta flor nasceu do sangue deste e que mal floresce perde as suas pétalas pelo vento, como se pode ler em "Mitologia" (2006:61). Na "simbologia cristã representa a dor, a doença ou a morte e conota-se com o sangue de Cristo e dos mártires" (Nogueira, 2004:37).

Asfódelo ou **abrótea** (*Asphodelus albus; Asphodelus ramosus*) – Na Antiguidade era plantado nos cemitérios para servir de alimento aos mortos (na mitologia greco-romana, esta planta era consagrada à mulher de Hades – Inferno -, a Perséfone). Simboliza alimentação e perda dos sentidos (morte). Em alguns países mediterrânicos é símbolo de luto. (Nogueira, 2004:45)

Buxo – na antiguidade, era plantado como ornamento nos cemitérios, em conjugação com os ciprestes e os teixos. Consagrado às divindades do mundo inferior e à deusa-mãe Cibeles, era também símbolo da imortalidade (Nogueira, 2004:54).

Carvalho – símbolo do cosmos (é ligação do céu à terra), da vida, da juventude, da imortalidade e da sabedoria, da resistência e fertilidade. A sua sombra é associada à eternidade, ao repouso, calma (ligação à morte) (Nogueira, 2004). Na Idade Média "colocavam-se bolotas nas mãos dos mortos, antes dos enterros, e os caixões eram feitos de madeira de carvalho, assim como as varas que os carregadores usavam para os transportar" (Lipp, 1997:59).

Cedro – como a sua madeira dificilmente apodrece, esta árvore era tida como símbolo da imortalidade (Nogueira, 2004).

Cipreste – árvore fúnebre que transmite dor e morte (Barreyra, 2005; Greenaway, 1984), tendo a sua copa sido ligada ao significado de "velar por aqueles que já partiram". Esta ideia da morte é reforçada igualmente pela razão de que, após ter sido cortado, o tronco desta árvore nunca crescer. Na época pré-helénica, era uma árvore de culto, símbolo da longevidade/imortalidade (eterno em verdura, segundo Santo Ambrósio (Barreyra, 2005:120)) e incorruptibilidade (da madeira que não apodrece e pelo facto de as mudanças de tempo não o alterarem). A sua simbologia foi associada à morte, sendo a árvore considerada actualmente como uma árvore de luto. Em tempos antigos, esculpia-se com a sua madeira deuses pagãos e sarcófagos, e "os cristãos plantavam-no junto dos túmulos como esperança no Além" (Nogueira, 2004:65). Acreditava-se que os ciprestes protegiam os mortos das almas errantes, sendo um símbolo de ligação entre a Terra e o Céu, (daí a sua plantação nos claustros, pátios e hortas dos mosteiros medievais) (Cancela, 2007).

Cravo-de-defunto (*tagetes erecta, tagetes patula*) – conhecido também por cravo-amarelo, cravo-africano, cravo-da-índia e ainda rosa-da-índia, é a flor mais importante na decoração do "Dia dos Mortos" mexicano, chamada aí de "cempasúchil". Na religião cristã, é uma das flores representativa da devoção fiel e do envio das almas para Deus, como o diz John S. Stokes (1995). Esta planta, de cor intensa e aromática, usada já pelos indígenas mesoamericanos em medicina e em cerimónias, simboliza na cultura mexicana o sol, gerador de tudo. Cada flor presente no altar ou no cemitério representa um morto, provando que este não é insignificante por fazer parte do todo e por não ser esquecido. Em algumas localidades mexicanas era costume desenharem o caminho do cemitério para a casa do morto com pétalas desta flor, que se acreditava ter o poder de iluminar o percurso.

Crisântemo *ou* **despedidas-de-verão** (*Chrysanthemum*) – do grego khrysanthemos ("ouro" e "flor") é um símbolo outonal na China, segundo Nogueira (2004:69), como é símbolo do Japão. Oferecer um crisântemo é dar-lhe 10 anos de vida e amizade, segundo as superstições populares orientais. Na cultura ocidental é a esta flor está associada à morte e é uma das flores preferidas que se usa nos velórios para representar os pêsames e especialmente no Dia de Todos os Santos e no Dia dos Mortos (é nesta época que a flor floresce). Alguns cientistas referem que esta planta estava presente quando Cristo foi colocado no túmulo, como se verifica no site "Fish

Eaters" (s/d). Na Idade Média era conhecida como a Flor de Todos os Santos (o que indica o seu uso no dia 1 de Novembro).

Faveira – segundo Plínio, a fava era usada no culto dos mortos por conter as suas almas. Nos rituais egípcios, os "campos de favas" eram o local onde os defuntos esperavam a reencarnação. Em alguns países de África, dá-se muitas favas na alimentação dos cães, para que estes absorvam a alma dos mortos. Na Sardenha, a 1 de Janeiro, lança-se ao fogo 12 favas para que os fantasmas dos mortos não queridos se mantenham afastados (Nogueira, 2004:71).

Hera – na Idade Média simbolizada a imortalidade (já que esta planta crescia em torno de árvores mortas), à perenidade da alma após a morte do corpo, significando a fidelidade e o afecto imperecível. (Nogueira, 2004:79)

Lírio *(Lilium)* – no imaginário popular é símbolo da pureza e da "morte suave". Nogueira (2004:86) refere que no "Itinerário" do Pantaleão de Aveiro: "Tanto que enterram algum defunto, logo de redor da cova lhe plantam muita salva e manjerona, alecrim, lírios e outras ervas odoríferas".

Maçã – na antiguidade colocavam uma maça nas mãos de uma criança morta, para que pudesse brincar com ela no paraíso (Lipp, 1997:163). A representação de uma maçã nas mãos de Cristo, significa a salvação, segundo Doug Gray (s/d).

Manjericão *ou* **erva-real** – purificador do ambiente na Índia. Colocava-se uma folha de manjericão sobre o peito do morto, antes do enterro, para que pudesse entrar no paraíso. No Irão e na Malásia, é plantado nos cemitérios, e no Egipto as suas flores são espalhadas, pelas mulheres, sobre as sepulturas. Na antiga Grécia era sinal de desgosto e de luto, de pobreza, ódio e desgraça (Lipp, 1997:57).

Narciso – símbolo da Primavera, associa-se ao sono, à morte e à ressurreição no ano seguinte. (Nogueira, 2004:103)

Pinheiro – significa morte porque depois de cortada a árvore, não mais reverdece, tal como o ser humano que uma vez morto não torna a viver.

Rosa – A deusa grega dos infernos, Hécate, usava uma guirlanda de rosas. Para além do símbolo do amor terreno e sagrado (também segundo Adrian Frutiger, [1999:225]) e da paixão, nos cemitérios europeus é igualmente símbolo do luto. A sua conotação com o sangue indica uma simbologia de regeneração, segundo Nogueira (2004:126), e é provável que a ligação com o sangue e as rosas vermelhas esteja relacionado com a lenda greco-romana de Afrodite e Adónis (ver mais acima a simbologia de anémona), em que as rosas tornaram-se vermelhas depois de Afrodite se ter magoado nos espinhos, quando tentava socorrer o seu amado. Em Roma acreditava-se que se podia apaziguar os espíritos dos mortos (os manes), se se decorasse os túmulos com rosas (daí o Festival Rosalia). Em consequência, os ricos mantinham jardins de rosas para que tivessem sempre à disposição as flores para os túmulos. A rosa é o símbolo de sangue de Cristo e dos Mártires, como o aponta Suzanne Hill (06.01.2007) e na simbologia cristã, de acordo com a especialista Nancy Valente (09.12.2005), pode simbolizar para além do sangue derramado e as chagas de Cristo (as cinco pétalas da rosa silvestre): a taça que recolheu o sangue sagrado (e o consequente símbolo de renascimento místico). Sendo a

"rainha das flores" é símbolo da Virgem Maria (e de todas as virgens, na Idade Média). Na Idade Média era símbolo da caridade e na simbologia maçónica era costume colocar no funeral de um irmão 3 rosas, simbolizando a vida, luz e amizade. O rosário – "coroa de rosas" – era feito originalmente com pétalas de rosas, de acordo com Flávia Silva (20.04.2008), e as rosáceas nas igrejas eram dedicadas à Virgem Maria.

Teixo – pena e tristeza (Greenaway, 1984)

Tília – nas crenças escandinavas e germânicas era considerada a árvore da ressurreição (Lipp, 1997:67); segundo Frutiger (ibid), a folha de tília está associada à morte pelas seguintes razões: representa um coração ao contrário atingido por uma lança; tem a forma de uma lança; na lenda de Siegfried, o herói não alcança a imortalidade porque uma folha de tília que caiu sobre o ombro não lhe permitiu que se banhasse completamente no sangue do dragão derrotado.

Sabugueiro – no norte da Europa, era a residência da deusa da morte e da fertilidade, Holda. "Na Alemanha, os caixões eram de madeira de sabugueiro e colocavam-se cruzes e grinaldas feitas com os seus ramos. No Norte de Inglaterra e no Tirol, os arbustos desta planta eram aparados em forma de uma cruz e depois colocados sobre as sepulturas…" (Lipp, 1997:65).

Salgueiro – símbolo de desespero (Greenaway, 1984).

Violeta *(Viola odorata)* – na antiga Roma, no final de Março existia o no dia o "dia das violetas", *dies violaris*, segundo Nogueira (2004:142) e Suzanne Hill (06.01.2007), em que os túmulos dos defuntos eram decorados com estas flores. Geralmente, a flor é símbolo de modéstia e humildade, daí que seja também uma planta funerária. Na arte cristã, está associada à Virgem Maria devido a uma lenda em que as violetas, inicialmente de cor branca, tornaram-se na cor roxa em representação do luto quando Maria presenciou a crucificação de seu filho.

ANEXO IV

Festivais ancestrais de homenagem aos mortos

Obon

A tradição japonesa de respeitar os mortos durante os três dias do Obon (Festival dos Mortos) – que é uma versão da celebração budista Ulambana (Dia do Antepassado) – ocorre entre 13 e 15 de Julho ou de Agosto (dependendo da região, e do calendário praticado – o solar ou o lunar), e consiste em visitar as campas da família (onaka) por todos os seus membros (mesmo que estejam em lugares distantes, têm que voltar à terra para se unirem às famílias), prestando homenagem aos antepassados, de acordo com Hiruki (2002; 2003), Mishima (s/d), wikipedia (s/d-3) e Japan Guide. Para além de ser um momento de reunião das famílias, também é a ocasião para os vivos se aperceberem do que devem aos seus antecessores. O Dia do Antepassado – Ulambana – foi criado a partir da crença de que no primeiro dia do oitavo mês lunar as portas do inferno são abertas e nos próximos 15 dias os espíritos podem visitar o mundo dos vivos, tal como o expôs o mesmo autor (2003). De forma a aligeirar o sofrimento dos espíritos/fantasmas dos antepassados, é-lhes oferecida comida e no último dia da sua permanência com os vivos, no Ulambana, as pessoas visitam os cemitérios para dar oferendas aos antepassados que estão de partida.

O Obon (fig. 50) foi introduzido em 606 d.C. pelo budismo que veio da Índia através da China e Coreia, segundo o mesmo autor (2003), e era inicialmente praticado pela classe dominante. Somente entre os séculos XVII e XIX d.C. é que o Obon se tornou num festival partilhado por todas as classes, já que até a altura as velas e lanternas tinham custos muito elevados. A lenda budista que originou esta festividade, conta que um discípulo de um monge preocupado com o sofrimento da sua falecida mãe, causado por espíritos, deu oferendas a monges budistas que tinham terminado o seu tempo de isolamento do Verão. Para celebrar a paz alcançada para sua mãe, o discípulo realizou uma dança cerimonial.

Durante o Obon, as casas e as campas são limpas, as lanternas de papel são penduradas à entrada para guiar os espíritos, e as pessoas vão ao cemitério convidar os seus mortos, unindo, desta forma, as famílias de novo. Neste festival oferecem-se várias dádivas no altar da casa e dos tempos – comida (frutas e vegetais), água, incenso, flores e lanternas de papel, entre outras – e celebra-se à noite numa praça ou espaço amplo da localidade uma dança especial, a Bon Odori, em que as dançarinas vestidas com kimonos de algodão muito finos, movimentam-se ao som e em torno do tambor japonês, o taiko. Esta dança, à qual se pode juntar qualquer pessoa, varia de local para local, consistindo os movimentos numa repetição do trabalho diário (colher, ceifar, semear entre outros) e das características da região (o fluir do rio e outras). Dentro do espaço do cemitério o ambiente é de respeito, mesmo que haja fogo de artifício. No último dia, os familiares penduram as lanternas de papel para enviar novamente os espíritos



Fig. 50 Obon no Japão

para a sua sepultura, segundo Mishima (s/d), sendo costume em alguns sítios porem as lanternas no rio.

O papel das crianças no Obon é aprender a respeitar os antecessores, acendendo incenso e rezando no cemitério, ajudando nas outras tarefas quando começar a crescer, de acordo com Hiruki (2003).

Segundo Hiruki (2002) e Baskin (s/d), entre outros autores, como nem sempre é possível à família visitar as campas neste festival, foi criado, por um templo budista em Hiroshima, um site com túmulos virtuais que possibilitam a "visita" em qualquer parte do mundo por qualquer um, havendo a possibilidade de colocar textos e fotografias, acender incenso e colocar flores virtuais, e também permitindo abanar lanternas virtuais em memória dos falecidos.

Festa dos Espíritos Famintos e o Ching Ming

Com a mesma origem do Obon japonês no Ulambana, a Festa dos Espíritos (Fantasmas; Demónios) Famintos, conhecida também por o Festival Zhongyuan, o Festival Yu Lan Pen e ainda ShiHu, começou a ser celebrada na China em 502-557 (d.C.), segundo o site Chinavoc (s/d). Esta festa ocorre anualmente a 15 do sétimo mês lunar (coincide com meados de Agosto), quando as portas do inferno são abertas pelo protector dos mortos, Dizang Wang, para que os fantasmas possam comer e beber, e alcançar uma condição mais feliz, segundo Cyrano (2007). Durante este mês, em que os fantasmas e espíritos de pessoas falecidas visitam o mundo terreno para serem tratados com respeito, os vivos praticam rituais de homenagem aos seus antecessores, oferecendo-lhes comida, queimando incenso (relacionado com a prosperidade) e oferendas de papel – joss paper – com formas de acessórios e bens materiais (carros, casas, telemóveis e outros), para que os mortos possam continuar a ter uma vida confortável pós-morte (e para que não façam mal aos vivos). Sendo os espíritos e fantasmas representados com estômagos grandes e gargantas muito estreitas, as oferendas pacificam os mortos e garantem, segundo a crença, boa sorte e protecção para os vivos, como o disse Cabús (2007). Os monges entoam orações para os espíritos também para acalmar os espíritos e no final, em alguns sítios, são lançadas nos rios as lanternas flutuantes, que indicarão o caminho (de volta) aos espíritos, segundo o site Chinavoc (s/d) e Cyrano (2007). Para os espíritos malignos ou perdidos, que tiveram uma vida ou morte de desgraça, ou que não têm ninguém que pense neles (e que por esse motivo não têm nenhum altar), é-lhes oferecida comida e bebida na rua, e são queimadas as velas, incensos e oferendas que simbolizam os bens materiais.

Na cultura Chinesa existe outro festival semelhante à Festa dos Espíritos Famintos, que é o Ching Ming (Qing Ming), que ocorre a 4 ou 5 de Abril e que homenageia da mesma forma os antepassados. A diferença entre estes dois festivais é que enquanto no dos Espíritos Famintos os mortos visitam a terra, no Ching Ming são os vivos que prestam homenagem aos mortos, deslocando-se aos cemitérios. Segundo Julie (2006), neste festival as flores abundam por todo o lado, destacando-se os crisântemos entre as flores mais oferecidas aos antepassados. As oferendas de acessórios e bens materiais (réplicas feitas em papel) são igualmente queimados para enviar mais depressa aos antepassados. Em contraste com a tristeza do festival, celebra-se em alegria a esperança que a Primavera traz (segundo o site China online [2007]), tendo sido

considerado o Dia da Árvore em tempos remotos. Neste festival teve início no período entre 770-476 (a.C.), (de acordo com Julie [2006], em 732 a.C.) não é permitido comer comida quente devido à lenda de Jie Zitui. Uma das manifestações mais comuns no Ching Ming são os papagaios de papel que sobrevoam o céu.

Vëlinës

Na Lituânia tradicionalmente comemoravam-se os mortos, o festival Vëlinës, no final das colheitas tidas no Outono, em Outubro, durando por 4 semanas até aos princípios de Novembro, em alguns casos até ao dia 11 deste mês, de acordo com os escritos de J. Dlugosh (séc. XV) e M. Strijovski (séc. XVI), citados por Marija (s/d). Com a influência cristã, Vëlinës passou a ser comemorado a 2 de Novembro. O nome Vëlinës teve origem em "Ilgës", que significava o pesar/dor de amor ou de saudades, segundo Marija (s/d), e no leste lituano era chamado dias de "Dziedu" (dias dos velhos), dedicado aos pedintes a quem era pedido para orarem pelas almas dos mortos. O festival Vëlinës, que se acreditava que ocorria num momento em que os mortos voltavam às suas casas, consistia num repasto tido em família e oferecido aos falecidos, que, segundo Dundzila (1991), protegeriam/ajudariam as crianças e abençoariam as terras. A refeição era precedida pelo sauna/banho (primeiro os homens e só depois as mulheres e crianças), que se deixava quente no final para que os espíritos também se pudessem banhar.

O repasto era tido numa sala com janelas ou portas abertas, em que o silêncio e a penumbra dominavam o ambiente. Os espíritos eram chamados a juntarem-se à refeição pela cabeça de família, que frisava o prazer que os vivos têm em receber e relembrar os mortos, e pedindo saúde para as pessoas e animais, e abundância de colheitas, de acordo com Dundzila (1991) e Marija (s/d). Em algumas localidades diziam os nomes dos mortos que se queria presentes para serem relembrados. A pessoa mais velha tinha que passar uma vela à volta da sua cabeça e três vezes à volta da comida, acendia-a e colocava-a na mesa. A mesa da refeição tinha um lugar/canto dedicado aos espíritos, no qual os primeiros bocados de comida e de cerveja (tida como bebida sacrificial) eram sacrificados (deitados num prato especial ou para debaixo da mesa). Só depois da dedicatória novamente feita aos espíritos é que se podia comer. Entre os diferentes pratos que eram apresentados, e que segundo Dundzila (1991) poderiam ser entre 12 a 13 (dependendo do ano lunar ou solar em vigor), incluíam pratos escuros e vermelhos (sopa de beterraba, por exemplo), que simbolizavam o sangue. O "kucia" – uma salada de cereais e legumes adocicados com mel – era conhecido como a comida dos espíritos. Para esta refeição era comum convidarem (ou então oferecerem) os mendigos e pedintes, que eram vistos outrora como eremitas que tinham contacto directo com os espíritos e os deuses, segundo o mesmo autor (ibid). A refeição era concluída com danças e músicas de Vëlinës, nas quais mais uma vez os espíritos participavam com os vivos. No final os espíritos eram convidados a voltarem às suas sepulturas, visitadas pelas pessoas que as iluminavam com as velas. Segundo Dundzila (1991) e Marija (s/d), até ao século XX uma variedade de comidas era deixada nos cemitérios para os espíritos, nos inícios de Novembro.

Marija (s/d) afirmou que foi em meados do séc. XIX que se formou a tradição conhecida hoje em dia de homenagem aos mortos – a visita conjunta ao cemitério, a decoração das campas, o acender das velas (que indicam o caminho para os espíritos ascenderem ao céu), a prolação

das orações e o apoio dado aos pedintes. A mesma autora disse que na véspera do Dia de Todos os Santos existe a crença de que não se deve sair de casa à noite, porque tudo está repleto de almas de mortos.

Fet Ghede

Fet Ghede ou Festa dos Antepassados, celebrado pela comunidade do Haiti e por todos aqueles que partilham da tradição vudu, marca o início do ano novo. Nesta festa (a 2 de Novembro), em que os antepassados são homenageados e as dividas e obrigações são pagas, o dia é passado no cemitério, segundo Emick (2005). Os Ghede – uma família de espíritos (de antepassados) relacionados com a morte e a fertilidade (nascimento), de acordo com a Wikipedia (s/d-2) e com Rock (2005) –, chamados através de ritmos de tambores e danças especiais ("Banda"), em ambientes preparados ritualmente e com comida especial, incarnam nos vivos, através da possessão, falando e agindo através destes, e dando conselhos a quem os procurar. Para se poder iniciar uma conversa com um Ghede, segundo Rock (2005), acendem-se as velas do altar, que têm objectos relacionados com a morte (esqueletos, caixões e outros) e entorna-se rum no chão. Os altares são preparados com tecidos negros e vermelhos, incluindo cigarros, rum apimentado e óculos de sol – tudo objectos adorados pelos Ghede.

Dia de los Muertos

No México uma das épocas mais festivas e alegres do ano é dedicada à lembrança dos mortos nos dias 31 de Outubro e 1 e 2 de Novembro (fig. 51 e 52). A morte vista como parte de um ciclo infinito, de acordo com Ricardo Beliel (s/d) e a tradução de Suzana Herrera (s/d), aqui é



Fig. 51 Altar no Dia de los Muertos



Fig. 52 Cemitério mexicano no Dia de los Muertos

aproveitada para servir de lição para os vivos, exibindo pelas pessoas o à vontade que têm para com esta, e de certo modo até a desafiando, mostrando que não têm medo dela por a reconhecerem com a fé. A tradição de Todos os Santos e do Dia dos Mortos desenvolvida pela religião católica e transmitida na região mexicana através dos franciscanos e jesuítas, de acordo com Beliel (s/d), foi assimilada pelos povos indígenas mesoamericanos que já tinham o seu culto dos mortos (curiosamente a 2 de Novembro), em que se celebrava a morte como o próximo passo na vida. Segundo os cultos pré-hispânicos, neste caso dos astecas, que acreditavam que o sacrifício da morte fazia uma ligação directa com o processo criativo da vida, dois meses do ano eram dedicados à homenagem dos mortos, sendo um deles para os adultos e outro para as crianças pequenas, de acordo com o site Júnior (s/d). Segundo Lopes e Herrero (01.11.2007), o mês do culto dos mortos que coincidia com o mês de Agosto, com a vinda dos colonizadores foi mudada para Novembro. Da junção dos cultos pré-hispânicos com

a religião cristã saiu a versão cheia de alegria que podemos assistir no festival do Dia de los Muertos. Nesta celebração, os túmulos e os altares são cuidadosamente elaborados, com papeis recortados em tons roxos (simbolizando o luto), carregados de "flores de mortos" – as "cempasúchil" – de cor laranja brilhante ou amarelas (simbolizando o sol, origem de tudo; cada flor representa um morto, que faz parte do todo, evidenciando que este não foi esquecido) e de outras flores (crista-de-galo - *celosia cristata;* gipsófilas brancas **-** *gypsophilla paniculata, gypsophilla elegans;* gladíolos; e cravos - *dianthus caryophyllus*), velas acesas (luz, fé), água (para saciar a sede) e sal (elemento purificador que não deixa o corpo do morto se corromper na sua saída e volta), comidas típicas (destacando-se a doçaria em forma de esqueletos e caveiras, e o pan de muerto) e bebidas fortes (tequila), e com imagens de santos (para protegerem o morto) e dos mortos, bem como os seus pertences. Durante os dois dias, o ambiente é acompanhado com canções que brincam com a morte, com as músicas preferidas pelos mortos e com danças especiais, que surgiram a partir da caricatura feita ao colonizadores espanhóis, que ao contrário da população nativa, sofria de reumatismo e artrose. Assim, como o diz Beliel (s/d), "... a coreografia frenética [...] contrasta com a fragilidade dos personagens". É costume os vivos jantarem nesses dias com os mortos, no cemitério. Em alguns casos, os parentes trocam de roupa o morto, para que este esteja mais apresentável na festa dedicada e este.
Os dois dias de festa são divididos seguindo a seguinte ordem:

- no dia 1 de Novembro ao meio-dia chegam os "angelitos" – as almas das crianças que morreram, que seguem as velas acesas no altar preparado para este fim. Este também tem uma série de doces, brinquedos e "pães de mortos" (pão com forma de ossos humanos) que são as dádivas às crianças.
- no dia 2 de Novembro à meia-noite chegam os adultos falecidos. Estes seguem o caminho para as suas casas pelas pétalas de flores e velas acesas espalhadas pelas ruas. Mais uma vez, o morto tem como oferenda as suas comidas preferidas.

A adoração (curiosidade que é partilhada talvez por qualquer pessoa) da morte pelos mexicanos não se fica pelo ritual do Dia de los Muertos. Na segunda metade do séc. XIX foi criado um "espectáculo" que persiste nos dias de hoje e que pela popularidade que tem, aumentou o comércio da sua zona. Na cidade Guanajuato, a noroeste da cidade do México, existe um museu de múmias naturais modernas que foi criado em 1896, segundo James Deem (s/d), devido à uma lei que obrigava um pagamento de um imposto para deixar os mortos sepultados. Esta visão da história é complementada por Ann Ball (2001), que afirma que como o número de mortos era numeroso para o espaço que o novo cemitério dispunha, iniciaram em 1865 o processo de cremação dos corpos após os 5 anos de enterro, daqueles que não pagavam. Como nem todas as pessoas tinham possibilidades económicas (ou de outra ordem) para pagar esta taxa de imposto e com a descoberta das múmias naturais, a partir desse ano e até 1958 (ano em que a lei se modificou), os mortos desenterrados do cemitério sempre que apresentavam o estado mumificado, eram expostos publicamente no Museo de las Momias. A mumificação natural pode ser explicada pelas condições climatéricas (falta de humidade) e com a presença de muitos sais no solo, o que permitia a secagem dos corpos antes da decomposição. A exposição das múmias atraiu desde cedo as atenções, o que impulsionou o desenvolvimento do turismo na região.

ANEXO V

Criação de novos rituais funerários de lembrança dos mortos

Dois pontos de vista são tidos relativos à existência ou não dos rituais nos dias de hoje. Se alguns autores afirmam que com o decrescente afastamento da religião por parte dos indivíduos, em substituição da crescente crença no conhecimento científico, os rituais também vão desaparecendo, outros autores, como Anthony Wallace, citado por Cohen (2002:12), reflectem sobre a transformação dos rituais, da sua passagem do "sagrado" para o "secular". Apesar de muitos dos rituais de passagem (ciclo da vida) terem a tendência para desaparecerem (ou pelo menos diminuírem na sua intensidade), exceptuam-se dois rituais que vão mantendo mais ou menos o seu formato – o do casamento e o da morte –, sofrendo as transformações das épocas. A socióloga francesa Martine Segalen, citada na resenha de Santos (2003:2), expôs, no seu livro "Ritos e rituais contemporâneos", que é verificável o deslocamento do campo do ritual, não tendo este desaparecido de todo. Ela constata que os rituais de passagem estão a passar do domínio público para o domínio privado, o que resulta num certo "abandono" dos indivíduos por parte da comunidade. O exemplo que dá é o do casamento, em que este passou a ter a característica publicitária de uma união que se foi criando aos poucos, e demonstrando desta maneira a adaptabilidade ao momento e contexto contemporâneo dos rituais (a passagem do sagrado para o mundano).

Os rituais funerários dedicadas à lembrança dos mortos, como quaisquer outros rituais e a própria tradição, transformam-se com a sociedade e novos são criados. Não faltam exemplos sobre o assunto, podendo destacar como exemplos que surgiram ao longo do séc. XX, os seguintes: a Cerimónia do 11 de Novembro de 1918, o ritual Mizuko Kuyo que se iniciou nos anos 60, e o Aids Memorial Quilt.

Cerimónia do 11 de Novembro

No 11 de Novembro são lembrados, em França, os mortos da 1ª Guerra Mundial, com a intenção de afirmar que as pessoas falecidas na Guerra não morreram em vão e que serão sempre lembradas, ou seja, nunca abandonadas. Se no início deste ritual, nos anos 20 do século XX, os participantes eram as populações em massa, já que estavam intimamente envolvidas na Guerra, com o passar dos tempos, cada vez menos veteranos e familiares foram aparecendo nesta cerimónia, o que levou ao destacamento militar para cumprir a função/promessa.

Mizuko Kuyo

No Japão existe a tradição dos Mizuko Jizo, que lembra os mortos que não nasceram – os fetos que foram perdidos na gravidez e os nado-mortos. O nome deriva de "criança de água" (Mizuko) e de um guardião espiritual Jizo, que atenuava o sofrimento das crianças que estavam no inferno e guiava-as no caminho, de acordo com Julie (15.01.2006). Este deus Jizo da religião budista foi transformado com os tempos modernos, sendo actualmente a sua tarefa de guardião das crianças não nascidas associada somente ao território japonês. O aparecimento deste guardião/deus no Japão foi entre 710 e 794 (d.C.), tendo tido a sua origem na Índia (Kshitigarbha). Mas foi somente após a Segunda Grande Guerra Mundial que foi criado o deus Mizuko Jizo (aquele que salva as crianças no outro mundo), devido ao aumento do número de

crianças que morreram prematuramente, como o diz Schumacher(s/d). O ritual Mizuko Kuyo, criado e desenvolvido por mulheres, segundo o site Pró-choice (s/d), consiste em cuidar de uma estátua esculpida em pedra simbolizando o Jizo, e que tem uma inscrição gravada com o nome que foi dado à criança depois da morte. À estátua, à qual se dedicam as orações, é colocada uma babete (ou avental) e por vezes também gorros tricotados ou guarda-chuvas, e dá-se como oferendas flores, incenso, cata-ventos de papel, entre outros brinquedos (fig. 53). Este ritual serve, tal como muitos outros rituais, de terapia e apoio para as mulheres que perderam os seus filhos.



Fig. 53 Estatuas Jizo num cemitério do templo Zojoji, em Tokyo, tirada por Gorgo

Aids Memorial Quilt

Em 1987 surgiu o Aids Memorial Quilt, que é um patchwork ("tapete") que pretende lembrar as vítimas da sida, celebrado actualmente em 93 países do mundo. É criado esteticamente pela família, amigos ou outros indivíduos um quilt (pedaço de tecido), com o formato e tamanho de um caixão americano, com o nome da vítima e com algo que descreva a sua vida (imagem 54). Segalen (1998) compara esta nova tradição às tradicionais vigílias mortuárias com os momentos colectivos em que todos participam quer no "fazer", quer no "relembrar" da vítima, evitando as expressões mais trágicas, como o choro e a lamentação, e tornando-se, deste modo, num "sudário purificador" (ibid:47).

Déchaux, citado pelo mesmo autor (ibid), afirmou que apesar da diminuição da influência da Igreja no mundo ocidental, os rituais da morte continuam a ser celebrados, e de um modo "mais intimista". Nos dias de hoje existe a tendência em que os rituais de passagem relacionados com a morte sejam cada vez mais personalizados/privatizados, expondo a vida individual do morto, tal como afirmou Segalen (1998:46-47). Deste modo, o indivíduo que sofre da "perda", sofre também de solidão, já que ao privatizar o ritual, se privou igualmente do apoio da comunidade. Raros, ou até inexistentes, são os funerais em que são chamadas as carpideiras; raramente o preto se torna a cor usada até ao final do luto; já não existe tempo para o luto e espera-se que tudo volte ao "normal". As pessoas são informadas sobre a data do funeral, que muitas das vezes é o ponto de encontro entre famílias e amigos. Aliás, não são raras as vezes em que uma das únicas ocasiões em que as famílias se reúnem é nos rituais associados à morte: o funeral, o Dia de Todos os Santos e Dia dos Mortos. A outra ocasião é o casamento. Segundo um provérbio popular, mencionado por António Fontes (1979:117): "Na morte e na boda verás quem te honra."



54 The Aids Memorial Quilt – Foto de 1992

A necessidade de retenção de memórias do passado e a sugestão de recordação/lembrança, de modo a justificar o presente, impulsiona a que diversas culturas partilhem a necessidade de relembrar os seus antepassados, homenageando-os cada vez que são proferidos os seus nomes ou acções passadas, ou então quando são visitados nas suas últimas moradas. Actualmente, com a proliferação de modelos cemiteriais americanos, em que o "tapete" de relva, ocultando e dando igual importância aos mortos lá sepultados, não permite a deposição de flores, levam a questionar Segalen (1998:46) de que outra forma o defunto poderá ser lembrado e honrado? As cremações, em que as cinzas são dispersas no ar, também podem levar ao esquecimento do morto mais rápido, até porque não existe nenhum lugar de encontro com os restos físicos deste, mas só com os adereços exteriores que "ficam lá por casa".

ANEXO VI

LEMBRANÇAS DOS MORTOS NAS DIFERENTES RELIGIÕES

Religião cristã ortodoxa

Qualquer que seja a referência ao sufrágio pelos mortos na religião católica está relacionada com a noção do Purgatório. Os ortodoxos, pelo contrário, não mencionam nenhum lugar de dor, somente o Hades, e simplesmente sustentam que é necessária a oração pelos mortos, mesmo que não indiquem de que forma beneficiarão estes com as preces. S. João Crisóstomo (349-407 d.C.), que refere numa homilia, de acordo com Byzantines dot Net (s/d), um texto que será influente nesta religião:

> ...Let us assist them according to our power. Let us think of some advantage for them, small though it be, but let us assist them. How and in what way? By praying for them, by asking others to pray for them, and by constantly giving (alms) to the poor in their behalf!

Na religião ortodoxa as pessoas são levadas a acreditar que os mortos são-no somente em corpo, continuando a alma a existir numa vida diferente da terrena. Deste modo, as comemorações pelos defuntos visam a celebração da vida futura de paz e sossego, isto é, dão esperança à humanidade, e não pretendem celebrar a morte trágica (somente tornar consciente a natureza inevitável da morte). Orando pelos mortos, continua-se a expressar o sentimento de amor, de não querer esquecer a pessoa.



Fig. 55 Mesa memorial russa

A anunciação dos nomes dos vivos e dos mortos durante os serviços litúrgicos, nesta religião era tida em grande consideração segundo S. João Crisóstomo, uma tradição que no IV século já estava bem implementada. Os praticantes levam as suas listas de nomes (a serem lidos pelo celebrante na eucaristia entre a Comunhão e a Consagração), tal como na liturgia galicana, e uns pães especiais chamados prósforas à mesa memorial (fig. 55), praticando um ritual que poderá ser longo pela quantidade de nomes a serem proferidos, mas que permitem o contínuo movimento dentro da igreja (para acender as velas, para visitar os ícones e outras actividades). Soares (s/d) menciona o Santo Epifânio de Salamina (315-403 d.C.), que nos escritos Panarion:

> ... explica que o costume de comemorar os mortos é útil para lembrar aos que assistem à cerimônia que as almas dos nossos falecidos vivem e não são dissolvidas como os seus corpos. Ele acrescenta que as nossas preces fúnebres são também prece de esperança de que as faltas que os falecidos cometeram em vida sejam apagadas pela misericórdia de Deus.

No ritual bizantino, é celebrado durante o ano litúrgico o “Panikhida” (serviço litúrgico em memória dos mortos) duas vezes o Dia dos Finados. Segundo a Madre Donadeo, celebra-se no sábado antes do domingo de Carnaval na Quaresma e no sábado anterior ao domingo de Pentecostes. A estes dois sábados Soares (s/d) e o site da Wikipedia (s/d-4) acrescentam a

comemoração dos mortos no Sábado dos Pais, ou de São Demétrio (o sábado mais próximo a 26 de Outubro), a Radonitsa (terça-feira seguida ao domingo de Páscoa – domingo de São Tomé; fig. 56) e com o segundo, terceiro e quarto sábado da Quaresma (sendo estes três últimos de menor importância).



Fig. 56 Radonitsa (comemoração dos mortos)

A escolha do dia semanal – o sábado –, dedicado à memória dos mortos (iniciado entre os séculos VI e VII e até ao séc. IX), e conhecido como "Zadushna Subota" (Sábado das Almas), teve em consideração o significado hebraico de "Sabath", que significa "descanso". Os mortos, como seres que estão em repouso da vida, necessitam de orações para terem o eterno descanso (juntar-se a Deus), tal como se constata no tropário (breve cântico) dos defuntos (8º tom):

> Ó único Criador que em tua profunda sabedoria e por amor dos homens governas o universo e atribuis a cada criatura o que lhe convém, concede, Senhor, o descanso às almas dos teus servos, pois em ti puseram a sua esperança, ó nosso Autor, Criador e nosso Deus.

Juntamente com o sufrágio pelos defuntos é partilhado um ágape, constituído por alimentos benzidos na igreja – kólivo, trigo, arroz-doce com passas, kiselh, vinho ou mel/hidromel, blinis, entre outros. O objectivo desta refeição comunitária e social é o de união de todos os membros da igreja com os vivos e os mortos e a partilha de um momento, um ritual de tempos antigos, cuja origem está em Israel, como o diz Soares (s/d) quando menciona o profeta Jeremias (séc. VII a.C.), quando desolado pela solidão de uma cidade diz:

> Ninguém vai repartir pão no velório, em meio às condolências, ninguém dará de beber a quem dá os pêsames pelo pai ou pela mãe (Jr 16,7).

Religião protestante

Com o desenvolvimento da Reforma Protestante por Martinho Lutero, no primeiro quartel do século XVI, o dia de comemoração dos defuntos passou a ser celebrado no domingo depois de Pentecostes (uma semana antes do Advento). Chamava-se o "Domingo dos Santos" e era dedicado a todos aqueles que morreram perseguidos por causa da sua fé, tendo sido instituído como feriado somente em 1816, pelo rei da Prússia Frederico Guilherme III. Os protestantes para alem de acharem absurda a ideia de Purgatório, pronunciavam-se contra as orações pelos mortos, já que quem orava visava beneficiar com isso. Como os textos bíblicos, traduzidos pela primeira vez para o alemão por Lutero, não incluíam os livros apócrifos (já que tinham sido escritos originalmente em grego), não havia nenhuma evidência em que fosse necessário orar pelos defuntos, sendo aliás proibida a realização de culto memorial em favor destes. O Reverendo Freitas (02.11.2006), da Igreja Episcopal Reformada, expõe no seu artigo que:

> [...] Considerando que a Bíblia Sagrada define com muita clareza como imutável e definitiva o estado dos mortos, e que não há a menor possibilidade de comunicação entre mortos e vivos (Lucas 16.26), cabendo-lhes apenas o juízo divino (Hebreus 9.27) que constará de bem-aventurança para os que creram em Cristo e condenação eterna para os que O rejeitaram; [...].

Religião judaica

Na tradição judaica não existe um dia específico como o dia 2 de Novembro na religião católica para celebrar os mortos, como o afirma Prof. Laercio Hillel Pintchovski da Comunidade Israelita de Lisboa, em resposta ao pedido de informações (06.09.2006). O que têm é uma oração aos mortos de primeiro grau – pais, filhos, irmãos, parceiros –, e que por isso mesmo não pode ser partilhada por aqueles que ainda têm os seus pais vivos, já que as palavras proferidas podem facilmente se concretizar. Esta oração, chamada "Yzkor" (em hebraico "lembre-se"), é celebrada em quatro festividades/ocasiões especiais do calendário judaico, segundo Prof. Pintchovski e o site yizkor.ort.org (s/d):

- No Yom Kippur – dia do perdão: o 10º dia do mês Tishri (Setembro – Outubro) é marcado com um jejum de 24h em homenagem àqueles que passam privações na vida e é um momento de penitência em que se deve esquecer as ofensas de inimigos e enfrentar o Tribunal de Deus;
- Na Pessach – Páscoa judaica: entre o 14º e o 22º dia do mês Adar II ou Nissan (Março – Abril), a festa, com cariz agrícola por marcar o início do período das colheitas, marca o nascimento dos judeus e celebra a "memória dos filhos de Israel da escravidão - sob a liderança de Moisés e a busca pela Terra Prometida - além da negação do antigo sistema e modo de vida egípcio", como se pode ver no site do Centro da Cultura Judaica (s/d);
- Shavuót – Pentecostes: a festa, abundante em comida, é também conhecida como Festa das Colheitas, Festa das Primícias e ainda Festa das Semanas, celebrada no dia 6 de Sivan (Maio – Junho). Segundo o Centro da Cultura Judaica (s/d), esta festa de carácter agrícola coincide com as primeiras colheitas do fim da Primavera e inclui oferendas de agradecimento;
- Sukkot – Festa dos Tabernáculos ou Festa das Cabanas: após 5 dias do Yom Kippur e celebra-se durante 8 dias, coincidindo geralmente em Outubro, na época das colheitas. A sinagoga é enfeitada com vegetação específica pela simbologia e nas casas monta-se um caramanchão com plantas e frutas, no qual é revivida a vida e as habitações dos antepassados dos judeus na travessia entre o deserto e a Terra Prometida.

O Yzkor propicia a reunião das famílias para partilharem os serviços nas sinagogas e as refeições celebrantes, e os pedidos que são feitos a Deus é para se lembrar daqueles que já morreram. As doações acompanham o Yzkor, especialmente no Yom Kippur, em que se pede expiação para os vivos e para os mortos.

A liturgia do Yzkor é composta pelas seguintes orações (realizadas por esta ordem):

1. ora-se o Yzkor por cada defunto individualmente, dizendo o seu nome e pedindo Deus que se lembre da sua alma, concluindo com uma doação de caridade;
2. na prece memorial "El male rachamim", pede-se a Deus o repouso para os mortos, proferindo mais uma vez individualmente os seus nomes. No fim, faz-se novamente uma doação para aumentar o valor do morto;
3. na prece memorial "Av Harachamim", pede-se a Deus para lembrar toda a comunidade judaica que foi vítima "para apaziguar o seu sangue" , como diz no site yizkor.ort.org (s/d). Somente nesta oração é que se podem juntar as pessoas que ainda têm ambos os pais vivos.

Outras duas datas que são respeitadas pelos judeus e que foram criadas no século XX são o "Yom Hazikaron" (em memória dos soldados que morreram por Israel e vítimas de terrorismo), celebrado no dia 4 do mês hebraico de Yiar ((Abril - Maio), e o "Yom Hashoa Vehagvura" (dia do Holocausto e do Heroísmo – em memória das vítimas do holocausto exterminadas na Segunda Guerra Mundial) a 27 do mês Nissan (Abril - Maio).

Para além destas ocasiões especiais em memória dos mortos, nos aniversários de morte – Yahrzeit – os cemitérios são igualmente visitados para se prestar a homenagem e para se reflectir sobre a condição mortal do ser humano. Segundo o site yizkor.ort.org (s/d), as práticas no Yahrzeit podem ser:

- privadas – incluem jejum, acender as velas, visitar os cemitérios, estudar a Tora, ler os salmos e praticar caridade;
- e públicas – dizer as orações Kadish, e Yzkor, o Siyum (finalização do estudo de uma parte da Tora, ou do Talmude, ou do Mishnah), ser chamado à Tora, e recitar a Haftará.



57 Pequenas pedras na campa de Oskar Schindler (1908-1974), no Cemitério Protestante de Jerusalém, Israel

Os rabis não aconselham os enlutados a pedir aos falecidos favores de intercessão junto de Deus, tal como está escrito na Tora. A tradição católica de enfeitar as campas com flores não é praticada pelos judeus. Contudo têm uma outra tradição – sempre que alguém visita o cemitério, coloca um pequeno seixo sobre a campa (imagem 57). As possíveis razões, que a mesma fonte indica (s/d), são:

- era costume antes de se ter as pedras tumulares cobrir o corpo do morto com seixos e pedras, que marcavam o sítio do enterro. Com o passar do tempo as pedras iam-se deslocando (ou pelas condições climatéricas ou pela passagem das pessoas), o que originou o hábito de repor as pedras no lugar sempre que alguém passava por lá;
- a sepultura era noutros tempos selada com uma grande pedra;
- deixando uma pedra sobre a campa, está-se a deixar uma lembrança de alguém que passou por lá, o que prestigia o morto.

Religião islâmica

No Islão, seguindo um preceito tradicional do Profeta Muhammad (séc. VII d.C.), na 15ª noite do oitavo mês hegírico (islâmico) Sha'ban (Agosto – Setembro; o mês da germinação) os muçulmanos visitam os cemitérios (fig. 58) e oram pelo perdão dos entes queridos que partiram deste mundo, como o afirmou Mahomed Yiossuf Adamgy, director de *Al Furqán* (órgão para divulgação do Islão em Portugal). Qaderi (1999) conta que durante esta noite (a noite da salvação) os muçulmanos devem permanecer acordados, jejuar (que impedirá que as o fogo do inferno toquem na pessoa, segundo Islamic Academy [s/d]) durante o dia, visitar o cemitério, orar várias vezes pelo perdão do falecido, pedir perdão a quem deve e arrepender-se perante Allah (Alá), para que este os ame. Nos dias anteriores a esta noite, o crente deve juntar-se à família, vizinhos e outros para pedir para que façam "dua" (prece) para si. Outra tradição (suna) que deve ser respeitada é ter um banho completo (ghusal) na 15ª noite de Sha'ban.



Fig. 58 Wadi Al Salam ("Vale da Paz"), Iraque – o maior cemitério muçulmano

De acordo com Islamic Academy (s/d), é nesta noite que Allah decide quem irá morrer no próximo ano, passando o nome de alguns vivos para a lista dos mortos, bem como decide quem irá o acompanhar na sua casa. Assim, entre diversas orações, é pedido a Allah, como o diz Qaderi (1999:11-12), que "lhe conceda uma longa vida de piedade e rectidão" e "que o proteja de todos os tipos de calamidades e de desastres". A razão para a escolha desta data específica prende-se com o um relato em que Rassulullah diz que nessa noite:

> Allah (s.w.t.) perdoará aos pecadores em número semelhante aos cabelos das cabras de 'Banu Kalab (i.é., esta tribo é bem conhecida pelo seu grande número de rebanhos). Allah (s.w.t.) perdoará a pessoa que procura perdão, Allah (s.w.t.) abençoará aquelas pessoas que procuram bênções de Allah (s.w.t.) ...

Al-Ghalib (s/d) diz que nessa noite, chamada Shab-e-Bara'at, as casas e as ruas são iluminadas e as pessoas distribuem pelos vizinhos e pelos pobres comida – pães e doces -, para além de rezarem e meditarem nas mesquitas os praticantes devotos. A tradição de iluminação apesar de existir vai contra as normas do Islão, como o dizem Adamgy e Aly (1997:23):

> [...], porque o Profeta, a paz e as bênçãos estejam com ele, disse: "Meu Deus, amaldiçoa as mulheres que visitam as sepulturas e aqueles que ergam mesquitas e acendam lamparinas sobre elas" [...] "Meu Deus, amaldiçoa os Judeus; eles utilizam as sepulturas dos seus profetas como lugares de adoração".

Após a morte, é possível e louvável visitar as sepulturas – ziarat – (porque faz a pessoa pensar na sua outra vida) e fazer a "dua" (prece) em prol do falecido, bem como orar pelo seu perdão, já que, como o menciona o site Islam em Linha (19.03.2008), é "a melhor prenda que um vivo pode dar a um morto". A mesma fonte (ibid) e Adamgy e Aly (1997:24) indicam que entre as diversas

atitudes que devem ser respeitadas durante o ziarat, não se pode: circundar; inclinar em sinal de respeito; prostrar; beijar/acariciar os túmulos, nem qualquer parte deles; pedir nada ao defunto; ornamentar as campas, nem deixar comida ou bebidas junto a estas; realizar cerimónias de comemoração da morte; entre outras. Os pedidos aos mortos (pedido de respostas, de auxílio, de intercessão e outros) são vistos como acções heréticas e supersticiosas. Contudo, como o mencionam Adamgy e Aly (1997:23-24), durante a visita às sepulturas deve-se dizer:

> A paz esteja convosco, ó crentes e muçulmanos que morais aqui; nós estaremos, se Deus quiser, reunidos convosco. Rogamos a Deus que a nós e a vós conceda bem-estar.

Para além da "dua" e do pedido de perdão pelo morto, outras acções podem beneficiar este, como o destaca o Islam em Linha (19.03.2008), são: a "Haji" (a peregrinação a Meca realizada entre o 8º e 10º dia do último mês Dhu al-Hijja), a "Umra" (peregrinação não tão importante, porque é feita numa altura do ano que não a da "Haji") e a caridade.

Religião budista

Theravâda ("Via dos Anciões", existente no Sri Lanka, em Myanmar, Camboja, Tailândia, Laos e no Vietname), Mahayana ("Grande Veículo", existente na China, no Japão e Coreia) e Vajrayana ("Veículo do Diamante" ou conhecido igualmente por budismo tântrico ou tibetano e que é uma forma específica de budismo Mahayana; está difundido no Tibete, Mongólia e Butão) são as três principais vertentes do budismo, como está exposto no site http://img01.link.estadao.com.br/multimidia/infografico/NoTempoNoEspaco.pdf (04.04.2008) e no Dharmanet (s/d), e que foram formadas entre o século V a.C. (a primeira vertente), o século I d.C. (a segunda) e o século V d.C. (a última). Estas vertentes do budismo constituem a quarta religião mundial com maior número de praticantes (360 milhões, segundo a mesma fonte). A importância em referir nesta investigação esta religião é o facto de ser uma religião com rápida propagação ocidental, em que as vertentes Budismo Tibetano e Budismo Zen (que surgiu da Mahayana) são as mais difundidas em Portugal, segundo Luís e Susete Gonzaga (2001), apesar de não se encontrar no contexto específico de Meixide.



Fig. 59 Cemitério budista japonês, ao longo do "caminho do filosofo", Kyoto

O Budismo Zen (séc. XIV), de origem japonesa, e o Budismo Tibetano (para além dos outros) partilham a mesma origem indiana a partir de Sidarta Gautama (563 e 483 a.C.) – Buda. Contudo, têm tradições de festividades diferentes relativamente ao culto da lembrança dos mortos. Se o Budismo Zen dá muita importância aos antepassados (devido às religiões autóctones anteriores a esta) festejando o Obon e a Festa dos Espíritos (ambos descritos no capítulo "Cerimónias de lembrança dos mortos"), em que a oferenda de comida às almas famintas está sempre presente para apaziguar os mortos, no Budismo Tibetano a forte crença na reincarnação (existe uma sucessão de vidas da mesma consciência, em que o que muda é o

corpo) faz com que não seja necessário qualquer tipo de lembrança dos mortos. Segundo esta vertente do budismo, as pessoas mesmo não tendo medo da morte, o que precisam é de se preparar para a morte, para deixar o mundo, o que pode ser auxiliado com o Livro Tibetano dos Mortos, que é um guia para aqueles que estão a morrer ou que já morreram. Durante 49 dias consecutivos ao falecimento o corpo, que ainda ouve tudo o que se passa à sua volta (segundo a crença desta religião), recebe as leituras do livro que descreve os passos da morte como uma transição natural, para poder deixar o mundo dos vivos e passar para o mundo dos mortos, propiciando uma reincarnação breve, tal como se pode ver do documentário "The Tibetan Book of The Dead - A Way of Life" de 1994 e acessível on-line em http://www.samsara.blog.br/2007/03/o-livro-tibetano-dos-mortos-um-modo-de.html (04.04.2008).
De acordo com o budismo Zen (fig. 59), as campas dos cemitérios são visitadas para serem homenageados os mortos durante o festival Obon e na Festa dos Espíritos, mas também nos equinócios de Primavera e de Outono (O-higan), para além das datas de aniversários de morte (no primeiro ano, terceiro, sétimo, décimo terceiro, décimo sétimo, vigésimo quinto, trigésimo terceiro e quinquagésimo), que poderão ser prolongadas que os descendentes quiserem continuar com os serviços memoriais.

ANEXO VII

A importância do pão na vida e na religião

A humanidade subsistiu, de há pelo menos dez mil anos atrás, com seis espécies de cereais: o sorgo, a aveia, a cevada, o trigo, o centeio (este a partir dos finais da Antiguidade) e o milho (após a descoberta das Américas). No início, fazia umas papas e bolos não levedados com esses bolos, mas somente há seis mil anos atrás é que introduziu pela mão dos egípcios o pão na sua alimentação (imagem 60). Este povo, conhecido por "comedores de pão" na antiguidade, segundo Jacob (2003:48-49, 53 e 73), fez com que o trigo se tornasse no cereal a dominar os restantes, já que os restantes (o sorgo, a aveia e a cevada) não se prestavam para o processo mágico (alquímico), que acontecia com a levedação da massa adicionando o fermento. O outro cereal que também dominou no fabrico do pão, foi o centeio; mas este prestava-se mais a locais em que o trigo não conseguia vincar, como nas regiões da Europa Oriental e na Sibéria, como o apontou Jacob (2003:53).



60 Padaria no Antigo Egipto

Com a descoberta do pão, este passou a ser não só o alimento principal das refeições, como a moeda, a unidade de medida. Como diz o mesmo autor (2003:73), a riqueza era contada em "unidades de pães" e os salários eram pagos em pães. A importância do pão, que satisfazia a fome de qualquer um, notava-se também nas esmolas, em que a recusa de dar um pão a um mendigo era visto como um gravíssimo pecado.

Os judeus, tendo aprendido a fabricar o pão com os egípcios, tinham um pão com um formato pouco alto (que só permitia ser partido pelas mãos, e não com uma faca). Dependendo da ocasião, confeccionavam um pão mais refinado com farinha de trigo para as pessoas mais ricas ou para as dádivas a Javé, e um outro pão a partir da farinha de espelta para as gentes em geral. No momento da saída repentina dos judeus do Egipto, a falta de tempo para trazerem consigo a massa do pão levedada, fez com que obtivessem no final um pão não fermentado. Este pão, o "mazzoth", a preceito de Moisés (Êxodo, 13:6) deveria ser ingerido em memória destes tempos na Páscoa hebraica: "Durante sete dias comerás pães sem fermento, e no sétimo dia haverá uma festa em honra do Senhor." Outra justificação que Jacob (2003:80) aponta para o facto de na Páscoa hebraica o pão a ser ingerido ser não levedado, é o facto de que comer o pão em presença divina devia ser um acto sagrado, e como tal, este pão não poderia ter nem o fermento egípcio, nem ser cosido no forno destes, mas somente nas cinzas. A fermentação, equiparada ao apodrecimento não podia fazer parte das actividades mais sagradas para o crente, mas podia acompanhá-lo certamente durante o resto do ano.

Em simultâneo, a partir do século VII (a.C.) na Grécia as actividades relacionadas com a agricultura – a sementeira, a colheita, o moer dos cereais e o fabrico do pão – passaram a ter um cunho sagrado, tendo este povo dedicado um culto em Elêusis à deusa Deméter (ver no final do anexo a descrição do mito), a deusa "mãe terra" e "mãe que faz crescer o povo", como o diz Jacob (2003:97). Esta divindade, que era a única entre os restantes deuses (todos masculinos) capaz de governar os homens, que nesta civilização eram os únicos possuidores deste poder. Uma deusa que vem do oriente e certamente de uma sociedade matriarcal,

como o diz o mesmo autor, era a deusa do cereal, da fertilidade, do pão, e chamada em algumas localidade de padeira. A importância do culto de Elêusis prende-se com o facto de este culto visar proteger os mortais na sua vida pós-morte, equiparando o enterro do morto ao enterro da semente para depois "renascer" (ver no anexo nº2 o mito de Deméter e de Perséfone). Deméter como mediadora da salvação eterna, como o disse Jacob (2003:116), teve que ser aniquilada posteriormente pelas mãos dos invasores – dos godos germânicos, já cristianizados -, por representar uma ameaça para os futuros cristãos, que só podiam ver esta salvação em Jesus Cristo. Assim, Elêusis foi destruído em nome de um novo deus do pão – Cristo.
O Império romano tendo abdicado de produzir o trigo na sua península (pela razão de os terrenos terem passado para as mãos dos grandes latifundiários, que achavam mais rentável os campos servirem de pastagens) para o importar directamente às suas possessões – Egipto (o principal fornecedor), a Hispânia, A Sicília e a Sardenha, Argélia e Tunísia –, por diversas razões políticas e económicas, e pelas invasões germânicas, acabou por ficar numa situação aflitiva, à excepção de algumas famílias que detinham muitos terrenos e muitos escravos para explorar. No momento em que Jesus Cristo surge, testemunha a fome que assolava as casas: não só física como espiritual, como o contesta Jacob (2003:149). Ao oferecer pão (e vinho) aos esfomeados (pelos milagre se multiplicação ou de transmutação de matéria), Cristo tenta dar segurança e a instaurar credibilidade na sua doutrina. A própria oração diária "O pão nosso de cada dia nos dai hoje...", escrita em São Mateus (6:11), remete para a resolução quotidiana do problema da fome. Ao se transformar (Cristo) no pão – o pão da vida, da imortalidade –, possui também o poder de satisfação daqueles que não só têm fome física, como daqueles que procuram salvação espiritual, recorrendo deste modo a uma linguagem figurada: o pão terreno garante a vida terrena, e o pão celestial – a vida eterna.

> Este é o pão que desceu do céu, para que não morra todo aquele que dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente.
>
> São João (6:50-51)

E ainda:

> Jesus replicou: Eu sou o pão da vida: aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede.
>
> São João (6:35)

Na última ceia, Cristo ao equiparar o pão ao seu corpo e o vinho ao seu sangue, possibilita a sua presença em qualquer ocasião em que seja invocado, pedindo que não fique perdido na memória, como se pode verificar em diversos relatos (em São Marcos, 14:22-24; em I Coríntios (11:23-26); em São Mateus (26:26-28)), como este de São Lucas (22:19-20):

> Tomou em seguida o pão e depois de ter dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo tomou também o cálice, depois de cear, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós"...

A hóstia, que é um pão, simboliza Cristo e a imortalidade. Este pão eucarístico é também a união entre o crente e Cristo, como o podemos analisar no capítulo 10 de Coríntios I (17):

> Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão.

Da mesma forma que os judeus não permitiam a presença do fermento no pão sempre que invocassem Javé ou que estivessem a praticar acções sagradas, também os cristãos não o permitiam, porque o fermento era símbolo de impureza e de falsas doutrinas, como se pode verificar em I Conríntios (5:8):

> Celebremos, pois, a festa, não com o fermento velho nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os pães não fermentados de pureza e de verdade.

Pão por Deus no mundo

Áustria – segundo Reichmann (s/d), aqui têm uma canção própria para as crianças pedirem presentes, o "Heischeumzügen".

Flandres – na véspera de Reis as crianças pediam o "Gottesteil", segundo Vasconcelos (1938:1341).

Bélgica – em Bruges, como o menciona Le Goffic (2007), até aos princípios do século XX, confeccionava-se os "pankoeken" a serem benzidos na igreja para o Dia dos Mortos. Cada um destes bolos mastigados representava a libertação de uma alma do purgatório. Como tal, eram convidados os pedintes/pobres para comerem o máximo de "pankoeken" no dia 2 de Novembro dedicados aos mortos específicos, em troca de uma simbólica remuneração. Em Verviers e em outras localidades belgas, como o menciona Marie-Madeleine Jehin (1994), as crianças pediam no dia 1 de Novembro "on çan po lès pauvès-âmes!" (uma moeda pelas pobres almas), exibindo uma abóbora ou uma beterraba esculpida com uma face e preenchida com brasas.

Inglaterra – são comuns os "soul cakes", que as crianças pedem com rimas como a que se pode ler no site da Catholic Culture (s/d):

Soul! Soul!
For a souling cake.
I pray you, good missus, a souling cake!
Apple, or pear, or plum, or cherry
Anything good to make us merry.

C. S. Burne and G. F. Jackson, citados por Clement A. Miles (1912), apresentaram a seguinte quadra:

Soul! soul! for a soul-cake!
I pray, good missis, a soul-cake!
An apple or pear, a plum or a cherry,
Any good thing to make us merry.

One for Peter, two for Paul,
Three for Him who made us all.
Up with the kettle, and down with the pan,
Give us good alms, and we'll be gone.

Itália – ainda existe o costume de pedir alguma coisa pelas almas, segundo o site Partecipiamo.it (s/d) com os versos:

"Ogge è lla feste de tutte li sande:
Facete bbene a st'aneme penande...
Se vvu bbene de core me e facete, nell'altre monne le retruverete."

Brasil – o Pão por Deus vindo da Europa pelas mãos dos imigrantes portugueses, açorianos, no século XVII, sofreu alterações na sua aparência física. No século XX, no folclore catarinense, o Pão por Deus é um pedido feito sob a forma geral de um coração recortado geometricamente em papel, preenchido no seu interior com versos de cariz romântico (declarações de amor), como o menciona Cabanas (2002) e Valter Piazza (1956).

Mito de Deméter e Perséfone – baseado em Gordon Cheers (2006)

Deméter era a deusa da fertilidade, dos cereais e das colheitas que teve com Zeus uma filha chamada Perséfone. Quando esta cresceu tornou-se numa bela donzela e num dia em que estava a colher flores foi raptada pelo deus do mundo dos mortos, o Hades, que tencionava torna-la em sua rainha.

Deméter, que não sabia onde estava a sua filha, por isso iniciou a sua busca pelo mundo. Como tal, começou a descurou-se dos seus deveres e a fertilidade no mundo diminuiu, iniciando a fome por toda a parte por falta de cereais. Quando Deméter chegou a Elêusis, foi trabalhar como ama do recém-nascido príncipe Demofonte, não sendo reconhecida por ninguém como a deusa. Todas as noites Deméter, às escondidas, tocava com ambrósia na pele do bebé e depois punha-o no fogo por uns instantes. O bebé não sofria com isso, mas um dia quando uma serva a apanhou a fazer isso e contou à rainha, Deméter revelou a sua verdadeira identidade e explicou que estava a dar a imortalidade ao bebé pelas chamas do fogo, se não tivesse sido interrompida.

A grande deusa continuou a sua busca e agora já não havia cereais em parte nenhuma. Todos os seres vivos sofriam com a deusa. Zeus decidiu então acabar com o sofrimento de Deméter e antes que o mundo acabasse, mandou o mensageiro dos deuses – Hermes – à deusa para lhe contar o sucedido. Hermes prometeu a Deméter que se voltasse a olhar pelos cereais e que se permitisse que nova vida nascesse sobre a terra, que Perséfone regressaria do mundo dos mortos para sempre, desde que não tivesse comido nada enquanto esteve lá.

Zeus sabia que tinha que devolver Perséfone a Deméter, reconhecia também que tinha que apaziguar o seu irmão Hades, e como tal, decretou que Perséfone voltaria para a mãe durante uma parte do ano e que durante a outra parte tinha que voltar ao mundo dos mortos pelo número de grãos de romãs que tinha ingerido. Assim, surgiu a época da Primavera – dos grãos rebentarem do solo – e a época do Outono – quando as sementes vão para a terra.

ANEXO VIII

A evolução do Dia de Todos os Santos, Dia dos Mortos e do Halloween

600-218 a.C.	Culto do Samhain praticado pelos celtas entre 31 de Outubro e 1 de Novembro.
27 a.C. - 476 d.C.	Cultos relacionados com a homenagem aos mortos no Império Romano (Parentalia – de 13 a 21 de Fevereiro; Feralia – 21 de Fevereiro; Lemuria – 9, 11 e 13 de Maio; Rosalia – 23 de Maio; Pomona – 1 de Novembro). Os mártires cristãos são lembrados no 7º e no 30º dia após o funeral, para evitar perseguições, com missas pelos defuntos.
Séc. IV d.C.	A 13 de Maio lembra-se os mártires cristãos.
609 d.C.	Papa Bonifácio IV (papa entre 608 e 615) oficializa o dia 13 de Maio para a lembrança da Virgem Maria e de todos mártires, consagrando-lhes o Panteão de Roma. Este templo pagão de Agripa (63-12ª.C.), que durante 600 anos era dedicado a outros deuses foi transformado numa igreja. Existem dados informando que os ossos dos mártires (28 carroças) foram retirados das catacumbas e enterrados sob o altar principal do Panteão.
Séc. VII d.C.	Na Irlanda lia-se nos mosteiros os nomes dos mortos escritos em rolos – os "libri memorialis"
835 d.C.	O Papa Gregório IV transfere a data de 13 de Maio para 1 de Novembro (coincidindo com o culto pagão Samhain), chamando a comemoração como o Dia de Todos os Santos (All-hallows ou All-hallowmas em inglês); 31 de Outubro passa a ser "All-hallows Eve" (futuro Halloween).
Séc. IX-X d.C.	"Libri vitae" – livros com os nomes dos vivos e mortos que doaram oferendas.
998 d.C.	Santo Odilon institui, para todos os mosteiros beneditinos que dirige, o dia 2 de Novembro para a celebração do "Dia de Todas as Almas", dedicado àqueles que se encontram transitoriamente no purgatório. Em algumas localidades continuou-se a tradição anterior de se fantasiar de anjos, santos ou diabos. Os três dias – 31 de Outubro e 1 e 2 de Novembro – passam a ser chamados de Hallowmass em inglês (proveniente de All-hallows Eve, All Saints e All Souls).
1311 d.C.	Roma implantou para todo o mundo católico o Dia dos Finados (anterior Dia de Todas as Almas).
1474 d.C.	Papa Sisto (ou Sixto) IV torna as orações pelos mortos obrigatórias.
Séc. XVIII d.C.	Os emigrantes irlandeses levam para a América do Norte (especialmente para as colónias do sul) a tradição do Halloween, que incluía brincadeiras públicas, celebrações das colheitas, e escuta de histórias dos mortos e de contos de fantasmas.
1840's	Segunda vaga de emigrantes irlandeses influenciou a celebração do Halloween, tornando-a numa festa nacional em que se popularizou o costume de se mascararem as pessoas e de pedirem comida ou dinheiro de casa em casa (início do "trick or treat").
Início séc. XX	A celebração do Halloween na América do Norte passa a ser uma festa para crianças e adultos, incluindo jogos, comidas da época, fantasias assustadoras e grotescas, o que acabou por atenuar as ligações religiosas da festividade.
1915	Papa Bento XV universaliza a celebração entre os católicos do Dia dos Finados: três santas missas, sendo uma delas por todos os defuntos e outra pelas intenções do santo padre. As missas são escolhidas do Leccionário das Missas de Defuntos.
1920-1930	Halloween torna-se num feriado secular na América do Norte, com desfiles e muito entretenimento. Surgem simultaneamente actos de vandalismo nesta festividade.
1950's	A festa do Halloween é direccionada principalmente aos mais novos, sendo celebrada mais nas escolas e casas, do que nos centros das cidades.
Séc. XXI	Na América do Norte, o Halloween é a segunda festa mais comercial do ano.

ANEXO IX

Os túmulos–casas etruscas e romanas

Petronius Arbiter em *The Satyricon* (séc.I) escreveu:

> "[...] you'll construct my monument in keeping with the plans I've given you, won't you? I earnestly beg that you carve a little bitch at the feet of my statue, some wreaths and some jars of perfume, and all of the fights of Petraites. Then I'll be able to live even after I'm dead, thanks to your kindness. See to it that it has a frontage of one hundred feet and a depth of two hundred. I want fruit trees of every kind planted around my ashes; and plenty of vines, too, for it's all wrong for a man to deck out his house when he's alive, and then have no pains taken with the one he must stay in for a longer time [...]"

A crença romana de uma nova existência após a morte, fez não só com que se celebrassem rituais dirigidos aos mortos e aos deuses (e aos vivos), em que as dádivas não podiam faltar, como criou a necessidade de criação de túmulos que fossem a extensão das casas dos vivos. Como o diz Wallace-Hadrill (2005:2) não é a forma em si que dita a habitação de alguém, mas mais aquilo que é feito nesta, as actividades, ou seja, são as pessoas que criam as "casas" (daí a grande diversidade de habitações existentes em todo o mundo e em todos os tempos). Os "columbarium" (fig. 62), capazes de abranger centenas de urnas, assemelhavam-se igualmente a *insulae* (prédios de vários andares) divididas por ruas. Os espaços mais altos, e por isso dificilmente acessíveis, estavam destinados à população mais pobre.



Fig. 61 Interior do Hipogeu de Volumni, Perugia



Fig. 62 Interior do Columbarium em Vigna Codini



Fig. 63 Túmulo etrusco Cai Cutu. Séc. III-I a.C.

A casa dos mortos – *aeterna domus* – pela sua finalidade de durar a eternidade deveria ser tão cuidada como se tratasse da casa dos vivos. Os túmulos-casas dos romanos abastecidos tinham uma configuração semelhante à das casas dos vivos (fig. 61 e 63), e, como Wallace-Hadrill (2005:6) afirma, o espaço doméstico dos romanos deveria comunicar com os diferentes mundos. Assim sendo, observando os túmulos, é possível constatar o estatuto social e a identidade do "proprietário". Os túmulos que não ficavam debaixo da terra como o Hipogeu da família Voumni etrusca (que servia de "casa" para múltiplas gerações de uma família), poderiam ser: distribuídos pelas estradas que ligavam as cidades, e que, como tal, não podiam ser evitadas fisicamente, tornando-se na maior manifestação da identidade e do estatuto das famílias; mini-templos (opção religiosa); arcos de triunfo (opção militar); mausoléus (heroísmo); estilo de palacete (realeza) ou de casa (doméstico). Wallace-Hadrill (2005:14) diz que independentemente do objecto funerário que se possa analisar, qualquer um deles consegue passar a mensagem da identidade de quem outrora viveu e morreu, do seu estatuto social e da

sua relação na família a que pertenceu. Os retratos e as inscrições tumulares que possam acompanhar o túmulo ajudam a qualquer um que se interesse em contextualizar/visualizar uma parte da história, sendo uma memória muito escolhida por dar informações mais detalhadas.

A semelhança ou não dos túmulos romanos com as suas casas torna-se irrelevante se se concordar com o mesmo autor (2005:17) na função similar do espaço exterior e interior destas duas habitações. Se o espaço exterior dos túmulos informa quem estará dentro deste espaço pelos epitáfios e imagens (retratos), o interior deste espaço é acessível somente à família, unindo-a como esta se une na casa dos vivos. O cemitério (independentemente da sua época histórica) proporciona a continuidade no tempo e no espaço das famílias, para além de as unir. É comum os mais velhos levarem os mais novos a este espaço para o familiarizarem com aqueles que já fizeram parte da família, contando-lhes histórias e factos relativos a estes. Este tipo de relação de transmissão pela oralidade do testemunho genealógico foi levado a cabo pelas avós, como o diz Marc Bloch, citado por Connerton (1993).

ANEXO X

Mapa cronológico da Península Ibérica

Os mapas da Península Ibérica que seguem têm os limites actuais (século XIX) das fronteiras de Portugal e de Espanha, sendo o limite branco representativo do concelho de Montalegre, onde se situa a aldeia Meixide a Leste.

32 000 a.C.

10 000 a.C.

Os primeiros humanos anatomicamente modernos, os Cro-Magnons (Homo Sapiens), caçadores-recolectores vieram para a Europa.

A Peninsula Iberica é habitada por povos iberos, autóctones da região

6000 a.C.



Chegada dos povos indo-europeus e formação dos celtíberos (celtas + iberos), estando a região correspondente ao Norte de Portugal habitada pelos Calaicos.
Em 1100 os Fenícios estabelecem-se nas regiões costeiras do sul da Península Ibérica.

- principais zonas de povoados celtas
- povos pré-iberos e iberos
- influência grega
- influência púnica
- Tartessos

600 a.C.



Região correspondente ao norte de Portugal habitada por povoações celtas.

- diversos povos iberos ou nao indoeuropeus (a zona de Portugal estava habitada por Turdulos)
- povoados celtas: Lusitanos Celtas, Vetonnes, Vacceos, Astures, Cantabros, Gallaeci e outros
- o limite amarelo indica o povoado celta Gallaeci

218 a.C.



O Império Romano iniciou a conquista da Península Ibérica em 218 a.C. (chamando-a posteriormente de Hispania), chegando em 29 a.C. à região do Norte de Portugal. Entre 7 a 2 a.C. a Península Ibérica foi dividida por este Império em Províncias, estando cada uma delas subdividida em conventos íuridíci.

- província romana Tarraconensis
- província romana Lusitania
- província romana Baetica
- o limite amarelo indica o "convento íuridíci" Bracara Augusta

29 a.C.



Até ao século V o Império Romano vai dominar a Península Ibérica, deixando o seu legado cultural, social, político e religioso (entre outros). No ano 293 d.C. a região da Galiza já estava delimitada geograficamente.

- Gallaecia
- Lusitania
- Betica
- Tarraconensis
- Cartaginensis

409 d.C.

409 d.C.



A 409 d.C. iniciam-se as invasões germânicas na Península Ibérica, no período de decadência do Império Romano. A 448 d.C. o rei suevo converte-se ao cristianismo.

- suevos
- alanos
- vandalos (asdingos no Norte e silingos a Sul)
- Império Romano

466 d.C.



Em 465 d.C. os suevos convertem-se ao arianismo. Entre 466 d.C. e 507 d.C. quase todo o território da Península Ibérica estava sob o domínio dos visigodos.

- suevos
- visigodos
- cantabros
- asturianos

507 d.C.



A 554 d.C. os bizantinos ocupam o sul da Península Ibérica.

- suevos
- visigodos
- cantabros
- Império Bizantino
- o limite amarelo indica as regiões que continuaram a existir com as invasões germânicas: Gallaecia e outras (ver mapa 4)

560 d.C.



Em 576 d.C. o reinado dos suevos passa a pertencer aos visigodos, e a 585 d.C. deixa de existir completamente. A 589 d.C. o rei dos visigodos converte-se ao cristianismo. A 628 d.C. são expulsos os bizantinos da Península. A partir de 672 d.C. a fragmentação do poder político e a série de calamidades naturais, que originarão fome e pestes, irão enfraquecer o reinado. Época de fortes perseguições aos judeus na Península.

- visigodos
- cantabros, astúrios e vascones
- autrígons
- o limite amarelo indica as diferentes regiões do reinado visigótico, ficando a Norte de Portugal a Galecia e Lusitania a Sul.

711 d.C.



As invasões muçulmanas na Península Ibérica iniciaram-se em 711 d.C., e em 4 anos o território estava todo ocupado, com a excepção da região das Astúrias, de onde se principiaram as reconsquistas cristãs. As zonas da Galiza e Douro (Braga, Chaves, Porto e Viseu) foram recuperadas por D.Afonso I entre 739-757.

- reinado das Ast]urias
- possessão castelhana
- Al-Andalus (território muçulmano)

790 d.C.

790 d.C.



A necessidade religiosa (para além das outras) de expulsar os muçulmanos do território da Península Ibérica, influenciou a Reconquista, criando ao mesmo tempo uma série de regiões/condados. O primeiro condado Portucale foi fundado em 868 por Vímara Peres e durou até 1071.

- Galiza
- Astúrias
- Castilha
- Aragão
- Pamplona
- Condado de Barcelona
- Al-Andaluz

900 d.C.



A partir de 1095, o segundo condado Portucalense, foi alastrando o seu território tendo em 1143, com D.Afonso Henriques, obtido independência pelo reconhecimento pelo rei Afonso VII de Leão e Castela, e em virtude da expulsão dos invasores muçulmanos.

- Portugal
- Galiza
- Leão
- Castela
- Aragão
- Catalunha
- Navarra
- Al-Andaluz

1143 d.C.



Em 1249 os muçulmanos são expulsos de Portugal e em 1492 da Península Ibérica. No território português, existem testemunhos de discriminação de judeus e muçulmanos em 1211. Em 1478, os judeus fogem para Portugal em virtude da perseguição da Inquisição em Espanha. Em 1496 os judeus são obrigados a converterem-se ao cristianismo ou a abandonarem Portugal.

- reino de Portugal
- reino de Castilha
- reino de Navarra
- reino de Aragão
- reino de Granada

1492 d.C.

Portugal, à excepção do período em que esteve sob o domínio de Espanha, da dinastia dos Filipes (entre 1580 e 1640) manteve quase na integra as suas fonteiras até ao século XXI, tendo desde a época dos Descobrimentos anexado ao seu reino as Ilhas dos Açores e da Madeira, e terras para além do mar - no continente Sul Americano, em África e no Oriente. O Brasil deixa de ser colónia portuguesa a partir de 1822.

A 5 de Outubro de 1910 proclamou-se a República Portuguesa, tendo chegado ao fim a monarquia. A partir de 1926 e até 1974, Portugal fica sob o regime ditatorial (Salazarismo), que termina com a Revolução de Abril do mesmo ano. Após a Guerra de Ultramar (entre 1961 e 1974) foi concedida independência às colónias portuguesas. Em 1999, Macau foi a última colónia a obter a independência de Portugal.

Para além do território continental, fazem parte de Portugal a Ilha da Madeira (colonizada a partir de 1425) e as Ilhas dos Açores (descobertas em 1427).

ANEXO XI



Fig. 64 Vista aérea de Meixide

ANEXO XII

A mulher e o homem no cemitério – 31.10.2006









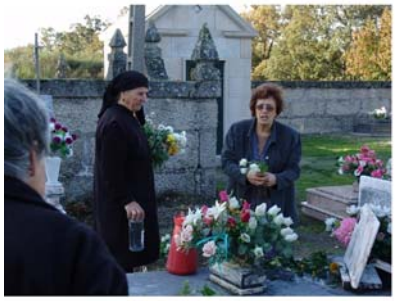





































ANEXO XIII

Fotografias 2006 – Dia de Todos os Santos (procissão de velas e ritual do Carolo)


2006_1


2006_2


2006_3


2006_4


2006_5


2006_6


2006_7


2006_8


2006_9


2006_10


2006_11


2006_12


2006_13


2006_14


2006_15


2006_16


2006_17


2006_18


2006_19


2006_20


2006_21


2006_22


2006_23


2006_24


2006_25


2006_26


2006_27


2006_28


2006_29


2006_30


2006_31


2006_32


2006_33


2006_34


2006_35

Fotografias 2006 – Dia de Todos os Santos (interior da igreja de Meixide)


2006_36


2006_37


2006_38


2006_39


2006_40


2006_41


2006_42


2006_43


2006_44


2006_45


2006_46


2006_47


2006_48


2006_49


2006_50


2006_51

Fotografias 2006 – Dia de Todos os Santos (à noite)


2006_52


2006_53


2006_54


2006_55


2006_56


2006_57


2006_58


2006_59


2006_60


2006_61


2006_62


2006_63


2006_64


2006_65


2006_66


2006_67


2006_68


2006_69

ANEXO XIV

Fotografias 2007 – Dia de Todos os Santos


2007_1


2007_2


2007_3


2007_4


2007_5


2007_6


2007_7


2007_8


2007_9


2007_10


2007_11


2007_12


2007_13


2007_14


2007_15


2007_16


2007_17


2007_18


2007_19


2007_20


2007_21


2007_22


2007_23


2007_24


2007_25


2007_26


2007_27


2007_28


2007_29


2007_30

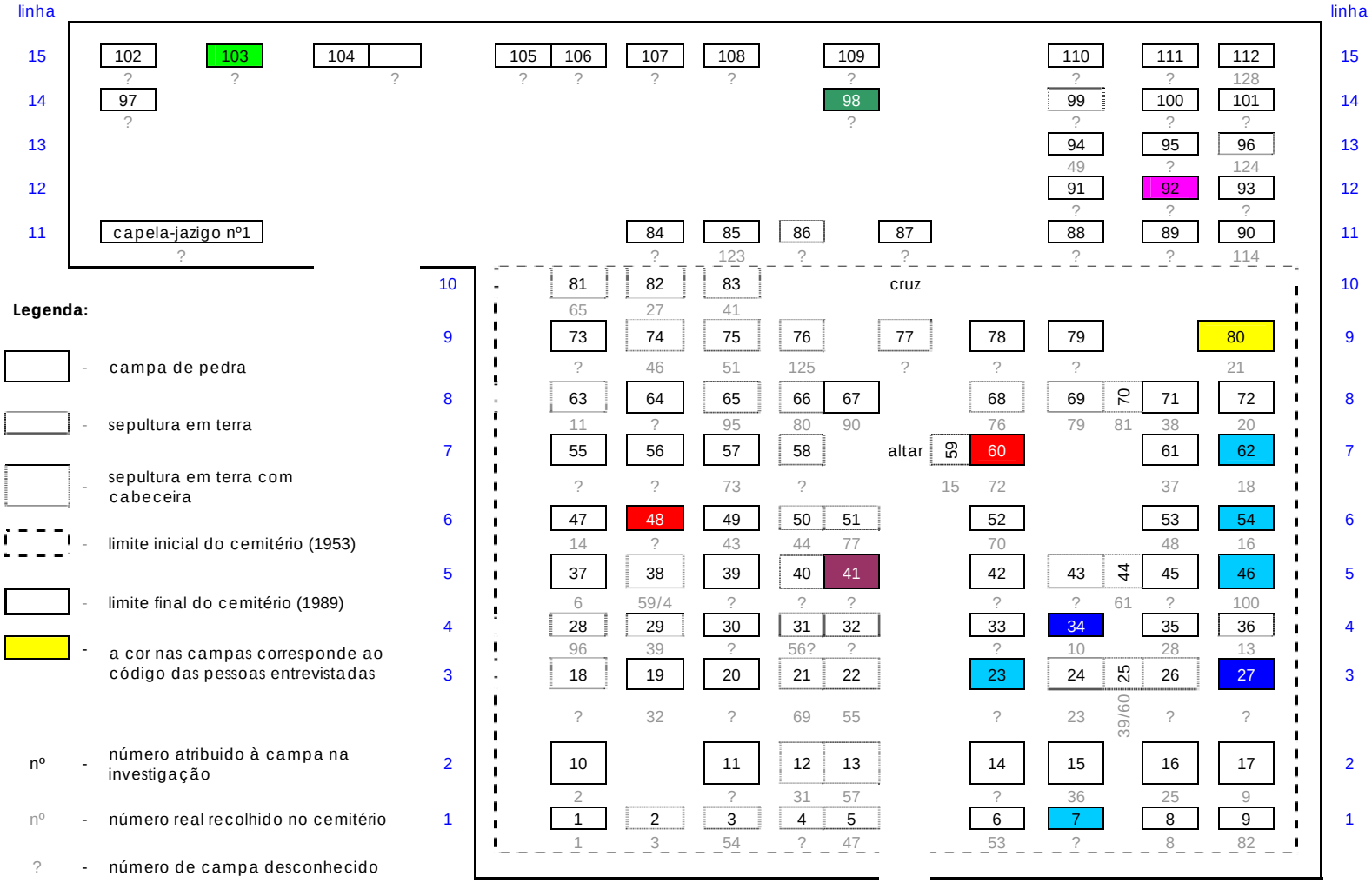

2007_31


2007_32


2007_33

ANEXO XV

Número e tipologia das campas do cemitério de Meixide



Legenda:

- campa de pedra
- sepultura em terra
- sepultura em terra com cabeceira
- limite inicial do cemitério (1953)
- limite final do cemitério (1989)
- a cor nas campas corresponde ao código das pessoas entrevistadas

nº - número atribuido à campa na investigação

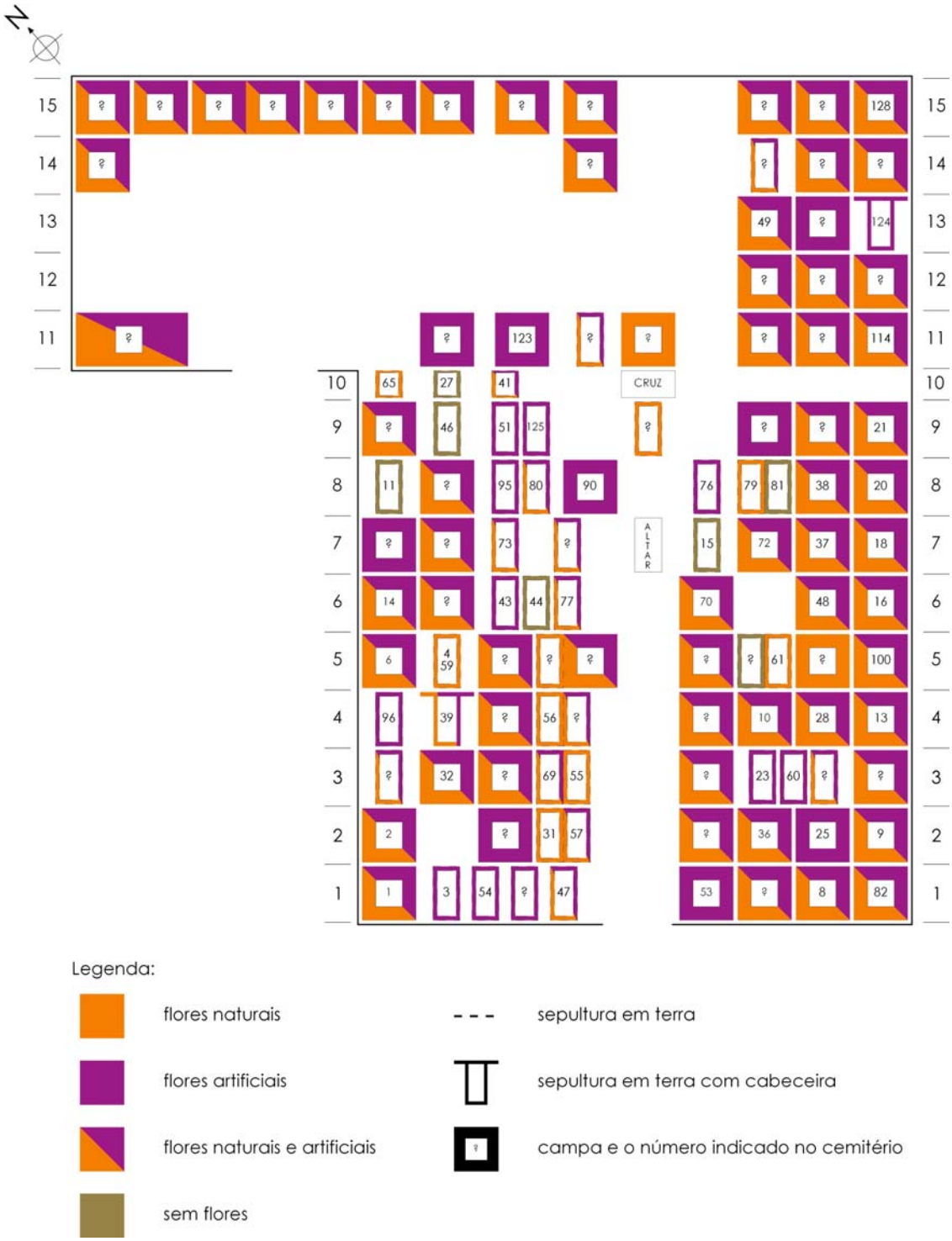
nº - número real recolhido no cemitério

? - número de campa desconhecido

nº - número da linha

ANEXO XVI

Planta do cemitério de Meixide no Dia de Todos os Santos (2006)
com indicação da natureza das flores utilizadas



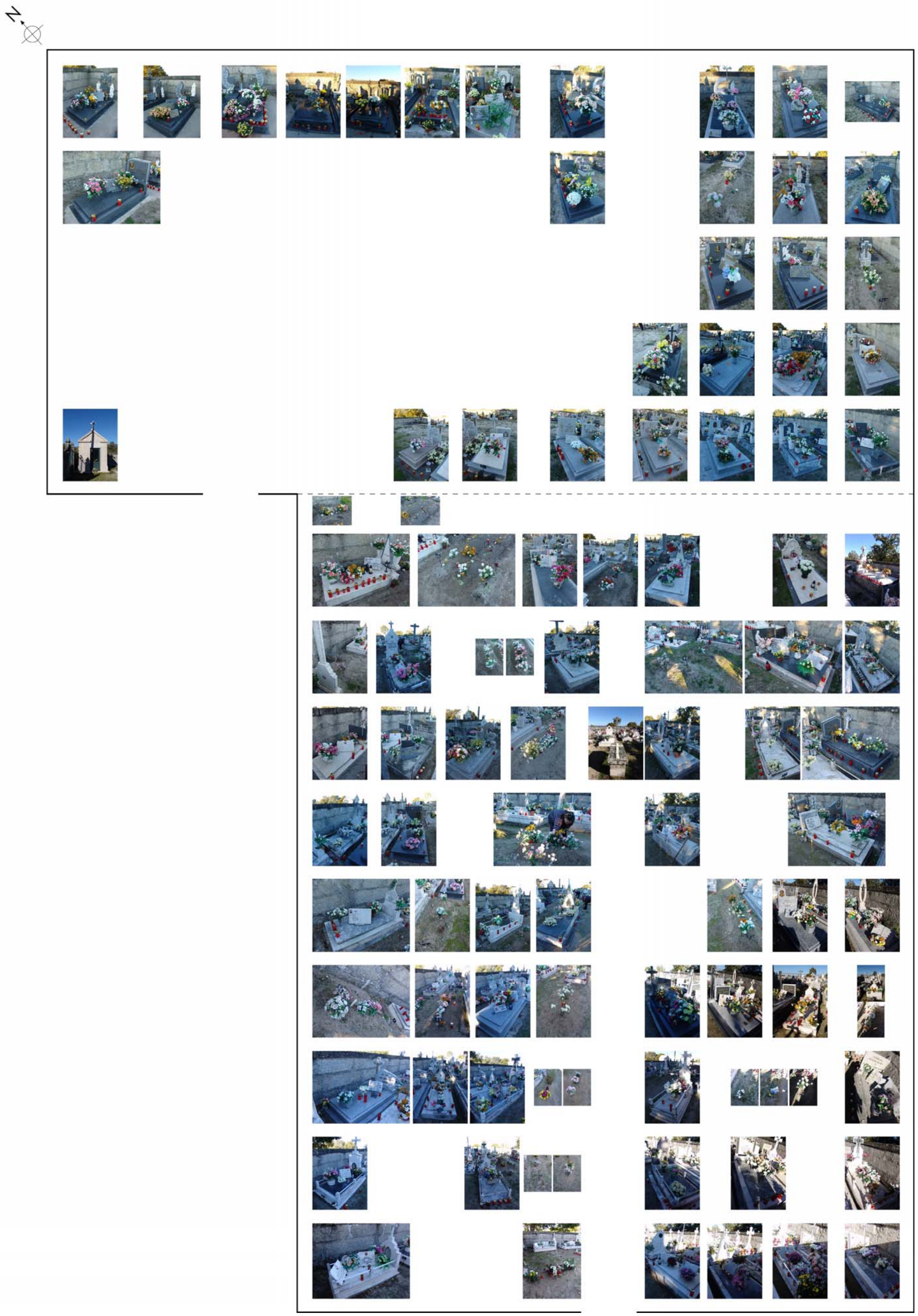
ANEXO XVII

Planta do cemitério de Meixide no Dia de Todos os Santos (01.11.2006)



ANEXO XVIII

Planta do cemitério de Meixide no Dia de Todos os Santos (01.11.2007)



ANEXO XIX

Flores no cemitério de Meixide a 1 de Novembro de 2006

LINHA 1

campa nº 1 (1)






campas rasas nº 2 (nada), 3 (54), 4 (sem nº) e 5 (47)







campa nº6 (53)





campa nº 7 (?)






campa nº 8 (8)







campa nº 9 (82)




LINHA 2

campa nº 10 (2)





campa nº 11 (sem nº)




campas nº12 (31) e 13 (57)




campa nº 14 (sem nº)




campa nº 15 (36)





campa nº 16 (25)






LINHA 2

campa nº 17 (9)






LINHA 3

campa rasa nº 18 (sem nº)



campa nº19 (32)





campa nº20 (sem nº)






campa rasa nº 21 (69)




campa rasa nº 22 (55)



campa nº 23(sem nº)




campa rasa nº 24 (23)



campa rasa nº 25 (60)






LINHA 3

campa rasa nº 26 (sem nº)





campa nº 27 (sem nº)




LINHA 4

campa rasa nº 28 (96)




campa nº 29 (39)

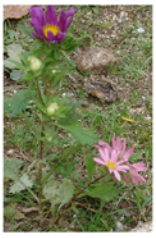



campa nº30 (sem nº)





campas rasas nº 31 (56), 32 (sem nº)




campa º 33 (sem nº)





campa nº 34 (10)



campa nº 35 (28)






campa nº 36 (13)







LINHA 5

campa nº 37 (6)







campa rasa nº 38 (4 ou 59)




campa nº 39 (sem nº)






campa rasa nº 40 (sem nº)



campa nº 41 (sem nº)




campa nº 42 (sem nº)





campas nº 43 (sem nº) , 44 (sem nº)




campa nº 45 (sem nº)





LINHA 5

campa nº 46 (100)






LINHA 6

campa nº 47 (14)






campa nº 48 (sem nº)





campas rasas nº 49 (43), 50 (44) e 51 (77)





campa nº 52 (70)




campa nº 53 (48)






campa nº 54 (16)






LINHA 7

campa nº 55 (sem nº)




campa nº 56 (sem nº)





campas rasas nº 57 (73), 58 (sem nº) e 59 (15)




campa nº 60 (72)




campa nº 61 (37)





campa nº 62 (18)







LINHA 8

campa rasa nº 63 (11)

campa nº 64 (sem nº)




campa rasa nº 65 (95)



campa rasa nº 66 (80)




LINHA 8

campa nº 67 (90)

altar





campas rasas nº 68 (76), 69 (79) e 70 (81)




campa nº 71 (38)





campa nº 72 (20)






LINHA 9

campa nº 73 (sem nº)






campa rasa nº 74 (46), 75 (51), 76 (125) e 77 (sem nº)





LINHA 9

campa nº 78 (sem nº)





campa nº 79 (sem nº)





campa nº 80 (21)









LINHA 10

campas rasas nº 81 (65), 82 (27) e 83 (41)






LINHA 11

capela-jazigo nº1







LINHA 11

campa nº 84 (sem nº), flores entre campas e campa nº 85 (123)





campa rasa nº 86 (sem nº)



campa nº 87 (sem nº)




campa nº 88 (sem nº)




campa nº 89 (sem nº)





campa nº 90 (114)





LINHA 12

campa nº 91 (sem nº)




campa nº 92 (sem nº)




LINHA 12

campa nº 93 (sem nº)






LINHA 13

campa nº 94 (49)



campa nº 95 (sem n)



campa nº 96 (124)




LINHA 14

campa nº 97 (sem nº)






campa nº 98 (sem nº)







campa rasa nº 99 (sem nº)




campa nº 100 (sem nº)




campa nº 101 (sem nº)





LINHA 15

campa nº 102 (sem nº)







campa nº 103 (sem nº)





campa dupla nº 104 (sem nº)










campa nº 105 (sem nº)






LINHA 15

campa nº 106 (sem nº)







campa nº 107 (sem nº)






campa nº 108 (sem nº)










campa nº 109 (sem nº)





campa nº 110 (sem nº)






LINHA 15

campa nº 111 (sem nº)











campa nº 112 (128)



ANEXO XX

A expressão estética a 29.10.2006, 1.11.2006 e 1.11.2007 das pessoas entrevistadas

Campa 27 - G



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 34 - G



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 41 - H



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 48 - A e B



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 60 - A e B



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 62 - F



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 80 - C



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 92 - I



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 98 - E



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

Campa 103 - D



29.10.2006



Dia de Todos os Santos de 2006



Dia de Todos os Santos de 2007

ANEXO XXI

Fotografias da rapariga B


B1


B2


B3


B4


B5


B6


B7


B8


B9


B10


B11


B12


B13


B14


B15


B16


B17


B18


B19


B20


B21


B22


B23


B24


B25

Fotografias do rapaz G


G1


G2


G3


G4


G5


G6


G7


G8


G9


G10


G11


G12


G13


G14


G15


G16


G17


G18


G19


G20


G21


G22


G23


G24


G25

Fotografias da rapariga I


I1


I2


I3


I4


I5


I6


I7


I8


I9


I10


I11

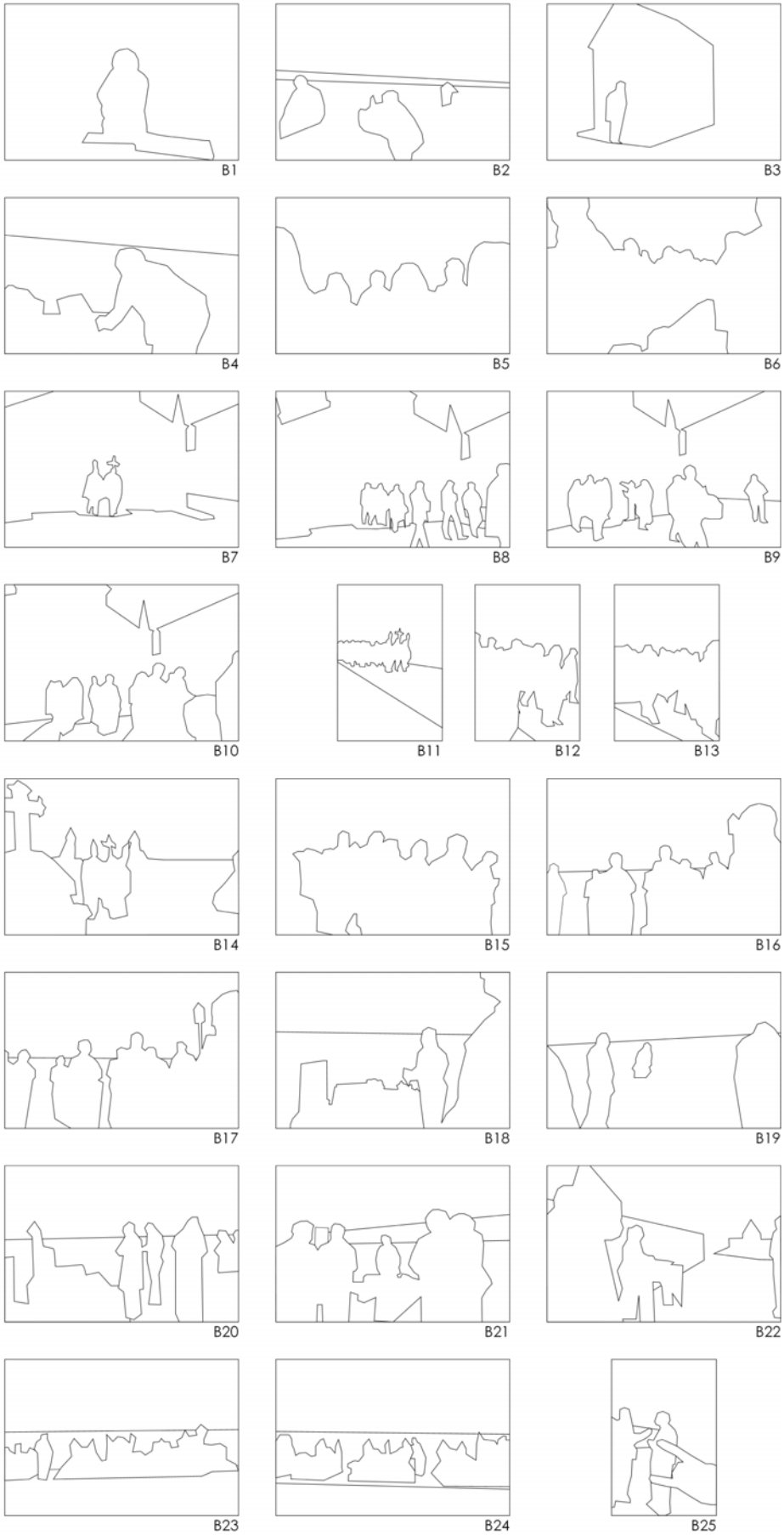

I12


I13

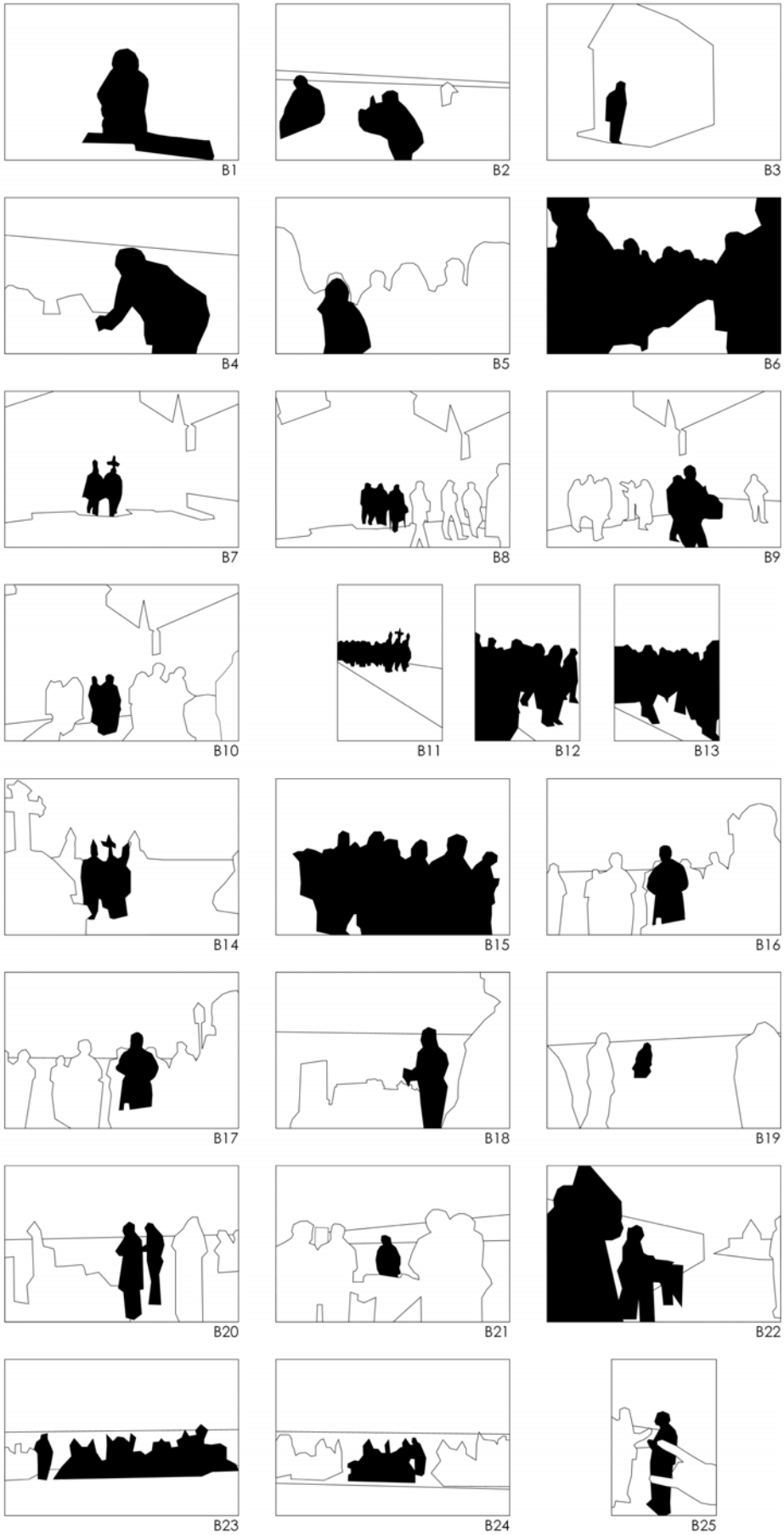

I14

ANEXO XXII

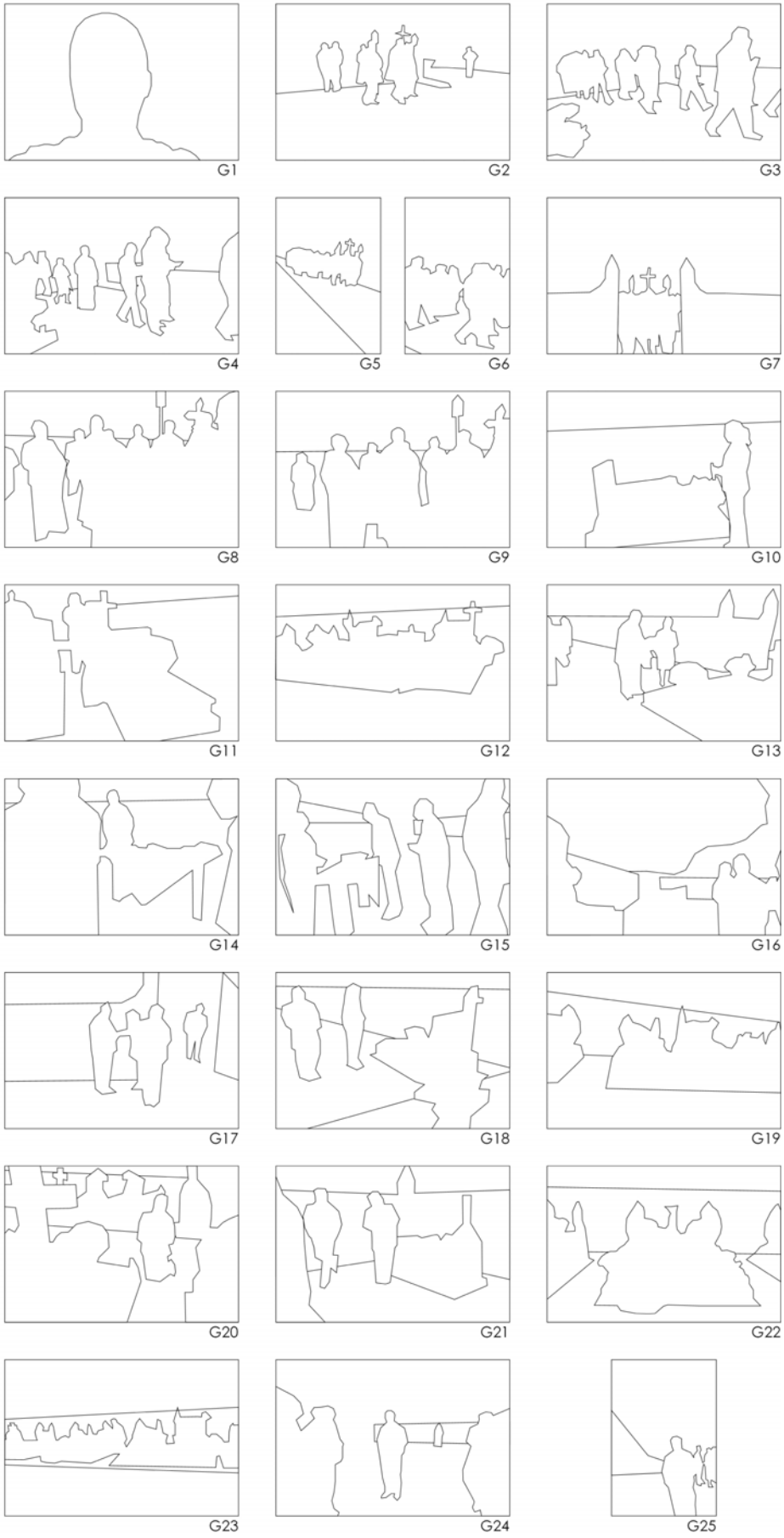
Fotografias da rapariga B - volumes



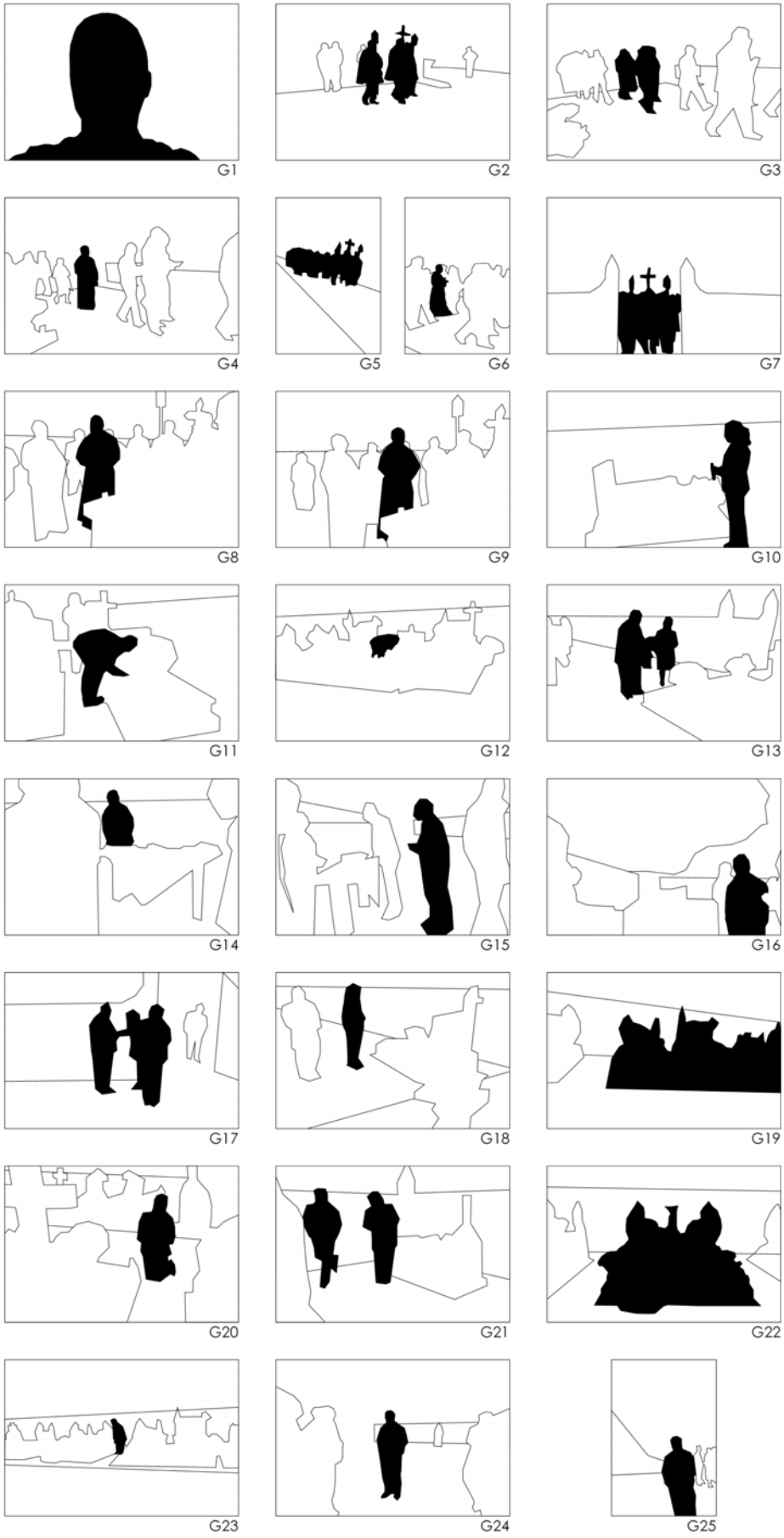
Fotografias da rapariga B - motivo focado



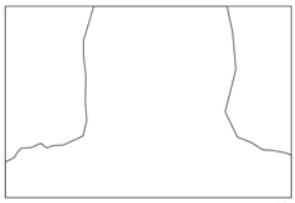
Fotografias do rapaz G - volumes

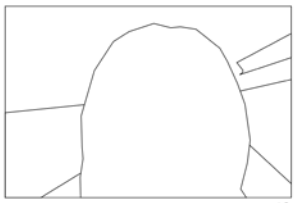


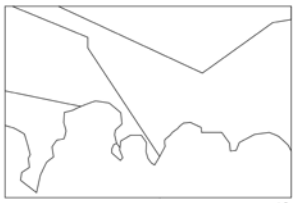
Fotografias do rapaz G - motivo focado

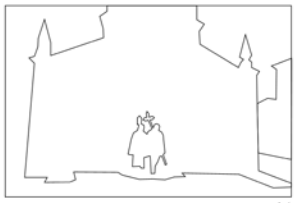


Fotografias da rapariga I - volumes


I1

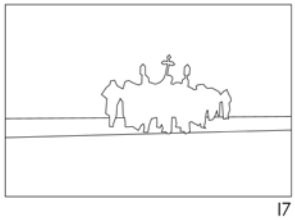

I2

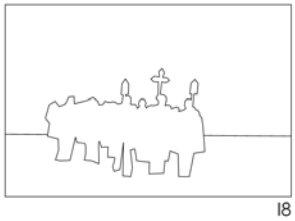

I3


I4

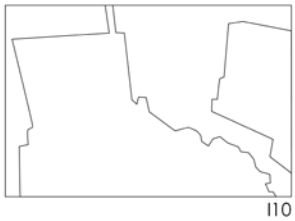

I5


I6

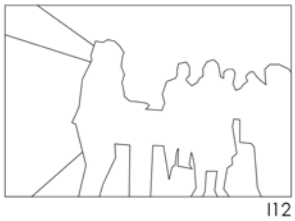

I7

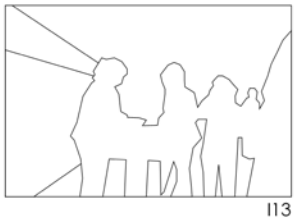

I8

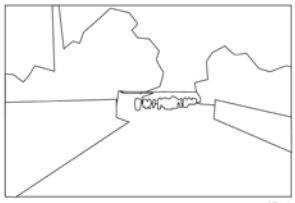

I9


I10

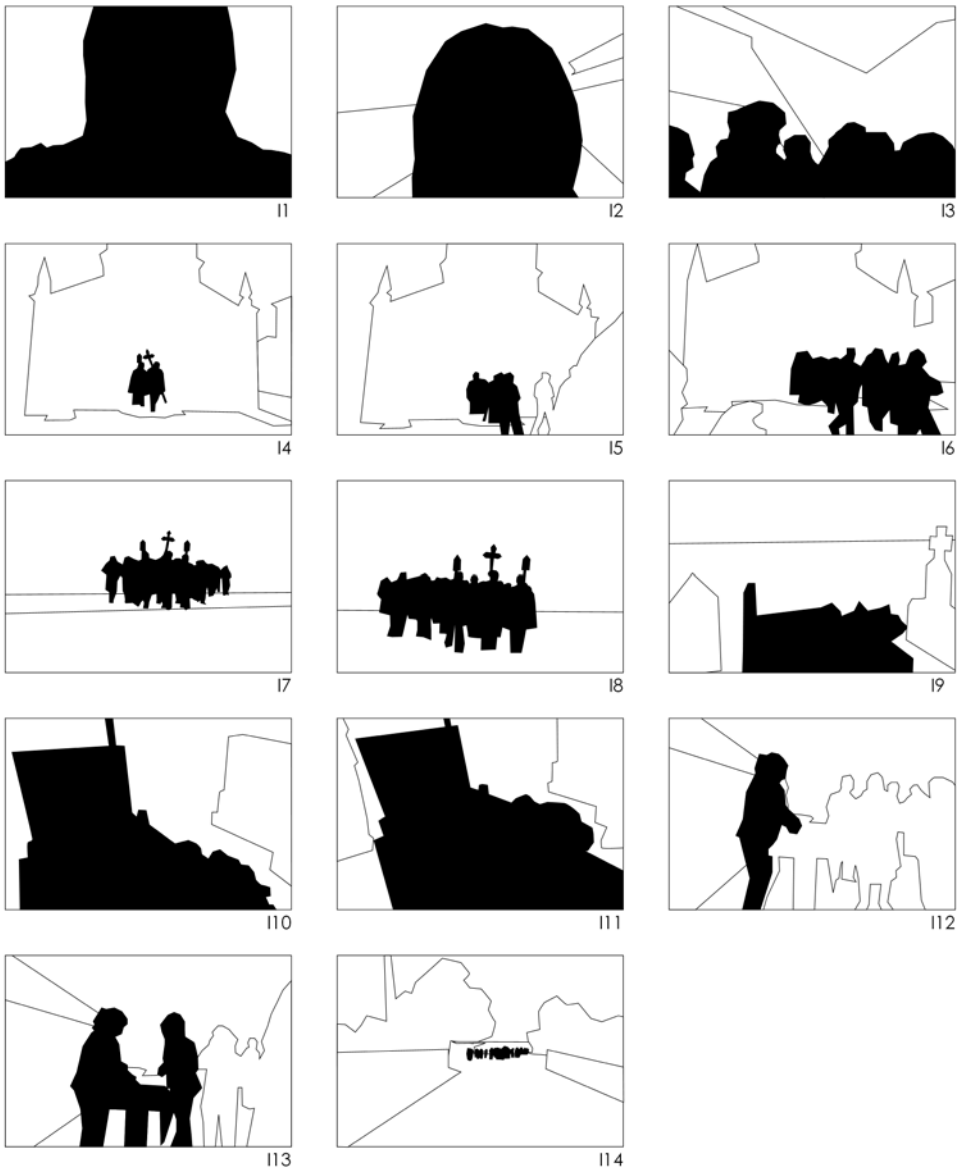

I11


I12


I13


I14

Fotografias da rapariga I - motivo focado



ANEXO XXIII

Entrevista semi-estruturada

1. Religiosidade

2. Relação com o espaço dos mortos

Costuma ir ao cemitério?

Com que frequência vai ao cemitério? Em que dias é que costuma ir mais ao cemitério?

Com que idade começou a ir ao cemitério?

Ia sozinha ou acompanhada? Com quem vai ao cemitério? Gosta mais de ir sozinha ou acompanhada, ao cemitério? Alguma vez na sua família alguém a acompanhou na visita e decoração da campa? Quem?

Qual a razão ou razões que a levam a ir ao cemitério?

O que fazia ou o que faz hoje em dia no cemitério?

No caso de não puder visitar o cemitério, diz a alguém para ir por si?

3. Conceito de morte

Que sentimentos é que ficaram registados na sua mente?

Qual a primeira recordação relacionada com a morte que teve?

Alguém alguma vez explicou-lhe o que era a morte ou o que significava alguém morrer?

Alguma vez teve que explicar ou explicou a alguém o significado da morte /como o fez?

4. Dia de Todos os Santos e Dia dos Mortos

Costuma ir ao cemitério no Dia de Todos os Santos e/ou no Dia dos Mortos?

O que se faz no Dia de Todos os Santos e/ou no Dia dos Mortos?

No dia 31 de Outubro e nos dias 1 e 2 de Novembro a sua vida decorre de alguma forma de maneira diferente? Costuma dar atenção à simbologia da data? Para que existe o Dia de Todos os Santos?

O que é que faz no dia 1 e 2 de Novembro que seja diferente dos outros dias do ano? A forma como decora nestes dias a campa é diferente da dos outros dias?

Como acha que se pode lembrar da melhor forma alguém próximo que tenha falecido?

É preciso lembrarmo-nos destas pessoas? Porquê?

5. O Adro e o cemitério

Qual a razão para a separação inicial no cemitério das campas das mulheres e dos homens (as primeiras à esquerda e a dos homens à direita)?

No adro da igreja as mulheres e os homens eram sepultados juntos ou também separados como inicialmente no cemitério?

Punham flores e acendiam as velas no adro? E hoje em dia?

6. As actividades desenvolvidas pela mulher, pelo homem e pela criança no cemitério

É costume os homens cuidarem das sepulturas ou ir ao cemitério?

Qual é o motivo para a presença do homem no cuidar das campas ser mais raro?

O que fazem normalmente os homens no cemitério? Acha que há tarefas que são só do homem ou só da mulher, as que estão ligadas ao culto dos mortos?

E as crianças? É normal irem ao cemitério? Com que finalidade?

7. Expressão estética no cemitério

Tem alguma campa/jazigo que cuidar? Quem está sepultado neste espaço?

Por quem foi feito o jazigo ou onde foi feita a encomenda?

Como foi escolhido o tipo de jazigo? Alguém sugeriu? Ficou satisfeita com o trabalho feito? Poderia ser melhorado? Como?

Quem foi que deu a ideia do texto (da dedicatória) que aparece na campa?

Que texto tem na campa? Que mais é que tem?

É importante pôr a fotografia da pessoa?

Quando está a decorar a campa do cemitério quais são as preocupações que tem?

Tem alguma razão para a escolha das flores que arranjou? Quem escolheu as flores?

Estas foram compradas ou colhidas?

As cores que estas flores têm, tem alguma importância no arranjo que dá? E a maneira como as coloca, também é importante?

Quais são as flores que costuma mais usar e em que cores? Que cores são melhores para colocar para o dia 1 e 2 de Novembro?

Existe alguma simbologia das flores?

Qual é a simbologia das velas?

Como surgiu a tradição de decorar as campas com flores e velas em Meixide?

É mais normal usar as flores naturais ou artificiais?

Quem decorou a campa neste Dia de Todos os Santos? Quem costuma tratar das campas?

Gostou da decoração que fez no Dia de Todos os Santos? Como poderia ter ficado melhor?

8. As oferendas aos mortos

O que é que se oferece aos mortos? Costuma oferecer mais alguma coisa para além das flores aos entes falecidos? O quê e porquê?

Qual é que acha que é a razão das oferendas? Espera alguma coisa em troca? Se sim, o quê?

9. A tradição do Carolo e do Pão por Deus

Conhece a tradição do Pão por Deus? Pode descrever esta tradição? Lembra-se da sua existência em Meixide ou noutra localidade?

Pode descrever o ritual do Carolo?

10. As crianças no Dia de Todos os Santos e Dia dos Mortos

Qual era a preocupação das crianças enquanto fotografavam?

Conheces o Halloween? Festeja-se em Meixide?

Fizeram alguma coisa na escola relacionada com o Halloween? O quê?

Mascaram-se para o Halloween?

ANEXO XXIV

Legenda

(...) – pausa
Marcado com cor verde – dificuldades na percepção
M – investigadora

1. ENTREVISTAS 02.09.2007
Entrevista nº 1 – A – das 11h30 às 12h30

M: Como e que se chama?

A: "**A**"

M: Que idade é que tem?

A: 42.

M: É uma mulher; com quem é que vive?

A: Com o marido e com os filhos.

M: Quantos filhos é que tem?

A: 3.

M: 3. Quais são as suas habilitações literárias? A escola que...?

A: 12º.

M: 12º. Qual é a sua actividade? De trabalho...?

A: De momento põe doméstica...

M: É doméstica, mas faz o pão.

A: Sim, mas é só para... para me distrair.

M: Pronto. Tem alguma religião?

A: Católica.

M: E mora... em Meixide?

A: Sim.

M: Em Meixide. Já agora, qual é o seu contacto? Para o caso de eu precisar de telefonar...

A: (nº de telefone)

M: Costuma ir ao cemitério?

A: Sim.

M: Com que frequência... é que normalmente vai?

A: Vou... geralmente vou uma vez por semana... conforme o tempo disponível.

M: Mas tem algum dia específico?

A: Não. Vou quando tenho tempo... quando me apetece ir.

M: Mhm. E qual é a razão de ir ao cemitério?

A: Portanto... sempre... gostei de ir, visitar as pessoas que mais gostava, não é? Que já partiram... e principalmente agora que... desde que faleceu a minha mãe.

M: Mhm. Já faleceu há muito tempo a sua mãe?

A: Fez... fez 2 anos.

M: Com que idade é que começou a ir ao cemitério? (...) Lembra-se da primeira vez de ter ido?

A: Devia ter ido com os meus... que eu me lembre, não é? ...10 an... 10.

M: 10 anos?

A: 10. Se calhar fui mais cedo, mas... mas não me lembra.

M: E qual é o momento que se lembra?

A: O momento assim mais exacto...?

M: Não. Foi em alguma ocasião especial que...?

A: Não. É como... como geralmente se vai lá no Dia de Todos os Santos, não é? ...

M: Mhm.

A: ...toda a gente vai e a gente vai naquela de... visitar os familiares.

M: Também vai. Mhm. Está bem.

...tive que pegar no bebé...

M: E então é normal ir... ao cemitério no Dia de Todos os Santos?

A: É, é normal.

M: É?

A: Geralmente... há pessoas que nem... que durante o ano nem vão e nesse dia...

M: ...é que optam por ir.

A: É que optam por ir. Pôr umas velas, umas flores...

M: Mas porquê?

A: Se calhar por ser o dia... mais adequado a... aos Santos, não sei...

M: Mhm. O que é que faz nesse dia?

A: No cemitério?

M: Sim. Nesse dia específico o que é que costuma fazer?

A: Só no cemitério ou...?

M: Não, o dia todo.

A: O dia todo... é como se fosse um domingo.

M: Mhm.

A: A gente levanta-se, vai à missa, vai ao cemitério, depois faz o almoço. Há quem ... diga: "Vai passear-se...". Não, fica em casa... ver televisão ou tratar de outras coisas.

M: Esse dia para que é que acha que existe?

A: Eu acho que é... talvez ... não sei... momento de reflexão... qual coisa que... não sei... há muitas coisas que...

M: Não, porque há o Dia dos Mortos e há o Dia de Todos os Santos. Aqui por exemplo...

A: Há o dia 1, que é o Dia de Todos os Santos...

M: Sim...

A: E o dia 1 é que é o dia de ir ao cemit... o dia 2.

M: O dia 2? E quando é que costuma ir? No dia 1 ou no dia 2?

A: Aqui, geralmente vão no dia 1, porque o padre só vem uma vez na... deve ser mais por causa disso...

M: E se, por exemplo, se não puder vir aqui ao cemitério no dia 1... imaginemos que está fora ou... o que é que acontece?

A: Geralmente nunca me tem acontecido porque estou sempre aqui.

M: Pois.

A: Nunca saí para fora, mas... viria... viria noutra oportunidade... não vinha cá de propósito.

M: Mas não vem cá ninguém... mas por exemplo, poderia dizer a alguém para passar pela campa para dar...

A: Ah, sim.

M: ...um arranjo ou... A quem é que diria?

A: Se calhar a uma pessoa amiga. A alguém mais próximo.

M: E, uma pergunta... e aqui da campa... da campa quem é que costuma tratar, normalmente? A campa da sua mãe, não é?

A: Sou eu.

M: É sempre a...?

A: Sou eu que tenho a... o meu irmão está fora, não vem cá... o meu pai, custa-lhe ir lá, porque a separação foi... foi chocante, não é?

M: Sim.

A: De momento sou eu. E também há pessoas amigas que às vezes gostam de lhe pôr uma vela... há muitas pessoas na aldeia que... mesmo durante... sem ser nesse dia de Todos os Santos. Há pessoas que... como ela era uma pessoa muito querida para... para as pessoas...

M: Claro.

A: ...e as pessoas lembram-se dela. De vez em quando... não importa o dia.

M: Claro. E... diga-me uma coisa, é mais costume irem as mulheres ou os homens ao cemitério, tratar de...?

A: É mais costume irem as mulheres.

M: Porquê? Porque é que acha que é assim?

A: Porque... [risos]... não sei... quer dizer, como... geralmente vai-se limpar e a limpeza está mais... está mais ligada às mulheres que aos homens, não é?

M: [risos]... sim, também é um facto... mas, por exemplo, o seu marido, alguma vez...?

A: Não, ele nunca vai. Nunca vai porque diz que... que lhe choca o cemitério.

M: Mhm.

A: Não tem tanta coragem.

M: Ah!

A: E eu acho que os homens têm menos coragem que as mulheres.

M: Então é como o seu pai, não é? ... que também não tem coragem de ir?

A: Pois. Lá está.

M: Esta bem. E, por exemplo, e as campas dos... ou, onde é que estão sepultados os... os seus bisavós? ... Não, os seus avós? Os seus avós.

A: Os meus avós... olha... por acaso, a minha mãe está na mesma sepultura da minha avó. A minha avó paterna.

M: Sim.

A: Não estão em jazigo, estão mesmo na terra.

M: Mhm. E... e as pessoas antes de... que estão mais para trás, ainda? As que faleceram... onde é que estão sepultadas? Sabe ou...? Porque cemitério foi construído em 1940's, não é?

A: Antes havia pessoas que foram sepultadas na... no adro. Fora da igreja, portanto. Mas isso já não é da minha alt...

M: Já não é da sua altura.

A: Não. Já não me lembra. Sei que... que havia pessoas da minha família, mas já não sei. Mesmo o meu pai e os meus avós também já não tinham aquela...

M: Mhm.

A: Porque antes de haver o cemitério, as pessoas eram sepultadas lá.

M: Pois.

A: No adro.

M: No adro.

A: É. É no adro.

M: Mas, por exemplo, lá na...

A: Depois lá tinham uma pedra... uma cruz.

M: Mas lá no adro ninguém põe... ninguém põe flores no dia 1, dos Santos, não é? Porquê?

A: Naquelas...

M: Sim, naquelas sepulturas que lá tem.

A: Porque... passa-se muitas... como é que hei de dizer?

M: Porque está no chão?

A: Porque está no chão e num lugar de passagem.

M: Sim.

A: Quer dizer que ia... que ia uma pessoa a passar e a estorvar, não é? Mas limpam, portanto.

M: Mas limpam?

A: Mas têm cuidado, não pisam em cima da pedra.

M: Pois.

A: Porque às vezes podiam andar ali e ..., mas não. Fica. As pessoas fazem cuidado... não... limpam e até quando tem aquelas letras que não se conhecem...

M: Sim, sim.

A: ...eles restauram de tempos em tempos.

M: Quem é que costuma restaurar?

A: É uma pessoa... uma pessoa ai... o sacristão...

M: Ai é o sacristão que toma conta...

A: Ou então às vezes que se ele não sabe, tem... pessoas que estão mais ligadas a essas coisas, não é?

M: Mhm, está bem. Ora bem, tem então uma campa, não é?, que... que cuida aqui no cemitério de Meixide.

A: É da minha mãe e dos meus tios, tios-avós...

M: Que também estão lá?

A: Também estão lá.

M: Mhm.

A: E os meus avós.

M: E quem é que fez o jazigo? Ou quem é que o arranja?

A: A gente chama... chama aquele senhor da... é da funerária.

M: De onde... de onde é que vem normalmente o senhor da funerária?

A: Isso vem... é conforme as pessoas. Por exemplo, vem de Chaves, de Montalegre, vem de mais...

M: Mas por exemplo, este aqui vem de...?

A: Veio de Montalegre.

M: É de Montalegre o que fez a...?

A: Sim, sim. O da minha mãe foi de Montalegre.

M: Foi de Montalegre?

A: Foi de Montalegre.

M: E... como é que escolheu o... o tipo de campa?

A: De campa? Ele... ele mostrou-nos um catálogo...

M: Mas nunca disse por exemplo o que é que preferia ou...?

A: É assim, eu a escolher... sim, sim... fui eu que escolhi.

M: Foi a que escolhei? Mas por exemplo a pedra...?

A: A pessoa escolhe mediante o dinheiro.

M: Claro que sim.

A: Não é? Porque há vários preços.

M: Mhm.

A: A gente vê dentro daquilo que gosta, vê aquele preço mais acessível que nós podemos pagar.

M: Claro. Mas por exemplo deve haver campas muito baratas, médias ou muito caras...?

A: Há muitos preços... há muitos preços.

M: Esta que... que comprou...

A: Nem é... nem é das mais baratas, nem é das mais caras.

M: É o médio, mais ao menos.

A: É. A que fez o meu pai é...

M: É esta, não é?

A: Não. Esta... esta já é... já tem 30 anos.

M: Esta já tem 30 onde está...

A: 33 anos, se não me engano. Já foi... já foi em 74.

M: Quem foi que...?

A: Este já era o meu avô, o pai do meu pai... foram os meus tios e o meu pai que puseram. Portanto, esta... esta campa já é antiga.

M: E onde é que... quem foi... onde arranjaram...?

A: Ai, isso já não me lembra.

M: ...não sabe?

A: Isto já não faço a mínima ideia, porque naquela altura eu tinha os meus 8-9 anos, ainda não era eu que... que a limpava, não é?

M: Pois.

A: E naquela altura quando... com essa idade se eu fosse, já ia acompanhada. Ia com a avó, com a mãe ou assim. Porque as pessoas até diziam que não era bom ir ao cemitério, principalmente as crianças, e assim. Portanto não sei se isso é bom, se é mau. Eram ideias.

M: São ideias que...

A: Que nos punham na cabeça.

M: Sim, sim... exactamente... que nos diziam. E nesta então... quem estão nesta?

A: Nesta só está o meu avô paterno.

M: Só está o seu avô?

A: É.

M: E a outra é que... aquela cinzenta é que tem...?

A: É... a minha avó e a minha mãe. Portanto a minha avó já tinha morrido há... se não me engano... há 42... 43 anos. Eu ainda não era nascida quando ela morreu.

M: Então quem foi que escolheu a campa?

A: Foi agora. Mas não tinha campa.

M: Ai não tinha campa. Porque estava a ver...

A: É porque a minha avó morreu há 43 anos, só que naquela altura ninguém tinha uma foto dela. Porque nessa altura não havia... o que havia levaram caminho. Como não havia foto, pronto, os meus pais e os meus tios nunca, nunca se...

M: Não puseram campa, não é?

A: É. Agora, quando a minha mãe morreu, portanto eles resolveram... como já tinha morrido já há muito tempo, portanto puseram lá e nós agora é que pusemos a campa.

M: A campa é...?

A: Mas a campa é só nossa.

M: ...é escura, não é?

A: É cinzenta.

M: É cinzenta. E porque é que escolheram uma cinzenta? Quer dizer, há pedras de várias cores...

A: De várias cores, é. O que eu estou a dizer é... eu quando escolhi não era bem aquela cor, mas depois no momento o senhor não tinha disponível... havia uma outra que gostava, que era mais... era entre o cinzento e o verde... havia assim...

M: Mhm.

A: Mas como não havia...

M: E era clarinha ou era escura também?

A: Também era escura, mas eu gosto mais do escuro. Não sei... é uma questão do gosto.

M: Ai é.

A: É uma questão de gosto.

M: Mhm.

...breve interrupção para procurar a fotografia...

M: E... aqui por exemplo, aqui, que flores é que... é que pôs?

...procura da fotografia...

A: São umas flores que se apanham aqui no campo, que nós... que nós temos no monte. Que no dia se põe flores naturais... Mas geralmente põe-se em branco.

M: Põe-se em branco? E...

A: Porque estas aqui nem fui eu que escolhi... essas...

M: Essas são de plástico, não é?

A: São... são de plástico.

M: E tem que ter aí umas...

A: As roxas... ou se põe roxo, ou branco... são cores que geralmente são ligadas ao... ao luto.

M: O roxo e o branco... é?

A: E o preto... o preto não...

M: Mas, por exemplo, e estas amarelas?

A: Mas não fui eu que pus.

M: Elas como é que se chamam, as amarelas?

A: São... carvalhas? Não sei como é... nem sei que nome é que tem estas flores. Mas há-as aqui na aldeia.

M: E sabe qual é a simbologia delas? Ou o que é que elas querem dizer? Se é que há alguma mensagem...

A: As flores?

M: Sim.

A: Não sei... a gente está a oferecer... quando se morre... quando morre alguém, qual é a última coisa que se faz? É comprar um ramo de flores. Também o sentido...

M: Também não sabe...

A: ...o sentido... acho que é a última coisa que se pode oferecer. Não é?

M: Mhm.

A: Como um presente... ou quando alguém faz anos, o que é que oferecemos uns aos outros? Um ramo de flores.

M: Pois.

A: Muitas das vezes.

M: Sim, sim, sim.

A: Às vezes... eu, por exemplo, quando... quando a mãe tem um bebé, o marido o que é que lhe leva muitas das vezes?

M: Pois.

A: Um ramo de flores.

M: Mhm. As flores marcam então...

A: Um símbolo...

M: ...uma data, não é?

A: Carinho. Um símbolo de carinho... de carinho, eu acho.

M: E isto, por exemplo, oferecer as flores, acha que é para...? É um símbolo de carinho, mas... quando estamos a dar as flores... aos nossos entes queridos que faleceram... estamos a dar alguma... alguma coisa de nós.

A: Sim.

M: E... mas damos na esperança de ter alguma coisa de volta? O que é que acha?

A: Ora bom... quem parte, acho que já não nos vai dar nada. Não é? Não sei.

M: Mhm.

A: Porque a gente não sabe o que é... quando se morre é quando se morre. O que é que a gente sabe depois da morte? Não sei. É um mistério.

M: Sim. O que é que acha que acontece depois da morte?

A: Acho que é um mistério. Eu... tenho as minhas dúvidas. É por isso que... a alma talvez não, não é? Não sei. Talvez nos acompanhe para o resto da vida, quando a gente se lembrar delas... e elas... é como ter dentro de nós, não é?

M: Mhm.

A: Mas o corpo fica ali... naquele... naquele... Se a gente não cremá-lo, ou seja queimado ou seja na terra... acho que o corpo fica ali. Agora o espírito, aquele sentimento, não sei... porque acho que tem várias... não sei. Isso é uma coisa que nós sentimos, mas é difícil explicar. O que é que acha?

M: Eu não sei. Eu também não sei.

A: Se lhe perguntarem, o que é que respondia? É uma coisa que é superior a nós, não é?

M: Sim.

A: É um mistério. Eu acho que tanto é mistério a morte como a vida.

M: Claro. Mhm... e por exemplo neste jazigo que mandou fazer, não é? Teve que...? Já disse que tinham um catálogo, que mostrava como é que eram...

A: Sim, sim.

M: ...os jazigos, não é?

A: Pois.

M: Mas por exemplo, optou por pôr... uma placa... aqui com as palavras escritas...

A: Ai aqui? Aqui...

M: E isso...?

A: Aqui tem a parte... diz-se uma lápide, que se chama, que tem... que tem a parte da minha avó. Tem os dizeres da minha avó.

M: O que é que diz? Maria de Jesus de Gomes...

A: De Gomes.

M: ...e a data, não é?

A: É a avó. E aqui na cabeceira está a... estão os dados da minha mãe.

M: Aha. E como é que... foi a "**A**" que escolheu os dizeres que... para porem ai ou...?

A: Sim, sim. Geralmente o senhor diz-nos: "Olha, como é que queres?" e depois ele faz mediante aquilo que nós lhe dissemos. Porque também... imagina que põem... "ai, não é assim". Nós é que temos que lhe dar os dados...

M: Pois.

A: ...a ele, não é?

M: E aqui também tem... tem uma Virgem, não é?

A: É. A Nossa Senhora de Fátima.

M: ...Senhora de Fátima, e que mais é que têm aqui na...?

A: Não tem ... só tem para pôr as flores e é para pôr a vela.

M: Mhm.

A: Ai aqui foi uma... afilhada da minha mãe, que lhe ofereceu.

M: Isso o que é que é? Tem uma imagem...

A: Tem uma imagem. É francês. Ela veio de França. Não sei, mas diz amor da afilhada, ou assim uma coisa.

M: Aha. (...) E as velas? Costumam pôr as velas durante o ano inteiro ou é só no... no Dia de Todos os Santos?

A: Eh... as velas... isso é conforme das pessoas. Há pessoas que só põem naquele dia.

M: Mhm.

A: Mas quem gosta de lá ir, quem vai lá de vez em quando...

M: Vai pondo, é?

A: ...vai pondo. Vai pondo conforme...

M: Porque é acha que põem as velas?

A: Não sei. Talvez para a gente... para lhe dar luz. Porque a luz é que nos... eu penso que as pessoas também... mesmo depois do outro lado da vida, também precisam de luz.

Não é?

M: Mhm.

A: Porque... é como nós sentimos luz, também no... eu acho que depois também... eu acho que...

M: Então a vela... precisa de ser ateada, depois da morte?

A: Pois.

M: O que é que acha?

A: Eu acho que... é mais nós não nos queremos esquecer de quem partiu. Queremos que... é como que... alguém... temos mais perto de nós. Porque se eles partem e nunca lá vamos é como que esqueceu.

M: Pois é.

A: Não é? Eu acho que... Porque há pessoas que..."Olha, já esqueceu quem? Olha, já não sei quem..."

M: Esta campa...esta campa, aqui está também... também estão os seus tios avós, não é?

A: Não, não.

M: É só a mãe e a sua avó, não é?

A: A minha mãe e a minha avó. É.

M: E como não estava a sua avó... de alguma forma, o facto de terem feito uma campa especial... veio relembrá-la mais?

A: A minha avó?

M: Sim.

A: Eu como não a conheci, nem nuca a vi de foto... Sim. Era mais naquele aspecto de ser assim. Pronto, era a avó e... como que tinha ali aquele... aquele pedacinho de terra ali que se merecesse agora.

M: Eu estou a reparar que... que a campa está do lado esquerdo, as... a da sua mãe, não é? E a do seu avô está...

A: Do lado direito.

M: ...do lado direito. Por alguma razão?

A: É. Porque... esta parte do cemitério foi aumentada. Não é? E a parte antiga do cemitério, eles tinham: de um lado punham os homens, e do outro lado as mulheres.

M: As mulheres do lado esquerdo?

A: É.

M: Por alguma razão? Porque é que era do lado esquerdo, as mulheres?

A: A razão nunca... nunca soube. Se calhar, sei lá... seria mais fácil naquela altura para verem...? Olha aqui são os homens, ali são as mulheres... porque às vezes a gente tem que andar à procura e se calhar assim seria mais...

M: Mas estavam... estavam separados assim, marido e mulher? Não estavam na mesma...?

A: Pois não... pois não. Mas agora na parte de trás já é conforme... já não... já não levam esta... Realmente esta... esta... nunca, nunca soube porquê, não é?

M: Pois.

A: Porque se... estava mais certo quem começou... quando começou o cemitério, não é? A razão porque é que fizeram isso. Portanto, talvez pelas pessoas mais antigas possam dizer.

M: Mhm. Mas por exemplo...

A: Mas... mas agora está-me a lembrar que deste lado... mas para trás já não. Para trás já é... não importa. Não sei. Talvez, sei lá, naquela altura pensassem que fosse a melhor

maneira. Mas a razão pela qual, não sei.

M: Mas ali, por exemplo, quando o seu pai falecer, de que lado irá pôr? Se se pensasse hoje...

A: Olha... não sei.

M: ...como é que havia de fazer?

A: Isso teria ainda que falar com os meus irmãos.

M: Pois. Quantos irmãos é que tem?

A: São mais dois. Teria que... porque essas coisas não é... não se faz...

M: De ânimo leve, não. Claro.

A: ...tem que se pensar. Tem que se pensar bem e... de momento não sei. Mas se calhar no sítio onde houver oportunidade. Olha, até por exemplo, se calhar aqui onde é o meu avô. Quem sabe? È uma ideia. Não é? Isso depende. Porque... outra coisa é que o cemitério já foi alargado e não está com muito espaço.

M: Pois.

A: E as... e as pessoas também têm que ver que não se pode também tirar assim tudo à balda. Porque imagina que, que há um acidente, há uma tempestade, há uma epidemia, que terá se... eles também têm que... que controlar os sítios. Não é?

M: Pois é.

A: Porque nunca se sabe o que é... o que é que vai acontecer amanhã. Não sei. Pode ser uma hipótese.

M: Mas nos espaços... este que tem, dá para pôr mais pessoas ou...?

A: Aqui... aqui nesta?

M: Nos dois. Por exemplo na da sua mãe... aqui...

A: Na da minha mãe, talvez não. Talvez só, se calhar passados muitos anos em que já lá não haja nada.

M: Mhm.

A: Porque depois fica muito... muito à superfície da terra.

M: É muito profundo a...?

A: Não sei bem os metros que eles... que eles põem, mas ainda é, ainda é capaz de levar para aí assim, sei lá... um metro e tal...doi...

M: Mas por baixo está a sua avó primeiro? É?

A: Está, está. Sim, sim. Ainda estava...uns resquícios... mas há... mas não, de momento ali acho que não, que não se pode pôr. Só um dia que... porque não se vai pôr assim...

M: Qual foi a funerária que tratou de...?

A: Do enterro? Foi a de Montalegre.

M: Foi a de Montalegre, é?

A: Foi.

M: Esta... esta já está arranjada, não é...

A: Pois.

M: ...nesta fotografia?

A: Aqui... mas aqui... estas... estas flores não sei quem é que as deixado.

M: As laranjinha, não é?

A: É.

M: Não sabe.

A: Não. Geralmente ponho branco e uns verdinhos... uma coisa simples.

M: Mhm. E as... e as flores foi a... arranjou aqui no monte, foi?

A: É. Aqui no jardim.

M: Tem aqui?

A: Tenho aqui plantadas, algumas. Mas estas só... só nesta altura é que há. Agora não há.

M: ...é que há.

A: Agora... agora... ainda está o verde.

M: E, mas... durante o ano... costuma mais ter flores naturais ou...?

A: Costumo, costumo.

M: É?

A: É.

M: Porque estas aqui, as roxas, são de plástico, não é?

A: São. Foi alguém que ofereceu. Eu geralmente ponho natural... gosto mais das naturais. Como estou aqui perto...

M: Porquê?

A: Porque, é uma questão de gosto. Gosto mais da... porque é... morre mais rápido, não é? Mas gosto mais das coisas naturais.

M: Claro. Também gosto muito mais das naturais...

A: É, gosto mais do natural.

M: E, ora bem, e... continuando... já ouviu falar alguma vez da tradição do Pão por Deus?

A: (...) Tradição do Pão por Deus?

M: Nunca ouviu falar? Que era um pão que se oferecia no dia 1 de Novembro... as pessoas, por exemplo, ou as crianças, ou as pessoas mais desfavorecidas, mais pobres, que iam bater à casa das pessoas para... a pedirem o Pão por Deus. E ofereciam-lhes castanhas, nozes, mel, frutos...

A: Quando não tinham pão, não é?

M: Sim ou... já ouviu falar sobre isso?

A: Quer dizer, a gente... muito... muita pouca coisa, não é? Muita pouca coisa. Agora já nem se faz isso.

M: Pois.

A: Já ninguém vai pedir nada a ninguém, mas quando era mais pequena, lembro-me... quando uma pessoa às vezes não tinha pão, ia pedir, porque a gente cozia... as pessoas todas coziam... e havia sempre alguém que se lhe acabava o pão. Se calhar, olha, só cozia passados dois dias, mas hoje já não tinha pão. Pão, pão... olha, diz o meu filho àquela pessoa a ver se me empresta...

M: Mas eu estou a falar no pão que é só do dia 1 de Novembro.

A: No dia 1... Ah.

M: Era uma tradição antiga na... Nunca ouviu?

A: Aqui segundo o senhor padre falou, que, como antes os padres vinham... vinham a cavalo, não é? E não havia... demoravam muito tempo, se calhar quando vinham fazer um funeral, pois tinham que comer alguma coisa. Não é? Também já era como...como qualquer coisa que fosse de...

M: Então já está a falar do carolo, não é?

A: Pois, é, é.

M: Que pertence a uma outra tradição? Essa como é que é?

A: Eu sempre... sempre me lembra só de falar quando... quando punham ali a esmola, não é? Chamada esmola, o carolo, que... era pela alma deles, de quem partia. Não é? Mas sempre me lembra de... de porem isso. Mas depois falaram que antes, que havia aquele, lá está a tal... quando os padres vinham ou vinham a pé ou a cavalo. Não é?

M: Mhm.

A: E que, pronto, servia de merenda de...

M: Mas era só para o padre ou era... para quem estivesse...?

A: Para quem estivesse. Pois.

M: ...no funeral, não é?

A: Geralmente as pessoas nem comiam... até levavam e...

M: Ai é? E era só pão ou...?

A: Dantes, acho que era só pão e vinho.

M: Mhm.

A: Pão e vinho. Às vezes agora põem queijo, mas isso já está fora da...

M: Ai continuam agora a fazer isso?

A: Ainda continuam a fazer. Quando morre alguém, ainda põem.

M: E o pão quem é que fazia... por exemplo, o carolo...?

A: Qualquer pessoa... na aldeia podia.

M: Mas era a família que...?

A: Geralmente sim. Sim, era a família. Não é? Não quer dizer que até podia às vezes não haver na família alguém que soubesse cozer.

M: Claro.

A: Mas... era... é a família geralmente que põe...

M: Que oferecia...

A: Que oferecia, é. Ainda agora acontece. Morre alguém não vai... é a família que...

M: Mas, por exemplo, antigamente houve... antigamente, na época da guerra mundial, não é? ... as pessoas... houve muita fome, não é? ... e, acha que de alguma forma, o terem o pão no funeral era também para chamar as pessoas para irem ao funeral? Ou era... como é que hei de dizer... o carolo, não é? ...o pão que davam...

A: Eu acho que não. Na minha ideia não é nesse sentido. Era mais... É quase como que se oferece uma coisa...

M: Uma oferta?

A: É uma oferta. Para mim é mais isso. Mais isso.

M: Qual foi o primeiro funeral a que foi?

A: Ai... não tenho a mínima ideia.

M: Mas foi a muitos ou...?

A: ...a mínima ideia. Para ser sincera, não gosto... é uma coisa que eu não gosto. Não gosto de ir. Não é? Mas... tem que ser, porque não... porque acho que é como uma obrigação. Não é?

M: Mas não é por gosto, não é? É pela...

A: Não.

M: É pelas pessoas.

A: Não, por gosto acho que não.

M: Não?

A: Acho que é uma coisa que ninguém gosta. Não é?

M: Sim. Não, não é de gostar, mas ao mesmo tempo, indo ao cemitério estamo-nos a lembrar das pessoas...

A: Pois.

M: ...que já faleceram, não é?

A: Claro.

M: É uma forma de pararmos um bocadinho. Não é?

A: É.

M: Senão podia entrar no esquecimento.

A: É.

M: Está bom. Ora bem (...) Quando está a decorar a campa no cemitério, quais são as preocupações que tem?

A: Que ela fique bonita.

M: E... tem alguma razão para a escolha das flores que arranjou?

A: Não. É conforme as que tiver.

M: As que tiver.

A: Desde que estejam em condições.

M: Mas o mais normal é elas serem colhidas? Ou compra-as também? As flores.

A: Se não tiver. Sim.

M: Mas o mais normal é... são suas, não é?

A: É, é.

M: Não é?

A: É.

M: E é sempre a "**A**" que escolhe as flores?

A: Sim. Não tenho assim mais ninguém que me...

M: Tem alguma razão para pôr de certa maneira as flores ou...? O arranjo, mesmo das flores, como as põe. É especial ou...?

A: É conforme se arranja.

M: Por exemplo, nestas que nós... que temos ai, não é?, do dia...

A: É... arranja-se uma esponja. Numa esponja com que fica assim numa coisa... assim um arranjo, normal.

M: E por exemplo, os verdes são sempre à volta, é?

A: É, os verdes à volta e depois as flores que... mais ao meio.

M: Mhm. E... quais são as flores que costuma mais usar? Sabe?

A: As flores?

M: O mais normal.

A: São os cravos.

M: São os cravos? De que cor?

A: Os cravos? Brancos ou...

M: Durante o ano inteiro se pudesse, que punha...?

A: Se pudesse, punha branco. Branco e verde.

M: Branco e verde. É?

A: Quando não tiver...

M: Põe as outras...

A: É. Mas de preferência gosto mais...

M: Também tem cravos aqui?

A: Não. Esses é... às vezes é que compro.

M: Compra aonde?

A: Nas floristas em Chaves.

M: Mas... em Chaves? É?

A: É.

M: Mhm. E... o que é que acha do seu trabalho, do que fez no ano passado? Não é? No Dia de Todos os... de Todos os Santos. Como é que acha que ficou? Acha que ficou bem, a organização...?

...interrupção para mudança de cassete ...

M: ...falar sobre o trabalho, não é, se gostou daquilo que fez.

A: Não foi dos dias que gostei mais, porque às vezes também depende se está a chover ... a gente faz mais à pressa aquilo e não fica tão bem. Mas não foi dos dias em que ficou melhor. Mas foi o que se pode.

M: Como é que ficava melhor? Como é que acha?

A: Se tivesse umas florzinhas mais airosas.

M: ...

A: Aquelas às cores, as coroas, as margaridas também ficam bem.

M: E de que cor é que usaria?

A: Gosto do cor-de-rosa.

M: Cor-de-rosa ... ora bem... da sua família, alguma vez alguém a acompanhou para decorar? Para ... e decorar? Quem?

A: As tias ou as minhas primas

M: E gosta mais de ir sozinha ou acompanhada ao cemitério?

A: Gosto mais de ir acompanhada.

M: Acha que é preciso lembrarmo-nos das pessoas?

A: Acho.

M: Porquê?

A: (...) Não sei, na minha maneira de ver ... é quase como ... lá está, depois da morte a gente quer uma continuação, não é?

M: Mhm.

A: Porque se calhar até vamos para esse ponto.

M: Pois.

A: Não é?

M: Costuma oferecer mais alguma coisa para além das flores e das velas aos ...?

A: Às vezes na missa, mandar rezar umas missas.

M: Quando é que manda rezar as missas? Tem algumas datas especiais ou ...?

A: Sim, geralmente quando vai-se mais quando morre a pessoa, naquele dia, ou se calhar durante ... o dia de cada mês, se puder, não é? Por exemplo no raminho de 6, se puder, não todos os meses, porque também não há espaço. Mas se calhar, se puder pôr a missa mais perto daquela data também se faz isso.

M: Ora bem ... alguma vez viu os homens a cuidarem do cemitério?

A: Há alguns que sim. Não muitos, mas também há alguns que...

M: Mas é mais as mulheres?

A: É.

M: E acha que há tarefas ligadas aos homens e outras às mulheres? Por exemplo... relativas à morte

A: Os homens é mais quando ... a sepultura

M: Para fazerem a sepultura, é?

A: A sepultura, é. É mais.

M: E as mulheres é ...

A: E quando morre alguém são os homens é que vão ajudar. Por exemplo se não houver coveiro, assim, são os homens que vão ajudar. Não são as mulheres.

M: E por exemplo a missa, no funeral, é sempre um homem que a faz? Nunca houve mulheres a fazer? A missa do falecimento mesmo.

A: É geralmente é sempre um homem.

M: É o padre, não é?

A: É o padre, pois.

M: Mas e se não tivesse padre?

A: Aqui na aldeia não há.

M: Não está ninguém ligado a essas funções, é?

A: As essas funções, é.

M: E as crianças? Costumam ir ao cemitério? Por exemplo a sua filha, ela vai?

A: Ela vai.

M: Com que idade é que ela começou a ir?

A: Depois de ser baptizada.

M: Que começou?

A: Precisei de ir lá e tive que a levar.

M: E o que é que eles fazem normalmente, as crianças, no cemitério? Nunca reparou?

A: Ficam admiradas e fazem perguntas. Quem é aquele e porque é que estão aqui. E o que é que aconteceu.

M: Ficam curiosos, é?

A: É. São coisas difíceis de dizer.

M: Ok. Só queria perguntar era sobre o carolo. Por exemplo, foi a "**A**" que fez o pão do carolo do dia 1?

A: Sim, sim.

M: E é costume fazerem o carolo no dia 1?

A: No dia 1 não é costume fazer. O padre é que naquele ano lembrou-se de fazer. Não sei se ele irá continuar a fazer, não é? Mas não é costume fazer-se.

M: Mas hoje em dia, é a "**A**" que costuma fazer o carolo?

A: Não, nem sempre. Agora ultimamente tenho feito eu, mas não quer dizer que... há também muitas pessoas que sabem fazer. ... por exemplo, as pessoas às vezes morrem, se a pessoa souber fazer o pão, faz. Não vai pedir a outras pessoas.

M: Pronto, acho que é tudo.

Entrevista nº 2 – B – das 12h30 às 12h45

Iniciei a entrevista com a filha da padeira na presença da mãe, que estava a fazer o almoço, mas que não interferiu na conversa.

M: Diz como é que te chamas, então?

B: "**B**"

M: Que idade é que tu tens?

B: 11

M: Andas em que escola?

B: Em Montalegre

M: Mas foi sempre em Montalegre que andaste?

B: Não. Foi em Meixide.

M: Aqui em Meixide? Até que idade ... até que ...?

B: Até ao quarto ano.

M: Até ao quarto ano? E depois passaste para o...?

B: Quinto ano

M: Para o quinto ano. E agora em que ano é que estás?

B: Passei para o sexto.

M: Para o sexto ano. Com boas notas?

B: [risos]

M: Pronto. Estas são as fotografias que tu tiraste. Vai vendo. Vamos vendo, não é? Aqui ... Gostaria que falasses sobre as fotografias. O que é que tu... Quando as tiraste, o que é que estavas a pensar.

B: É uma tradição.

M: Mas por exemplo, aqui está a tua mãe, não é, a cortar o pão. Porque é que tu tiraste esta fotografia?

B: -

M: Se não souberes não há problema.

B: -

M: Achas que tiraste porque a tua mãe está...

B: ...comer o pão neste dia.

M: E porque foi a tua mãe, se calhar, que fez o pão, não é?

B: Mhm [concordou com a afirmação]

M: Estavas orgulhosa também por mostrar que foi a tua mãe que fez o pão, não é?

B: Sim.

M: Vamos ver aqui. Quem é que está aqui? ... Foste tirando as fotografias... Por exemplo estavas a pensar em alguma coisa?

B: Em enfeitar. Em enfeitar.

M: Em enfeitar?

B: Sim.

M: Se quiseres falar sobre alguma delas... esta aqui é?

B: É da campa do avô dela. Da minha mãe.

M: Esta é a tua mãe, é?

B: Mhm

M: Achas que ficou bonita a campa ... arranjada?

B: Ficou

M: Ficou? E aqui onde é que é?

B: Dentro da igreja

M: Foi na missa, não é, que o Padre Fontes falou? Gostaste de tirar as fotografias?

B: Gostei

M: Esta ficou muito bem, não é? À saída. Tu estavas a tirar as fotografias à tradição do carolo, não é?

B: Sim.

M: Preocupaste-te mais com isso, não é? Tu lembraste-te da primeira vez que foste ao cemitério?

B: Não.

M: Não? E tu gostas ou não gostas de ir ao cemitério?

B: Gosto.

M: ... fotografias que tu tiraste. Que estas tu ainda não tinhas visto. Foste tu que as tiraste. ... Tu vais muitas vezes ao cemitério?

B: De vez em quando.

M: Mas vais sozinha ou...?

B: Às vezes sozinha e outras vezes acompanhada.

M: E quando vais lá sozinha, o que é que vais fazer?

B: Ir à campa da avó.

M: Tu também ajudas a tua mãe a pôr as flores ou a limpar?

B: Sim

M: Sim? E alguma vez escolheste as flores para a campa da tua avó?

B: Às vezes. Outras vezes é a minha mãe.

M: Mas é ela que diz quais são as flores? Para escolher ou...

B: Às vezes sou eu que escolho.

M: E quais são as flores que tu gostas mais de levar para o cemitério? Ou...

B: São todas bonitas.

M: Ou não gostas de levar?

B: São todas bonitas.

M: Mas há assim algumas que tu aches muito bonitas, por exemplo...?

B: As rosas.

M: As rosas? E de que cor?

B: Vermelhas, cor-de-rosa.

M: E costumas levar também essas?

B: Sim.

M: (está aí a tua mãe, não é?) [visualização das fotos]. Já fizeste alguma vez o pão?

B: Não.

M: Não? Mas a tua mãe nunca te ensinou, ou... ou tu nunca quiseste aprender? Nunca pensaste nisso?

B: Não.

M: Não? ... Esta é a mão do "**G**" [ao comentar a última fotografia]

B: ...não sei.

M: O que é que achas... o que é que tu pensas sobre a morte? O que é que acontece quando morremos?

B: Não sei.

M: E ... és religiosa? Acreditas em Deus?

B: Às vezes. Outras vezes não.

M: Porquê?

B: Não sei.

M: Tu gostas de ir ao cemitério?

B: Gosto.

M: Mas tens alguma razão?

B: Não.

M: Tu vais lá ao cemitério só para ... só para ver a campa dos teus avós?

B: Sim.

M: Da tua avó, não é? E dos teus bisavós, não é? ... Há alguma fotografia que tenhas gostado mais aqui de todas elas? Estas são todas, não é? Das que tu tiraste.

B: Esta aqui.

M: A 17A, mhm, e? A primeira que tu tiraste foi esta, não foi?

B: Foi.

M: A da tua mãe. A tua mãe já te falou alguma vez sobre a morte? Ou os teus pais? Ou alguém... sobre o que é era morte, ou que é que é que acontece.

B: Não.

M: Está bem. Pronto, é tudo. Não te maço mais. Queres ficar com as fotografias?

B: Fico.

Entrevista nº 3 – C – das 15h30 às 16h30

M: Então, como é que se chama? O seu nome?

C: "**C**"

M: Que idade é que tem?

C: C: 72 anos

M: Fez este ano, já?

C: Sim

M: É mulher. Com quem é que vive?

C: Praticamente vivo sozinha, não é? O que é que os meus filhos visitam-me de vez em quando.

M: De vez em quando. Quais são as suas habilitações literárias? A escolaridade que fez.

C: Portanto, fiz o 5º ano, e os 2 anos do magistério, e o curso completo comercial.

M: E qual foi a sua actividade profissional?

C: Professorado primário

M: E teve durante quanto tempo? Quantos anos é que teve...?

C: 36 anos

M: 36. Onde é que trabalhou?

C: Portanto, trabalhei em Gralhas, Vilar de Perdizes, Tordo..., São ..., Soutelinho da Raia e Meixide.

M: Há quanto tempo é que deixou de dar aulas?

C: Há 15 anos.

M: Neste momento, então, está reformada?

C: Aposentada.

M: É pessoa religiosa?

C: Sim

M: Da religião católica?

C: Católica

M: Mora aqui?

C: Em Meixide.

M: Qual é o seu número de telefone para o caso de eu precisar?

C: É o (nº de telefone)

M: Isto foi só a parte de identificação para saber, depois, com quem é que estive a fazer as entrevistas. Eu já lhe tinha falado como é o mestrado que eu estou a tirar, que está relacionado com... a forma como as pessoas se lembram dos seus antepassados queridos já falecidos, ou próximas pessoas. E como é que as pessoas ... o que é que fazem para se lembrarem dessas pessoas especialmente no dia de Todos os Santos e no dia dos Mortos, dia 1 e 2 de Novembro.

C: Pois.

M: Foi na altura quando estive cá a tirar as fotografias, e a falar um bocado. Eu a seguir ia-lhe fazendo algumas perguntas relativas a essa temática. Costuma ir ao cemitério?

C: Sim. Todos os anos.

M: E com que frequência é que vai ao cemitério?

C: Olhe, normalmente aos domingos. Às vezes aos sábados, mas mais aos domingos. Porque é um dia mais ... portanto ... que não se trabalha. A gente, é um dia em que estão mais de folga. E, portanto, aos domingos, normalmente, aos domingos à tarde.

M: Aos domingos à tarde. E, no dia 1 e no dia 2 vai sempre?

C: Isso sempre. Porque há a visita ao cemitério. O senhor padre vai fazer a visita. E a gente põe-lhe velas, não é? Naquele dia põe mais velas, porque aos outros domingos às vezes a gente também põe uma velita, mas é mais frequente. Naquele dia é que sim, é que se acende muitas velas.

M: Aquilo que normalmente oferecem aos falecidos é...

C: Velas e flores.

M: E flores. Nunca põem mais nada?

C: Não, não. Não põem mais nada. Oferece-se, sim senhora, o que chamamos nós o carolo, mas isso é nos dias dos funerais.

M: Nos funerais?

C: As pessoas que vão assistir aos funerais depois vão... põe-se lá uma mesa com pão. O ritual é pão e vinho. Mas agora como ... porque dantes o pessoal era pobre, não tinha dinheiro para comprar nada. Agora já põem queijo, e há quem ponha marmelada, e há quem ponha essas coisas, mas não. O uso e costume é pão e vinho.

M: E existe há muito tempo esta tradição?

C: Sim, desde sempre. Nunca me lembro de não existir.

M: E quem é que fazia o pão, normalmente?

C: Olha, antigamente, cada pessoa cozia para si, não é? Havia um forno comunitário, as pessoas faziam um pão, e, portanto, era esse pão. Presentemente, já são as padeiras. Na padaria, mas na padaria daqui. Que há uma senhora aí que coze. Que ao fim ao cabo, não tem padaria nenhuma. É uma mulher aí que costuma fazer pão para vender e a gente vai lá e compra.

M: Mhm

C: Pão de centeio

M: Ai é? Nunca é de trigo?

C: Não. Pão de centeio.

M: Por alguma razão?

C: É uso e costume da terra. Aqui colhia-se o centeio.

M: Também é daqui da zona, não é?

C: É.

M: Lembra-se da primeira vez que foi ao cemitério?

C: Pequenina... com 4 ou 5 aninhos.

M: Mas lembra-se porquê? Foi alguma ocasião especial?

C: Foi porque, quando eu tinha 2 anos, o meu padrinho de baptismo morreu, no dia em que eu fazia 2 anos, que era o meu avô. E então, morreu precisamente no dia em que eu fazia 2 anos. E então a partir daí, meu pai nunca me festejou os anos. Porque fazia anos também que morreu o pai dele, e nunca me festejou os anos. Nunca houve festa. E quando eu comecei a ter mais o uso da razão, de ...portanto, ligar os factos uns aos outros, e de alienar a presença das pessoas que faleciam, e isso com os vivos, portanto... a gente faz aquela comparação mortos com os vivos ...a gente fica com isso na memória. Depois, o meu pai passou a levar-me ao cemitério, à sepultura dos meus avós. No Dia de Finados.

M: No Dia de Finados?

C: No dia de Finados. Ia lá pôr a velinha, nos Finados. Dantes até, havia muitas ... nos tempos antigos, se não havia cera, porque era mais rara que agora, mais difícil de encontrar, levava-se uma lanterninha de azeite.

M: Pois.

C: Para pôr aquela luzinha aos falecidos.

M: Sim. Mas por exemplo, no início ia sempre acompanhada, não é, com os pais?

C: Sim, quando era mais pequenina ia com os meus pais, não é? Depois, quando tinha uns 10-12 anos, aí já ia, se fosse um funeral, já ia eu sozinha.

M: Mhm. E o que é que fazia? Quando era assim pequena, o que é que fazia, normalmente, no cemitério? Ia só acompanhar ou...

C: Ia acompanhar. Mas depois desde soube rezar o "pai nosso", faziam-me rezar o "pai nosso" por a alma dos avós, não é? Depois com o andar do tempo, que... portanto, na altura não havia catequistas, não havia nada, era o senhor padre que ensinava a doutrina e os pais, em casa.

M: Mhm.

C: Portanto, começaram-me a ensinar "olha, quando se vai ao cemitério, vai-se ter que rezar pelos mortos". ... rezar sabe.

M: Está bem. E... hoje em dia é costume continuar a fazer a mesma...

C: Sim, sempre que há funerais, vou. Vou a funerais. Aqui ou sempre que morre uma pessoa, toda a gente vai. Se há nas aldeias vizinhas, pois também se vai, não é? Mas, normalmente quando vou lá ao cemitério, então rezo por todas as almas que lá estão,

em especial para os meus, portanto, na sepultura dos meus, mas depois vou por ali pelos amigos, pelos primos, pelos...

M: Mhm. O que é que faz no dia 1 de Novembro, portanto, no Dia de Todos os Santos? O que é que costuma fazer?

C: Olha, no Dia de Todos os Santos normalmente aqui é tempo de castanha. Portanto durante o dia a gente apanha castanhas. À tarde vai-se ao cemitério, preparar a sepultura: pôr flores, pôr as velas e ...assim depois mais à tardita. E depois mais, como quando esteve no ano passado ....(pausa)

M: mas isso é no dia 1 ou é no dia 31 de Outubro?

C: Pois, é no dia 31 de Outubro, pois é no 31 de Outubro, que eu estava a pensar.

M: é

C: No dia 31 de Outubro. Depois à tardinha a gente põe as flores, as velas. Há quem acende logo velas no dia 31 de Outubro e ficam acesas toda a noite. Mas normalmente, portanto, preparamos a sepultura para a visita do dia 1 de Novembro. No dia 1 de Novembro, vamos à missa, termina a missa, depois o senhor padre faz então a visita ao cemitério. E então, acendem-se as velas, ele faz aquelas orações todas e a gente assiste.

M: Mhm. Não conhece nenhuma tradição de na noite de 31 de Outubro as pessoas porem comida, ou deixarem comida na mesa, que diziam que era para os mortos?

C: É no Natal.

M: Ai isso é no Natal?

C: É no Natal. É porque ... portanto, se uma pessoa tem morrido há pouco tempo, põem-lhe o prato, o talher, para a pessoa que faleceu. Mas aqui não há esse uso. Mas há terras que põem isso, sim senhora, põem.

M: Se não puder visitar o cemitério nesse dia, no dia 1 ou no dia 2, diz a alguém para ir por si ou...?

C: Não.

M: Nunca pediu?

C: Não, nunca pedi. Porque sempre fui. Sempre tive... mesmo que estivesse a trabalhar fora, ou coisa, naquele dia ia ao cemitério.

M: Ia sempre.

C: A não ser que estivesse doente. Estando doente, então, enquanto tive a minha mãe e isso, iam eles. Não é?

M: Claro.

C: Os familiares. Felizmente, desde que ela morreu, morreu há 15 anos, nunca... nunca estive doente a ponto de não ir ao cemitério. Mas que se esteja, que uma pessoa esteja caída, ou constipada, ou qualquer coisa, esforça-se e vai.

M: Sim

C: Esforça-se e vai. Veste mais um casaco, veste-se mais um xaile e vai. Normalmente naquele dia toda a gente tem aquele... aquele ritual de ir ali... orar.

M: Acha que é importante ir nesse dia?

C: Olha eu... acho, porque... uma vez que está estabelecido o dia de fieis, é porque alguma coisa se passa. Uma vez que está no calendário católico, não é, eu acho que é capaz de ter mais importância naquele dia, do que noutro dia qualquer. Aliás, todos têm, não é? Porque quando a gente evoca os mortos, eu penso assim, ...aliás, nós andamos aqui muito iludidos: nós nem sabemos de onde viemos, nem para onde vamos. Isto é uma ilusão. Mas, há coisas porque eu... eu sou muito religiosa, sei requerer quando dizem que aparecem espíritos ou qualquer coisa sei requerer, e de facto, que há umas certas coisas, há. Muito embora eu não seja das pessoas a quem aparece isto, a quem aparece aquilo, não sou. Mas, que acredito que um... que o Além, ...que há qualquer coisa no Além que nos faz sentir.

M: Mas acha, por exemplo, que o facto de se dar, de se fazer dádivas às pessoas falecidas, tem alguma razão de se esperar algum... algo em troca da parte deles?

C: Não

M: Não?

C: Eu, eu... em troca... por exemplo, eu acho que às pessoas falecidas devem-se rezar missas e coisa... eu acho que em troca.... Há pessoas que dizem que sim, que ajudam. Eu não estou muito convencida disso.

M: Mas há pessoas que acreditam...

C: Há pessoas que acreditam, sim senhora, que as almas vêm ajudar e que...eu, quanto à ajuda, acredito na ajuda divina, mas de Deus.

M: Sim

C: Cristo. Santíssimo sacramento, isso ajudam. Acredito. Acredito, porque já tenho feito promessas e, de facto, tenho recebido graças, não é? Das pessoas falecidas, não sei. Não sei os merecimentos delas, não é? Porque a gente não sabe se elas... se Deus lhes dá realmente poder para elas fazerem alguma coisa em nosso favor. Isso não sei. Há pessoas que dizem que pedem ajuda e que sentem uma força diferente. Isso, eu nunca senti.

M: Mhm. E o tema ou o conceito da morte, alguma vez a sua mãe ou o seu pai falaram sobre o que é que era? Tentaram-lhe explicar, quando era criança?

C: Não. Os meus pais nunca tentaram explicar-me. O padre sim. Que é uma passagem. É uma passagem.

M: Mas por perguntar ao padre ou foi...

C: Não. Quando íamos à doutrina o padre explicava. Porque as pessoas tinham muito medo da morte. Que não tivéssemos medo, porque afinal... que a morte não existia, que era apenas uma passagem. Que... portanto... que não-se morria, mas, portanto, que nada se perdia, que modificava, que apenas se transformava. Portanto, que a nossa existência que era assim. Portanto, nós... a vida, esta vida terminava, mas começava outra, portanto, que havia uma continuação. Embora de maneira diferente, porque a única coisa que termina na terra.

M: e mais ou menos que idade é que tinha? Lembra-se quando?

C: 10 anos, mais ou menos.

M: 10 anos. Que sentimentos é que tem sobre... sobre a morte? O que é que sente?

C: Olha, eu acho que para mim a morte... há pessoas que fazem disto um bicho de 7 cabeças. Eu, não. Acho que a morte, portanto... a morte tem que acontecer, é uma coisa natural...

M: Claro

C: ...uma coisa natural. Para mim, pronto, o corpo termina, mas... eu penso que a vida realmente continua, a vida espiritual, mas que continua, porque uma das coisas que nos faz nisso é o sonho. Nós estamos a dormir, mas ... eu... pelo menos comigo passa-se isto: eu sonho muito. Sonho muito. Ao adormecer já estou a sonhar. E coisas que às vezes que nem existiram, nem nunca a gente viu, nem nada, mas que formam aquelas... aquelas figuras, aquelas pessoas, aquela coisa. Portanto, para mim, acho que é uma escola. Uma escola do Além, o sonho. Eu penso isso.

M: E... sei que tem filhos, tem 3 filhos. Eles alguma vez perguntaram-lhe, quando eram pequenos, o que é que era a morte? Teve que lhes explicar?

C: Muito pouco. Muito pouco. Porque os rapazes foram para o seminário. A rapariga, é muito viva. Pensa que nunca morre, é muito activa. Acha que a morte não existe. Agora sim, mas em criança pensava que aquilo era... nunca lhe expliquei assim muito, não.

M: E como era professora na escola, nunca falou sobre isso às crianças?

C: Ora bem, na escola, nas aulas de religião, sim. Dizia para os miúdos que não tivessem medo, que rezassem muito. Para se prepararem, que tinham que um dia acontecer. E

que não sabíamos quando, nem como. Mas que ela chegava um dia, e, portanto, que não tivessem medo, que tivéssemos fé. Sobretudo a única coisa que eu mais procurava incutir era a fé.

M: A fé, mhm. E ... queria era agora ver as fotografias. Temos é que as encontrar. Não sei se quer ir vendo as fotografias... estas foram as fotografias que eu fui tirando, aqui. Que eu queria falar sobre especificamente... a campa, que teve numa altura a cuidar... Quando é que foi feito este cemitério?

C: Ora... em 1953.

M: Como é que se lembra da data, já agora?

C: Lembro-me porque eu tinha 18 anos. E foi o meu pai... meu pai era Presidente da Junta e foi quem o mandou fazer.

M: Antes disso onde é que...?

C: No adro. Enterravam no adro.

M: Tem familiares no adro?

C: Tenho. Tenho familiares no adro.

M: E uma coisa, e ...nesses dias, no dia 1 de Novembro e 2, também põe flores ou arranja o adro?

C: Não, no adro não.

M: Porquê?

C: Porque agora não se pode arranjar no adro porque... normalmente, não se sabe onde as pessoas estão.

M: Sim

C: Não é? Porque agora o adro é relvado, não tem ...

M: Ai ... ai todo o adro tinha pessoas, era?

C: Todo o adro tinha pessoas

M: Pensava que era só onde estavam as pedras tumulares.

C: Não. Em todo o adro tinha pessoas. Eu sei onde estão algumas pessoas, mesmo com a relva sei onde estão. Mas todo o adro tinha pessoas. Não é só onde estão as pedras. Está em todo lado. Todo o lado está com sepulturas.

M: Mas, por exemplo, até aos 18 anos iam ao adro para pôr flores? Ou...

C: Não se usava muito pôr flores. Fazia-se a... fazia-se a ...não se costumava muito pôr flores, no adro.

M: Nesta campa quem é que está?

C: Nesta, olha, está o meu pai... o meu pai, a minha mãe, o meu irmão e este é o meu marido. Estão os quatro.

M: A sua mãe que idade é que tinha... ou há quanto tempo é que ela ...?

C: A minha mãe morreu há 15 anos, o meu pai há 35, o meu irmão há 25, o meu marido há 8.

M: Há pessoas... porque antigamente, quando foi construído do lado esquerdo estavam as mulheres, não é, sepultadas? E do lado direito eram os homens?

C: Os homens, mas depois, agora não. Agora já está tudo...

M: Quando é que mais ou menos permitiram... pôr as mulheres e os homens do mesmo lado? Não se lembra?

C: É assim, por exemplo, ... de um lado estavam as mulheres e do outro lado estavam os homens. Mas, normalmente, um ficava viúvo, não é? Depois quando morria o outro, ia para a sepultura dum.

M: Ai era?

C: É. É assim. Portanto, aqui estava um homem, pronto, mas morria depois a mulher e ...

...troca de lado da cassete...

M: Mas sabe porque é que separavam as mulheres dos homens?

C: No princípio começaram a dizer que... no princípio começaram a dizer que... que ficava mais bonito e coisa, porque... ficava mais bonito ter as mulheres de um lado e os homens do outro, por causa das fotografias e coisa. Depois, como começaram a pôr juntas, porque depois diziam "ai eu quero ir para a sepultura do meu homem", outra "eu quero ir para a sepultura da minha mulher", então começaram a ... por causa disso. E há pessoas até que, que... pedem para irem para sepulturas familiares, não é?

M: Sim

...[conversa sobre a oferta das fotografias à C] ...

M: Isto é na preparação, não é?

C: Pois. Foi quando andava a pôr as flores.

M: As flores... comprou-as ou arranjou-as?

C: Não, as flores são do meu quintal.

M: Flores do quintal. E costuma pôr sempre flores do seu quintal?

C: Sim. Sempre do meu quintal. Naquela altura há flores, há os crisântemos, há... por vezes ainda há dálias e ... as flores da altura. E eu costumo pôr do meu quintal.

M: E porque é que pôs branquinhas?

C: Gosto mais delas.

M: Tem algum... tem alguma simbologia o ser branco ou...?

C: Não. Não. Não. É um gosto. É um gosto. Eu gosto delas brancas.

M: Qual é que acha que são as cores mais apropriadas para ...?

C: O branco e vermelho.

M: Branco e vermelho?

C: Para o dia de Fieis, o branco e vermelho. São as que eu gosto mais. Muito embora às vezes a gente tem doutras, põe doutras, não é? Mas, eu, para mim, o branco e vermelho.

M: O seu marido alguma vez tratou consigo da campa?

C: Não. Estava só eu.

M: E porquê?

C: Vinha a minha filha. Ele não gostava nada de ir ao cemitério. Ia , mas era só para fazer a visita no Dia de Fiéis, mas depois nos outros dias não ia.

M: Ai só ia no Dia dos Fies?

C: Porque ele não era... É, não. O meu marido não era daqui. Os familiares directos dele não estão sepultados aqui.

M: Mhm.

C: Os pais e isso não estão aqui. Estão é noutra aldeia.

M: E como é que fazia então relativamente à...?

C: À família dele?

M: Sim.

C: Quando era no Dia de Fiéis, portanto, a visita ao cemitério a horas desencontradas (aqui é de manhã, lá é à tarde) ele ia lá ver os pais. E agora...

M: E quem é que tratava da campa dos pais?

C: Ah, temos lá uma senhora para limpar e...

M: Ai é?

C: ...e pôr as flores. Depois as velas levávamos nós.

M: Mas contratavam a senhora ou...?

C: Contratávamos a senhora. Contratávamos a senhora. Paga-se-lhe, não é?

M: Claro.

C: E de maneira que depois, aqui íamos de manhã ao cemitério e de tarde ia lá aos pais dele. Levava as velas, levava a cera. A cera, como lhe chamamos. ...

M: E as velas porque é que se põem?

C: Ah, dizem que os mortos, que ... que é a luz. Que se lhe dá luz. Que precisam de luz e então a gente... punha-lhes as velas. Pronto, que é para alumiar. Dizem que precisam de luz, que precisam de luz.

M: Então, as flores que costuma usar no Dia de Todos os Santos, são, normalmente, são estas aqui, não é?

C: É.

M: Os crisântemos?

C: Os crisântemos. Sim, porque naquela altura, a não ser que se comprem. Mas aqui, devido às geadas e isso, as outras flores estragam-se. Então... e também há quem ponha cravos. Também há quem ponha cravos. Tudo depende... Mas se nós as tivermos produzidas aqui, não é, ...

M: Sim, sim.

C: ...então toda a gente as leva das daqui. E então damos umas às outras.

M: Pois.

C: ...pomos essas flores.

M: Eu reparei que havia sepulturas, por exemplo, que não tinham ninguém...

C: E as pessoas...

M: E as pessoas puseram flores.

C: É. É.

M: ... deram um arranjozinho.

C: Um arranjozinho. É.

...continuando a ver as fotos...

C: Ai esta é a mulher mais velha cá da aldeia.

M: Eu sei.

C: Senhora Adosinda. Tem 92 anos, vai fazer.

M: 92 que vai fazer?

C: Para já só tem 91, mas vai fazer 92.

...continuando a ver as fotos...

M: Quais são as flores que normalmente põe na campa, durante o ano?

C: Olha, conforme as flores. Portanto, vem Primavera – são mais os junquilhos. Aquelas flores que nós lhes chamamos malmequeres. Depois pelo Verão fora, vêm mais as dálias, os gladíolos, conforme vêm as flores florescendo, assim se vão pondo.

M: Mhm.

C: E há quem ponha só plásticas. Depende. Se as pessoas não vivem aqui, então põem plásticas, que é para durarem mais tempo. Não é?

M: Mhm.

C: Se vivem aqui, então vão pôr naturais. Mas é conforme vai havendo. Não é?

M: Claro.

C: Por exemplo, há plantas que florescem mais cedo, outras mais tarde. Então...

M: Ora bem... quando estávamos a falar do adro da igreja, até aos 18 anos, como é que as pessoas faziam, então, para lembrarem-se dos falecidos? Também punham lá as flores no adro?

C: Não punham.

M: Não punham?

C: Fazia-se o ofício das almas. E ainda se faz agora para... que é precisamente algum dia, no mês de Novembro, em que o padre lembra as almas todas. Mas é pago. As pessoas... pagamos e o senhor padre chama mais padres – são uns quantos padres, não é só ele – chamam uns quantos padres e fazem aquela cerimónia, a que nós chamamos-lhe o ofício das almas.

M: E o que é que é... como é que é essa cerimónia?

C: Essa cerimónia, portanto, é a missa, mas juntamente com a missa, tem outros rituais cantam, [auto dos mortos] e assim.

M: Como o carolo? Aquilo que houve?

C: Não, o carolo foi só a missa, não é?

M: Sim

C: Foi a missa. Mas no outro dia foi...

M: Cantaram, não é?

C: Pois, isso cantam, mas também na missa. Mas no outro demora mais tempo.

M: Mhm.

C: Demora mais tempo. A missa... está-se mais tempo na igreja, fazem um sermão a lembrar que a gente se deve lembrar dos mortos, que lhes deve rezar. Assim, a aconselhar.

M: Então até ao novo cemitério... até ao surgimento do novo cemitério as pessoas só tinham essa...

C: Só esse ritual. Depois com o novo cemitério...

M: E não punham também velas? Também não punham? Ou...

C: Não.

M: Não. Era só...

C: No adro não punham nada.

M: E como é que começou então a tradição de pôr as flores e as velas?

C: Portanto, a tradição começou... começaram a haver nas aldeias vizinhas, não é? a pôr no cemitério aquelas flores coisa e porque já foi feito nas aldeias vizinhas, fizeram os cemitérios mais cedo. E então começaram... E depois começou também muito com a emigração. A emigração, os emigrantes trouxeram vários costumes de lá de fora para aqui.

M: E o costume de porem as flores também foi...?

C: Também foi muito dos emigrantes.

M: A maior parte das pessoas que foram lá para fora trabalhar...?

C: Foram trabalhar, sim.

M: ...elas foram mais para onde? Para França...?

C: Olha, para França, para Espanha, para a América. Os americanos, esses não têm tanto

uso das flores. Não têm. Porque na América parece que não põem assim flores. Que os cemitérios são todos relvados...

M: Relvados.

C: ... e que não põem. Na Espanha e na França, sim. Põem mais flores e até mesmo vêm quando vem o mês de Agosto, eles compram muitas flores plásticas e assim, para deixarem no cemitério para durar praticamente o ano. Porque eles passam lá o ano e como não estão cá, então, embelezam o cemitério com flores. Embelezam.

M: Mhm. Esta... este... isto como é que se chama? É jazigo ou...?

C: É um jazigo.

M: É um jazigo, não é?

C: Isto é um jazigo.

M: Isto...?

C: Não tem terra.

M: Foi o seu pai que mandou fazer?

C: Não. Fui eu que mandei fazer. Portanto, houve aqui um rapaz que andou na Guerra de Ultramar e foi lá morto. Esse moço tinha casado à pouco tempo, só durou 9 meses, desde que casou, foi logo para Moçambique e foi morto lá. E então as flores há aqui... quando soube da notícia da morte do marido, mandou fazer um jazigo. Foi o primeiro que se fez. Mandou fazer o jazigo e depois quando, ele ainda demorou a vir, depois quando veio, pronto, depositou-o no jazigo. Depois quando faleceu o meu pai, ela estava em França e eu telefonei-lhe a ver se ela me deixava depositar a urna porque eu, porque o jazigo levava mais que uma urna... se ela me deixava depositar a urna do meu falecido pai no jazigo dela, enquanto eu fazia o meu. Ela disse que sim, e então depois mandei fazer o meu. Passado 3 meses mudou-se.

M: E onde é que foi feito o seu? Onde é que o mandou fazer?

C: Mandei-o fazer a um pedreiro daqui.

M: Daqui de Meixide?

C: Sim.

M: Ele ainda é vivo?

C: É.

M: É? Como é que ele se chama?

C: Albino. Albino Pinheiro Pereira.

M: Então depois eu vou querer falar com ele. E uma coisa... e como é que fez... por exemplo, ele é todo em pedra branca, em mármore...

C: Não. É todo em pedra daqui.

M: Ai é pedra daqui?

C: É pedra daqui. Todo em pedra daqui.

M: Esta branca também é daqui?

C: Esta branca não é daqui. Só ... só comprei fora daqui esta. Mas esta parte aqui [parte inferior] foi o pedreiro com pedra daqui da serra.

M: E esta parte quem é que fez?

C: Esta parte foi um senhor de Braga. Na altura veio um senhor de Braga a levantar isto. Isto comprei em Braga, mas o resto foi o senhor daqui. Portanto, ele tem esta altura aqui, mas tem outro tanto para baixo [parte granítica].

M: E foi a Dª "**C**" que escolheu o tipo de pedra, por exemplo, para pôr aqui em cima? Ou foi...?

C: Não. Foi o senhor de Braga. Veio ver qual ficaria bem aqui por cima da pedra de granito

e ... então escolheu assim.

M: Então, quando o senhor Albino fez aqui esta parte, não é, veio logo o seu pai para aqui.

C: Não. Só quando já tinha esta parte. Já tinha esta parte [a parte superior], e depois esta parte levanta, e que o meteram ali. Mas não. Ainda esteve muito...num jazigo que está mesmo ao lado.

M: E aquilo... Temos aqui o Cristo, não é? Na cruz, e...

C: E a Sagrada Família.

M: A Sagrada Família. E isto? Também foi escolhido por si?

C: Não. Foi tudo o senhor do mármore.

M: Ai foi...?

C: Foi. Quer dizer... ele apresentou-me um catálogo... escolhi em partes, sim. Porque ele apresentou-nos um catálogo com vários... com vários desenhos e...

M: Com várias possibilidades

C: E depois, isto também dependia do preço, não é?

M: Claro.

C: E então nós escolhemos este. Até foi o meu marido que escolheu.

M: Isto foi muito caro? Foi muito caro, isto, na altura? Isto foi há 15 anos, não é?

C: Não, há 35.

M: Há 35.

C: Ora, este de baixo ficou em 11 contos, a pedra. A parte de baixo. E a de cima, acho que foram 7.

M: Mhm.

C: Não tenho bem a certeza já quanto custou.

M: E as placas com o texto das pessoas que estão aí? Quem foi que disse o que escrever, e as fotografias, como é que...?

C: Fomos nós que escolhemos.

M: Sim?

C: Então vou tirar...

...interrupção de baterem à porta...

M: E, o que estava a dizer... e aquilo que está escrito... os dizeres...

C: Somos nós que escolhemos, não é? Por exemplo, este aqui tem "homenagem de sua esposa..."

M: Acho que está aqui uma.

C: Olha, já está. Tem tudo. "Homenagem de sua esposa, filhos, genro, nora e netos".

M: E netos. E foi... E as fotografias que têm.

C: As fotografias eram fotografias que nós tínhamos actuais, não é? Do tempo... Do meu pai não se vê, mas já estava assim muito velhinho. Do meu... do meu falecido irmão, esta não foi da altura que ele morreu, porque o meu irmão era deficiente físico e mental. Esta tirou-se numa altura em que... acho que quando foi à inspecção. À inspecção para a tropa, ... acho que foi nessa altura.

M: Mhm.

C: Esta, o meu marido tinha-a tirado há pouco tempo.

M: Mhm.

C: Tinha-a tirado há pouco tempo. ... A da minha mãe também... também a tinha tirado há pouco tempo. Tinham-lhe roubado o bilhete de identidade... parece mal, mas já

está...

M: Sim. Aqui ainda foi antes da decoração? Depois ficou muito bonita com as florzinhas... como fez o arranjo.

C: Pois. Pois.

M: A Dª "**C**" o que é que acha de como ficou?

C: Ficaram muito bem. Ficaram muito bem as fotografias.

M: Não. E o seu trabalho o que é que acha?

C: Eu acho que sim. Olha que... Está mais ou menos, não é? Não sei. Achei que estava bonito.

M: Mhm. E como é que fez... Como é que resolveu pôr assim as cores diferentes na...?

C: Portanto, fiz o arranjo, pus-lhe areia e depois botei as flores.

M: Mas foi à sorte que espetou as flores?

C: Não. Não.

M: Ou tentou fazer...?

C: Tentei decorar, não é?

M: ...fazer um desenho, não é?

C: Um desenho. Tentei fazer um desenho...

...

M: E este ano as flores são estas, os crisântemos cor-de-laranjas, não é? Os branquinhos e os cor-de-rosa.

C: E os cor-de-rosa.

M: Nos outros... nos outros anos também faz de maneira igual ou é todos os anos é diferente?

C: Depende das flores que tenha, não é? Se tiver destas faço igual. Mas o que faço é depois estes desenhos diferentes. Ou os ponho mais altos, ou que levo outras jarras. Não ponho sempre as mesmas jarras.

M: Ai não?

C: Não.

M: E já ouviu falar alguma vez sobre a tradição do Pão por Deus? Que era uma coisa que se fazia no dia 1 de Novembro, de manhã cedo, que as crianças saiam de casa e iam a casa das outras pessoas pedir o Pão por Deus.

C: Não. Aqui não há essa tradição.

...

M: Ora bem, e relativamente à decoração que faz na campa ou no jazigo, da maneira como está decorada é diferente dos outros dias do ano ou...?

C: Sim. Naquele dia a gente, portanto, a gente põe-na mais bonita, não é?

M: Esmera-se mais.

C: Esmera-se mais, porque os outros também se esmeram e a gente não quer ficar atrás, não é?

M: Claro. E já alguma vez usou flores artificiais?

C: Sim. Durante o ano sim.

M: Durante o ano, é?

C: Durante o ano. Portanto, chega o mês de Novembro, não é? E aqui é uma terra muito fria, neva, gea e coisa ... e então não há flores.

M: Pois.

C: Então mesmo que a gente... que as comprasse, estragavam-se todas, porque com uma nevada por cima das flores, já se sabe... Então nós usamos as artificias durante o ano.

M: Sei.

C: Toda a gente.

M: E as artificiais quais é que escolhe? O tipo das flores, normalmente.

C: Olha, eu gosto muito dos cravos.

M: Mhm.

C: Mas há pessoas que escolhem outras...

M: Os cravos brancos ou vermelhos, ou...?

C: Vermelhos.

M: Vermelhos.

C: Vermelhos porque ... Vermelhos e brancos. Também gosto dos brancos, mas normalmente escolho vermelhos, porque a cor realça mais no Inverno...

M: Ah, sim. Sim.

C: Porque aqui depois a geada... a geada e a chuva e isso tiram-lhe a cor, não é?

M: Sim, sim.

C: Se são brancos, já são brancos, afinal não...

M: Não se nota.

C: ...Não se nota. Assim os vermelhos – realça mais um bocadinho. Mais o vermelho. Eu gosto das cores vermelhas no Inverno.

M: Mhm. Alguma vez na sua família alguém a acompanhou na visita e na decoração da ...?

C: A minha filha, muitas vezes.

M: A sua filha?

C: Sim. Muitas vezes. ...

M: E gosta mais de ir sozinha ou acompanhada ao cemitério?

C: Eu gosto mais de ir acompanhada porque sempre nos dão uma ideia de como devemos fazer quando vamos preparar as sepulturas. Há sempre uma ... isto fica melhor aqui, aquilo fica melhor ali, arranjamos desta maneira.

M: Mhm.

C: Gosto mais de ir acompanhada.

M: Como é que acha que se pode... Qual acha que é melhor forma de nos lembrarmos das pessoas falecidas?

C: A reza.

M: É a reza?

C: É a reza.

M: E acha que é importante nós lembrarmo-nos das pessoas?

C: Eu acho que sim.

M: Porquê?

C: É uma homenagem que fazemos, não é? Como gostamos que qualquer pessoa nossa amiga se lembre de nós, não é? Estamos pois... Eu tenho um filho na América... é claro que eu recordo-o a todo o momento, não é? E ele fica satisfeito com isso. Por um telefonema, ou qualquer coisa, ou qualquer pessoa que lhe leva cumprimentos: "Olha, via tua mãe e isso". Eu acho que os mortos que também... é uma homenagem que lhes fazemos. Porque as pessoas, aliás, deixaram-nos tanto e fizeram tanto por nós.

M: Mhm.

C: Eu penso que sim. Como gostamos todos de maneira de ...cão, não é? Seja na hora de ..., seja no...

M: Consegue fazer alguma distinção entre o papel da mulher... entre o papel da mulher e do homem, no cemitério? Em relação aos mortos, há alguma separação dos trabalhos?

C: Eu acho que há, quer dizer... Dos trabalhos ou da...?

M: Da decoração das campas e...

C: Normalmente os homens não vão decorar nada, não é? Não decoram.

M: E porquê? Porque é que acha?

C: Eles acham que aquilo é mais trabalho de mulheres e ...arranjar a sepultura. A não ser com enxadas, porque quando as sepulturas são rasas, então os homens vão compor a terra.

M: Sim.

C: A terra vão por vezes compor. Isso já tenho visto. Mas vai uma...

M: Acompanhados de mulher?

C: Vai acompanhado de uma mulher para arranjar.

M: Mas e quando são viúvos, por exemplo?

C: Normalmente têm filhos ou então pedem a uma pessoa que... a uma irmã e isso, ou sobrinhas, ou isso, que vá arranjar. Normalmente, homens lá a pôr flores nunca vi.

M: E também é raro visitarem o cemitério?

C: Há quem... Há alguns que visitam mais do que outros, mas é mais raro que as mulheres. As mulheres normalmente todas as semanas lá vão, não é?

M: Pois.

C: Todas as semanas lá vão. Os homens não. Os homens é ... praticamente só no Dia de Fiéis. A não ser que às vezes acontece como pessoas que saem para fora, que são emigrantes ou que vão passar meses fora ou isso, quando vêm, normalmente, vão lá. Mas isso é muito raro. Pronto.

M: E as crianças? Quando as pessoas levam as crianças ao cemitério, é por que razão?

C: Eu penso que as pessoas que... por exemplo, uma avó que leve um neto é para lhe dizer que ali está o fulano, para a criança se lembrar, para ter uma ideia, ou então perguntam-lhe: "ainda te lembras deste, ou ainda te lembras de como era, como fazia...". E isso levam. Levam as crianças.

M: Também...?

C: E também para as habituarem, sobretudo as meninas, para as habituarem a pôr flores e ...

M: E os rapazes também não

C: Os rapazes não vão tanto.

M: Não. Também não vão tanto.

C: São mais as meninas.

M: Mas por exemplo, quando faz, quando decora o jazigo, em casa ou alguém diz alguma coisa, algum parecer "se ficou bonito ou não" ou...?

C: Se vão lá, dizem. Mas normalmente...

M: Se forem os homens nunca reparam?

C: Não. Nunca. Isso... não reparam nisso.

M: Não reparam nisso.

C: Não. Não reparam. Às vezes as pessoas amigas é que dizem: "ai o seu jazigo estava tão

bonito. Foi ao cemitério ontem?..." . Outras vezes, lá umas com as outras, porque, normalmente, quando vamos ao Domingo de tarde, está lá muita gente, não é? Não vou só eu. Não fico lá sozinha lá no cemitério. Está lá várias pessoas a preparar as suas e depois vamos ver os de umas e das outras para ver qual está mais bonito.

M: Está bem. Mhm. Aqui, já falou que foi em Braga, não é? que mandou fazer o...

C: Em Braga.

M: E foi por catálogo. Não foi feito...?

C: Por catálogo. O senhor mostrou e a gente escolheu.

M: E escolheu. Ok. Eu acho que é tudo. Não tenho mais perguntas a fazer para já.

C: Pronto.

M: Eu depois, se eu precisar... se tiver alguma dúvida, eu também, se não se importasse, eu telefonava-lhe, não é?

C: Sim, claro.

M: Que é sempre mais fácil. E é isso. É tudo. Agradeço-lhe muito. Queria era perguntar, aquém é que aconselha que eu... com quem é que devia falar, não é?

C: Olha, eu já disse aí a uma senhora...

M: A Adosinda, não é?

C: A senhora Adosinda.

M: A senhora Adosinda, que como é a pessoa mais idosa daqui da aldeia.

C: Não sei ela ainda se lembra de muitas coisas, mas é a pessoa mais idosa. Tem 91 anos feitos.

M: Sim. E quem mais é que eu posso...?

C: Há ali uma senhora que até estava... eu estive ali em baixo sentada com ela e eu disse-lhe: "Olha, vem aí uma senhora que vai gostar de falar consigo". Que a seguir à senhora Adosinda, eu acho que é a mulher que é a mais velha que cá há. Tem 85 anos. Vai fazê-los agora. É a "**D**".

M: A senhora "**D**".

C: Mas está ali. Eu vou dizer-lhe quem é.

M: Está bem. Então é tudo.

Entrevista nº 4 – D – da parte da tarde

M: A senhora que tempo é que gosta mais?

D: Do Inverno.

M: Porque razão?

D: Pois tenho frio, acendo lume e vou para a cama.

M: Então não gosta do mês de Agosto?

D: Não senhor. Porque os emigrantes não deixam dormir lá....

M: Está bem. A Dª "**D**" que idade é que tem?

D: Tenho... vou fazer 85. Para o mês que vem, já faço. Dia 15.

M: Dia 15 de...

D: Do mês que vem.

M: ... Outubro?

D: Deste mês.

M: De Setembro?

D: É.

M: Então é 15 de Setembro?

D: É. Dia 15 de Setembro, eu faço 85.

M: A Dª "D" com quem é que vive... agora?

D: Eu só vivo com 1 filho.

M: Com 1 filho?

D: Tenho 7 e vivo com 1.

M: E quais são as suas habilitações literárias... fez a escola ou...?

D: Oh, não fiz escola.

M: Não fez escola?

D: Não. Nem o ... cheguei a fazer.

M: E o que é que fez durante a vida?

D: Oh...

M: O trabalho, qual o trabalho...?

D: Fiz muita coisa. Muita coisa. Ainda cheguei a carregar ... para fazer o carvão. O meu marido para fazer carvão ... não tínhamos quê. Com que os manter. ... Depois a gente botava batatas, apanhava-as. Sachava e isso tudo. Fiz muita coisa.

M: Trabalhava aqui a terra, era?

D: Trabalhávamos a terra com o gado.

M: M: Com o gado também. É religiosa?

D: Diga?

M: É religiosa? Tem religião a Dª "D"?

D: Tenho, sim senhora.

M: É católica?

D: Religiosa... Nossa Senhora. Nossa Senhora e Nosso Senhor. E peço todos os dias que o Senhor me dê boa hora e que me dê juízo até à hora da morte.

M: E onde é que mora?

D: [apontou para a casa do outro lado da rua]

M: Ai é aqui nesta casa?

D: Sim. Desde aqui até lá ao cimo. Até acima. Quer dizer, aquelas casas são dos filhos... que eu dei tudo. Porque é assim, ...uma filha que está em Guimarães. Só quis a casa. Só quis essa.

M: Nasceu aqui, em Meixide?

D: A rapariga?

M: Não, a Dª "D".

D: Eu também nasci. Nasci. A minha mãe era daqui e o meu pai era de Vilela do Tâmega.

M: Sim.

D: Mas eu nasci aqui. Mas criada fui mais lá do que aqui.

M: E qual é o seu número de telefone... para o caso de eu precisar telefonar?

D: Não sei. Não sei.

M: Está a fazer-lhe muito sol, não está?

D: Não sei. Não sei ler. Não sei o número do telefone.

... mudamos de posição por causa do sol...

M: Então, e costuma ir ao cemitério, Dª "D"?

D: Vou. De vez em quando. Agora é que custa-me um bocadinho lá ir que estou mal das pernas. Ando encostada num pausito [mostrou o pau, no qual se apoia].

M: E em que dias é que costuma ir?

D: Não tem... Conforme calha. Não tenho dia certo. É como calha.

M: E porque é que vai, ao cemitério?

D: Diga?

M: Porque é que vai?

D: Porque vou lá ver. Vou lá ver as campas.

M: E só vai lá ver?

D: E rezar ...padres... nos sítios.

M: E também enfeita a campa?

D: Também. Também ponho flores.

M: Quais são as campas que tem?

D: Agora até mandei lá ir as minha filhas que estiveram cá... estão em França duas... e foram elas que foram lá pôr as flores.

M: Mhm. E são flores naturais ou de plástico, que costuma ter?

D: Não. Compraram-nas.

M: As que compraram... as de plástico?

D: Sim. Compraram-nas.

M: Está bem... Lembra-se da primeira vez que foi ao cemitério?

D: Lembro-me. Há 8 anos... há 9 que morreu meu marido, já lá fui muita vez. Agora a primeira vez que lá fui, não me lembro.

M: Mas mesmo quando... quando era pequena... quando era criança?

D: Quando era pequena... quando não tinha lá grande gente, não ia lá muitas vezes.

M: Mhm.

D: De vez em quando... portantos, morreu o meu irmão e eu, o meu marido, não tinha lá... tinha lá a mãe. Nem quase sabia onde foi enterrada porque tive um garoto que tinha 9 dias quando ela morreu. Tinha 9 dias. Não fiquei a ver onde era a sepultura. Agora, se...lá enterraram... em cima, lá na mesma sepultura. Mas também não sei ir lá ...muitas vezes... Rezava um padre-nosso em casa, mas ir ao cemitério não se ia. Agora até vou lá mais vezes, porque às vezes até vou buscar uma vassoura e ... Agora sim, ia ao pão, que é ali, que é de uma padeira dali em baixo...

M: Sim.

D: ... e ia lá ao pão. E quando ia lá ao pão, talvez ainda lá ia. Ainda outro dia fui... há 15 dias, ou coisa assim, fui lá arranjar uma vossourita e depois até estava a torneira arrebentada, lá do cemitério. Depois... tinha que dizer que tinham que a ajeitar, que a torneira do cemitério está arrebentada... correm as águas por ali abaixo. "Nós já sabemos" disse ela, "mandamos aos ... de Montalegre virem ajeitá-lo". E já vieram ontem.

...segue conversa sem interesse para a tese...

M: E quando ia ao cemitério ia sozinha... via sozinha ou acompanhada?

D: Vou sozinha.

M: Vai sozinha? Mas gosta mais de ir sozinha?

D: Vou sozinha. Não tenho medo. Tenho medo de noite. Olhe, de noite, nem que ...Meixide não passava lá.

M: Porquê?

D: Porque tenho mais pavor. Tenho pavor. Agora estar lá sozinha não tenho medo nenhum.

M: Mhm.

D: Não tenho medo nenhum.

M: E costuma ir ao cemitério no Dia de Todos os Santos e no Dia de Finados?

D: Vamos lá pôr flores nas campas.

M: É?

D: Pôr flores nas campas. E acender velas. Acender velas.

M: E sabe porque é que se põe flores e velas?

D: Eu? Eu sei lá porque é que se põe. É uma tradição que nós tínhamos. Toda a gente vai... quem lá tem... quem lá tem mortos. Pois a gente vai lá pôr flores e acender velas.

M: E antes de ser construído o cemitério?

D: Era no adro.

M: No adro?

D: À volta, lá.

M: E também se punha flores?

D: Também. Não. Não tinha. Assim só mais velas, flores não tinha. Porque ainda há pouco disse, ... por trás da igreja era só como daqui acolá. Havia duas campas... quem é que lhe havia de ir pôr? ... tinha uma velinha acesa.

M: Então só com o cemitério novo é que se começou a pôr... que começou o costume?

D: Até estava o meu filho na Junta quando começaram. E já o acrescentaram. Já o tiveram que acrescentar.

M: Sim.

D: Fizeram um, mas era mais pequeno.

M: E agora...

D: E agora já acrescentaram. E daqui a mais meia dúzia de anos já têm que o tornar a acrescentar, que ...

M: É pequeno na mesma, não é?

D: ... porque o pessoal vai morrendo e o cemitério... E agora também andam lá a fazer um... a fazer lá um jazigo que .... Uma campa grande – claro que aquilo se estragou muito. ... [Apesar de não conseguir transcrever a resposta, aquilo que a Dª "D" deixou entender, é que não houve preocupação com a distribuição do espaço do cemitério, o que complica a sua gestão, sendo necessárias ao longo do tempo várias alterações na sua estrutura] A primeira carreira que fizeram lá no cemitério também deixaram quase um metro desviada o lado do outro. Já agora tem outras sepulturas lá no meio. Porque haviam de aproveitar o terreno... os primeiros que começaram a fazer, não é? Agora... de querer ficar à beira de um primo. O primo ficou ao pé dele. Dois palmos só que estão desviados de um.

M: Mhm. E para o Dia de Todos os Santos... o que é que costuma fazer nesse dia? Como é que é a sua vida, nesse dia?

D: Trabalhar em casa.

M: É trabalhar em casa, na mesma?

D: O que posso fazer? Pois há pouco para fazer, não é? Se eles já estão coisa, com esta idade o que é que vou fazer? Ainda graças a Deus que ainda tenho o juizinho perfeito.

M: Mhm.

D: De tal modo que, enquanto outras mais novas estão lá nos hospitais ..., não é?

M: Sim.

... interrupção da entrevista para mudança de cassete....

M: Então e... mas teve 7 filhos?

D: Tive 9.

M: 9?

D: Tenho 9. E tenho 7 vivos e morreu-me 2. Morreu-me um rapaz e uma rapariga. Um tinha 7 meses e o outro tinha 9. Morreu com a... olha, não sei como é ... morreu de repente.

M: Mhm? E uma coisa: e... se por acaso não puder ir ao cemitério no dia 1 de Novembro, no Dia de Todos os Santos, diz a alguém para ir por si para tratar da campa ou...?

D: Tenho uma. Tenho uma nora em Vilar de Perdizes.

M: E ela vem e trata, não é?

D: Vem. Vem.

M: Mas aqui, por exemplo... Este último... dia 1 de Novembro, não é? Quem foi que tratou da campa? Foi...?

D: Foi a minha filha.

M: Foi a sua filha?

D: Eles estavam cá... estavam.

M: E qual é a primeira... qual é a primeira coisa que se lembra relacionada com a morte? O que é que se lembra? O que é que pensa sobre a morte?

D: Eu não tenho que pensar, minha senhora. Tem ... morreu. Está aqui... tinhamos aqui uma vizinha... que está no ce... lá em casa de um vizinho em Chaves, nem ouve, nem fala, nem anda, estão a dar-lhe a comida com a sonda...

M: ...com a sonda.

D: ...com a sonda. E o Senhor ainda não a levou. Mas cá não fica.

M: Claro.

D: Quando chegar a vez dela, vai. E nós quando chegamos à nossa, também vamos. Ela está assim naquela miséria, não é? E nós podemos ir de repente.

M: Quando era pequena, a... os seus pais alguma vez falaram-lhe sobre o que era a morte?

D: Eh, não. Então não se fala nada disso.

M: Não? Não se falava nada?

D: ...o meu pai também mataram-no, ainda tinha uns anos eu. Também mataram.

M: Também era nova?

D: Também mataram aqui com um rolo. Andava numa malhada, que até ali andavasse nas malhadas, e ...malhos e depois davam no pão, assim... para passar num limpador. E depois pôs-se a agarrar um amigo que era dele, e o irmão pensava que era a mal, e deu-lhe com um rolo na cabeça.

M: E matou. E aos seus filhos, nunca falou o que era a morte? Nunca falou sobre isso, o que era a morte?

D: Isso não. Agora há cá... agora esta mocidade nova, que sabe o que é a morte? Eles já sabem que têm de morrer. Então morrem mais depressa có que pensam, porque... porque vão dentro de um carro... e o carro vão depressa... matam-se. Matam-se.

M: Mhm. E aqui no cemitério tem uma campa só ou tem duas?

D: Nós temos duas. Tenho a do meu irmão, e outra do meu marido. Está em Trebilhadas...já não tínhamos naquele lugar.

M: Sabe porque razão estão separados?

D: Estão porque não tínhamos já campa para o meu...

M: Não, mas as primeiras pessoas que morreram, cá em Meixide, que foram sepultadas lá, as mulheres estavam do lado esquerdo e os homens estavam do lado direito?

D: Era.

M: E porque é que era assim?

D: Não sei.

M: Não sabe?

D: Não sei... agora já estão no centro, já estão em todo o lado.

M: Em todo o lado.

D: Agora já não há de onde arrumar.

M: Pois.

D: O que lhe estava a dizer, está o cemitério cheio, já morrem em cima uns dos outros. E depois alguns ainda estavam a viver lá fora e lá vêm aqui. Olha, lá morreu e estava ela longe... e ficou cá. Outro caso, aqui em Pedrario, foi uma mulher que morreu e ficou cá. Tem quase tudo casas aqui, também. Aqueles vão para Sarraquinhos, vão para aqui. Quando daqui saem eles deviam ser enterrados de...

M: De onde vieram. Pois.

D: ..., não era?

M: E aqui a campa do seu marido, quem foi que a mandou fazer?

D: Foi em Montalegre.

M: Foi em Montalegre?

D: Foi.

M: Mas foi a Dª "**D**" que escolheu ou...?

D: Não, foram os filhos que escolheram. Pois que... quem pagou o enterro pagaram eles, mas a campa paguei eu.

M: Mhm.

D: A campa paguei eu.

M: Está bem. E... como é que escolheu...? Ai, não... foi... foram os filhos que escolheram. Pois. E gostou daquilo que foi escolhido?

D: Foi. Gosto de Nossa Senhora de Fátima... e gostei. Também me pediram a mim e eu disse... põem a Nossa Senhora de Fátima.

M: E tem texto no... tem alguma coisa escrita lá na...?

D: Tem, tem lá o nome dele.

M: Tem o nome?

D: Tem, tem.

M: Não tem mais nada escrito?

D: Lá tem a fotografia dele.

M: Mhm.

D: Tem lá uns vasitos, lá.

M: E as fotografias... acha que é importante pôr a fotografia da pessoa?

D: Então não é? Então não é? Eu é que não tenho... só tenho de corpo... corpo inteiro e teve que tirar uma, porque aquela de corpo inteiro não... não é de meio corpo.

M: É a do bilhete de identidade, não é?

D: Também. Também pode dar, também.

M: E já ouviu falar alguma vez da tradição do Pão por Deus?

...interrupção porque se estava a confirmar se foto era da campa de "D" ou não...

M: E estava falar da tradição do Pão por Deus... Não sabe o que é que é?

D: Eu sei lá.

M: Era... antigamente as pessoas no dia 1 de Novembro, as crianças ou as pessoas pobres, saiam de casa cedo e iam bater à casa das pessoas, que tinham mais posses, para pedir o Pão por Deus... para lhes darem um bocado de comida...

D: ...aqui... mas casados... os meus filhos também não tiveram muita fartura, mas pedir a ninguém nunca foram.

M: Mhm. Então nunca ouviu falar desta tradição?

D: Estava o pai a fazer... fazer covas de carvão, para levar a Chaves, para comprar ás vezes o pão... Tínhamos uma territa aqui...aqui... que para um lado deitávamos-lhe batatas, para o outro lado deitávamos-lhe centeio... depois a gente ia ao moinho e moia... e ia lá cozer no forno...

M: Faziam em casa, o pão?

D: Fazemos em casa.

M: Mhm. O Dia de Todos os Santos e o Dia dos Mortos é diferente... esses dias são diferentes dos outros dias de todo o ano?

D: É.

M: Porquê?

D: Porque... então a gente não tem pena de quem morreu? Tem pena de quem morreu. Tem.

M: E é uma maneira de nos lembrarmos?

D: O meu marido esteve... esteve para aí 5 anos empregado no... na cama. Esteve para aí 5 anos empregado na cama. Vinha aqui uma enfermeira de 15 em 15 dias, mas antes de vir a enfermeira era eu que lhe dava apoio, que ele... que ele mexia e caia... e tinha que fazer tudo. E ele então, virava-se assim para o... para o lado esquerdo e eu deitava-lhe, punha-lhe uma travessadinho, dava-lhe uma toalhinha, dava-lhe pão e ele... ainda comia. Ainda comia. Agora se fosse assim... mais sopa e leite, e estas coisas assim, não. Tínhamos que lhe dar, mas se fosse assim batatas ou massa, ele...

M: E nunca... No dia 31 de Outubro, já ouviu falar também de outra tradição que era as pessoas deixavam a mesa posta, de noite, que era para os mortos virem...

D: Não.

M: Nunca ouviu falar?

D: Não. Nunca ouvi falar porque... desde que passei todos os anos que... que o meu pai depois morreu e tudo o mais... tínhamos...vínhamos... tinhamos lá terrenos em Vilar do Tâmega e depois eu passei quase a minha mocidade por lá toda, aos 27 anos que me casei. Depois casei-me aqui. Namorei lá com um rapaz 5 anos, mas já depois casei-me aqui.

M: E quando...

D: E depois, como lhe digo, vivia por lá mais... vivia por lá mais. Estava a gente lá... aquela mocidade.

M: Quando está aqui a decorar a campa, o que é que se preocupa mais? Ou o que é que pensa?

D: Dar-lhes um "padre-nosso". Que eles precisam mais. De uns "padres nossos". Agora já não precisam de mais nada. Nem comem, nem bebem, nem... precisam de uns padres nossos.

M: E as flores, acha que são importantes?

D: As flores são... também, também. Porque a gente vê as flores e julga que teve lá de

quem lá está.

M: E acha que se... se dermos as flores temos algum favor das pessoas que morreram? Ou não?

D: Não sei. Eu já disse às minhas filhas que nem mas pusessem.

M: Ai...

D: Gostava de ver as flores era enquanto estou viva. Depois de morta é que já não vejo nenhum.

M: [risos]

D: [risos]. E dizem "Ó mãe, olhe que parece mal. Já viu... parece mal se não pusermos as flores nenhumas". E eu digo: "Eu não sei para quem é. Não as vejo. Se as vir é agora." Portanto...

M: E as flores que arranja são... compra-as ou...?

D: Compramos... compramos.

M: Compram?

D: Compram.

M: E a dona...?

D: As flores... as flores que se a gente... aqui há muita flor, não é? Mas dali a uns dias, esfolha tudo. Esfolha tudo.

M: Mhm.

D: E as outras ainda duram. Não é tão...

M: Sim.

D: De Verão. De Inverno põem-se mais... mais cheias, com a água...

M: Sim, sim.

D: Com a água. E agora de Verão, pomos esta.

...interrupção breve por causa do meu filho de 3 anos...

M: E gosta mais de ter as flores artificias ou naturais?

D: Eh... a mim tanto me dá.

M: Não... mas acha... como é que acha que fica mais bonito?

D: Tanto as daqui, como as... também ficam bonitas. O que é elas em... e em 15 dias aquilo se foi.

M: Pois.

D: Está tudo esfolhado.

M: Claro.

D: E as outras... são mais bonitas.

M: E... diga-me uma coisa... os homens também vêm decorar as campas?

D: Não.

M: Não?

D: Não.

M: E porque é que acha? Porque é que acha...?

D: Porque os homens não são assim tão cuidadosos como as mulheres. (...) Quando é nos enterros, e assim, ainda vão ao enterro e tudo o mais e assim. Mas visitar o cemitério, nunca viram...

M: E as crianças, acha que é importante elas saberem o que é a morte?

D: Oh, as crianças sabem lá...(...) a brincadeira, agora a... olha, juntam-se aí uns 3 com a

bicicleta e depois... a rapariga está no Porto. Também está lá mãe...é enfermeira na... é enfermeira na... está no hospital, de enfermeira. E há um tempo que não vinham aqui com a avó. E agora... e o pai também está aí... Eles é só brincadeira e mais com a barriga cheia, e... querem lá saber o que é a morte ou a vida.

M: Quais são as flores que acha que estão mais ligadas à morte?

D: [suspirou] Sei lá. Não sabemos.

M: Não?

D: É uma coisa que não sabemos. Nós estamos aqui, não é?

M: Mas há alguma... por exemplo, as cores das... das flores. As cores das flores são importantes?

D: São. As flores são...

M: O que é que acha mais adequado?

D: Umas branquinhas, cor-de-rosa e as vermelhas também ficam bem, no meio daquelas todas entremeadas. Sempre ficam bonitas também.

M: Com um bocado de verdinhos, não é?

D: É. Com os verdinhos também ficam bem.

M: Está bem. E...o carolo? Conhece a tradição do carolo, não é? Que é no funeral que se costuma... que oferece-se o pão, não é?

D: Pois oferecem. É.

M: Isto foi... sempre existiu?

D: Sempre. Aqui sempre dão. Pão e vinho e queijo.

M: Mhm.

D: Até ali era só o pão e o vinho; e agora dá-lhe queijo...

M: Queijo?

D: ...também, também, vai queijo e presunto.

M: A Dª "**D**" costuma ir aos funerais?

D: Vou. Não vou quando não posso. Quando não puder ir das pernas... ir agora. ...a Castelões e assim, que Castelões...quando foi aquilo do meu marido foi quase o povo inteiro que veio para cá. Éramos muitos conhecidos lá.

M: Sim.

D: E veio muita gente. E a gente se agora não for, manda os filhos. Eles ainda agora telefonou-me uma senhora há pouco tempo, para irmos lá comer uma merenda que é lá festa hoje. ... E eu digo-lhe: "Irmos para aí? Não estejam a pensar nisso". Agora no ano passado foi festa aqui, e não vinha na procissão de lá, ia à missa. Não ia a mais nada. [imperceptível]

M: E acha que é importante nos lembrarmo-nos dos falecidos?

D: Então não é?

M: Porquê?

D: Então porque... que é para depois os outros tratassem também da gente.

M: Os novos?

D: Toda a gente está sempre a falar assim... tem fotografias, não é? Com a morte, temos ali umas poucas fotografias lá do meu marido... e ainda tenho as do meu pai. E a da minha mãe. Naquelas fotografias. E a gente sempre os vê, sempre ... Porque eles vêm nas fotografias e tenho ali uma que enviaram do Brasil para aqui. Mandaram uns para o Brasil, o meu marido ainda esteve na França, e depois tirou aquela fotografia, depois o meu cunhado, que Deus lhe tenha, que também já morreu. Pois tínhamos aquela fotografia que era para levar para lá e eu logo tornei a pedir a uma filha minha e à tia, e

a minha irmã tirou uma igualzinha com a torre Eiffel, e mandou-nos para cá.

M: Está bom.

D: E o meu filho andava cá... andava na tropa, faziam assim coisas com palitos, com esses palitos de pau...

M: Sim.

D: ... e tem... mas ele era quando andava na tropa. Quando o meu marido andava na tropa. E depois eu mandei-lhe a minha fotografia para ele andar cá na tropa...

...sem interesse para o estudo...

M: Vamos ver as fotografias. (...) Então é a do canto superior esquerdo... a segunda. É logo... é ali ao fundo. [visualizando as fotografias para identificação da campa]

D: ...aquela grande, é no mesmo canto. Está um primo. Mas no cantinho, a seguir, a ele.

M: A seguir a ele. E foram os seus filhos a escolheram, não é?

D: É, pois foi. Tem lá a Senhora de Fátima...

M: E neste dia... Consegue ver aqui a... Não, eu tenho que ter ai uma fotografia com ela... ora deixe-me ver. E os arranjos, quem foi que fez estes?

D: Foi a da..., a Glória.

M: Foi a Glória? A sua nora, é?

D: É.

M: ...que fez? E estas (...) flores de plástico quem foi que arranjou?

D: Também devia ser ela ou as filhas... eu não as compro porque não vou para fora. Elas é que compraram. Elas é que compram e trazem.

M: A Dª "**D**" nunca...?

D: Posso levar daqui, não é? Daqui... mas lá as de plásticas nunca vem, porque... como trago agora?

M: Claro.

D: Ela agora vai e...

Conversa informal com "C" e "D".

C: Mas é como eu lhe disse há bocado, que já leva isto no coisa... quando os homens arranjam é só para arranjar a terra, quando... quando as sepulturas são rasas, os homens arranjam a terra. E as mulheres é com as flores. Eles não põem nada. Ele só foi arranjar a terra, mas isso já leva...

M: Pois. Tinha dito isso, já.

C: Pois já.

M: Eu sei, eu sei.

C: Ele foi arranjar a terra, para ela pôr as flores. E depois ela espetou-as na terra.

M: Ela como é que se chama?

C: Rosalina.

M: Rosalina. Está bem. Então, falta-me agora o "**G**".

...nova interrupção...

M: Já agora, uma coisa que ainda não-lhe perguntei: tem medo da morte?

D: Eh?

M: Tem medo da morte?

D: Não senhora.

M: Não? Pois. É isso.

D: Tenho medo... tenho pena se morro assim de um acidente...

M: Claro.

D: .....é que tenho pena, não é? Mas se for com a morte, não tenho pena porque já sei que hei-de morrer. Já me sinto a morrer.... nós éramos 4 ou 5 do mesmo ano e já sou só eu.

Conversa informal com C

Depois de ter concluído a entrevista à "D", voltamos com a "C" para a rua da casa dela, onde ficamos a conversar mais um pouco. A conversa informal foi registada pelo interesse na contextualização de Meixide e das preferências do povo, entre Chaves e Montalegre.

M: ...pensei também que as pessoas se preocupassem com o tipo de flores que...

C: Por exemplo... a Maria Canhota... teve um... um arranjo que lhe fiz eu.

...pequena interrupção por causa do bebé...

M: Daqui vão mais a Chaves buscar as flores?

C: Sim, aqui quando se manda fazer arranjos é em Chaves.

M: Porquê? Porque não é em Montalegre?

C: As pessoas vão mais a Chaves do que a Montalegre.

M: Ai é?

C: É. E depois em Chaves há mais... há mais floristas... há mais...

M: Pois.

C: Em Montalegre, se há, há duas floristas. Em Chaves há muitas. Depois há a questão do preço, não é?

M: Claro que sim.

C: E concorrência também faz. Uns fazem mais barato, outros fazem mais caro. As floristas aqui vêm sempre de Chaves. Até para o resto. Nós também para arranjar... E há quem também costumam já fazer andores de flores. Eu não gosto, sou franca. Gosto das flores, mas no lugar... Fátima e por aí, onde é mais coisa, mas por exemplo aqui é... são os andores com tecido.

M: Sim.

C: Mas há quem... já há pessoas que fazem promessas e isso, e mandam fazer de flores. Mas é de Chaves que vem.

M: Para a semana é que é a festa daqui, não é?

C: A festa daqui é Sábado.

M: Isso mesmo. É no Sábado?

C: É no Sábado.

M: É a festa de quê?

C: Nossa Senhora da Azinheira.

M: A padroeira daqui?

C: É.

...conversa sem interesse para o estudo...

M: Como é que surgiu esta aldeia... de Meixide?

C: Olha, o nome... o nome da aldeia... como surgiu a aldeia eu acho que... havia aqui duas aldeias que era Vilar de Perdizes e Bobadela e havia uns condes. Havia aqui os condes e morgados em Vilar de Perdizes. Em Vilar de Perdizes eram os morgados e em

Bobadela eram os condes. Como ficava no caminho... eu acho que fizeram aqui uma casa, que dantes... só se deslocavam... em carros de cavalo ou a cavalo. De qualquer maneira... ou a pé. E então fizeram aqui uma casa para quando fosse... que fosse já tarde, para eles ficarem aqui. Pelo caminho. Eu penso que foi assim que surgiu. O nome Meixide vem de ameixa.

M: Ameixa? Aqui tem ameixas?

C: Aqui tem muitas ameixas. Em Meixide.

M: Ai, que engraçado...

C: Ameixas pretas. Ameixas pretas, mas ameixas bravas, não é?

M: Sim, sim.

C: Sem enxertar. Mas haviam muitas. E que eram boas... a gente... aquilo é doce. O que é, eram ameixas por todo o canto e o nome de Meixide vem daí.

M: E agora há... continua a haver ameixas?

C: Há... para ai há. Eu até tinha aqui uma que secou. Tinha dessas tais ameixas que havia... e secou.

M: Engraçado.

C: Mas há muitas, há muitas ameixas...ui!

...interrupção pelo bebé...

M: ...com a emigração é que as pessoas foram todas lá para fora e...

C: Agora, por exemplo, no princípio deste mês que passou, de Agosto, veio tudo... era aqui pessoal que se vocês vêm cá nessa altura, viam isto tudo cheio de gente. Agora foram já todos os emigrantes embora... há aí meia dúzia deles que ficam à festa, mas porque já não têm filhos na escola, senão têm de ir.

M: Senão têm que voltar.

C: O meu neto... fez ontem 8 dias, que teve de ir para a escola. Teve de ir.

Entrevista nº 5 – E – ao final da tarde e até às 19h30

A entrevista foi feita nas traseiras da casa, e estavam presentes a filha da "**E**" (a quem chamei "**fE**" na transcrição), o genro ("**gE**") e de vez em quando iam aparecendo outros familiares próximos. O marido tem o código "**N**".

M: Toda a gente gabou as suas fotografias.

fE: Só é pena esta ter ficado um bocadinho... cortada.

M: É. Pois foi.

E: E foi lá no cemitério, foi?

M: Foi. Não se lembra que eu andei a tirar... de tudo no cemitério

E: Ah...

fE: Foi nalgum enterro, foi?

M: Não, não foi. Foi no... Dia dos Finados.

fE: Ah... não tem mais da minha mãe, não.

M: Não. Estas são da sua mãe só. As outras... é do cemitério e... Vocês têm aqui campa, na... no cemitério?

fE: Temos, temos.

M: Mais ou menos qual é a localização no...?

fE: É lá ao fundo.

M: Quando se entra...

fE: Entra… lá ao fundo.

M: Ao fundo, onde estão aquelas novas?

fE: Sim, as novas, e o meu pai está… está na segunda fila.

M: Ah.

fE: E depois o meu pai está sozinho na primeira…

M: Do lado direito?

fE: Quando a gente vai assim em frente, fica logo a seguir.

… pedi à filha de "**E**" para procurar as fotografias da campa…

E: Já tenho muita idade, não é, minha filha?

M: Que idade é que tem?

E: Tenho 92.

M: Já tem 92?

gE: Agora vai fazer no mês de… Março…

E: Não é, "gE"? 92?

N: Em que dia em Março?

gE: Acho que é a 19.
Que idade tem a sua mãe? (perguntou à mulher)

fE: Fez 92 a 20 de Março.

… pedi o favor à filha de "**E**" para procurar as fotografias da campa…

M: …E aquilo que eu queria perguntar é: primeiro, com quem é que mora?

gE: Sozinha. Pois é solteira.

fE: Deixa-a falar, que está a gravar…

E: [risos] Tu já és grande…

M: Dª "**E**", a Dª "**E**" é… espere está aqui o sol que lhe está a incomodar… é melhor assim?

E: É.

M: …que assim não-lhe incomoda tanto.

E: [risos]

M: É viúva?

E: Pois sou viúva, sou.

M: Há quantos anos é que é viúva?

E: Há 17 anos.

M: E, diga-me uma coisa… nasceu aqui em Meixide?

E: Nasci.

M: Morava com os seus pais?

E: Morei…morei com a minha mãe e com o meu pai. O meu pai morreu de novo… tinha 50 anos, mas depois foi com a minha mãe até à idade de…de 22 anos, que me casei.

M: Mhm.

E: …porque a sogra é com o marido.

M: Teve filhos?

E: Tive.

M: Quantos filhos é que teve?

E: O meu Deus do Céu... agora tenho 3, neste momento, e já morreu uma de... de 33 e tal... já tenho 10 netos, tenho 9 bisnetos.

M: Ai é... é grande a família, não é?

E: É muito grande.

M: Já é muito grande.

E: Já minha filhinha.

M: E o que é que fez durante a vida?

E: Durante a vida fui muito escravinha... [imperceptível] E pronto na vida fui escrava mas agora estou muito bem, não é? Agora estou muito... tenho...

M: Mas o que é que fazia? O que é que fez durante a vida?

E: Andar ao carvão, andar às choças, andar atrás das vacas para elas apanhar de comer... e

M: E o trabalho de casa... de mãe, não é?

E: É. E andava a apanhar para a fazenda, a apanhar... a trabalhar para...botar batata, botar ..., manter os filhos...

M: Mhm.

E: ...porque a gente sem trabalhar não podia ... com eles, não podia haver nada... não havia nada... agora vamos comprar o leite e há tudo, não é? A gente... trabalhava aos bocadinhos para... para manter.

M: E a Dª "E" andou na escola?

E: Não.

M: Não?

E: Não.

M: Sabe escrever ou...?

E: Não sei nadinha.

M: Não sabe.

E: Não sei uma letrinha de...

M: Está bem. E, diga-me uma coisa, e... mora aqui em...

E: Em Meixide.

M: ...aqui em Meixide e

E: E não quero sair daqui. Já fui para Chaves, já.

M: Já foi?

E: Já fui à América.

M: Fez muito bem.

E: Já fui à França.

M: Então...

E: ...e agora estou em Meixide.

M: Está bem. E é religiosa a Dª "E"? Tem religião?

E: A minha religião?

M: Sim... se acredita em Deus ou...

E: Ah, sou muito devotinha. Ai isso...

M: É? É da religião católica?

E: É. Com...

...interrupção para mudança do lado da cassete ...

E: Nós sem a bênção de Deus não somos nada...

M: Mhm.

E: Ainda outro dia estava aqui um senhor, e depois estava muito frio e diz assim: "Ai meu Deus! Ai meu Deus, ai Jesus! Que frio tamanho". E então ele virava-se assim: " Então há Deus? Se houvesse Deus não havia assim um frio!" Disse M: "Ando neste frio assim porque foram os quilhões do meu pai".

M: [risos]

fE: Oh mãe!

[risos]

E: Então ele dizia que não havia Deus... ele dizia que não havia Deus. Não há Deus? Pois se não fosse os quilhões do meu pai, não estava aqui neste mundo.

...pequena interrupção para dar mais fotografias à filha de Dª "**E**"...

M: E costuma ir ao cemitério?

E: Eu? Ainda lá saí da missa e passei por lá.

M: Mas vai todas as semanas ou...?

E: Quando me lembra. Todas as semanas se calhar não... se está um temporal não vou... não tenho assim...

M: E o que é que vai lá fazer?

E: Vou lá rezar por quem lá tenho e por quem lá está.

M: E costuma tratar das campas?

E: Limpo a minha, cada um limpa a sua.

M: É? E põe umas flores ou...?

E: E ponho as florzinhas... ponho... não é? E depois acendo... e ainda agora vai lá uma neta minha... põe lá um raminho, agora a filha foi ontem e pôs outro, e eu vou lá e rezo pela alma e limpo... limpo o pó e assim...

M: Pois.

E: E tenho lá as minhas irmãs, e... [não perceptível] que já não existe e os outros estão lá.

M: E as pessoas que morreram antes de ser construído este cemitério?

E: Ai, o cemitério era ao pé da igreja.

M: No adro?

E: Era no adro. Era.

M: E aí, era costume enfeitar-se...?

E: Enterravam. Os ricos punham a pedra; quem não tinha posses para pôr a pedra...

M: ...era só terra.

E: Estão lá. Tenho lá os meus tios, o meu paizinho, tenho lá um irmão, umas cunhadas estão lá, o meu sogro.

M: E... mas lá no adro alguma vez enfeitou? Ou não se enfeita ou...?

E: É bárrio. Não enfeita.

M: Não se põe flores nem nada?

E: Não.

M: E nunca se pôs?

E: Agora há muita flor, porque há uma senhora aqui que acabou ao correr do paredão e ... botou muita flor e estão muito bonitas. E quem tem a pedrinha, limpa. Outras têm

avançado. A gente já não sabe onde estão as sepulturas da nossa família, já se não vê, porque o terreno está assim, com está este, não é?

M: Mhm.

E: Só há uma propriedade que... mas de resto quem é que, a gente não sabe... não sabe onde estão as sepulturas. A gente calcula. Mais ou menos, não é? Sabe onde é que elas estão, mas já não se nota.

M: Pois, porque quando era muito nova, quando era crianças, costumava ir com os seus... com a sua mãe... ver onde é que estavam sepultados...?

E: Não se via muito.

M: Não se via muito?

E: Não. Não. Vai-se agora mais ao cemitério de que até ali que era no adro. Enterrava-se ali, a gente claro, todos os domingos, quem podia ir à missa, e já sabia onde elas estavam. Mas não havia, não havia quem puxasse para ir ver... A gente ia à missinha, não é?

M: Então como é que se lembravam? Lembravam-se das pessoas ou não?

E: Ora sei lá. Cada um lá tinha as suas ideias. Ainda lá... ainda tenho lá... tenho uma prima, que todos os dom... que assim que sai da missa, vai com a água benta botar ao padre, porque diz que era padre. E morreu, e vai botar na... Mas quem não... E há outros que têm a pedra, ainda vão, e vão com... mas eu não...

M: ...onde não tem pedra não se...

E: Eu sei mais ou menos porque está aqui o meu pai e... este lugar. Mas rezo pela alminha dele, mas não vou lá com a água benta. Entendes o que eu digo?

M: Sim, sim.

E: E é assim minha filha.

M: E quando... quando era pequena lembra... alguma vez perguntou aos seus pais o que é que era a morte? Não se lembra?

E: Como era quê?

M: O que é que é a morte? Nunca...?

E: O que era a morte?

M: Sim, quando era pequena, nunca perguntou aos seus pais?

E: O meu pai morreu ainda eu tinha só para aí 2 anos... a minha mãezinha também sabia... pouco conversava comigo.

M: É?

E: ...a gente. Ela era maluquita, também. Agora... estava lá a perguntar como é que era a morte?

M: E aos seus filhos, já alguma vez explicou o que era a morte?

...interrupção pelo "gE" (que disse que "para morrer é preciso estar vivo")... começamos a ver as fotografias...

E: Olha está aqui o teu pai, está.

M: Quem é que esteve a tratar dela?

E: Está aqui o teu pai, está.

fE: É a minha mãe.

M: Foi a sua mãe que esteve no dia 1 a...?

fE: Sim, foi.

M: ...que fez os arranjos?

fE: Foi.

M: Foram todos feitos por si? Os arranjos, Dª "E"?

E: Não, isto não.

M: Então?

fE: Isto é a campa do pai. Quem é que comprou esta flor?

E: Esta foi a Anitas.

fE: Não, estas são naturais.

E: Ai, então...

fE: A Anitas foi este, e eu foi este. Estas são naturais.

E: Não sei quem foi. Eu não fui.

fE: Foi o "gE" que pôs? O "gE" da tia?

E: Não sei filhinha. Vão lá pôr, e eu sei lá quem é.

fE: Isto é... isto é o Dia de Todos os Santos. Foi quando vocês estavam todos no cemitério. Não se lembra quem pôs esta grande planta? Ou a Judite, ou o Zé? O seu filho.

E: Esta, branca?

fE: Sim, essa branca. Essa é verdadeira não é...

M: Essas são naturais mesmo. São os crisântemos brancos, não é?

fE: É.

E: Se calhar foi uma neta minha, que...

fE: ...que está em Chaves a viver.

E: Não sei, porque vai um e põe. Vai outro e põe... e este é tão...

...interrupção por causa do meu 2 filho...

M: Dª "E", e... relativamente a esta campa quem é que a mandou fazer?

E: Ai, esta foi o genro.

M: Ai foi o seu genro, foi?

E: Foi ele que mando fazer e pagou, e tudo...

M: Sim.

E: Este. Tenho lá...

M: E foi ele que escolheu?

E: Foi ele que escolheu, foi quem encomendou e quem pagou.

fE: Bem, mas depois eles ajudaram o... os meus...

M: Aqui está o seu marido só, está?

E: Está.

M: Não está mais ninguém então? É só... Há quanto tempo é que foi?

fE: Há 7 anos.

M: Há 7 anos?

fE: Foi. Morreu em 2000.

M: E aqui tem "Uma lembrança de... seus filhos..."

fE: "...de filhos".

E: Tenho um filho na América e depois veio cá e é que pôs "lembrança de filhos". De filhos não é?

M: E porque é que põem as flores de plástico?

fE: Aqui na aldeia elas...

E: Vingam mais, não é? Que o Inverno é muito frio, é muito aguiadeiro e depois...

fE: No Inverno... vá, explique-lhe lá...

E: É muito frio, não é? E o plástico resiste. Se calhar agora... puseram agora se calhar, se calhar daqui a... para o ano, ainda está lá. E depois podem mudar. Mas fica bonito sempre.

M: Pois.

E: Agora... as de cá, que a gente... que vai a gente arranjar um raminho para quê? Há quem ponha...

M: Mas há... mas há alguma diferença da maneira como está decorado, por exemplo, para o Dia de Todos os Santos e de outros dias?

fE: Não.

M: Não? Está sempre da mesma maneira?

fE: Está. Está sempre da mesma maneira.

M: Da mesma maneira.

fE: Por exemplo, agora aqui puseram flores naturais pelo... pelo dia, mas senão agora no lugar destes está outras diferentes: branquinhas, amarelas...

E: Já foi trocado.

fE: ...as outras é que são artificiais.

M: A Dª "**E**" quais são as flores que acha que, que ficam melhor?

E: Eu... a gente então vai comprar, já escolhe, não é? ...o que é bonito. Eu, como não tenho comprado, compra a filha. E depois vêm as netas, vão comprar e compram à vontade delas. Eu só vejo o que põem.

M: Mhm.

E: Então, elas vão comprar...

fE: E diz-lhe assim: "e depois eu limpo."

E: Ah?

fE: A mãe vai lá limpar.

E: Já lhe disse.

M: Depois cuida?

E: E as plantas deixam estar...

M: Arranja... arranja... e depois dá um jeitinho, não é?

E: Se caíram com o vento, endireito... e dou-lhe uma limpadelinha com... com um bocadinho de água e assim. Fica be... está bonito, não estava?

M: É, está bonito, está.

E: E tu levas isto para tua recordação?

M: É, mas é assim, isto... se quiser esta fotografia pode ficar à Dª "**E**". Porque... eu tirei estas já para oferecer às pessoas. Que assim... Se quiser está à vontade.

E: É posso ter... mas eu... de memória, não é?

M: Pois.

E: Como eu tenho assim tanta e depois elas não param cá, e eu até havia de fazer assim, eu já lhe digo, coloco num quadro e depois quando olho para aquele quadro e vejo... porque eu fui à América e tenho lá umas ... e têm um quadro do tamanho desta... desta janela...

M: Sim.

E: ...e depois eu... não sei porque é que dizes tu, como tratas, não é?...

M: ...ah, não há problema nenhum...

E: ...e depois minha filha, eu vejo ... assim é que eu gostava de as ter. Assim, oh, chego ali, meto... meto na gaveta... Valha-nos livre...

M: Pois... não tem nada exposto, não é?

E: É, havia de pôr. Mas eu com o tempo vou mandar pôr. Se calhar, agora... vou pensar. Se tiver quem me ajude, vou a Chaves e faço... mandar um quadro e nestas que tiver... ponho...

M: Claro.

E: ...aqui na parede.

M: Claro.

E: Não é bonito? Não fica bonito?

M: Sim, é bonito é.

E: Vou pensar... vou pensar levar as que forem bonitas e... [interrupção pelo meu 2º filho]

M: E o texto... aquilo o que está escrito aqui na... deixe ver o que é que diz... "António Afonso", não é? "Saudade da esposa e"... deve ser filhos, não é?

fE: E filha.

E: É.

M: Deve ser o que está aqui escrito. E isto o que está escrito, quem foi que disse para escrever? Quem foi?

E: Não sei, filha.

M: Não sabe?

E: Não.

M: Se calhar foi o seu genro, se calhar, que disse...

E: Pois. Eu sei lá quem foi, se foi o José B., que mandou escrever... quando puseram na campa... não sei...

M: E acha que é importante nós lembrarmo-nos dos falecidos?

E: Lembrar-los?

M: Sim... não, lembrarmo-nos dos falecidos. É importante?

E: Deve ser importante, lembrarmo-nos dos que lá estão.

M: É?

E: É bonito.

M: E porquê?

E: Porque se eles vão... de bom coração, nós somos... ajudou, pois não? Tens muito... lembraste de quem está lá, no mundo da verdade. Não lembras?

M: Sim.

...interrupção com um dos filhos da "**E**", que se veio despedir, falando e cantarolando de alegria...

E: Porque eu tenho fé no Senhor e quero que se lembre de quem lá temos e... porque nós não somos deste mundo, minha filha... nós vivemos aqui emprestados. Nós, de um momento para o outro dá-nos e só levamos o que nos põem.

M: Sim.

E: É verdade ou não é?

M: Sim, sim.

E: E quem tiver as boas obras, vai em conta; quem estiver ruim, também pagará.

M: Claro.

E: Não digo bem?

M: Sim, sim, sim. Diz bem, diz.

E: É então... porque sou... sou anafabeltinha... porque eu não tive... não conheço um letra e eu se calhar até nem digo bem.

M: Mas conhece da vida...

E: Mas não digo bem as coisas, mas que pois sei. A minha vida foi tão triste, que o que eu sei, não-me esqueço. Eu virei-me muitas vezes para o Senhor de lá... e "oh minha mãezinha do céu, tira-me deste mundo". Porque eu vi-me muito aflita, que o marido... foi muito doentinho e eu, sabe Deus como aguentava e consegui. Estás a perceber?

M: Sim, sim.

E: E pronto. Não posso estar sempre a pensar nisso, porque se estou sempre a pensar, ponho-me velha e essa eu já sou.

M: Pois.

E: Não se pode estar a pensar, não é? Mas nem posso estar sempre a chorar nem saber o que é rir. Tem que vir a época de... tenho de rezar pela alminha de quem lá tenho. Já lá tenho irmãos, já lá tenho filhos, já lá tenho pai, tenho mãe, tenho tios, já tenho lá muita família. E rezar pelas suas alminhas, que morrem de desastre, que não têm tempo de pedir perdão a Deus, Nosso Senhor. Olha que é verdade o que te digo.

M: Sei, sei.

E: Não é filhinha? Nós... cada um tem a sua fé.

M: Claro.

E: Cada um tem a sua fé.

M: E acha que há algumas flores que sejam próprias para...?

E: ...para lá estar?

M: ...para lá estar?

E: Estão muito bonitas. Eu gosto... eu ainda não sou assim muito floreira, como essas vizinhas e das que lá estão, escolhem... escolhem as flores e muito bonitas. Eu, ainda tenho aqui a sogra da minha filha que é assim... ela apruma-se muito e está todo ... As florzinhas, tudo... tudo...

...interrupção pela "fE" que queria pagar pelas fotografias. Expliquei que a minha intenção foi sempre de oferta, tal como tinha dito desde o início, ao pedir autorização para tirar as fotografias...

M: A Dª "E" costuma ir sozinha ao cemitério?

E: Vou.

M: Vai? Mas gosta mais de ir sozinha ou acompanhada?

E: Olha, se tiver com quem ir vou. Mas se não tiver com quem ir, vou tranquila. Mas de noite, não.

M: Porquê?

E: Porque, não sei porquê. Eu sei lá porque é.

M: Mas de noite não.

E: De noite, não. Está o Diabo. Talvez com um copito, ou assim... se calhar dava uma volta e não tenha medo nenhum. Mas lá, filha, já tenho mais calor. A filha diz... "oh mãe, Deus me livre de eu..." até se me arrepia o cabelo, quando passo por ali. E eu quando, por exemplo, eu quando passo digo sempre para as pessoas que vão:

"Alminhas dos senhores,

já fostes como eu,
e eu chorei como vós,
pedi ao Senhor por mim,
que eu pedirei por vós.
Dai-lhes Senhor eterno descanso a todas as alminhas que aqui estão".

Porque nós não pod... eu não posso pedir só para a minha família. Porque quem lá está, tantas pessoas lá estarão, que não se lhes lembram de dar um "pai-nosso". E outras que já têm 10 ou 20. É verdade, o que lhe digo.

M: Sim, sim.

E: Há pessoas felizes, se calhar neste mundo e noutro; e há outras, se calhar, não há quem se lembre delas... e já digo, já peço ao Senhor para que se lembre das alminhas perdidas, quem não tem que se lembre delas, o Senhor que se lembre delas e que há sempre bom lugar... é bonito, ou não?

M: Pois. É bonito, é.

E: E pronto, eu não tenho... não tenho escola, não tenho livros, não tenho nada...

M: Eu sei Dª "**E**"...

E: ...mas tenho esta fé do Senhor.

M: Claro.

E: Não é filhinha?

M: Pois é. E... o que é que lhe ia perguntar, e... no cemitério há algumas tarefas que sejam só da mulher e outras que sejam só do homem?

E: No cemitério?

M: Sim, no cemitério. Por exemplo, os homens também usam limpar as campas e...?

E: Não.

M: Não vão?

E: Não.

M: Porque é que acha que não...?

E: Eu sei lá bem... porque não querem. Que às vezes metem-se lá dentro nas tabernas e cafés...

M: Mhm.

E: ...no café. Podiam ir lá dar uma voltinha e também ajudavam.

M: Pois.

E: ...e... agora há lá um homem que, não sei se foi o presidente que mandou, que quando foi aí no Maio havia muita erva e eu andei lá, sabe Deus, bem me custou. Mas ó depois ele chamou... não sei se chamou outro, se agarrou desta lixívia, que queima...

M: Sim, sim.

E: ...e então em volta queima para a erva não...

M: Não crescer...

E: ...não revogar, porque quem tem as campas bonitas, estão preparadas, mas quem não tem, cria a erva, não é?

M: Claro.

E: E querem-se limpas. E depois ele então, deu à... não era presidente que lá tem, porque é o pároco que tem o que lá precisam, não é?

M: Pois.

E: E então andou lá a queimar. A queimar aquela erva para... para ficar bonito. E agora não foste lá, pois não?

M: Não. Agora não, não fui. (...) E... diga-me uma coisa, os seus filhos quando eram mais novos também iam consigo ao cemitério? Levava-os, ou não?

E: Quando era... assim com eles não ia lá.

M: Não?

E: Não.

M: Porquê?

E: Porque, não sei porquê. A gente... a gente agora tem mais vagar e, não é?

M: Sim.

E: Até ali não tinha vagar. Até ali eu tinha algum vagar de ir lá ao cemitério... era preciso... se calhar vinha a esta hora, já ia buscar um molho de erva, ou de couves, ou um molho de...

M: Pois. Estava sempre a trabalhar, não é?

E: ...ou um molho de palha para estrumar...

M: Sim.

E: "Oh fulana, fica-me aqui com o menino, que eu ainda quero ir buscar um molho de palha." Era assim. Tínhamo-nos que encostar umas às outras...

M: Claro.

E: ...não é? Havia alguma...? Agora... agora, claro.

M: Agora vai-se mais vezes então?

E: Agora... há pessoas, agora, que os estrumes estão de pêlo, e há pessoas que vão. Então vão lá dar a visita dela. E da América, digo-te, minha filha, na América há um costume que se não vão à noite, vão de manhã. Vão com os carrinhos delas para o trabalho, se puderem ir quando vão, ainda vão visitar...

M: Mhm.

E: ...se não pode ir de manhã, à vinda do trabalho passam por lá. E há pessoas aqui que como estiveram na América, tem aquele costume de ir lá todos os dias. Há uma senhora ali...

M: Sim.

E: ...que ele morreu há 1... faz agora já... quantos anos? Para aí uns anos, e ela vai... vem da missa e vai lá. E de manhã... e de manhã vai lá mais cedo ou mais tarde depende do ... e ela vai lá...

M: Mhm.

E: ...visitar a campa. E ela já lá... na América ficaram lá 2 irmãos, que ela tem... já lá tem 2 irmãos, a tal mulher já lá tem 2 irmãos, já tem... já tem a cunhada...

...breve interrupção por causa das crianças...

M: E qual é que... que acha que a razão para as pessoas oferecerem as flores e as velas?

E: Quê?

M: Qual é... Porque é que as pessoas põem flores e velas no dia 1 de Novembro? Porque é que acha que fazem isso?

E: Porque, eu penso que... lá se lembram de quem lá têm.

M: É? E acha que as pessoas esperam alguma coisa de troca? Das pessoas que já morreram.

E: De lá... lá ninguém responde.

M: [risos]

E: É verdade ou não é?

M: Isso é.

E: Então porque... [risos]... vamos lá. Mas e vimos.

M: Sim.

E: Mas ninguém responde. E ninguém diz se está bem ou está mal. Não é filhita?

M: Mhm.

E: O que é que gostam de ter aquilo ... Dá graça, oh minha filha. ... Mas ela está morta para ir lá para pôr lá uma... uma... uma florzinha. Diz que vai pagar a uma senhora que lá está para ela lhes preparar, para ela limpar. Mas se lá pôs algum raminho, ela é que o vai pagar. Porque estes ramos... compram isso, claro.

M: Ah pois, são bem caros.

E: Agora, oh minha filha, foi lá ontem e pôs-lhe um, e tenho uma neta que fez 8 dias na sexta que se foi embora para a França, era avó... era avó, a filha que criei de pequenina, ainda mais pequenos que os teus filhos, e depois quando vem, vai levar... vai levar à mãe dela, ficou com a... chamou-a muito cedo, e vem ao avô.

M: Está bem.

E: E é assim minha filha. Já lhe...

M: (...) E o que lhe queria perguntar era se se lembra de uma tradição que era do Pão por Deus... pedir o Pão por Deus? Já ouviu falar?

E: Pedir o pão?

M: O Pão por Deus.

E: O pão? Então não havia de... está ali a pedir um bocadinho de pão, os pobrezinhos.

M: E era no dia 1 de Novembro que... que iam pedir?

E: Quem não tinha, pedia todo o ano. "Oh ... não-me podes dar um bocadinho de pão que eu não tenho". E claro... não ouviste dizer: "Quem dá hoje, já não quer nada amanhã."

M: Pois.

E: ...porque a minha filha morreu em Medeiros, sabes onde... ao pé de Montalegre...

M: Sim.

E: ...e depois havia... já te não lembras, mas eu lembro-me de muita coisa, até ali havia muito pobrezinho. E então ela teve uma filha, do meu marido, que era tia do meu marido e ela depois foi lá criada, e depois era muito rica... tinha muitos prédios, e depois dizia assim: "Olha filhinha, se hás de dar quatro, dás duas, porque pões duas aqui, duas acolá, sempre arranjam para fazer uma sopinha. E se das quatro a este, já não podes dar nenhum àquele. Então, ensinava-lhe. Não mandes com Deus... dás...

M: Um bocadinho e...

E: ...um bocadinho a cada e dás a todos." Porque até ali era muita, era muita necessidade.

M: Mhm.

E: Tu já não te lembras que tu já nasceste na era de... da riqueza.

...pequena interrupção por um dos filhos de Dª "**E**", que queria saber o que estava a fazer...

M: E do carolo...?

E: O carolo?

M: O carolo...

E: O carolo era o pão.

M: É o pão... e isso é nos funerais que se dá?

E: Mas parece que só é em Meixide que têm um bocadinho de pão e o copo de vinho...

M: Sim.

E: ...não é?

M: Sim, sim.

E: Que já ali em Soutelinho e em ... eu lembro-me que ninguém dá. Aqui em Meixide...

M: Aqui é que continuam a dar...

E: ...aqui é que têm o carolo.

M: E lembra-se disso... dessa tradição quando era pequena?

E: Quando era pequena não me lembra disso.

M: Não?

E: Então se calhar não davam. Se calhar não davam, minha filha. Agora... agora já diz que sou moça... agora já tenho ano que me levantei... desde anos que não me lembra de muita coisa, mas parece que só aqui há... há coisa de... poucos anos, que até ali não davam.

M: Mhm.

E: Até podia perguntar à Celeste...

M: E diga-me uma coisa... e... não conhece alguma tradição, alguma coisa que se faça... a pensar nos mortos, para que eles nos façam algum favor?

E: A pensar para... a gente temos de pedir à... temos de pedir a Deus Nosso Senhor para que eles não venham a este mundo, que às vezes... há quem diga que... tem espíritos, não é?

M: Sim.

E: Pois, há quem diga que vem... mas eu não acredito nisso. Nos espíritos e isso... podem haver que deixa tudo ... mas eu não quero acreditar. Mas pode haver. Pode haver, não é?

M: Mhm.

E: Ai Jesus.

...breve interrupção para falar de filhos...

M: Diga-me uma coisa: e o seu marido... o que é que fazia?

E: O meu marido era muito trabalhador cá na lavoira...

M: Na lavoira...

E: ...e depois ele... deu-lhe uma fraqueza tão forte no cérebro que ficou fraquinho... que tanto... tanto me queria como depois não-me podia ver. É por isso que eu tenho este sofrimento.

M: Pois.

E: E depois... fui lá duas vezes e depois dizia lá, lá na Santa Catarinha, e depois dizia àquela enferm... diz o senhor doutor diz que o Sr. Medeiros que... o Senhor Afonso... não tem mal nenhum. O mal dele é... na cabeça, de fraquinho que está. Morreu... morreu-lhe o pai só tinha 15... 15 anos.

M: Sim.

E: Ficou sem ele, não é? E depois morreu-lhe um irmão, ficou a criar os filhos dele. E depois diz ele assim: "Oh...

...breve interrupção para nos convidarem para comer...

E: ...porque é que... porque é que morreu?"

2. ENTREVISTAS 01.11.2007.
Entrevista nº 6 – F

A primeira entrevista do dia foi dentro do cemitério com a "F", após ter tirado algumas fotografias panorâmicas e outras no espaço.

M: Chama-se?

F: Armindo...

M: Arminda Alves...

F: Armindo.

M: Armindo...?

F: Armindo Alves Paulo

M: Alves Paulo.

F: Sim.

M: Então... é esta aqui, não é?

F: É esta.

M: Esta segunda, não é?

F: Sim.

M: Armindo Alves Paulo... ah, está ali escrito, está.

F: Diga...

M: Mas o seu nome é "F"?

F: Pois. Somos irmãos.

M: Pois, são irmãos. Não é? E é só esta a campa que tem?

F: Não, tenho mais. Tenho acolá do meu marido, do meu filho...

M: E tratou de alguma delas?

F: Foi a minha sobrinha, a minha afilhada.

M: Está bem. E... pronto, aquilo que gostaria de perguntar está relacionado com o dia de hoje, com o Dia de Todos os Santos, e o dia de amanhã, o Dia dos Mortos, que normalmente, é no dia de hoje que...

F: Bem a gente aqui, faz o que pode. Não é?

M: Pois.

F: Não é que vimos aqui todos os dias. Eu agora até tenho vindo... desde que morreu o meu marido. Mas, claro, não podemos vir aqui todos os dias...

M: Claro.

F: ...que a gente tem... tem que fazer no monte. Não é?

M: Mhm.

F: Tem que fazer em casa, em todo o lado que é preciso fazer.

M: Pois.

F: Eu, por exemplo, estou sozinha. Fiquei sozinha. Não tenho família mais, a não ser sobrinhos.

M: Mhm.

F: E então este meu irmão esganou-se. Foi a minha infelicidade dele. Porque lhe puseram à morte e ele ainda não tinha feito. E ele era doente... dava-lhe uma doença assim... na hora que estivesse bom, era uma pessoa que... e depois quando... punha-se de sinaleiro.

M: Mhm.

F: Por exemplo, vinha uma pessoa aí com o carro ligado e ele fazia... fazia assim... não era tolo – tolo, mas tinha assim uma falta, pronto.

M: Sim.

F: E depois fizeram a morte e puseram lá ele.

M: Mhm.

F: E depois levaram-no para o Conde. Esteve na prisão em Montalegre, na cadeia, mas viram... e depois levaram-no para o Conde Ferreira.

M: Para o Porto, não é?

F: Para o Porto. E depois veio... veio embora... mandaram-no embora e estava em casa. Deu-lhe um ataque... ficou paralisado. E agora... e depois mataram-lhe outro sobrinho, que está ali, naquela campa. Chama-se Abílio. E ele gostava muito dele... quando ele... esganou-se [interrupção]

M: Que idade tem a Dª "**F**"?

F: Tenho 78 anos.

M: 78. E o que é que durante a sua vida, o que é que a Dª "**F**" fez?

F: Ai, fiz muita coisa. Olhe, era criança pequena, andei na escola...

M: Mhm.

F: ...fizemos uma festa do crucifixo... uma professora que lhe chamavam Dª Adelaide, bem, se lhe vou contar isto tudo, é muita coisa.

M: Não se preocupe. Conte... conte à vontade.

F: Fizemos um teatro naquela escola... aquela festinha. Foi de igreja e pronto, as crianças todas, viemos todas para a igreja e cantamos, o que a senhora nos ensinou. Pronto. Bem, depois aquela senhora foi-se embora, veio outra. Chamavam-lhe Dª Beatriz. Depois tornamos a fazer... tivemos que ir a Vilar de Perdizes, que foi por Montalegre, que levou qualquer coisa e que nos mandaram juntar todas em Vilar de Perdizes. Fomos nós, fomos os daqui de Soutelinho, e fomos de Pedrário, e fomos de... e vieram de Solveira, todos então para Vilar de Perdizes. Estávamos lá todos no paço, com lhe chamavam. Pronto. E lá cantamos; eu ainda fui falar. Agora já nem me lembra bem o que fui falar. Primeiro falaram lá 3, e depois fui eu. Pronto. E depois, já não sei... isso já não sei o que foi. Era "Maria... o beato da porta... uma velhinha pedindo esmola" ela era assim uma coisa, mas já me passou o verso todo. Bem, e depois viemos... aquela professora ficou muito contente.

...pequena interrupção porque uma senhora queria também falar comigo...

M: Então estava a contar sobre aquilo que fez durante a vida. Não é?

F: Durante a vida. E depois, bem, digamos... e depois, o 1 de Dezembro, portanto, lembro-me de fazer outra festa. Mas não foi no mesmo ano; foi depois mais... mais à frente.

M: Mhm.

F: Sei lá, mais 2 ou 3 anos, mais ou menos assim. Que não me ficou agora na memória... porque sou muito esquecida. E depois então... aí então é que cantamos, eu fui cantar a "Cruz de Guerra"...

M: Mhm.

F: ...e eram muitas... muitas figuras. Era eu a cantar sozinha; outro senhor, que andava agora aqui também com as velas, levava as velas às pessoas...

M: Sim.

F: ...que lhe chamavam José. Ele é José, mas chamamo-lo o Cano. Também cantou. Cantou o "Abandonado" e cantou... como é? Já não me lembro da outra também...às vezes lembro-me de tudo, outras vezes não me lembro de nada. Mas cantou; ele cantava muito bem também. Pronto, e há outra que morreu no Brasil, que lhe chamavam a Quinhas, cantou a "Peixeira". Bem, estamos assim. A minha cunhada, que

é hoje minha cunhada, e outro moço que também morreu na América, também cantaram. Fizemos-lhe o matrimónio e depois ainda bateram um no outro, a fingir, a brincada, não é?... a brincadeira. E pronto, foi assim uma festa muito rica, muito rica. É que é lá... é que é lá que eu devia ser apanhada assim. Aquela é que tinha que se ver. Tinha muito... muito... eram umas canções muito lindas, que a professora nos ensinava.

M: Agora continua a cantar, hoje em dia?

F: Ah, quantas vezes... agora...

M: [risos]

F: Fugiram-me as... tenho horas que ainda me lembro assim de muita coisa. E pronto, em casa fazia tudo, o que era preciso fazer... tecia, costurava, fazia peneirada, amassava, cozia no forno...

M: Mhm.

F: ...e depois ia para o monte, ia lavrar, ia... lavrar não, mas, claro, fazer as coisas que me mandavam, espalhar o esterco ou semear batatas, ou apanhar feijão e assim... fazia assim depois.

M: De tudo um pouco.

F: Ia à comida para o gado, ia às cargas do ..., num lugar chamado o "Lobo". Não é? Não era muito grande, mas carregava bem. Enfim, a gente fazia tudo o que podia, porque éramos lavradores fracos, mas tínhamos que fazer.

M: Claro.

F: E claro, e então, e acumulava o gado em casa... pronto, tratava de tudo. A minha mãe, que Deus tem, também ia fazendo alguma coisa, fiava na roca, fazia na meia, fazia camisolas para os homens, ... o meu pai e os meus sobrinhos... eu sei lá... eu sei lá o que a gente fazia... Tanta coisa...

M: E senhora teve filhos?

F: Não.

M: Não.

F: Fui uma infeliz. Mas pronto, foi a vontade de Deus.

M: Pois.

F: E agora fiquei sozinha... o meu marido morreu, pronto. Estou sozinha.

M: Esteve muitos anos casada?

F: Fez... 49 o dia... ao registo fomos o dia, como é que eu hei de dizer... o dia 10 de Janeiro. E depois, quando me casei pela igreja, foi no dia 24 de... de Fevereiro. E então fez agora 29, em Fevereiro...

M: Morou aqui sempre em Meixide?

F: Sim, sim.

M: E nasceu cá em Meixide?

F: Nasci cá em Meixide.

M: Mhm.

F: Já estou velha... com esta idade, não sirvo para... para estar a contar coisas...

M: Oh... Então não serve? É a melhor contadora [risos]. Não se preocupe.

F: [risos]

M: Quer vir para o sol? Estamos... é que aqui está um bocado de frio...

F: É. Aqui está o meu cunhado... aqui.

M: António Joaquim Gonçalves dos Santos, não é?

F: Sim. também... Também mataram-no ali para o monte... tenho tido uma sorte tão

amarg...

M: Mataram muita gente então? Não é.

F: Olha, aquele... também mataram o meu sobrinho, o Abílio... o Abílio...

M: Mhm.

F: Ai Jesus! Tenho acolá outro também... venha ver... venha ver, tantas campas eu tenho... aqui no cemitério. Aqui tenho o meu irmão, mas agora puseram-lhe esta campa por cima e... a família não fez caso, olha... ficou sem [não perceptível]. Olhe, ao meu irmão mataram-lhe o filho e... o meu sobrinho.

M: António Paulo Chaves?

F: É.

M: E aquela também esteve a decorar, a Dª "F"?

F: Diga?

M: Também esteve a deco...?

F: Eu e...

M: E esteve sozinha?

F: ...e a irmã. E a irmão. Ele também era meu afilhado... eram mais velhos... eram filhos da minha irmã. E aquele é o pai... é o pai... está naquela campa além.

M: E a fotografia porque é que está neste lado, então?

F: Eu vou perguntar... O meu marido é este. O meu marido é...

M: Manuel Henrique dos Santos.

F: E este aqui é o meu pai, que Deus o tem, foi o primeiro que morreu... que já morreu há 49 anos.

M: Mhm.

F: Faz agora no dia 13 deste mês. E aquele então é o meu marido... e depois... está primeiro o meu falecido pai, depois a minha mãe, e depois o meu cunhado, que é aquele... aquela fotografia que está então agora acolá, naquela...

M: Sim.

F: ...campa ali... nesta ali, mais ó para trás... porque, quando...quando ele morreu... meu cunhado, já estava a minha mãe e o meu pai... e depois enterraram o meu cunhado aqui e à minha irmã, quando tiraram-na, já tinha campa... foi a primeira campa que veio para aqui foi esta, dos meus pais...

M: A sua mãe também está aqui?

F: Também, mas não tem fotografia. Fizemos mal... quando fizeram agora este quadro... porque agora fizeram o quadro... a cruz era aquela...

M: Ai aquela que está encostada, a cruz, não é?

F: Sim. Disse para... para a funerária, que não desse cabo da cruz, mas ele a pôs... diz que... tirou-lhe a cruz, e ele não tinha nada que fazer aquilo, pois não?

M: Pois.

F: Não tinha nada que fazer aquilo.

M: Não lhe tirou a cruz... pois.

F: Bem, eu sei lá qual... porque eu disse: "Quero ali a cruz dos meus pais." E depois, quando então agora, foi o que morreu o meu cunhado, a minha irmã, então... pronto a campa estava direita, mas ao tirarem-lhe a pedra de cima, quebraram-lhe assim... olhe, ela ainda está...

M: Qu... quebrou...

F: Quebrou um bocadinho. E depois ela mandou-lhe pôr outra, mas não era esta agora

aqui... a do meu marido, a do meu pai, que estão aqui.

M: E a outra era branca?

F: A outra era branca, com uma cruz.

M: Com uma cruz, não é?

F: Com uma cruz, pois. Mas ò depois, a pedra que tiraram estava boa... estava muito boa ainda, estava nova, pronto. E esta aqui é dos meus sogros.

M: Mhm, mais abaixo.

F: Tenho aí então, o meu sobrinho, tenho aqui os meus sogros, não tem fotografias...

M: Pois.

F: E tenho aqui então, a família do meu lado.

M: Mhm.

F: E quando essa campa ... foi, já está aí há 50 anos, que eles morreram.

M: Os seus sogros?

F: Os meus sogros. O meu sogro... depois a minha sogra foi lá para trás... Pronto, mas a campa dela já estava muito estragada, já os... também era branca... já os... cruz... pedacinhos...

M: ...a partir toda?

F: ...estava toda partida.

M: Pois.

F: E quando depois tiraram esta aqui... o...

...interrupção para mudança de lado da cassete...

F: ...abriram a campa, e disse-lhe assim: "olhe, eu também de me dá. Dar a uns como a outros."

M: Claro.

F: Claro, e deu-se então... e o empregado abriu a campa... mas então quando foi que vieram de... que vieram então para arranjar, eu... o Pedro, que era aqui o presidente, estava-me lá a ajudar e depois veio aqui e diz: "Oh tia "F", não será melhor, porque conheço a campa toda ... dos meus sogros", diz: "não será melhor enterrarem o seu marido na campa do pai?". E eu disse-lhe assim: "Olha não...". Não, porque olhe, já sou uma... o meu pai já não tem... teve sobrinhos, mas a última filha já s... era eu. Já sou eu. Disse-lhe enterrem no meu pai, porque eles ainda são mais quatro. Tem mais 4 filhos vivos.

M: Pois.

F: Disse-lhe: "Não". E ele diz-me assim: "Olhe, mas aquela pedra?", e eu disse, sabe Deus como estava eu da minha cabeça...

M: Claro.

F: ...disse-lhe assim: "Tirai e ponde-la lá em cima da do meu sogro." Não tem... não tinha letras...

M: Mhm.

F: A cruz ainda estava boa e era tudo branco, por isso pú-la lá... Pronto, esteve 1 mês, 2, quase 2 meses, ninguém disse nada... só depois então, o meu cunhado... ai Jesus... mandou vir logo a mim, pedir ao senhor padre, que não sei quê, não sei que mais. E eu só lhe disse, quando mandam... eu só tiro a pedra, quando tiver outra para lhe pôr...

M: Claro.

F: ...agora, tire-lhe e pago a parte que me pertencer. Pronto, mas ele ficou todo... o senhor é o homem mais importante, mas eu não me importei. Depois quando lá fui, visitar essa campa, que a ... é minha, eu dizia sempre para as pessoas que me vinham dizer: "Olhe que ele quer que tire a pedra". E eu disse: "Eu tiro a pedra quando tiver ali

outra campa para... para la porem por cima; tiro a pedra e pago a minha parte."

M: Claro.

F: Eu não tinha mais que fazer. Não lhe parece?

M: Sim, sim.

F: Eu acho que não tinha mais nada a fazer.

M: Pois, fez bem...

F: Disse que fiz mal, que fiz mal, que não tinha nada que lá pôr a pedra. Disse-lhe: "eu...", disse assim, "Eu não sei, que mal eu pude fazer a alguém." Estava aquilo a meter vergonha, se lhe só tapei a miséria que aí estava. Mas pronto. E agora, é isto só. Um tampo velho...

M: E esta pedra há quanto tempo é que...?

F: Só ainda está desde Março.

M: Pois... desde Março.

F: E aquela também.

M: Pois, elas são... são novas, não é?

F: É.

M: E foi a Dª "F" que escolheu a pedra...?

F: Sim.

M: ...a cor, e...?

F: Tudo.

M: E o desenho? Foi...? Como é que foi?

F: Foi tudo.

M: Não... foi lá na funerária ou...?

F: Não, foi aqui... foi aqui... disse: "Olhe, ponha-me assim, assim". E ele, trouxe tudo.

M: Fez tudo.

F: E depois então, a fotografia do meu pai também estava além. Na cruz.

M: Na cruz.

F: E ele foi e tirou-a e tirou-lhe de novo e é que lhe fez aquele quadrozinho do meu falecido pai.

M: O texto que está escrito de "Saudade da família" e "Saudade da esposa" foi a Dª "F" que disse para escreverem assim?

F: Ai eles põem-na. A gente pede e eles depois levam o Bilhete de Identidade e põem...

M: ...e põem tudo.

F: Põem... põem tudo.

M: ...não é?

F: É. Ali em Montalegre.

M: Mhm.

F: Mas logo depois então, aquele... aquele recado... portanto, ao meu cunhado... depois a minha sobrinha estava aqui e agarrou, e disse: "Tanto me faz pôr aqui como ponho acolá na campa do meu irmão e do filho dele, claro." E lá o pôs então. E é isto que lhe tenho a dizer. O que é que posso dizer mais...?

M: Mhm.

F: Mas agora então, depois o meu cunhado andou a chamar os outros irmãos porque "patati..."... ainda quis bater numa irmã, porque, não sei quê, não sei que mais... bem,

pronto. Eu não lhe disse nada. Só depois então mandou pedir o dinheiro. Então, ao marido da minha sobrinha, que é que os tinha andado a arranjar... que a criei eu, também. E ao meu sobrinho que aí está, também. Criei os dois que eram pequeninos... ai meu Deus!

M: A Dª "F" costuma vir muito ao cemitério?

F: Sim, sim.

M: Costuma?

F: Sim.

M: E porquê... e porque é que vem ao cemitério normalmente?

F: Porque parece que mata a gente de saudades. Eu tenho as fotografias em casa, mas... vindo a gente aqui, sempre... não sei... parece que é outra coisa.

M: Está-se mais perto?

F: Eu sei lá? Tão perto está aqui... ele já não está aqui.

M: Pois.

F: O meu marido ainda está porque foi há pouco tempo...

M: Mhm.

F: Mas as outras pessoas já aqui não estão. Há tanto tempo, há tantos anos... onde é que está o corpo deles?

M: Pois.

F: É a alma que, sabe Deus onde ela está... Que Ele permita que esteja no lugar, pois é para nós todos.

M: Dª "F" lembra-se da primeira vez que veio... que visitou um cemitério?

F: Diga?

M: Se se lembra da primeira vez que entrou num cemitério ou... quando era pequena.

F: O cemitério já foi feito de novo.

M: Pois, porque antigamente era no adro...?

F: Era no adro. Tenho lá os meus avôs, tenho lá amigos e amigas, tenho lá uma moça... duas, uma era minha cunhada, morreu novinha, e a outra também, minha amiga. Chamavam-lhe Carminda.

M: E lá no adro da igreja tem pedra ou...?

F: Tem.

M: Tem?

F: A dos meus avôs tem. A do meu avô paterno tem pedra. Mas as outras... também têm lá mais umas pedras e tem o meu pai, que Deus tem. Também foi casado duas vezes.

M: Mhm.

F: E só esteve casado...

M: Foi pouco?

F: ...três meses.

M: Ui.

F: Foi o tempo de alcançar...

M: Pois.

F: ...uma criança e quando bateu, morreu... e está lá, também tem uma pedra.

M: E diga-me uma coisa, porque é que no adro da igreja não põem flores?

F: Porque... o padre disse que até aquelas pedras deviam levantar, porem-nas assim ao

alto... nas paredes, mas a gente tem-nas lá.

M: Mas e antigamente, quando era muito nova, nunca se pôs flores nas...?

F: Não. Para o ... a gente limpava-as à volta... e, por exemplo, as que não tinham assim a pedra, já estava sempre mais limpa, não é? E é que não tinha... lançavam na terra, limpavam...

M: Arranjavam?

F: Arranjavam, mas ainda aqui andaram a arranjar. Olhe...

M: Como esta, não é... aqui?

F: Sim.

M: Arranjavam... mas punham também flores e velas?

F: Também... não. Naquele tempo ainda se não usavam as velas.

M: Então o que é que faziam no Dia de Todos os Santos?

F: Dávamos volta... volta da igreja e era... era o que se fazia naquela altura.

M: Mhm.

F: Dava-se-lhe volta com uma procissão de ... de velas, por onde... como é que hei-de dizer? Quando a gente...

M: Com a procissão de velas à volta da igreja e... pronto, não se fazia...

F: E então arranjavam... mas havia gente que as arranjava tão bem, a minha sogra, que Deus tem... então para a filha que lhe morreu... ai... ai que campa lhe arranjava assim tão organizadinha! Agora, fazem conforme o que... olhe, estão muitas...

M: Pois.

F: Estão muitas além.

M: É, é.

F: Ainda estão muitas sem... sem campa, mas cada um faz o que pode. Não é?

M: Claro que sim.

F: Olhe, vê aqui um... um senhor bispo, e quando num ... disse: "Tanto dinheirinho aqui estragado." E realmente é verdade. Significa que, pronto, temos aqui esta coisa dos ... aqui, não é? Mas realmente é um dinheiro que está estragado... não vale nada.

M: Pois é.

F: Porque para eles não lhe vale nada e para nós também. Pode-nos... aqui. Que vamos fazer?

M: Mas então porque é que pôs a pedra?

F: Pois! Pois é por isso que a gente tem este prazer de dizer assim: "Tenho-os aqui e ainda olho por eles."

M: Claro.

F: E também do outro jeito também a gente vinha, e reparava as campas, claro. Também as limpava e enfim. Mas agora... o tempo é mais para isto. Não é?

M: Claro.

F: Vem mais... mais força que até ali, não havia. Havia força... mais força de que agora. Nos corpos das pessoas. Mas, não havia...

M: Dinheiro?

F: ...dinheiro. Claro, fazia a gente o que podia, olhe, acolá é o meu... o meu tio... acolá aquela campa.

M: O da... do marido da professora "C"?

F: É. É. Também conhece?

M: Também conheço porque já falei com a professora "C". Também já fiz esta perguntas a ela, por isso…

F: Ah! E tenho acolá outro irmão mesmo na ponta.

M: Mhm.

F: Olhe quantas campas eu aqui tenho!

M: Pois é.

F: Veja bem.

M: Diga-me uma coisa: lembra-se da primeira recordação…?

F: De vir aqui?

M: Não. Da morte? Que esteja relacionada com a morte. Alguma coisa… quando era muito pequenina, alguma coisa que se lembre…

F: O que me lembra de pequenina… lembra-me de… de matarem aí um homem com um rolo, numa malhada, e depois, a gente gostava de ver, mas ainda era muito peq… tinha para ali uns 5 aninhos. E lembra-me então de virem com o caixão naquela altura, ele estava lá, naquele … em cima, e o senhor que mataram estava lá, no… no largo do cruzeiro…

M: Sim.

F: …na casa em frente que está acima do… por exemplo, vem a rua da… de cima…

M: Esta de cima…

F: Não. Vem uma aqui assim…

M: Sim, sim, vem.

F: …e depois vem outra de cima…

M: Sim.

F: E a casa está no tanque…

M: Ah, já estou a… já sei qual é. Já estou a ver.

F: Já?

M: O sítio, sei.

F: E está ali então, era de um … que estava cá em baixo e mais a canalha pequena, ali debaixo, numas … que ali estavam, ao pé da igreja, lá em cima, e lembra-me de vir portanto sair o caixão por ali abaixo, muitas senhoras, muitas pessoas, mas, só sabia que o homem que se chamava Alberto.

M: E que idade é que tinha a Dª "F"?

F: Para aí alguns 5 aninhos. A gente naquele tempo era muito atrasadinha… não sei… éramos o que éramos. E então o que me lembra de estar então assim a ver, eu e mais garotos que estávamos, e de vir um homem com… por exemplo, com uma cesta, não sei se a senhora viu aqui a…

M: A cesta das velas?

F: A cesta das velas. Vinha aí o homem com a cesta das velas e pôs uma vela… acesa.

M: Acesa.

F: E depois lembrei-me no cemitério, já depois mais tarde de abrirem na campa do senhor e ver a pessoa já… o caco já não… ali estava…

M: O crânio…

F: O crânio.

M: …partido. Não é?

F: E pronto, já me lembra de muitas coisas, mas, são tristes. Nem vale a pena a gente estar a pensar nelas.

M: Os sentimentos com a morte ficam sempre de tristeza?

F: De tristeza, é. É verdade, sempre tristeza.

M: E alguma vez alguém lhe explicou o que é que era a morte? O que é que era morrer? Nunca lhe disse...?

F: Oh... olhe, eu vi o meu marido. Só lá estava eu...

M: Não, mas quando era pequena, quando era...

F: Ah, quando era pequena... "Ai não faz isto que senão o Senhor mata!", "O Senhor leva", "O Senhor..."...

M: Assustavam-se muito, então. [risos]

F: [risos]. A gente, não era o assustar muito, mas, claro, estavam sempre a repreender as pessoas... tantas coisas que nos diziam, coitados. Olhe, mas levam uma educação boa, e agora é tudo... uma pouca vergonha, para lhe dizer a verdade. Por um jeito será bem, mas por outro não é muito bem, também.

M: Pois.

F: Porque acho que é... eu não sei... parece que o mundo perdeu assim a vergonha de... não é?

M: Sim, sim. Tem razão.

F: E principalmente as mulheres... as mulheres é que...

M: É nas mulheres e nos homens. Acho que é.

F: Também não me diga... ali davam o peito à criança, punham um paninho... estavam sempre a esconder, e agora? Assim... Jesus. Eu não tenho nada que dizer, que cada um é conforme é. Não sou ninguém para julgar ninguém também.

M: Mas diga-me uma coisa: a sua mãe ou o seu pai nunca falaram sobre a morte consigo?

F: Então não falávamos? Ai...

M: A explicar o que é que era a morte... não...? O que é que eles diziam?

F: Explicavam-nos a doutrina.

M: Ai... a doutrina.

F: A doutrina... mandavam-nos para a doutrina.

M: É religiosa, não é... a...?

F: Acho que sim. Eu acho que sim. Creio... sou uma grande pecadora porque... é o que a gente é, mais pecadoras do que... não é? Porque... eu não sei... olhe, eu não sei. Eu já lhe digo não sei quê... o que a gente há-de dizer, nem pensar.

M: Mhm.

F: Fizemos tanta coisa errada, que parece-nos a nós. Parece-nos a nós que estão erradas, e se calhar até são mais certas que as... que nos pensemos. Eu sei lá. Falam no... nestes que andam Jeovás... e eu digo, que eles ainda são mais carinhosos uns para os outros do que somos nós, os outros. Eu acho que sim. eles... o modo deles falarem é... dizem, dizem: "Ai para mim não sei quê...", disse: "Olhe, para mim nunca tiveram essa possibilidade de me dizer... para mudar... nem deixar de mudar, porque isso não lhe adiantava." Mas, vejo assim no aspecto deles que ainda têm mais amor uns aos outros do que nós temos. Porque por tudo e por nada, a gente zanga-se. Eu sei lá bem... E eles não.

M: Mhm.

F: Parece que somos assim mais... olhe, eu não sei.

M: Está bem. E, diga-me uma coisa... e, daqui do jazigo, onde é que foi mandado fazer? Foi em Montalegre, foi...?

F: Foi em Montalegre.

M: Na funerária?

F: O senhor é de Montalegre, mas a coisa é em Braga.

M: Ah...

F: É em Braga que fazem.

M: Está bem, está bem.

F: É, é.

M: E ficou satisfeita com o trabalho que...?

F: Sim... mais ou menos.

M: O que é que acha que ficava melhor?

F: Sei lá bem... eu não... já não tenho cabeça para nada.

M: Mas antigamente tinha a pedra branca, não é?

F: Pois.

M: E aquela cruz branquinha. O que é que acha que ficava mais bonito?

F: Bem, a cruz branca ficava bem, mas suja-se muito. Aqui é...

M: Pois.

F: ...muito Inverno e, claro... está a gente a acabar de lavar e...

M: Fica logo.

F: ...logo fica, porque também já tem muito tempo.

M: Sim. Sim, sim, sim.

F: Já tem 49 anos, já é muito tempo, não é?

M: Mhm.

F: E é assim.

M: Está bem.

F: Agora olhe, está ali outra pedra... aquela também está muito linda.

M: Sim, sim. estou a ver.

F: Olhe, cada um faz o que pode. Não é?

M: É. Quando... Nunca ouviu falar sobre a tradição do Pão por Deus? Que era uma tradição que se fazia em algumas terras, não é?... que era: no dia 1 de Novembro, de manhã cedinho, as crianças levant... saiam de casa bem cedo e iam bater à porta das outras pessoas para pedir...

F: O pão?

M: ...o Pão por Deus, que era... davam nozes, ou castanhas...

F: Não, isso... coitadinhos, iam todos os dias quem precisava. Iam todos os dias.

M: Mhm.

F: E pobres, vinham por aí... vinham bater à porta, que a gente...

M: Era muito costume, era?

F: Muito. Coitadinhos, ai alma que ... Meu Deus, que foi uma alegria tão grande. Vinham bater à porta: "Ai, dê-me um bocadinho de pão, dê-me qualquer coisinha." Claro, vinha a gente com o que podia...

M: Claro.

F: ...não podia dar muito porque também a gente também tinha pouco.

M: Também tinha pouco.

F: Não dava logo para matarem a fome, mas... mas corriam a aldeia. E outros garotos não, era mais nos Reis. Nos Reis é que vinham pedir, vinham pedir então assim a esmola... a esmola não... a... os Réis às pessoas e é a vida. Mas, bem. Havia assim muitas tradições, mas eu não sou assim muito... não me lembra de assim muita coisa.

M: O dia de hoje e de amanhã, o dia 2 de Novembro, nestes dias...

F: Hoje é o Dia de Todos os Santos.

M: Todos os Santos.

F: Nós, é porque o senhor padre está em Vilar e não tem o tempo para... porque senão não era hoje que... hoje pertencia-lhe a vir, mas amanhã também lhe pertencia a vir.

M: Pois.

F: Mas não vem porque também não pode fazer tudo.

M: Claro.

F: E ele também está muito doente.

M: Pois, pois é.

F: Está muito doente.

M: Nestes dias... nestes dois dias eles são diferentes de alguma maneira dos outros dias do ano?

F: Não, são iguais. Só que... acorre aqui mais gente.

M: Acorre mais gente.

F: Mais a preparar e isto e aquilo e, enfim... claro, cada um que tem aqui os seus, vem.

M: Diga-me uma coisa, e nestes dias, por exemplo, aquilo que come em casa...

F: Isso é...

M: Isso é tudo igual? Não é nada de especial?

F: Não, não. Aqui, só sendo festa. Às vezes ao domingo. Eu, por exemplo, como é que hei-de dizer, no dia de Natal...

M: Sim.

F: ...no dia, como é que hei-de dizer, de Reis, bem... Ou quando se matavam um porquito é que se fazia uma festa. [risos]

M: Uma festa. [risos]

F: A gente... [risos] eu quando era nas malhadas, se juntavam às 30 e 40 pessoas, era preciso dar de comer àquela gente toda.

M: Mhm.

F: Ai, isso é que era... caramba. Era preciso ouvir dizer muitas vezes... [risos]

M: [riso]

F: E é a vida, olhe...

M: Está bem. E diga-me uma coisa... quando está a decorar as campas...

F: Ai, foi num instante.

M: E diga-me, o que é que pensa? Que preocupação é que tem?

F: Eu não tinha nenhuma.

M: Não tem nenhuma preocupação?

F: Não. Só estava... com uma coisa... fiquei tanto, que perdi a voz. Ainda não cantei mais como cantava.

M: Mhm. E as flores que... que pôs?

F: As flores, olhe... as flores, vai a gente a Chaves e compra.

M: Mhm.

F: Compra como quer. Estas trouxeram-mas logo, e estas então, naturais, é a minha sobrinha que tem aí ao pé de casa, e vimos aqui fazer...

M: E as de plástico são de Chaves, é?

F: Não, não. Estas trouxe-me o Zé, da funerária.

M: Ah.

F: Porque a gente manda, manda também fazer flores...

M: Ai ele também arranja? Arranja...?

F: Ele traz as flores. E depois aqui, por exemplo, os sobrinhos do meu marido trouxeram cada um.

M: Mhm.

F: Uma afilhada e sobrinha, que estava na... e um irmão... cada um mandou a sua coroa. A da minha afilhada era muito grande, uma coroa muito grande. Viu-se à rasca para mandar porque estava na França. E diz que andou a procurar em Chaves a ver se dava com... com a florista, não é?

M: Sim.

F: E que se viu atrapalhada e depois lá... lá arranjou. No dia do funeral que ainda la vieram pôr. E ao irmão, foi para Montalegre, que telefonou, lá tem amigos e vieram pôr outra. E aos outros que estavam por aqui todos trouxeram também cada um, o seu ramo de flores para ...

M: Mas as flores que tem aqui tem algum significado para si?

F: Tem. Então não tem? Tem, porque senão não las punha.

M: E qual é o significado?

F: Ah, o significado de ver mais ou menos uma coisa a parecer-se. Não é luxo-luxo, mas... é uma...

M: Não, mas por exemplo as cores: elas são brancas, amarelas e alaranjadas...

F: Eu, para mim, serve de toda a maneira.

M: É?

F: Eu gosto é de flores. Gosto delas todas.

M: Mhm. E aquelas, e as rosas que são de plástico...

F: Também.

M: ...escolheu-as? Foi a senhora que as escolheu?

F: Não.

M: Ai foi o da funerária que as escolheu.

F: Foi ele que as trouxe.

M: Ah. Está bem.

F: Pois. Olhe, tanta flor que ... naquele dia, que depois tem que ir tudo para o lixo.

M: E nos outros dias... no dia-a-dia...?

F: No dia-a-dia...

M: ...só ficam as de plástico?

F: Não.

M: Ou também põem as...?

F: Tenho posto... agora é que as há. No Inverno a vir, já não temos nada, porque vai... aquilo...

M: Desaparece tudo.

F: ...aquilo desaparece tudo.

M: Pois.

F: E com as geadas como aqui caem.

M: E quais são as flores que costuma mais pôr... da... das naturais?

F: As que me aparecem.

M: As que aparecem.

F: Eu não... não estou a... são flores, são flores. São flores que eu gosto delas todas. Tanto me faz serem deste jeito como daquele, como seja flor...

M: Mhm. Está bem.

F: Oh, meu Deus!

M: E é com a sobrinha que costuma...?

F: A vir. Porque é a que tenho cá.

M: Mhm. E gosta mais de vir sozinha ou acompanhada?

F: T anto... tanto me dá. Tanto me dá vir sozinha, seja à hora que for...

M: Em que dia é que costuma mais vir ao cemitério?

F: Eu nã... a qualquer hora. Olhe, às vezes vou por aqui abaixo e vou por um lado ou por outro, que tenho aqui um castanheiro para cada lado, e entro aqui, levo um círio, levo com a minha vida... por um lado ou pelo outro. Não tenho hora, n... Agora que me... que calhar de aqui vir, já entro.

M: Já... pois.

F: Se não, há em casa, conforme que me vai mais, que às vezes...

M: Mas à noite também vem?

F: De noite? Não. Que venho aqui fazer? Fui ao cemitério santo, à meia noite e à uma hora, não, não. A gente não. Olhe, a gente por ... mas não tra... nem por coisa alguma. Porque senão, ainda me lembra, para aí fazer alguma malucada e ...

M: Pois.

F: ...graças a Deus, fico sozinha na minha casa. Não tenho ninguém.

M: E como é que acha que se... que é a melhor forma de nos lembrarmos de alguém? O que é que nós podemos fazer?

F: Ah, nada. Isso não faz sentido. Não sei. A gente bem... até a dormir a gente sonha com as pessoas.

M: Claro. Acha que é importante nós lembrarmo-nos das pessoas?

F: Então não é? Sempre lhe fazemos depois uma oração pela alma, pela alma, então. Eu acho que sim. Quer dizer, a gente... Hoje está... Estávamos sempre no cemitério, meu Deus. Às vezes até já me punha a cantar um verso, uma coisa qualquer, porque dizem que é bem cantar, que quem canta na igreja duas vezes, reza, e a mim já me disseram: "Ai M... não canta...", "Não canto, não mais canto." Se tiver voz para eu cantar, eu canto, não me importa lá o que os outros dizem.

M: Sim, sim.

F: Eu acho... eu é que sei o que hei-de fazer.

M: Pois é.

F: Não vou agora lá para... para essas coisas agora das outras criaturas, que cada um tem a sua ideia. Se a minha mãe, que Deus tem, dizia: "Rapariga, tu canta sempre na igreja. Tu canta sempre na igreja, porque..." Eu era uma canalhinha pequena e disso eu me lembro bem, lembro-me de me trazerem para a igreja, e então no lugar do meu ... havia ali, é as casas do pupilo, onde os padres vinham...

M: Sim.

F: ...e tinha ali um caixote. Assim uma caixita assim grande de coisas que havia lá da igreja, e às mulherzitas era ali onde se paravam mais. E eu também vinha logo ali para encafuar para ouvir o que é que elas cantavam, para cantar com elas. Era pequena, como eu digo, não... não era nada, mas pronto, tive sempre aquela coisa de cantar. E agora então, claro, ... agora naqueles dias que, a minha cabeça estava avariada. Mas assim que produzir, oh meu Deus, peço, rezo duas vezes para elas cantar. Não é verdade?

M: Claro.

F: É o que os padres dizem quem...

M: "Quem canta seus males espanta."

F: Ai, eu também sabia essa. Toda a vida vivi "quem canta seus males espanta" . Tinha um irmão no Brasil que gostava muito de me ouvir cantar. Depois trazia sempre coisas, às vezes trazia discos para uma grafonola que tínhamos, só para... Porque ele... ele não cantava tão bem como eu. Mas gostava de me ouvir cantar a mim. E depois punha a... punha a... "aprendes isto" e depois "tem que ser mais assim...". [risos]

M: [risos]. Está bem. E diga-me uma coisa: quando está a pôr... a arranjar a campa, a pôr as flores, espera que haja alguma coisa de troca, da parte do..."

F: Do meu marido?

M: Do seu marido ou dos seus pais...

F: Não. Não.

M: Não?

F: Não. Eles não tinham nada, coitados. Eles eram simples.

M: Dá-se... dá-se só por se dar, não é? Aquilo que...

F: Damos porque temos obrigação de fazer.

M: Mhm.

F: Não é? A gente tem obrigação de fazer alguma coisa pelo, pela nossa gente...

M: Sim, sim.

F: Mas agora, olhe o que estou a fazer, estou a pôr-lhe as flores e a rezar pela alma que Deus nosso senhor as tenha a eles em meu lugar, que passam por todo o mundo, que... que todos precisamos, que está... este mundo está corrompido.

M: Mhm.

F: Para a minha ideia, pois é... eu sei lá, eu só peço que esteja melhor. Mas parece-me assim, coisas assim tão, que a gente faz para quê... lá para a cidade não sei, mas assim pela aldeia, digo assim: "Óh, meu Deus, estamos tão mal."

M: E diga-me uma coisa: os homens também costumam vir aqui à... à...?

F: Costumam.

M: ...ao cemitério? E também tratam das campas?

F: Não. Porque as mulheres, já as mulheres tratam.

M: E porque é que são as mulheres a tratar? Porque é que acha?

F: Porque somos as mulheres que temos a obrigação de... eles vão mais para o monte, vão mais com o gado... agora já há pouco gado, mas é uma hipótese, não é?

M: Mhm.

F: Os homens claro, iam lavrar, iam, pronto, semear o centeio, o... as batatas também tínhamos que ir também as mulheres, porque... agora para o... para o centeio, só era espalhar o esterno, como lhe chamavam.

M: Sim, sim.

F: O adube. Mas eles é que tinham que ir tratar dos lameiros, prepararem os regos, prepararem-lhe... enfim, não é? E as mulheres ficávamos em casa para lavar, para fazermos o que fazia falta.

M: Mhm. Está bem.

F: É por isso que, que vínhamos as mulheres ou que vimos. Mas eles também vêm. Olhe, não viu? Agora aqui há pouca gente.

M: Mhm.

F: Mas não viu que também ainda estavam homens?

M: E... e... mas ligado ao culto dos mortos, está mais ligada à mulher, então?

F: Não. O culto dos mortos está em todo o mundo. Estamos nós e...

M: Não... mas para tratar dos mortos, é a mulher que trata deles? Não é?

F: Para tratar dos mortos?

M: Sim.

F: Enquanto estão doentes, as mulheres é que tinham mais os cuidados de os...

M: De os fazer.

F: ...de fazer.

M: E as crianças?

F: As crianças também. Era tudo as mulheres.

M: Todas as mulheres. Os rapazes nunca...?

F: Não. Os rapazes eram só para se ouvir... tínhamos que os aturar. [risos] Coitados. Oh, todo o mundo se ia governando conforme podia. É a vida. Olhe.

M: Só queria saber mais uma coisa.

F: Então diga lá.

M: A...

...breve interrupção para "**F**" responder a uma pergunta de outra pessoa...

M: Diga-me só uma coisa, Dª "**F**"...

F: Diga...

M: No início, quando construíram este cemitério, punham as mulheres do lado esquerdo, não é? Sepultavam-nas de um lado e os homens...

F: Do lado direito.

M: E porquê?

F: Porque a gente, por exemplo... agora não, mas quando era... quando eu era garota... agora já se junta tudo lá na igreja. E é tudo de lenço, as mulheres. Ninguém ia sem lenço, o véu. Agora já vão em cabelo, já... modificou. Não interessa. Cada um é conforme. Quanto a isso não tenho nada a dizer. Mas, por exemplo, os homens iam para frente...

M: Mhm.

F: Da porta ao pé, que se entra na porta travessa, os homens iam para a frente e as mulheres iamos ao para trás. Para a outra parte.

M: Pois, pois, pois. Já estou a perceber.

F: Entravamos aqui e depois... para aqui era a parte baixa e acolá a parte do... do não sei quê...

M: Do altar.

F: ...do altar.

M: E para lá iam os homens.

F: Para ali os homens; nós íamos lá para trás. Agora já vai tudo misturado. Já tanto faz. E pronto.

M: E quando... quando era no adro da igreja, as pessoas eram sepultadas... as mulheres e homens no mesmo sítio ou?

F: Era.

M: Não era separado?

F: Não, não era. Aqui foi por ser cemitério, e lá pensaram aquilo. Mas aqui nunca houve coveiro, é por isso que isto está muito... muito apertadinho. Está... está... a miséria que aqui está... a gente quer andar...

M: Anda-se em cima uns dos outros.

F: [risos] quase, quase.

M: [risos].

F: Porque primeiro só foi o cemitério... aqui a metade.

M: Sim.

F: Dali da cr...

M: Quando é que foi feita esta... feito este aumento? Não sabe em que ano é que foi feito?

F: Ah... talvez ainda esteja ali escrito, mas depois então é que desse coisinho ao para ali é que fizeram aquela parte toda, ò para além. Porque, já se sabe, é pequeno para tanta pessoa que... claro, tinha falecido e olhe, graças a Deus, está bem bonito. Não está?

M: Está, está.

F: É uma ideia... está bonita. Deus Nosso Senhor tinha lá no reino da glória a descansar. Nosso Senhor que permita que toda a gente...

M: E tem o céu bonito por cima. Não é?

F: Bem, então o que me quer perguntar mais?

M: É tudo. Está tudo. Não foi difícil, pois não? Muito obrigada Dª "**F**".

F: Obrigada não...

Entrevista nº 7 – G
Fui a casa do "**G**", que fica na rua que liga a igreja ao cemitério, e a entrevista iniciou-se no exterior da casa. Depois prosseguiu até ao cemitério.

M: Então, diz o teu nome.

G: "**G**"

M: Que idade é que tens?

G: 12 anos.

M: Moras com quem?

G: Com o pai e com a mãe, e com a irmã.

M: E com a irmã. ... és crente...?

G: Sou.

M: ...em Deus? Moras aqui em Meixide?

G: É.

M: E nasceste cá em Meixide?

G: Nasci.

M: Está bem. Tens o número de telefone de cá de casa?

G: Tenho.

M: Qual é? Sabes?

G: É (nº de telefone)

M: Então vamos começar. Tu costumas ir ao cemitério?

G: Às vezes.

M: Quando é que costumas ir?

G: Às vezes aos domingos.

M: Aos domingos? E vais sozinho ou vais com alguém?

G: Umas vezes vou sozinho, outras vezes com a minha mãe.

M: Mas gostas mais de ir sozinho ou com alguém?

G: Sozinho.

M: Sozinho? Porquê?

G: Porque... não sei.

M: Lembraste da primeira vez que foste ao cemitério?

G: Não.

M: Não? E o que é que tu fazes no cemitério, quando vais lá?

G: Sei lá... às vezes ponho lá flores... rezo às vezes... e mais nada.

M: E as flores que tu pões lá, és tu que escolhes que arranjas...?

G: Não, é a minha mãe que dá e eu ponho.

M: ... e diz para tu ires lá pôr as flores? Mas também lavas a campa ou...?

G: Às vezes.

M: Também lavas. Ok. E... ora bem... lembraste da primeira vez... tens alguma recordação relacionada com a morte?

G: Não.

M: A primeira vez que tu ouviste falar sobre a morte ou... os teus pais alguma vez falaram-te sobre a morte?

G: Acho que não.

M: Não? E na escola?

G: Na escola não.

M: Também os professores nunca falaram-te sobre o que é a morte, ou o que é que pode acontecer...?

G: Não.

M: Mhm. E qual é a tua... que sentimento é que tu tens da morte? O que é que tu achas que é?

G: Não sei. Triste, acho.

M: Mhm? E nunca ninguém então te explicou o que significava a morte, não é?

G: Não.

...sem interesse...

M: Estas são as fotografias que tu tiraste, exactamente há um ano atrás, não é? Queria que tu visses e que... que falasses sobre elas. O que é que tu achas... porque é que tiraste essas fotografias, não é? (...) Isso é a procissão de velas, quando saímos... qual era a tua preocupação quando estavas a tirar as fotografias?

G: Que ficassem bem.

M: [risos] E aqui quem é? É alguém...?

G: É a minha mãe.

M: Ai é a tua mãe. (...) A campa qual é? Já agora...

G: É esta.

M: É esta aqui?

G: Sim.

M: Esta de... cinzenta com as flores cor-de-laranja, não é?

G: Esta... também esta, aqui...

M: Mhm. Com os cravos.

G: E acho que é esta aqui, também.

M: São três?

G: É.

M: Isto foi do carolo, não é?

G: Mhm.

M: Já foste a algum funeral?

G: Ai, muitas vezes.

M: (...) É a tua mãe, não é...?

G: É.

M: ...que está de joelhos? Porque é que tu achas que existe o Dia de Todos os Mortos e...? Para que é que serve?

G: Se calhar para lembrar a morte, ou assim.

...ofereci as fotografias...

M: Tu gostaste de tirar as fotografias?

G: Gostei.

M: E já tinhas tirado alguma vez ou...?

G: Já. Assim para isto não, mas para outras coisas já.

M: Para outras coisas... E gostas de tirar fotografias então?

G: Gosto.

M: É? Mhm. Ora bem, então...

...descemos a rua até ao cemitério...

G: Tu conheces o Halloween?

M: Conheço.

G: Vocês festejam ou...?

M: Não, aqui não.

G: Mas na escola fizeram alguma coisa?

M: Fizemos.

G: O que é que vocês fizeram?

G: Desenhamos uma cabaça, que é... desenhamos e enfeitamos.

M: Mhm. É só lá em Montalegre que fazem a...?

G: É.

M: Mas vocês vestem-se também como... bruxas ou de...?

G: Não, não.

M: Não? Mhm. Mas sempre fizeram isso do...?

G: ...

M: Há quantos anos é que estás lá, em Montalegre?

G: Há 3.

M: E... estás em que ano agora?

G: Agora no 7º.

M: No 7º ano. Costumas ver mais crianças aqui no cemitério?

G: Não.

M: Vocês também são poucos, aqui em Meixide. Não é?

G: É.

M: És tu, a "**B**"...

G: E mais dois, só.

M: A "**I**" também, não é?

G: Também.

M: (...) Quem é que vem normalmente cuidar aqui das campas?

G: De cada uma, são os familiares.

M: Mas homens e mulheres, ou...?

G: É, homens e mulheres.

M: Por exemplo, na tua família, o teu pai também vem?

G: Vem mais a minha mãe.

M: O teu pai quando vem, o que é que vem fazer?

G: Às vezes também ajuda.

M: Está bem.

...chegamos ao cemitério...

M: Qual é então?

G: Uma é aquela... outra é aquela de acolá...

M: Ana Maria Gonçalves, é?

G: É.

M: Quem é?

G: Essa é a mãe do meu pai.

M: A mãe do teu pai. E, aquela...

G: É da tia.

M: Da tua tia, é?

G: Não, da tia do meu pai.

M: Não percebi.

G: Da tia do meu pai.

M: Ai da tia do teu pai. Albertina, não é? Anjos. E que mais?

G: E acolá. Mas acolá não é nada, mas é ... é tipo para os primos.

...caminhada...

M: E tu ajudaste a decorar alguma delas?

G: Não, não.

M: Não? Quais é que achas que são as flores que estão mais relacionadas com a morte?

G: Não sei. As brancas, acho.

M: As brancas?

G: As roxas...

M: Mhm. Quais flores tu gostas mais?

G: São cravos.

M: Os cravos? A tua mãe tem... tem lá cravos?

G: Não.

M: Os teus avós ainda são vivos?

G: Só tenho aqui um avô vivo e... e dois em Pedrário.

M: Mhm. (...) Nunca ouviste falar sobre uma tradição do Pão por Deus?

G: Não.

M: Que era as crianças saírem de manhã, no dia 1 de Novembro, saiam antigamente de manhã para pedir... o Pão por Deus que era... as pessoas davam comida ou alguma coisa assim... Não conheces?

G: Não.

M: Ora bem, então é esta... aquela, não é? Ah, e tem ali os cravos. Então só estão aqui duas pessoas, não é?

G: É.

M: ...que estão sepultadas. E tu trazes tanto para uma como para a outra, as flores ou...?

G: É igual.

M: É? E as flores de plástico, onde é que se arranjou? Sabes?

G: Não, não.

M: Não? E as naturais?

G: É a minha irmã que as trouxe.

M: De onde?

G: De Chaves.

M: De Chaves? Está bem. Há alguma coisa que tu queiras falar sobre a morte ou...?

G: Não.

M: Achas que é importante nós lembrarmo-nos das pessoas?

G: Acho que é.

M: Porquê?

G: Para não nos esquecermos delas.

M: Mhm. (...) E achas que quando as pessoas estão a decorar as campas, esperam alguma coisa de troca dos mortos?

G: Não sei.

M: Nunca pensaste nisso?

G: Não.

M: Pronto, é tudo. (...)

Entrevista nº 8 – H

A entrevista a **H** decorreu na entrada do cemitério, prosseguiu dentro deste e depois foi concluída no adro da igreja.

M: Então pode dizer, por favor, o seu nome?

H: "**H**"

M: Que idade é que tem?

H: Tenho 77 anos.

M: 77 anos?

H: Faço dia 31 do corrente mês de Janeiro, no dia 30, 29, setenta e oito.

M: 78. E nasceu em Meixide?

H: Nasci em Meixide.

M: E viveu sempre em Meixide?

H: Vivi sempre em Meixide... aliás, fui algum tempo à África. Estive em Angola... estive em Angola 10 anos.

...breve interrupção...

M: Estava a dizer então onde é que morou.

H: Em África. Morei... tem... na beira do ... no lugar de Samami, e distrito com ... norte Salazar, com origem no Talatam, que mudaram na...

M: É em Angola isso?

H: É em Angola, África.

M: E quantos anos é que viveu?

H: Vivi lá 10 anos.

M: Que idade é que tinha?

H: Tinha 35, quando fui para lá.

M: Dos 35 aos 45 que esteve lá?

H: E aos 45... e foi quando foi no 25 de Abril, é que regressei aqui a Portugal.

M: Está bem. E fez escola ou...?

H: Diga?

M: Andou na escola?

H: Andei na escola quando foi no tempo escolar, andei na escola.

M: Mhm.

H: Mas infelizmente, eu fiquei no meu pai na idade de 5 anos. Fazia 5 anos no dia 29, e ele morreu no dia 28 de Janeiro. E ficamos... somos 4 irmãos, tenho eu uma mais velha que eu ano e meio, e depois outro rapaz que era mais novo 2 anos, e a mais nova, uma rapariga. E ficou doente também. E vivemos, sabe Deus como... mas também tinha mais pobres, mas éramos remediados.

M: Mhm.

H: Tivemos que viver com criados até uma certa idade. E quando cheguei a 17 anos, ficamos encarregues da casa.

M: E o que er... Qual era a sua ocupação?

H: A ocupação era a agricultura.

M: Agricultura.

H: Agricultura.

M: Para além disso é sacristão também?

H: De sacristão sou há coisa... faz agora para... para Janeiro 14 anos. Vim para aqui, e depois também sou amigo lá da igreja, e de zelar pelo sacrário, e aquelas coisas e, é claro, sou eu agora neste lugar, mas eu já quis desprender mas ninguém quer.

M: Pois. Então... diga-me uma coisa: costuma vir ao cemitério?

H: Eu costumo.

M: Quando é que... quando é que costuma vir?

H: Bem, venho várias vezes. Não tenho horas certas. Quando às vezes passo por aqui, entro ali e...

M: Mas em todos os dias da semana ou...?

H: Não, não, não. Todos os dias não venho. Lá quando passo aqui, lembro-me daqui e vou lá dar uma volta. Rezo um "Padre-nosso" pelas almas sepultadas e venho embora.

M: E porque é que...lembra-se da primeira vez que foi a um cemitério? Ou...

H: Da primeira vez, lembra... lembra porque havia aqui uma vizinha que está aqui sepultada neste canto esquerdo...

M: Sim.

H: ...que era Carmelina Alves Ferreira, já de uma certa idade, e quando anda a fazer o cemitério... porque o cemitério foi feito em 53...

M: Mhm.

H: E ela tinha umas lameiras aqui para baixo e diz que já não passava aqui que diz que não vin... que antigamente era no adro da igreja...

M: Mhm.

H: ...e depois vinham aqui para o cemitério... e já não quis vir por aqui e que vinha por acolá para não vir para aqui.

M: Ai, que engraçado! Dava a volta para não ir para o cemitério.

H: Para não ir para o cemitério. Em viva. Dava a volta. Mas depois por azar, morreu. Foi a primeira pessoa que aqui veio para o cemitério.

M: [risos] Que azar!

H: E por casualidade, vim eu, mais quatro colegas transportá-la para o cemitério. Está ali enterrada neste canto ali esquerdo.

M: Pois. Está bem. Mas da primeira vez... lembra-se do primeiro contacto que teve com a morte, com alguém seu conhecido que morreu...?

H: Tive, quer dizer, não tive contacto, mas lembra-me que a primeira pessoa que morreu, que está sepultada lá em cima, no... no adro, que era um Sebastião Paulo. E esse Sebastião Paulo... salvo erro, morreu em 36 ou 37. Não sei bem, mas foi numa dessas datas...

M: Mhm.

H: E lembra-me que estávamos garotos, havia mais crianças por lá, lá na rua... naquele tempo havia muita criança...

M: Sim.

H: E depois estávamos a brincar e esse homem era viúvo, estava sozinho...

M: Mhm.

H: E depois adoeceu, e naquele tempo nós não tínhamos aí centro de saúde, não tínhamos... doutores eram raros, era preciso pagar, e o homem estava aí doente e ficou na cama. Mas depois houve uma vizinha que lá teve conhecimento que estava doente e condoeu-se do homem e cuidou dele. E depois ia lá levar-lhe qualquer coisa, e nós os rapazes estávamos ali perto. Disse vai ao nosso Sebastião, diz-se que está doente, vamos ver. E eu fui lá ver também. O homenzito lá estava na cama, depois dali por poucos dias faleceu.

M: Pois.

H: E depois foi sepultado para lá. Está lá em cima, no adro da igreja. Tem lá uma sepultura de pedra, por acaso.

M: Ai é?

H: É, é, foi lá enterrada a mulher, que era Maria da Graça... não sei que mais. É que ele mandou fazer a pedra e ó depois ele ficou lá. Lembro-me de ele ficar lá.

M: Mhm. Está bem. E... o que é que costuma fazer no cemitério?

H: Bem, no cemitério, até aqui tenho olhado por ele e tinha... às vezes limpava aqui... a erva, quando estava ali... e cuidava disso. Não é? E enterrei também, ajudei aqui a fazer as sepulturas.

M: E também fazia sepulturas, era?

H: Não, não. Aqui não tínhamos coveiro.

M: Sim.

H: Antigamente havia um coveiro, e aqui não teve coveiro certo. Mas quer dizer, há uns curiosos que às vezes morre uma pessoa e depois procuram a família aqui, que faça a sepultura.

M: Sim.

H: Eu ainda fiz e ajudei também a fazer uma ou duas. Mas já estão encarregues outras pessoas de fazer.

M: Sim. E quando... e tem aqui alguém no cemitério?

H: Tenho sim. Tenho aqui a minha falecida mãe e o meu irmão.

M: E um irmão. E na... nas campas deles, costuma tratar da campa, de limpar ou...?

H: Sim. Agora, principalmente neste dia, tenho ... se tem uma pedra, é de mármore, tem a data...

...breve interrupção para a despedida da Dª **D**...

H: É a data e vejo o zelo.

M: E costuma pôr flores?

H: As flores tenho mais umas sobrinhas...

M: Que vão e põem...

H: Põem as flores.

M: Se por acaso não puder vir ao cemitério pede a alguém para ir por si ao cemitério?

H: Eu acho que sim. Eu tenho sobrinhos aí, e eu também sou doente, agora de Inverno sofro muito da... da asma...

M: Mhm.

H: E vejo mal. E se às vezes não puder, como tenho ai os sobrinhos e as sobrinhas, irem lá ao cemitério... e lá vêm aqui às vezes, lá quando eles entendem, também.

M: Que sentimentos é que tem relativamente à morte? O que é que...?

H: Sentimentos da morte? Olhe, eu... eu estou pronto para tudo. Estou confortado, sei que vou morrer, mas quando... não sei. Agora, é claro, é quando vier a hora, então não é?

M: Mhm. E alguma vez alguém lhe explicou o que é que era a morte?

H: Bem, a...

M: ...os seus pais, ou...

H: A morte, há aí uma história, que a morte ninguém quer, não é? Porque havia uma senhora também que estava casada e depois tinha o marido, só estavam os dois, e... e depois também a senhora disse que queria morrer antes do marido. E o marido queria morrer antes da... adiante. Mas depois até que uma senhora, qualquer coisa escutou a

conversa e depenou uma galinha viva.

M: Ui!

H: E meteu-a na porta para ela entrar lá para casa. E depois quando ia a entrar a galinha [risos], tiveram medo. Diz-se que pensavam que era a morte, pois andava lá... [risos]

M: [risos]

H: Andavam a falar na morte, e depois a senhora que queria morrer primeiro, ele tinha com licença à barga de um jumento, de um burro, e o marido foi esconder atrás da albarda. E então ela depois em frente aqui: "Ó morte pelada. Leva o meu marido que está atrás da albarda!"

M: [risos]

H: [risos]

M: Está bem. Isso onde é que se contava? Isso...

H: Contavam esta história, não é?

M: Contavam estas histórias.

H: Isto são histórias, mas...

M: Claro... está bem. Mas os seus pais nunca lhe falaram sobre a morte?

H: Olhe, os meus pais nunca me falaram porque o meu pai infelizmente, por assim dizer, não o conheci...

M: Faleceu... pois.

H: Conheci-o, mas claro...

M: Era muito pequeno, não é?

H: Era muito pequeno.

M: E a sua mãe?

H: E a minha mãe contava... contava-me muitas história, o que é que naquele tempo a escola, por exemplo, hoje... hoje, eu afixava, mas naquele tempo a canalha... contavam-nos...

M: Era mais uma história...

H: Era mais uma história.

M: Está bem. E... o jazigo que está aqui construído foi feito por quem?

H: Quer dizer, aquilo foi feito por... ele é Manuel ... Manuel não sei quê. Ele é da Vila da Ponte... está na Vila da Ponte.

M: Mas ele é da Ponte?

H: Uma agência funerária; o encarregado é ele.

M: E porque é que foi lá em Vila da Ponte?

H: Quer dizer, havia... havia dois sócios em Montalegre, era um e o outro era da Vila da Ponte. E naquela altura eram sócios.

M: Mhm.

H: E a minha falecida mãe não tinha campa. Quando veio para aqui não pôs campas, mas depois o meu falecido irmão morreu mais tarde, e depois como já haviam muitas campas tencionamos fazer uma campa também para ele. E, o meu falecido irmão, faleceu em Montalegre, já...

M: Sim.

H: ...morreu lá no centro e havia também lá uma agência... uma agência funerária e eu fui lá. Vieram seguir o senhor que estava lá, e encarreguei-lhe depois então a campa. E depois ele veio trazer a campa.

M: E como é que escolheu a campa?

H: A campa, havia ali outra parecida, que eu sei que os meus irmãos, são duas irmãs...

M: Mhm.

H: E disse-lhe: "vá, fazei lá mais ou menos" e depois está mais ou menos idêntico àquela, não é?

M: Mas tem alguma razão a escolha da pedra, ou da cor...?

H: Bem, a pedra... a pedra geralmente, têm uma escolha também. Há isto em granito e há em mármore também. Depois, a ideia de cada pessoa também...mas na altura nós escolhemos aquela.

M: É em quê? Em mármore ou em...?

H: Acho que era granito.

M: Em granito?

H: É.

M: É? Mhm. E tem... depois nós vamos ver, depois é melhor...

H: Sim.

M: Só vendo é que dá para... para falar sobre isso. Conhece a tradição do Pão por Deus?

H: A tradição...

M: O Pão...

H: É o pão nosso de cada dia, é?

M: Não. É... é uma tradição que era no dia 1 de Novembro...

H: Ah, dia 1 de Novembro. Há aqui uma tradição... há aqui uma tradição que isto já existe há muito tempo... já me lembra assim... quando era nos funerais, davam sempre o carolo.

M: Isso é o... pois.

H: Hoje é... ontem é que não me lembrou e também ando assim um bocado já... já chateado, e não trouxe para aqui. Ainda no ano passado...

M: No ano passado, pois, fez-se o carolo.

H: O carolo.

M: Mas até aqui não era costume fazer no dia 1 de Novembro, não é? Era só nos funerais.

H: É só nos funerais. Quando há funerais é que fazemos isso. Está aqui esta mesa ali...

M: Pois, este altarzito...

H: Põem ali...

M: Que põem o pão. Mhm.

H: Põem ali o pão.

M: Não, a tradição do Pão por Deus era outra tradição, que era no dia 1 de Novembro as crianças batiam à porta das pessoas a pedir comida. Aqui nunca houve?

H: Aqui... aqui não me lembra.

M: Mhm. Está bem. E... quando... as flores já disse que é mais...

H: Sim, as flores... as minhas irmãs...

M: ...as irmãs que escolhem, não é?.

H: Mais as mulheres é que decidem isso.

M: Pois... Vem sempre sozinho aqui ao cemitério ou vem também com alguém?

H: Bem, às vezes andam aqui também as senhoras a arranjar as campas delas, e eu entro ali também. E outras vezes, venho sozinho, depende... se às vezes não há ninguém, chego ali e entro. Às vezes... e outras vezes também passo, que tenho mais que fazer...

passo e não vou lá também. Não vou aqui sempre. Lá de vez em quando.

M: Qual é que acha que é a forma melhor para nos lembrarmos de alguém?

H: Temos diversas formas, não é? Mas, há quem se lembre que temos os antepassados que sacrificaram... que sacrificaram-se por nós, não é? Nós... que realmente também temos que agradecer aquilo que nos deram.

M: Mhm.

H: E outras pessoas, claro, chegam aqui e fazem o funeral e se calha nunca mais se lembra, não é? Mas, eu lembro-me disto, porque eu herdei alguma coisa foi quem me deixou. E portanto, tenho que agradecer a quem me deixou.

M: Mhm. Então acha importante nós lembrarmo-nos?

H: Eu acho que é importante. Acho. E pedimos a Deus que... que nos leve para junto deles, que tenha lá um bom lugar.

M: Mhm. E o que é que nós podemos oferecer às pessoas que queremos lembrar?

H: Bem, às pessoas que queremos lembrar a gente... sei lá...

M: Porque por exemplo, as flores são uma forma de...

H: Pois, uma forma de oferecer.

M: ...de oferecer, não é? Como as velas.

H: Como as velas, claro.

M: As velas porque é que se acendem?

H: As velas significa a luz da alma, suponho eu.

M: Mhm. E acha que quando as pessoas põem as flores e tratam das campas, tratam... fazem isso para receberem alguma coisa em troca?

H: Bem, eu acho que não. Acho que é para homenagear as almas. As pessoas realmente, há quem tenha cuidado com isso e vem aqui... há aí uma senhora que vem aqui quase todos os dias. E está bem. E outros, é como eu digo... nunca mais...

M: Nunca mais aparecem. Mhm. Acha que é normal os homens cuidarem também das campas?

H: Bem, se tiver o zelo verdadeiro e tiver os antepassados que queira, também acho que tem o mesmo direito, mas geralmente os homens aqui zelam pouco por isso.

M: Porque é que acha que eles não... não fazem?

H: Não sei. Não sei qual é o motivo, porquê, mas alguns têm como têm as mulheres "Olha, vai lá tu." E vêm.

M: Mhm. Mas acha também... acha que há...?

H: E elas também vêm.

M: ...que deve haver distinção entre homem e mulher nas tarefas?

H: Não. Não. Eu acho que não. Nas tarefas não. Quer dizer, porque há aí homens que ficam viúvos e encarregam às vezes uma pessoa: "Olha, vai-me lá zelar a campa do meu cunhado... da minha sobrinha... da minha tia... ou minha irmã ou..."

M: Pois.

H: E também há quem faça isso, não é?

M: E acha que as crianças devem vir ao cemitério?

H: Eu achava que deviam ir ao cemitério, até achava que deviam aprender a doutrina, mas hoje realmente, já ninguém... já ninguém liga... às crianças não vão por esse caminho.

M: Mhm.

H: Mas, eu insisto com as crianças, mas o que é o mais chato é que os pais ensinam-lhes

outros caminhos também.

M: Sim.

H: Porque antigamente, eu lembra-me quando era miúdo, andava a aprender a doutrina com o padre e ali dava nos santinhos, e gente ficava toda contente com esses santinhos. Ai tínhamos que andar com os santinhos e ficava todo contente. Hoje é o contrário: compram uma pistola, uma arma, para aprenderem a matar.

M: Pois.

H: [risos]

M: Sabe se existe alguma simbologia das flores? Quais são as flores mais utilizadas para este dia de...?

H: Bem, aqui... as flores daqui... por exemplo há toda a... isto depende das pessoas do gosto que tem cada pessoa, não é?

M: Mhm. Mas nunca... não tem nada significante... não tem nada de especial?

H: Não, não tem significado. Não, nada de especial. Escolhem as flores que têm e põem-nas aí.

M: Mhm. Está bem. Se calhar íamos ver então agora a... a campa, que assim...

H: Foi alargado, que estava aqui.

M: Mhm.

H: E depois como foi alargado quando foi pelo... o meu irmão está aí e a minha falecida mãe...

M: Mhm.

H: E depois quando foi que... que faleceu o meu falecido irmão, não havia aqui... estava tudo ocupado. E depois esta aqui ficou aqui a estorvar... esta aqui, por causa do caminho está a estorvar...

M: Sim.

H: E até que havia de mudar as ossadas, e fazer aqui outra campa. Mas naquela altura estava tudo, tudo ocupado, lá fizemos este...

M: Só havia este espaço, é?

H: É. E depois o meu irmão está ali.

M: Mhm. O João Baptista.

H: É. João Baptista Gonçalves Santos.

M: E a mãe é Gracinda?

H: Era a minha falecida mãe, que era Gracinda.

M: E a sua mãe quando é que faleceu? Ali não tem a data.

H: Tem. Sei que...

M: Do... do João é "morreu em 87".

H: Pois.

M: E da sua mãe?

H: Mas olhe, eu... eu sei a data destes que aqui estão todos.

M: É?

H: Porque eu fiz um livro.

M: Ah, olhe isso era muito interessante para mim.

H: Eu fiz um levantamento nisto desde que fui para sacristão, fui lá examinar os livros e dei com um antigo livro que lá estava... ninguém lhe viu daquilo. Já esteve... estava podre.

M: Mhm.

H: Mas eu como gosto de ... "deixa ver". E depois pus-me a examinar e examinar e vejo lá o livro muito antigo. Mil setecentos e ..., não, pois... mil setecentos e setenta e tal. Quer dizer, mas tenho os registos de 1783, parece que é de 83. e portanto, tenho os registos aqui desta... destas famílias que aqui estão todas... Já era adulto quando fizeram o cemitério, e portanto tenho o nome delas todas. E da parte de lá do cemitério também. Tenho lá os meus avôs...

M: Ah, isso é interessante ver.

H: Tenho lá, olha, também havemos de ir lá acima ao adro.

M: Então vamos, é.

H: Tenho lá o meu bisavô, e tenho os meus avôs e tenho a minha avó, e tenho as tias, tenho lá mais do que...

M: Pois, a maior parte da família está lá?

H: Está.

M: E o seu pai também está lá?

H: O meu pai também está lá.

M: Pois. E porque é que não...? Ah, já não podiam pôr a sua mãe, não é?

H: Pois, não podia pôr porque naquele tempo já...

M: Pois, já era aqui o cemitério.

H: Era aqui.

M: Ela em que ano é que m... faleceu, a sua mãe?

H: Ela morreu em 77.

M: 77?

H: 77.

M: E aqui o cemitério quando é que foi alargado?

H: O cemitério foi agora... quê... não sei, não tenho a data precisa, mas penso que foi... ora... 4 e 4, 8, 12... há para aí coisa de... de 16 ou 17 anos.

M: 16 ou 17 anos.

H: É.

M: Está bem.

H: Isto não tenho uma data precisa. Se for preciso, até sei, mas agora de cabeça não...

M: Sim, sim.

H: ...sei bem.

M: Mas porque é que aqui , por exemplo, não... não se pôs a data no... na mármore?

H: Pois, pois, no mármore... podia pôr a data, podia pois. Na altura... o... lá o da funerária, lá fez assim, mas devia pôr a data. Mas eu lembro-me...

M: Mas porque é que pôs, já agora...?

H: Mas ela nasceu em 94, no dia 16, salvo erro, pois foi talvez de Maio. Em Maio ou Abril, de 94, 1894.

M: 1894.

H: É, e faleceu em 19..

M: 1977.

H: ...e 77.

M: E diga-me uma coisa: porque é que o seu irmão tem aqui a fotografia dele?

H: Porque tinha, tinha altura... tinha tirado umas fotografias já em antes, e depois o ... pu-la

aqui, que é ali na campa, mas aqui ainda foi fotografia dos... dos mortos e o da funerária até me disse: "Tem que colocar aqui a fotografia"...

M: Acha bom pôr as fotografias...?

H: Diga?

M: Acha bom pôr as fotografias das pessoas...?

H: Eu acho que, daí a amanhã sempre tem um amigo que conheceu, e chega aqui e diz: "Olha, aqui está o fulano, está o meu amigo... eu conheci-o, fomos amigos, fomos aquilo...". E ele conhece, não é?

M: Pois. Mhm. Então esta pedra... isto até já tem as duas, tem o mármore e tem o granito... tem as duas...

H: Pois tem... tem granito e tem o mármore.

M: ...e até tem mais uma terceira pedra, diferente... não é?

H: Tem, tem.

M: E foi feito tudo no mesmo... na mesma altura?

H: Foi feito na mesma altura.

M: Mhm.

H: Foi feito na mesma altura.

M: E esta estatuetazinha, foi a... foi também lá que arranjaram na funerária?

H: Foi, foi.

M: Mhm. Está bem. Então se calhar íamos ver lá em cima agora no adro...

H: Vamos lá, vamos lá em cima.

(.....)

M: Em Angola o que é que fazia?

H: Diga?

M: Quando esteve em Angola, o que é que fazia?

H: Primeiro fui para a... para a mata, lá tratar de um... de uma roça de um patrão. Tinha lá uns pretos, fui para lá então durante 2 anos, 2 anos e meio. Depois aquilo era um bocadinho chato, porque... às vezes custa mais fazer do que mandar. E andava lá com os negros, e eu às tantas via-me tão chateado que depois estive um bocado doente. E depois, disse ao senhor patrão, fui lá me curar, apanhei lá uma hepatite.

...mudança de cassete ...

M: E aqui na igreja, já me disseram que faziam a separação de homens e mulheres, não é? As mulheres para o lado esquerdo e ...

H: É, é. Quer dizer, os homens pois ficam lá à frente. E as mulheres ficam mais na retaguarda.

M: Não, mas isso é na igreja, não é?

H: Na igreja, pois.

M: E aqui no cemitério?

H: Aqui no cemitério não.

M: Não? É que já houve pessoas que disseram que separavam...

H: Não, não, não.

M: ... que no início começaram a separar...

H: Não.

M: Não?

H: Não, aqui no cemitério não.

M: Aqui também era tudo junto, no adro da igreja? Também sepultavam as pessoas, marido e mulher, no mesmo sítio, era?

H: É. (...) Aqui, enterravam por exemplo a mulher, ou o homem, tanto faz, o primeiro... quem falecesse primeiro, e depois passados uns quantos anos, que entendiam que o corpo estava corrompido, enterravam na mesma sepultura.

M: (...) Não percebi. Como...

H: Quando é que havia um casal, suponhamos...

M: Sim.

H: ...morria um filho, ou morria o marido ou morria mulher, um primeiro, não é?

M: Sim.

H: Pois enterravam aqui.

M: Sim.

H: Mas... ao cabo de uns anos, 10 ou 12, ou conforme que entendiam que o cadáver estava corrompido, enterravam no mesmo lugar.

M: Ah, pois...

H: Ficava tudo no mesmo lugar, na mesma sepultura.

M: Está bem. (...)

H: Olhe, aqui, mais ou menos está à minha volta a terra... de uma prima minha que era da minha idade. Ela faleceu com 19 anos, mas está aqui sepultada.

...pausa para tirar fotografia...

M: E aqui?

H: Aqui (...) está o meu avô paterno e o meu pai.

M: 1917, não é?

H: O meu avô.

M: No dia 3 de Março de..., o seu avô, não é?

H: É.

M: E do seu pai, não está aqui nenhuma inscrição?

H: Não. No meu pai não pus. Sei que está aqui...

M: E porque é que não pôs nenhuma inscrição? Só por curiosidade...

H: Para condizer com aquelas, com as outras, não pus.

M: Mhm. (...)

H: Aqui, está o meu bisavô.

M: Que engraçado... Estas pedras onde é que foram feitas?

H: Foi posto de (zermes???), aqui ao sair da aldeia, e na... terra... da ... de cá, não é? Isto já é muito antigo.

M: Pois.

H: Elas estavam sem data, mas pu-la a data... algumas ainda, olha, está ali uma que eles conhecem. E há outra ali do tal Sebastião.

M: Sim.

H: E há ali. Mas esta... e por exemplo, esta aqui, olha... eu sei quem está aqui também. Eu sei quem está aqui também. E naquela... as letras já...

M: ...já desapareceram? Com o tempo desapareceram.

H: Desaparecem, é. Este aqui é, então, o meu bisavô, paterno. Mas ele sendo que também... acolá está o meu avô materno, aqui. [caminhamos até ao local] Está o meu avô materno e a minha madrinha.

M: Mhm.

H: Este meu avô materno era filho do meu bisavô paterno.

M: Ai, que confusão...

H: Eu ainda lhe vou buscar um livro que lhe vou mostrar.

M: Está bem.

H: E aquele é de um vizinho... de uma tia minha, também... não sei se já era segunda tia.

M: Sei.

H: E o tal Sebastião que eu disse, a primeira pessoa...

M: Sim.

H: É acolá aquela da esquina.

M: Ai ali ao fundo?

H: Ali ao fundo, é. É bonita também.

M: Então vamos lá também... assim fica... também aqui registado. E aqui no chão também há?

H: Aqui está tudo. Aqui...

M: Está tudo pelo chão?

H: Aqui está tudo preenchido. Daqui até lá está tudo preenchido.

M: E dos outros lados?

H: E dacolá também. Aqui não há tanto. Aqui não há tanto. Acolá está tudo preenchido.

M: Maria de Graça... nasceu a... dia 2 de Maio de 1866. Faleceu em 1926. Mhm. Antes disto, não há registos aqui de sepulturas, pois não?

H: Não.

M: E dentro da igreja? Não tem...

H: Dentro da igreja não tem. Já é muito antigo... Até porque aqui isto a igreja, há uma história, que eu ainda ... porque, a senhora ainda não viu, mas... há aqui um altar romano.

M: Sim, sim. Tinha-me mostrado... da outra vez.

H: Ai sim?

M: Há um ano atrás que eu estive cá... sim...disse na altura e esteve-nos a mostrar, a nos, por trás do altar.

H: Pois, e a igreja foi acrescentada.

M: Mhm.

H: Porque a igreja foi alargada mais tarde, quando estava a minha falecida mãe, que... naquele tempo, eu penso que deve ter à volta de 300 anos. Acho que tenho ali o ... foi em 1711. E foi alargada.

M: Em 1711 foi quando foi alargada, é, a igreja?

H: A igreja. E foi alargada na largura aqui, metro e meio, e no comprimento é que não sei bem, mas também ... qual quer coisa, três ou quatro metros, não sei.

M: Mhm.

H: É. Olha... está aqui... tem aqui esta, esta, esta cruz... 1747.

M: Mhm.

H: Parece 1, mas é um 7...

M: Ah, é um 7, estou a ver... parece um 1 é de outra maneira que está escrito.

H: Sim... Foi um padre que eu tive uma família aqui... há uma história aqui, que eu sei lá... porque ele... é ali naquele calvário... também anda lá, vou mostrar. Tem ali uma cruz que era... a cruz de Cristo, ali com as iniciais do padre que mandou fazer o calvário.

M: Mhm.

H: E aquela capela que está ali, foi feita por ele.

M: Qual capela?

H: Uma capela que está ali à frente

M: Ah, cá fora aqui do sítio?

H: Sim. Sim. Sim.

M: Eu já sei. Pelo caminho...

H: Sim. Fez o calvário e fez a capela e, e foi pároco aqui. E era daqui. Mas disso não tenho registo que já é muito antigo.

M: Pois. (...) Esta igreja quando é que foi construída?

H: Olhe, isso aí, não... não tenho datas precisas... não tem datas.

M: Não há... não há nada disso que esteja escrito, não é?

H: Não há nada disso escrito... não sei.

M: E aqui também tem... no decorrer também há pessoas, não é?

H: Aqui está tudo cheio.

M: Está tudo cheio.

H: Acolá... acolá tem menos, mas aqui está tudo cheio... olhe, aqui está um meu tio também... assim aqui. Lá em baixo, por aí. Está tudo cheio por aí, por aqui está tudo cheio.

M: E antigamente punham aqui flores?... Ou não?

H: Aqui no adro? Tinha aqui flores tinha.

M: Tinha?

H: Tinha roseiras, por aqui...

M: De canteiro, não é? Assim do lado, à volta, era?

H: À volta... à volta desta parede tinha do lado de lá. E ali está uma roseira antiga, que ainda lhe vou mostrar... ainda há aqui várias. Mas aquela já não era... havia mais. Aquelas foram feitas agora. Mas aquela roseira antiga, olha, aquela que está acolá...

M: Ali ao fundo?

H: Havia muitas ... Havia também uns sabugueiros ali...

M: Sabugueiros?

H: Sim. Sabugueiros, sim. Até... até... havia ali um, e quando tal, a minha falecida mãe, havia de lhe dar um desgosto... nós morávamos ali, o meu irmão morava ali. Ele metia ali ... as cabras e as ovelhas, e veio um raio, por entre a roda, e ... e foi ali para dentro, e foi matar quatro padres. E como estavam a dormir, torceu o pescoço assim e deixou ficar.

M: Eh... pois.

H: Este é um pároco daqui... era natural daqui, também. E a igreja (...) tem aqui, olhe (...) tem acolá um...

M: Ai este círculo... estas ovais, não é?

H: Pois, pois. Pois quando isto foi alargada, foi alargada e acrescentada. E deve ser a data de quando foi então acrescentada.

M: Aha. E estas cruzes aqui, de que é que é? Estas...?

H: Estas cruzes foi o tal padre que as mandou fazer... o tal calvário.

M: Sim.

H: Estavam aqui... também lhe digo o lugar onde elas estavam. Tinha uma acolá encostado à minha casa, que é uma... o calvário aqui. Pus o calvário aqui, pois já estava a sepultura extraída. Havia estas duas e outra ali. Ali em cima também já não tinha. E eu é que recuperei... E estavam... Então aqui nesta na rua de baixo também, as cruzes.

M: Mhm. Mas o significado das cruzes qual é?

H: Bem, o significado... significa os passos de Cristo.

M: Mhm.

H: Quando a senhora já viu, quando fazem o auto da paixão, entra a cruz de Cristo às costas... significa isso.

M: Sim. Está bem. É que aqui fora também há muitas cruzes e são as mesmas, com o mesmo significado?

H: Pois tem o mesmo significado.

M: Pois.

H: Porque até... aqui se faz na novena, na quaresma, e até costumam fazer nas cruzes. Começam aqui na Igreja, e começam aqui neste, à direita e depois vão ali, de roda até aqui.

M: ...à volta...

H: ...vão lá abaixo, ao fundo tem ali o carro lá em baixo e depois vem aqui... e vem terminar ali...

M: ...nesta...

H: ...vamos ali ver.

M: Vamos. As pessoas nunca se importam... nunca se importaram de calcar as sepulturas aqui? Ou na altura não calcavam quando...?

H: É... não. [fomos até à parte de trás da igreja] Aquela é interessante, porque a escultura... antigamente... antes de... haver as urnas, eram uns caixões, de madeira.

M: Sim.

H: E depois enterravam aqui, metiam aqui uma pedra, e depois com o tempo apodrece a madeira e a terra vai abaixo. E fica às vezes um buraco.

M: Sim.

H: E acontece que de uma vez, uma senhora, que está aí na vila... morava uma senhora aqui... tem esta casa aqui... aquilo é uma casa, um terreiro ... há anos; e vinha dacolá, e vinha ver aqui então... chega aqui para ir à tia, e chegou ali e tropeçou numa...

M: ...e caiu?

H: ...tropeçou numa sepultura e caiu.

M: [risos]

H: Apanhou um susto [risos].

M: Pois deve ter apanhado um susto, deve. [risos]

H: Depois... a ver o buraco... a gente depois compôs.... Agora tem...

M: As pessoas sabiam onde é que estava a sepultura?

H: Sabiam.

M: E calcavam na mesma o chão, ou andavam à volta?

H: Não. Calcavam na mesma. Quer dizer, faziam um buraco, juntavam a terra ali e

calcavam.

M: Mas não se punha as flores no dia 1 de Novembro? Nunca se punha as flores?

H: Não.

M: Nem velas?

H: Não. Não. Havia aqui já uma senhora aqui já ultimamente... que ela era, até foi solteira, mas foi mãe...

M: Mhm.

H: E depois teve uma criança ou duas, e estão sepultadas aqui.

M: Mhm.

H: E a gente ainda lhe pôs ali uma cruz, que antigamente não estava como está agora... ainda pôs uma cruz de pau...

M: Mhm.

H: ...e a seguir ainda foi enfeitar a sepultura da criança.

M: Sim.

H: Mas de resto, ninguém, ninguém enfeitava. Limpava às vezes a...

M: Então nunca puseram...?

H: ...a sepultura...

M: Então nunca puseram nem... nem mesmo as cruzes, então não punham?

H: Não. Nunca puseram nada.

M: Nunca puseram nada?

H: Punham os marcos, punham uma pedra... uma pedra nos pés e outra na cabeça para dizer que estava ali...

M: Ah...

H: ...e depois limpavam-lhe a sepultura. Porque agora está jardim, por assim dizer, mas antes era tudo terra.

M: Ai era... não tinha ja... não tinha assim relva?

H: Não, não. Era tudo raso. Tinha uma pedra aqui... tinha uma pedra aqui e tinha outra acolá para saber, a família, que estava ali. E depois quando é que morria um familiar... era ali sepultado.

M: Mhm. E a pedra era porquê? Porque é que era uma pedra?

H: As pedras é como antigamente... é como aqui, por exemplo, nas aldeias, nós temos uma herdade com um vizinho, pomos um macho ou um marco...

M: Sim. É como se fosse...pois.

H: É, pomos ali um marco para dividir.

M: Para dividir... a fronteira...

H: E ponhamos na cabeceira e outra nos pés para dividir, para saber que estava ali, que...

M: E a pedra que estava na cabeceira, era maior ou ...?

H: Mais ou menos... quase era igual.

M: Era igual? Não...?

H: Não, não faziam distinção.

M: Não faziam.

H: Não faziam.

M: E essas pedras eram só... uns cubos ou eram trabalhadas...?

H: Não, não. Eram uma pedra qualquer. Uma qualquer. E uma ... que fosse mais jeitosinha, colocavam ali e ali ficava. Temos ai algumas... mas antes, antes tinha.

M: E só quando...? Então só quando deixaram de sepultar aqui é que ficou assim com a relva?

H: Pois foi. Pois foi. Que isto...

M: E tiveram que tirar até as pedras?

H: ...tinha... e antes quando foi, quando foi que fizeram o cemitério, é que depois tiraram as pedras e ficou tudo raso. Puseram... ficou tudo raso.

M: E as pessoas não disseram nada por tirarem as pedras, não?

H: Não, olhe, depois aquilo bem... foi nomeado do povo e depois todos, bem, viemos limpar isto, e esticar aqui, e isto vai ficar tudo raso. E ficou tudo raso.

M: E ficou tudo raso. E só ficaram estas grandes, não é? Em pedra...

H: É. Ainda lhe vou aqui mostrar outra coisa também...

M: Sim.

H: (...) Estas pedras já foram colocadas... o senhor que esteve lá na... encarregue à igreja, e estas... aquelas ali já as mandei colocar ali.

M: Mhm.

H: E aqui... e aqui... a rogar-te diziam aqui antigamente, que havia os casamentos e aqueles que não foram casados legalmente, que não podiam ser sepultados em sagrado.

M: Sim.

H: E dizem que eram sepultados aqui.

M: Ah... neste bocadinho, não é?

H: É, neste bocadinho aí...

M: Então deixe-me... eram sepultadas as pessoas que não... que não se casavam pela igreja.

H: Pois, pois. Que não se casavam pela igreja.

M: Havia muita gente que não se casava pela igreja?

H: Não, havia uns... muita gente não havia naquele tempo e tudo... compreende?

M: Claro.

H: Tem aqui umas pedras...

M: Mhm.

H: Aqui está uma e está aqui outra...

M: Pois, que tem assim uma forma diferente, é?

H: Uma forma aqui... tem outra aqui, e tem um buraco ali no meio. Estas pedras foi quando andaram pela igreja, que andaram a aumentá-la é que estas pedras... e tem acolá outra em baixo, duas também, de outro modelo...

M: Mhm. Estou a ver. (...) E esta casa é...é...?

H: Esta casa é aqui... ainda está entregue aqui à igreja. Aqui, esta aqui... antigamente havia uns esquifes, assim uns... Sabe?

M: Não... esquife... como é que é?

H: O esquife era uma caixa.

M: Sim.

H: Porque depositavam ali o morto, porque antigamente não havia caixões...

M: Mhm.

H: Depositavam o morto no esquife...

M: Mhm.

H: ...e, e ali velavam por ele durante a noite, pois quando estavam em casa, uma noite ou duas e depois era trazido aqui para o adro.

M: Sim.

H: E depois era embrulhado num cobertor ou num lençol... para ir assim levado para a sepultura, para o chão.

M: Ah, não ia... o esquife... ficava só com o cobertor...?

H: Não, o esquife era só para depositar em casa e trazê-lo para aqui.

M: Sim.

H: E para a igreja.

M: E depois ia assim só, assim sem caixão, sem nada...?

H: Sem caixão, sem nada. Ia assim...

M: E quando é que começaram a usar os caixões?

H: Bem, eu... eu já me lembro da minha lembrança. Da minha lembrança, já... já havia.

M: Mhm.

H: Mas antigamente não havia. Nos meus antepassados, não é?

M: Sim.

H: Na minha lembrança eram sempre os caixões, e depois mais tarde é que vieram as urnas... que a primeira urna que veio para aqui está acolá naquela sepultura, que foi a minha madrinha. Foi a primeira urna que veio para aqui. E depois começaram a usar as urnas. Agora é o que usam. Mas antigamente eram os caixões. E havia às vezes uns pobres que também não tinham possibilidades para comprar o caixão...

M: Sim.

H: ...e então lembro-me de uma senhora que morreu aqui, que também era pobrezinha, que viviam "sabe Deus como", e chamei um carpinteiro, que com a madeira fez aí um caixão... já também para ir no caixão, para a sepultura.

M: Pois.

H: É.

M: Tem aqui umas flores muito bonitas, umas pequenininhas, estas roxas, não é? Como é que elas se chamam?

H: As flores? (...) Estas roxas?

M: Sim. Como é que elas se chamam?

H: Chamou-lhe merendeiras.

M: Merendeiras?

H: Merendeiras. Sabe o que quer dizer isto?

M: São tão bonitas... O quê?

H: Sabe? Porque até hoje já estão a desaparecer. Mas aqui aparecem... já aparecem duas vezes. Aparecem agora quando é no... vem o fim de Setembro, ou seja...

M: Outubro?

H: ...princípios de Outubro é que aparecem. E aparecem depois lá pró... pró Abril. Quer dizer que, são as merendeiras, porque quer dizer, quer dizer que vão terminar as merendas.

M: Sim.

H: E quando vem o Abril, começam as merendas...

M: Começam as merendas...

H: Por isso é que se chamam merendeiras.

M: está bem. [risos]

H: [risos]

M: Que giro...

H: Vai agora e depois vêm na Primavera... nos campos. E aqui nem tanto, mas acolá ainda...

M: Aqui... e daquele lado... ali é que tem muitas...

H: Já estão a desaparecer aqui. O tempo delas é mais no princípio do... do mês.

M: Mhm. Engraçado.

H: É verdade. Tenho ali um livro...

M: Está bem.

H: Eu mostrar-lhe aqui uma coisa...

M: Está bem. (...) Eu vou tirar umas fotografiaszitas aqui.

H: Pode ser.

M: Está bem?

...Pausa para o "**H**" ir buscar o caderno onde tem apontado as gerações de Meixide...

H: Estava lá à frente... Tem aquele menino à frente, está ali tudo lá.

M: Sim.

H: E antigamente... ali... estava tudo em pedra. Tinha uns degraus também [estávamos na entrada principal do adro da igreja].

M: Ai tinha uns degraus do outro lado do... a entrada, era?

H: A que tem agora, não.

M: Não.

H: Subiu para o altar-mor.

M: Sim.

H: Tinha lá uns degraus em madeira...

M: Sim.

H: ...antigamente eram em pedra.

M: Ah... e tirou-se...

H: Tiraram e colocaram aquela madeira, aqui há...

M: E isso já foi há muito tempo ou...?

H: Isto há quê...? Sei lá... para aí há 40, 40 e tal anos.

M: 40 e tal anos. Mhm. Então e o livro...?

H: Olhe...

M: Quer se sentar... não sei se lhe dá mais jeito.

H: Esqueci-me de trazer os óculos. ...

M: Não sabe como é que apareceu esta aldeia?

H: Pois aí não sei.

M: Não há memórias disso, não é?

H: Não há memórias disso não. (……) Tenho aqui a primeira geração, não é?

M: A primeira geração.

H: Eram estes. (……) Eram as famílias. (…) Depois tem a segunda, a terceira, olha, esta é a segunda… Tem aqui, na… tem algumas faltas… Já vou aqui com a sétima.

M: A sétima geração, é?

H: É a sétima geração, já. Esta de agora, não é?

M: Sim, sim. Pois, pois… era… Quando é que havia mais gente? Era antigamente ou… aqui na aldeia?

H: Bem, mais gente… do meu conhecimento foi quando veio por aí… sei lá… pelos 60. Aí pelos 65, 58, 59… 60, foi quando havia aqui mais gente.

M: Mhm.

H: Depois veio a emigração e…

M: E desapareceu.

H: …e desapareceu.

M: Muita gente, não foi?

H: Oh, foi… desapareceu tudo, por assim dizer. Agora só há aqui velhos. Temos aí… a minha irmã é que tem 4 filhos e… há o marido… e temos aqui o vizinho que também tem outros 2 ou 3… e aquele tem outros 3… e por aí

M: São umas 6 crianças, não é? Quase que não há.

H: Quase que não há. Então, por exemplo, há baptizados, … que eu fui foi há dois anos.

M: Pois.

H: Os velhos lá vão morrendo e …; agora as crianças não há.

M: As crianças não há.

H: Nós tínhamos aqui a escola e tínhamos aqui a igreja, mas não há crianças agora.

M: Isto o quê é que é, esta árvore? É…?

H: Olhe, isto foi uma senhora aqui, que aqui plantou a árvore. Não sei, para dizer verdade, não sei verdadeiramente o que é. Esta… fui eu que a plantei. Não sei. O meu… como ele conhece bem, diz que era uma azinheira, mas não parece. Eu parece-me uma árvore que chamam carrasco. Não sei. …

M: Estas flores aqui há quanto tempo é que existem?

H: Estas há pouco tempo. Esta foi aqui há coisa de… de 2 anos. 2 anos.

M: 2 anos? É que tem aqui como se fosse…

H: E havia aqui o tal retiro. Havia aqui este bocado, havia aquele lado que era então para esse que lhe digo, que eram os que estavam casados.

M: E aqui também se punham os que não estavam casados?

H: É. Aqui não me lembra de pôr nenhum, por isso… pois os padres teimavam de lhe arranjar com que casar-se. Mas custava assim antigamente.

M: Sim, sim.

H: E eu depois é que pus aqui estas pedritas para aqui e um bocado de terra, e uma senhora lá se encarregou disto, e é que fez aqui o jardim.

M: O jardim.

H: É. E agora até já lhe deu aquela idade…

M: Está bem.

H: Tem aqui umas flores que… que é aquela coisa que eu digo… porque também há aqui um padre que suponho que deve estar aqui sepultado, tenho aqui o registo no livro, que

foi aqui enterrado.

M: Destes registos são as pessoas que estão todas aqui?

H: Não, tenho o resto lá em baixo no cemitério...

M: Sim, sim. Mas uma grande parte é toda aqui?

H: Está aqui. Está aqui, está.

M: Pois.

H: Este padre também faleceu já há muito tempo... também deve estar aqui... (...) na igreja... ou deve estar aí. Depois vamos ver ali aquela cruz. Aquela cruz tem ali umas iniciais... (...)

M: E este muro sempre existiu, na igreja?

H: Sempre, que me lembra. Mas aqui nos portões, a senhora aqui se calhar não sabe...

M: Não, não sei de certeza... [caminhada]

H: Está aqui esta pedra...

M: Sim.

H: Está aqui esta pedra e este... e acolá é igual... não tinha estas pedras. Só tinha esta.

M: Sim.

H: Por aqui tinha um buraco e ali tinha outro.

M: Sim.

H: Que era para guardar os animais. Quer dizer, os animais chegavam aqui, viam o buraco e...

M: ...e não entravam para dentro da igreja?

H: ...não entravam lá para dentro. Isto da minha infância já não é, mas sei que era assim.

M: Mas eram fundos os buracos?

H: Não me lembrava disso. Da minha infância já estava assim. Mas segundo o meu ..., que tinha aqueles vales fundos para os animais se ... nele. E assim já sabia, chegava aqui e...

M: ...e avançava o...

H: ...e ia para lá. ... Buraco ali já não ia lá para dentro. ...

...saída do adro para a rua e caminhada até às cruzes...

M: Ah, pois estou a ver aqui qualquer coisa.

H: Tem, tem.

M: Tem aqui. Tem um ... tem umas inscrições.

H: ... vai aqui... depois vira e acaba aqui pois... Araújo, que era o tal padre que lhe digo. ... e esta...

M: E isto é de quando?

H: Isto já é de 1747, que era do calvário. Elas não estavam aqui. Estavam ali naquele... lá. Mas já estava, só estava e outra. Aquela já a mandei fazer eu. Era esta e esta. As outras tinham desaparecido, e eu mandei fazer aquela.

M: Aquela ali ao fundo.

H: ...lá em baixo. Para representar o calvário, porque pertencem 14...

M: Sim.

H: ...são os passos do Senhor. E depois quisemos recuperar e eu é que me encarreguei de mandar fazer e colocar. Depois quando na quaresma, em certos dias, vai lá e faz uma novena aqui. Não é?

M: E as cruzes onde é que mandou fazer? Aquela cruz que mandou fazer...

H: Mandei fazer em Montalegre. Há lá um senhor... os pedreiros que trabalham têm lá uma fábrica de pedra... e encarreguei lá esse senhor que fez isso.

M: E foi o senhor que disse como queria que... que fizessem o desenho?

H: Foi. Foi o desenho como esta.

M: Como esta?

H: Como esta porque... isto significa aqui no bom ladrão e o mau ladrão. Que foi a cruz de Cristo, olhe, lá está a coroa.

M: Ah... estou a ver, ali no topo.

H: É. É a cruz de Cristo, que foi onde o Cristo foi crucificado.

M: Sim.

H: E foi crucificado com os dois ladrões: um à direita e outro à esquerda. E aquele é uma, e esta é outra. Tem aquele o da direita e este é o da esquerda. E depois como tinham que ser iguais... é tudo igual...e depois fizeram esta daqui.

M: Mas estas cruzes estavam aqui ou estavam noutro...?

H: Foram mudadas.

M: Depois foram mudadas. E...

H: Foram mudadas de lá de baixo da minha casa, na rua de lá.

M: E porque é que elas foram mudadas?

H: Porque depois já estava tudo destruído... olha, está aquela que foi feita de novo...

M: Sim.

H: E havia mais... há lá mais outras duas ou três... aquela também tem. E depois o padre Fontes tinha falado do calvário, que havia de se restaurar, que havia de se restaurar e como também... bastante trânsito, e não havia certas comodidades, isto ficava por aqui a cima. Depois é que as colocamos aqui. Fui eu que mandei colocá-las já. Já fez 12 anos ou prá -i.

M: E como sacristão, quais são as suas tarefas?

H: Bem eu agora fazer, na verdade, não tenho. Agora estou reformado, mas... eu agora de Verão ainda faço qualquer coisa, mas trabalho para as minhas irmãs. Eu para mim tenho uma pequena pensão, mas lá mandou o governante, mas... eu também estive na agricultura, não é?

M: Pois.

H: Quer dizer, faço qualquer coisa... trabalhava de carpinteiro, fazia os utensílios para a lavoura e... fazia tudo. Hoje não faço nada. Trabalho quando... quando apetece. Se quiser fazer alguma coisa, faço. Quando não-me apetece, não faço nada. Pois é.

M: Antigamente as pessoas faziam os trabalhos de carpinteiro ou...

H: Aqui faziam tudo.

M: Faziam tudo?

H: Aqui faziam tudo.

M: Cada pessoa fazia em sua casa...?

H: Era uma questão de fazer os utensílios para a lavoura... faziam o arado, faziam carros, se fosse preciso, faziam socos, uns tamancos... eu ainda fiz disto também.

M: É engraçado.

H: E qualquer coisa e... umas ... para o gado, íamos trabalhar com o gado, trabalhava com vacas e bois, e certas coisas, o que fazia falta à lavoira, a gente era obrigada a fazer.

M: Nunca se casou?

H: Não, que eu estudei... para a profissão nunca estudei. Até fiz de carpinteiro, de carpinteiro e percebo bem de carpinteiro, mas nunca tive mestre. O que é...

Entrevista nº 3.a – C

Depois de ter falado com "**H**", desci até ao cemitério, onde aproveitei o encontro com "**C**" para tirar algumas dúvidas da primeira entrevista.

M: Se acha importante as sepulturas terem fotografias?

C: Eu acho, porque se tiver fotografia e houver pessoas que venham visitar, portanto, quando dão com os olhos na fotografia imediatamente aliam à pessoa, não é? No caso de a terem conhecido. Se não têm conhecido ficam com uma ideia que estão ali aquela pessoa. Mas há pessoas, portanto, que viveram com ela, conheceram, foram amigos, e depois emigraram, mas voltaram e chegam aqui e realmente dizem "olhe, onde está pessoa com quem eu brincava, que foi meu amigo em tal... há tantos anos e assim. Eu acho que sim.

M: Outra questão que tinha ficado por perguntar era: tinha dito que foi um senhor de Braga que tinha feito aqui o jazigo.

C: Sim, foi. Foi. A mármore.

M: A mármore?

C: Sim, a parte de mármore.

M: E porque é que foi em Braga?

C: Em Braga porque naquela altura não faziam aqui.

M: Em Montalegre não se fazia, não?

C: Não, não se fazia. Só era em Braga. Ainda não havia também a... a fábrica dos mármores em Chaves. Portanto não faziam. Só faziam em Braga. Havia, mas era intermediários aqui em Chaves com quem a gente falava. E depois eles mandam-nas fazer em Braga. (...) E portanto, aqui não faziam, não. Foi por isso que foi em Braga. Já foi há muitos anos.

M: Disse que quando escolheram o jazigo, que até foi o seu marido que escolheu, não é?

C: Foi.

M: Mas foi por alguma razão ter sido ele a escolher?

C: Não. É que quem falou com o senhor foi ele, não é? E depois o senhor mostrou-lhe o catálogo e ele escolheu.

M: Mas também podia ter sido a...

C: Podia ter sido eu. Podia. Mas por acaso ele é que se deslocou a Braga; não fui eu.

M: (...) Quando as pessoas estão a tentar decorar as campas, também tentam fazer melhor umas que as outras? Para ver quem consegue a mais bonita.

C: Sim, isso é. A ver quem consegue fazer o mais bonito, isso também. E há pessoas até que encomendam os (...) os arranjos nas floristas e pois põem aqui. Até porque há muitas pessoas que não têm flores, e depois trazem de fora.

M: Os seus filhos alguma vez foram ao cemitério?

C: Muitas vezes. Muitas vezes.

M: Não... mas e os rapazes?

C: Sim, vêm ao cemitério. Por exemplo no Dia dos Fiéis vêm sempre e quando... tenho um que está na América que sempre que cá vem, vem visitar a sepultura do pai.

M: Mas eles também ajudavam a limpar e a decorar ou...?

C: Não.

M: Não?

C: Não. A filha sim. A filha sim. A filha ajuda. Agora os rapazes, os rapazes não é costume virem aqui ajudar.

M: E porquê?

C: Porque... quer dizer..., acham que as outras pessoas podem fazer o trabalho e eles... [risos] bem, fazem gazeta.

M: Está bem. (……) É tudo. (…) Este ano pôs muitas cores, não foi, na sepultura?

C: Porque (…) era as flores que tinha. E as flores são minhas; não são compradas. Muita gente comprou. Mas eu não; eu cultivo. Depois e…, como este ano foi muito mau, foi um ano bastante seco e assim, algumas deram outras não deram. Então olha. E abriram muito tarde.

M: No ano passado tinha feito aqueles arranjos com as branquinhas.

C: Foi. Mas este ano não abriram. Ainda estão fechadas.

M: Ainda estão fechadas?

C: Estão fechadas. Tenho ali duas ou três, mas só. As outras ainda estão fechadas.

M: E como é que acha que ficou mais bonito? No ano passado ou este ano? O que é que acha?

C: Eu, eu este ano acho bonito. É mais, é mais a tradicional. Nós aqui é a mais tradicional. É o vaso e coisa. Isso dos arranjos é assim uma coisa já mais moderna. Isto é o mais tradicional. E eu aqui gosto que se mantenha a tradição. Sou franca.

M: Claro.

Entrevista nº 9 – I

Voltamos ao carro e fomos entrevistar a última criança, neste caso adolescente, a Cecília, à sua casa que fica numa saída da aldeia.

M: Podes dizer o teu nome, por favor?

I: Chamo-me "**I**"

M: Que idade é que tens?

I: 12

M: 12 anos. Vives com quem?

I: Com a minha mãe e com os meus irmãos.

M: Quantos irmãos é que tens?

I: Comigo são 4.

M: E estás em que ano?

I: 6º

M: No 6º ano. És crente? És religiosa? Se acreditas em Deus ou na religião…

I: Sim.

M: Na católica, é?

I: [concordou por gesto]

M: E moras aqui em Meixide e nasceste cá em Meixide?

I: Em Montalegre.

M: Em Montalegre. Qual é o teu número de telefone daqui de casa?

I: Não tenho.

M: Ah não tens? Ok.

Então eu vou-te fazer umas pequenas perguntas e depois vamos ver as fotografias ... do ano passado.

Tu costumas ir ao cemitério?

I: Sim.

M: Mas é frequente ou é raro?

I: Quase todos os dias.

M: Quase todos os dias? O que é que tu vais lá fazer?

I: Vou ver o meu pai.

M: Morreu há muito tempo o teu pai? Quando é que ele morreu?

I: Tinha eu 8 meses.

M: Então foi há muito tempo. E... com que idade tu começaste a ir ao cemitério? Lembras-te?

I: Quase todos os dias. Não sei.

M: Não sabes quando é que começaste? Mas e vais sozinha ou acompanhada?

I: Às vezes vou sozinha e outras vezes vou acompanhada.

M: Com quem?

I: Com a minha mãe, e com os meus irmãos.

M: E o que é que fazes lá no cemitério?

I: (...) Como sempre.

M: O quê?

I: Dou um beijo ao meu pai e ponho lá flores.

M: Pões flores? E as flores são escolhidas por ti ou é a tua mãe que dá as flores?

I: Por mim, pelo meu irmão, pela minha mãe.

M: Está bem. (...) Qual é a tua primeira recordação relacionada com a morte?

I: Nada. Tinha 8 meses.

M: Mas para além disso? Não é? Já foste a algum funeral?

I: Já.

M: Já? E que idade é que tinhas quando foste ao funeral?

I: 12

M: 12 anos?

I: 11.

M: E o que é que tu pensas sobre a morte? O que é que tu achas que acontece às pessoas depois de morrerem?

I: Não sei.

M: E alguma vez a tua mãe explicou-te o que era a morte? Ou a família? Nunca ninguém te falou?

I: Não.

M: E na escola?

I: Não.

M: Também não falaram? (...) Aqui no cemitério de Meixide, tens lá a campa do teu pai, não é? Se calhar tens aqui nas fotografias. Possivelmente.

I: É.

M: É? Daqui a bocadinho já me vais dizer qual é, para eu ... para eu registar. È só o teu pai

que está na campa?

I: Sim.

M: Sabes onde é que foi feito o jazigo? Ou a campa? Foi aqui?

I: Está aqui [mostra a fotografia].

M: E quem foi que... não, espera lá... Conheces a tradição do Halloween?

I: (...) Ah... fazer a...

M: ... a das abóboras e das bruxas.

I: Na escola.

M: Mas é só na escola? Só na escola?

I: É.

M: É só na escola que fazem esta festa?

I: É.

M: Aqui nunca fizeram? Aqui em Meixide, as crianças nunca fizeram...

... interrupção feita por uma senhora de idade (possivelmente a avó), que saiu para a entrada onde estava a decorrer a entrevista...

M: Depois... o que é que eu estava a perguntar? Quando estás a decorar a campa, que preocupações é que tens?

I: Pôr as flores, limpar e ...

M: Mhm. E os teus irmãos também vão contigo?

I: Mhm.

M: E eles também limpam?

I: Mhm.

M: Então os rapazes também limpam e também põem flores? E por exemplo, e se forem só os rapazes? Os rapazes também vão sozinhos pôr flores e arranjarem?

I: Não, sozinhos não. Só se forem acompanhados.

M: Com as raparigas?

I: Com as raparigas ou com...

M: Sim. Mas com mulheres, não é? Normalmente?

I: É.

M: E as flores que costumas pôr lá. Tens alguma escolha, alguma coisa que tu gostes mais, alguma flor?

I: Não. Ponho assim que goste.

M: Qual é a cor que tu gostas mais?

I: Azul, vermelha, assim.

M: Sim? Mhm. E as flores que vocês têm lá nas campas, são naturais ou são...?

I: Naturais.

M: Naturais.

I: E plásticas também.

M: E gostas mais... quais achas que ficam melhor?

I: As plásticas.

M: Porquê?

I: Porque não voam, não se estragam.

M: Está bem. Quais é que achas que são as cores da... das flores que estão relacionadas com a morte?

I: Não sei.

M: Não sabes. Achas que é importante nós lembrarmo-nos dos mortos?

I: É.

M: Porquê?

I: Porque é da família; não sei.

M: E achas que quando nós estamos a pôr as flores, ou a acender a velinha para os mortos, estamos à espera que o morto de alguma forma também nos dê alguma coisa? Em troca.

I: Não sei.

M: Algum favor que...

I: Não sei.

M: Tu, por exemplo, quando vais decorar a campa do teu pai, pensas que ele poderá estar a olhar por ti ou que...

I: Sim.

M: Sim? Pensas?

I: Penso.

M: Os homens costumam cuidar das campas?

I: (...)

M: Já reparaste?

I: Mhm, não.

M: Não? Não costumam. Tens medo da morte?

I: [gesto]

M: Não?

I: Não.

M: Ok. Pronto, é tudo.

Aqui estão as fotografias que tu tiraste. Queria que tu me falasses... que só... Olhasses para as fotografias e explicasses porque é que tiraste as fotografias dessa maneira. Se souberes,... que isto já foi há um ano, não é? Esta foi a que tiramos a todo o grupo, não foi, daqui...?

I: Esta foi um rapaz que me tirou. Este também. Aqui foi na igreja.

M: Mhm.

I: Aqui foi o padre.

M: O padre? O padre que tirou?

I: Não, fui eu que tirei as fotos.

M: Sim.

I: Aqui também.

M: À saída da procissão das velas, não é?

I: Sim. Aqui também. Aqui foi quando veio lá para cima...nas ruas.

M: Para o cemitério.

I: Aqui também. Aqui são umas coisas que estão lá também.

M: Mas não é do teu pai?

I: Não.

M: Não está.

I: Esta também. Esta aqui é o meu pai, aqui.

M: Como é que ele se chama?

I: Fernando.

M: Fernando o quê?

I: Fernando não sei quê.

M: É que eu depois para escrever na... bem eu digo que é, é uma campa que tem Zulmira, não é? Escrito.

I: Sim.

M: S.P. de Zulmira.

I: É a minha mãe.

M: (...) É a tua mãe?

I: É.

M: A tua mãe também morreu?

I: Não. Mas está lá escrito.

M: Mas... já está o nome da tua mãe, aqui?

I: Mhm.

M: Porquê?

I: Este é o meu pai. A minha mãe pôs o nome dela para saberem que também é dela.

M: Ah, porque assim quando ela morrer ela vai para aqui.

I: Não. Fica assim.

M: E é costume porem os nomes das pessoas antes de morrerem?

I: Não. A minha mãe pôs assim porque pronto. E aqui é igual.

M: Mhm.

I: Aqui foi quando estava a comer.

M: O carolo.

I: Aqui foi cá em baixo. E já acabou.

M: E acabou. Está bem. O que é que tu achaste deste trabalho? De tirar fotografias.

I: É.

M: Tu gostaste de estar a tirar as fotografias, o que é que... Quando estavas a tirar as fotografias o que é tu pensavas, ou...

I: Em nada.

M: Nada. Nunca tinhas pensado no Dia de Todos os Santos e no Dia dos Mortos?

I: Não.

M: Foi a primeira vez que tiveste que fazer um trabalho relacionado com isto?

I: Mhm.

M: Ok. Pronto, olha, muito obrigada "**I**", está bem?

Complemento à entrevista de H

A seguir fomos à procura de "**H**", a quem entrevistei no início da tarde e a quem me tinha esquecido de perguntar sobre a escolaridade que tinha feito. Neste caso, foi o meu marido (**N**)

que registou a resposta, pelo facto de estar ocupada na altura com a amamentação do meu filho mais novo (com 3 meses de idade).

H: Fiz a 3ª classe.

N: Fez até à 3ªa classe?

H: 3ª classe, no dia 3 de Julho de 1942. Em Sto. André.

N: Em Sto. André?

H: É acolá ao pé de Vilar de Perdizes.

N: Vilar de Perdizes.

ANEXO XXV

CONVERSAS

1. Conversas a 01.11.2006
Conversa nº 1 – João Sanches (JS)

Conversa registada com João Sanches, filho da professora da aldeia (**C**), tida no final da tradição do carolo do dia 1 de Novembro de 2006, depois da procissão ao cemitério. A conversa ocorreu à entrada do cemitério e continuou pela rua acima até à Igreja.

JS: ...por exemplo, o cemitério era pequenino, era só... aquela parte foi o meu pai que alargou.

M: Mhm.

JS: E o jazigo, aquele mais alto, do lado direito é...

M: O do seu pai?

JS: ...é nosso. E que era na altura... só havia aquele. O resto eram tudo sepulturas rasas. Não tinham... muitas delas, não é? O mármore foi feito... foi posto muito recentemente. Porque é interessante o que é no [...] destas pessoas... o que é interessante é o nome, que fica.

M: Mhm.

JS: E então eles começaram a pôr o mármore. Antigamente... era o... o tradicional aqui é o granito. A moda do mármore. Mas muitas vezes basta só a lápide com o nome...

M: Exacto.

JS: ...e as pessoas já ficam satisfeitas.

M: Claro.

JS: Porque querem preservar o nome. Ora bem, nós... sei lá... as pessoas que estão ai, eu nunca me lembro delas... nunca as vi. Mas pelo nome há uma... uma certa genealogia e o sacristão tem a... tem a... portanto, a descendência genealógica desde 1783. Dez gerações.

M: Ai... isso é que é muito interessante...

JS: Tem que falar com ele...

M: Pois é, pois é. Tenho que falar com ele depois.

...sem interesse para a tese...

JS: ... era como o meu avô. Quando f... quando foi buscar o dinheiro para se fazer o cemitério...era ele o presidente da Junta.

...sem interesse para a tese...

Imagina por exemplo, nesta questão do sobrenatural, o imaginário que esta gente tem sobre... para eles os mortos não morreram, os mortos ainda estão vivos.

M: Pois.

JS: O imaginário é impressionante. E é como esta simbologia do carolo, quer dizer, quando as pessoas dizem... os antigos trabalharam muito, deixaram-nos comer e nós estamos aqui também para deixar aos outros. Estes ciclos que se... que reproduzem no imaginário. Impressionante.

...sem interesse para a tese...

Estão sempre na galhofa. Eles brincam com tudo.

M: Até ontem, quando estávamos ali dentro... estava... estavam a arranjar, as senhoras, as campas e houve alguém que arranjou uma campa que ninguém gostou. Olharam para aquilo e: "então deixaram isto tudo torto e..." Começaram-se a rir todas e elas:" Ah, disto não nos podemos rir..." e depois até foi a sua mãe que disse: "Não podemos rir? Então se nos faz rir, porque é que não havemos de rir, não é?" Então ficou toda a gente a rir.

...sem interesse para a tese...

JS: ...ao mesmo tempo há um certo cepticismo, quer dizer, as pessoas mostram aquilo que

não são.

...sem interesse para a tese...

M: É verdade, aqui tem muitas cruzes.

JS: É a via-sacra à volta da aldeia.

M: Mas era por aquele lado, ou era para este lado?

...sem interesse para a tese...

JS: Isto é uma aldeia de emigrantes, quer dizer, com as [...] de Agosto a população quadruplica. Agora tem 124 pessoas residentes. Quando é no... no meio de Agosto chega a ter 800 ou 900. Depende da... dos que vêm. (...) Muitos deles quando morrem no estrangeiro, alguns querem vir para aqui.

M: Até é mais natural as pessoas quererem voltar à terra...

JS: A França tem um sistema que... tanto custa um funeral ficando lá a pessoa como aqui. À volta de... era à volta de 11000 francos.

M: Então para isso, as pessoas vêm para aqui.

JS: Pois. As pessoas escolhem vir para cá.

A caminho da Igreja: resumo da conversa sobre a produção das culturas em Meixide e Chaves.

Em Meixide as castanhas serviam de troca. A partir de 1850 as batatas eram trocadas pelas culturas do vale (de Chaves, que tem um microclima que permite muitas culturas): as hortícolas (pimentos, piripiri, malaguetas, cebolas). Em Meixide, na altura, era muito difícil cultivá-las, porque a terra é agreste. Trocavam as culturas também pelo gado. Como o prejuízo era muito grande, na aldeia começaram a vender a madeira dos castanheiros aos ingleses, que compravam também o gado barrosão. As pessoas vendiam, mas ficavam muitas vezes com fome.

A proximidade com Espanha levava ao frequente abastecimento lá (de noite, por causa do contrabando: sobretudo têxteis e alimentos de longa duração, como o bacalhau. Para lá levava-se sobretudo o gado e o tabaco americano de contrabando (e droga).

Na aldeia as pessoas faziam de tudo (por exemplo os socos, tamancos).

Conversa nº2 – senhora "J" e o senhor H

Conversa com Dª "J" ocorreu na Igreja de Meixide no dia 01.11.2006

M: Quem foi que fez a decoração das flores, este ano?

J: Fui eu que fiz.

M: Ai foi a senhora?

J: Era a minha vez.

M: Está bem.

J: E são minhas, ainda para mais.

M: Ainda melhor, não é?

...Fotografei o interior da igreja: aos altares, arranjos florais e outros...

M: Já agora, a cruz que foi na procissão é a mais antiga?

J: É, é.

(...)

H: Temos aqui um altar, dentro... também, antigo já.

M: Este?

H: Não, atrás deste, outro.

M: Ai tem outro?

H: Outro. De pedra.

(...)

M: E estes panos são da igreja?

J: Sim, sim. Já são muito antigos. Estes pelo menos são trabalhos muito antigos. Tem outras mais bonitas, mas... mais nesta época, estão assim mais simplesinhos.

M: Mhm.

(...)

M: E tem também aquelas... as outras duas pecinhas também...?

H: As lanternas?

J: As lanternas.

Resumo do resto da conversa:

As lanternas tinham uma velinha por dentro que alumiava a procissão. As flores na igreja são crisântemos. A igreja é cuidada pelas mulheres da aldeia, num sistema rotativo. São 12 mulheres e cada uma tem 1 mês para pôr flores e tratar do que for preciso. Neste momento só põem no interior da igreja flores naturais; mas chegou a haver tempos em que as artificiais estavam presentes. Dª "J" partilha as suas flores. Meixide, terra de emigrantes, daí também as flores artificiais que põem em Agosto para durar o ano. A bula na quaresma. Pedra ara, onde se dá as 3 missas. Imagens na Igreja: Senhora das Dores, (Santa Ana ou) Senhora dos Prazeres e Cristo. Os mortos eram sepultados no chão da igreja, mas quando esgotou, foram para o adro. Usava-se o esquife para transportar os mortos de casa até ao adro. O morto era embrulhado em lençol e ia assim para a terra. As famílias mais ricas é que punham a pedra trabalhada com os dados do morto, no adro. Só há 50-60 anos é que começaram a enfeitar com flores.

Conversa nº3 – as senhoras K e L

Conversa com a senhora "K", que emigrou no Canadá, e com a senhora "L", tida no cemitério, quando tirava fotografias da parte da tarde.

M: ...é naquele cant...?

K: É naquele cantinho.

M: No cantinho? O primeiro.

K: Sim.

M: E este canto oposto é de uma senhora?

K: De uma senhora. Que era a Carmelina.

M: E porque é que foi... calhou de ser homem de um lado e mulher do outro?

K: É começaram... quando se fez o cemitério de novo, puseram os homens para a direita, começou, é tudo... agora já vão metendo nas mesmas campas misturando. Mas primeiro era: os homens à direita; as mulheres à esquerda.

M: Ah, que engraçado...

K: Começaram tudo alinhado, tudo em fila. Agora é que estragaram tudo, mas dantes era tudo alinhado.

M: Pois agora já não está muito bem alinhado.

K: Não.

M: Faltam muitos números; não há indicação...

K: E esta cruz quando... quando levantaram, aumentaram o cemitério, deviam-na pôr lá atrás e deixarem uma ala para ir...

M: Para entrar tanto para um lado, como para o outro, era?

K: Para terem a mesa direita. Agora... agora nem com a... põem ali as urnas e por fim andam por cima das campas das pessoas.

M: É. É complicado.

K: É. Isto está muito mal.

L: Bastava um largozinho que era para porem a cruz...

M: Pois.

L: ...atrás e a mesa de repouso.

M: Só se passarem a mesa de repouso... só se passarem a mesa de repouso para ali, não é?

L: Vão ter que fazer... mudar a cruz normalmente era o que estava previsto para fazerem.

K: Era.

L: Porem a cruz no fundo e a mesa de repouso para aqui. Mas as campas já estão muito em cima.

M: Isto... quando é que foi feita a parte nova, do muro?

L: Ai esta parte nova... já foi...

K: Eu estava na América.

L: ...já foi feita desde que eu cá estou. Eu vim em 84.

M: Há uns 20?

L: É, talvez há uns 20. Ah, eu vim em 84 e isto foi feito depois. Há uns 20 anos.

M: Há uns 20 anos que foi feito.

L: Mhm. Foi aqui... esta parte.

M: Está a ficar bonito, com as velinhas acesas.

K: É, agora de noite.

L: Por isso é que eu digo. Normalmente, a minha filha mais nova ia ao pai e mesmo ao escurecer é que vinham cá os dois. É acendiam todas.

M: E acendiam todas. Não eram só os seus? Eram...

L: Não. Não viu quando andei à volta... e tudo, não é?

M: Pois, eu reparei que estava a dar à volta...

L: Pois, mas o meu marido e a minha filha, normalmente quando era... quando era mesmo de noite, vinham os dois, cada um com a sua vela e muita gente... depois estava muita gente fora... muitas não tinham. E eles daquelas velas altas partiam...

M: E já...

L: ...e punham em todas... em todas.

M: Engraçado.

K: Porque dantes não se usavam estas.

L: Pois, eram só as outras. Aquelas de cera, compridas. Então eles como então viam... "Oh este não tem ninguém, vamos partir esta ao meio e dá para todos."

M: E quais acham melhores: as antigas (eram branquinhas, não eram?)...

L: Eram, eram. Aquelas altas.

M: Gostavam mais daquelas antigas ou destas vermelhas, assim?

L: É, quer dizer, as outras ...

K: Isto agora, para dizer, que não se apagam tanto.

L: Pois.

K: Não se apagam tanto as que não se apagam. Porque há cera...

L: Há cera ruim.

K: Eu hoje, que vi lá na campa do João em Soutelinho e estava lá uma... devia ser a "J" que pôs. Mas também uma tampa que não era da... que não era dela, era grande. Pôs lá e ficou sem [...], só ardeu a torcida.

L: Ah...

K: Eu hoje... eu hoje fui lá pôr as que eu levei e disse: "Oh homem, tenho que ver o que faço com esta. Fui ao carro por uma navalha e limpei-a e tornei a acender.

M: Pois, limpou.

K: Tornei a acender e pus acesa. Fui para a missa. Quando vim da missa...

M: Já estava...

K: ...tornava a estar apagada.

L: Pois, já é a própria cera.

K: É a cera que é fraca, é, a cera é que é fraca.

M: E por exemplo... algumas pessoas põem 3 velas, outras põem 5, ou ali, por exemplo, a professora pôs muitas...

L: Porque ali já estão 4 pessoas enterradas.

M: E...mas quantas velas é que normalmente se...?

L: Ai normalmente cada um põe o que quer.

K: Cada um põe o que quer. Eu aqui em cinco campas pus uma cada uma. Na que era do meu irmão é que pus naquela coisinha ali, que ponho as pequeninas, mudo e ponho. Mas de resto...

L: Cada um é que põe o que quer. Eu, por exemplo, quando era do meu sogro, só gasto eu e a minha sogra. E os irmãos... aquela do anjinho da guarda... ali, são as duas...

M: Qual é? Não estou a ver. Ai estas duas juntas?

L: Não. Sim, sim. Estas aqui só uma é que não tem ninguém.

M: Pois, pois.

L: Morreu o meu sogro... e depois como a minha sogra já tinha... estava doente, os filhos decidiram fazer...

M: ...as duas, não é?

L: Porque conta em conjunto, não é? Só que de um momento para outro ela podia ir, e não podia ser enterrada no mesmo. É assim. Aquela ainda não tem ninguém, mas, por exemplo, ali já arderam hoje as outras velinhas pequeninas... já arderam 3 ou 4. Aquelas de alumínio ardem muito.

K: Ai aquelas ardem muito bem.

L: Aquelas velinhas pequeninas...

K: É... é isso morre muito depressa. E isto arde que é uma maravilha...

M: Que ainda estes que são grandes, não é? Estas assim grandes...

L: Pois.

M: Por isso estas devem durar bastante... ai estas assim...

K: É.

L: Estas são as que ardem melhor. Estas velas... o ralo...

M: Parece um...

L: E então e aqui, por exemplo, têm... têm estas, têm 8 filhos mas não estão cá. A gente põe as que quer. Cada um põe conforme...

K: E depois também depende de... da muita família que tem as pessoas. Por exemplo, eu venho ai, só ponho uma em 5 campas, uma em cada. A minha madrinha pôs outras. Ninguém mais... isto está tudo conforme. Ninguém manda, ninguém põe... este tem

tantas como o... este ano pôs o Zé António, também coitado, lá pôs em cada um.

L: Pois.

M: Mas aqueles que têm uma vela acesa é...?

K: Uma ou duas. O suficiente.

L: É o essencial. O essencial é...

K: Olha, eu acho até... quando aqui chove muito e faz muito vento, porque este ano foi uma maravilha...

M: Foi, foi. Não estava à espera.

K: Há anos que temos o frio e coisa... e eu ponho uma vela que dura 7 dias, 7 noites em casa e ofereço-a pelas... pelas almas... pelas pessoas que a gente lá tem...

L: Quando o tempo está ruim, a gente põe-as em casa e diz pelas almas e é igual.

K: Eu penso que sim; a intenção é que...

M: Mas isto... mas qual é a simbologia das velas?

L: As velas... dizem que o Dia de Todos os Santos que é... que são as almas que estão à espera de luz. E muitas pessoas não vêm cá todo o ano, não é? Não vêm cá todo o ..., e neste dia toda a gente cá vem.

M: Pois.

L: Quer dizer que são as almas que estão à espera de luz. Quantas alminhas estarão à espera deste dia?

M: Sim.

L: Não é? É a tradição que dizem.

K: Aqui temos esta tradição. Estava no México, fazem um... há um...

M: Fazem uma festa, não é?

K: ...há um...

M: ...uma festa, uma festa grande, no México.

K: Levam até...

M: São 3 dias.

K: Levam tudo.

M: Comem e põem comida.

K: Põem comida.

M: Sim.

K: E diz que é para os defuntos comerem.

M: Sim, sim, sim.

K: E não comem; mas naquela coisa vão muitos pobres e...

M: E levam.

K: ...e levam e comem.

M: Por acaso não se lembram da tradição do Pão por Deus?

L: Ai, quando foi do... é o pão que puseram ali?

M: Não, não. Não é do carolo. É o Pão por Deus.

L: Ai o Pão por Deus.

M: Era uma tradição que era... no dia 1 de Novembro, de manhã cedo as crianças e até em tempos mais remotos, as pessoas mais pobres também saiam de casa, juntavam-se em grupinhos e iam de casa em casa pedir o Pão por Deus.

K: Ah, é como aqui os "Reis". É como fazem no dia de Reis.

M: Ai é?

K: Fazem. Noutros tempos...

L: Uma senhora que estava a fazer a tese dela também, a filha do Dinis, deste senhor, do Dinis...

M: Pois.

L: Quando foi a gente... quando é nos "Reis", que anda... no Natal, canta o menino, vai tudo coisa, e então depois a gente vai pedir o "Reis" de casa em casa.

M: Mhm.

L: E então quando era...

K: E este ano também pediram...

L: Sim, mas este ano, por exemplo, foram pedir os "Reis" e foi...

K: ...e compraram, não é?

L: ...se juntou para o menino. E a dizer que era para o menino Jesus, e então depois a gente comprou uma mesa que fazia falta para a igreja.

M: Pois, já percebi.

L: Esse dinheiro. Mas quando era antigamente que cantavam os "Reis", faziam... juntavam as chouriças, aquilo tudo e comiam tudo juntos numa casa, não era?

K: Pois era.

M: E isto também é, só que o Pão por Deus...

K: Isso eram os grandes, mas os pequeninos, porque havia muita fome lá onde me criei... e muita criança com muita que tinham e nesse dia era uma festa para eles.

M: Claro.

K: Porque naquele... nem que só lhe dessem um bocado de pão, já era bom, porque às crianças não lhes davam chouriças, nem lhe davam nada.

L: Nem lhe davam nada.

K: Mas uns davam-lhes umas nozes, outros davam-lhe umas maçãs...

M: Mas isso é agora? Era no dia 2?

L: Não, não.

K: Nos "Reis".

M: Ah, nos "Reis". E esta tradição... ainda existe em alguns sítios e davam algumas nozes, castanhas, o mel, figos, tudo o que...

K: E era no "Dia de Reis".

L: Era mesmo no "Dia de Reis".

K: No dia 6, porque eu já me lembra de ser guardado, no dia santo...

L: Era no dia 6.

M: No dia 6.

L: Sim.

K: O bispo depois é que dispensou muitos, que já me lembra de muito dia santo que foi dispensado pelo bispo.

L: Pois foi.

K: Já me lembra.

L: Mas aqui era 6, era.

K: O dia de Reis, o dia da Ascensão da Nossa Senhora... nem me lembra agora quantos são... muitos, muitos...

L: São muitos.

K: São José, Santo António, São João...

L: Era, era.

K: O São Pedro, todos esses dias como fazem em Vilar de Perdizes.

L: Pois.

K: Porque em Vila de Perdizes ainda guardam...

L: Ainda guardam, aha...

K: E a Santa Cruz... 3 de Maio

L: Também guardam...

K: ...mas ainda hoje guardam... no dia de Santa Cruz eu não trabalho.

L: Pois. Porque isto vieram uma geada muito grande e...

K: ...uma geada e acabou o centeio todo.

L: ...acabou o centeio todo e depois ficou sem dia santo... ninguém ajuda... ninguém rogava, não é?

K: Antes é que era dia santo...

L: Pois, antes...

K: ...e depois a geada veio porque desde que dispensaram... desde que dispensaram esse... esses dias, não é? O bispo é que dispensou... é que caiu essa geada. De maneira que agora, ainda quase toda a gente guarda respeito a esse dia.

L: A esse dia, a 3 não é?

K: O 3 de Maio.

L: É o dia de Santa Cruz, é o dia 3 de Maio. É, é.

M: Interessante. Muito bem... e a senhora como é que se chama?

L: Sou "L".

M: Ah, está bem. Dª "K" já a senhora... conheço...

K: "M" sabia, agora "L" não.

L: Na minha só me conhecem por "L", porque eu sou de uma aldeia ali perto de Montalegre. E até se me... muita gente diz: "É a "M"... a "M"" e também sou "L".

K: Eu também sou "M" "K". Ninguém me chama "K". Aqui é que sempre foi só "K", a "K".

L: Pois. E na minha aldeia sou "L" e aqui é "M". É só "M".

M: Pois, e eu sou só Margarida. Só tenho um nome... também não é difícil...

...sem interesse...

L: Pois a senhora também há de estar ai[...] nestes lados, estes dias todos cá?

M: Ah, estou hoje. Ontem e hoje, não é? Porque... pronto tinha que registar, mas amanhã eu suponho que não haja nada...

L: Não.

M: ...já... porque as celebrações foram feitas aqui hoje...

L: Foi hoje, foi.

M: Por isso...

K: Noutros tempos é, já da minha lembrança... só se vinha ao cemitério, porque no domingo punha-se as velas ou lá o que era... arranjava-se, mas o dia de vir o... padre,

era o dia 2.

L: Pois, era o dia 2. Agora é... é dia 1...

K: Faz hoje 48 anos que morreu o meu avô... também...

M: Mhm.

K: ...dia 2... morreu dia 2.

L: Pois é...

M: Mas a Dª "K" é de Aveiro, não é?

L: Não.

K: Não, isso é a minha cunhada...

L: A "X".

M: Quem é?

L: Essa é que é de Aveiro.

K: A "X" é que é de Aveiro.

L: A senhora que mora naquela casinha, ali, que é fortesinha... a "X" é que é de Aveiro.

M: Está bem. Tinha ficado com a ideia...

L: Não.

M: Tenho que começar a escrever. [riso] É tanta gente...

L: É muita gente, é.

M: Pois.

K: Sou... o meu pai era de Ardãos, mas eu fui cá nascida e baptizada e criada, e tudo. É tudo de Meixide.

M: Está bem. Bem, vou continuar aqui a fazer o registo...

K: Ah, então registe que é para depois...

M: Aproveitar enquanto tenho luz, porque...

L: Mas esta luz acende... esta luz acende, mas mesmo assim... olhe...

K: Então é como eu digo: boa sorte e que tudo corra bem.

M: Muito obrigada... muito obrigada e boa tarde.

2. Conversas a 01.11.2007
Conversa nº4 – Padre António Lourenço Fontes (AF)

M: Eu gostaria de saber se costuma ir ao cemitério, sem ser por razões de... de missas ou funerais.

AF: Vou, vou muitas vezes. Mas habitualmente não vou.

M: Habitualmente não...

AF: Fui esta semana passada ao cemitério da minha terra, ver a... ver a (sem interesse)... e aproveitei para fazer fotografias do cemitério, da minha terra, da campa, da campa dos meus pais... e aproveitei para recordar figuras de pessoas... e achei graça que encontrei lá um Cristo partido... arrumado junto à lixeira...

M: Mhm.

AF: ...um Cristo com 40cm, sem braços e pernas, num mármore muito bonito.

M: Mhm. Pois, é assim que se consegue preservar alguma coisa também. As pessoas deitam as coisas fora...

AF: Gosto de ir ao lixo dos cemitérios.

M: Mhm.

AF: Gosto do que ás vezes as pessoas...

M: Deitam muita coisa... é.

AF: Concretamente tenho ali uma cruz de uma campa, de uma família de uma casa que comprei, mas tinha lá a cruz em casa e... agora já não é deles, mas a cruz ainda lá tenho... gosto da memória, do passado, tudo o que vir à memória, e gosto de convidar a ir ao cemitério, mas aqui... como esta aldeia exagera... vão ao cemitério todos os domingos. Aqui a gente, enquanto estão à espera do padre... aqui em Vilar de Perdizes, meia-horinha ou um quarto de hora vêm mais cedo, e estão ali, e vão ao cemitério, vão arranjar a campa...

M: Pois.

AF: ...vão lavar a campa.

M: Mas em Meixide não é, porque é muito cedo a missa.

AF: E também não está tão perto da igreja.

M: Pois.

AF: Os cemitérios que próximos das igrejas são mais de convívio com os vivos. Os que estão mais distantes, são mais raros... só se lá vai quando alguém morre.

M: Pois. Mhm. O que é que... no dia 1 de Novembro o que é que costuma fazer? Qual é o seu... todo dia...?

AF: Portanto, o habitual, o normal... como padre, rezo as missas, porque é dia santo, não é?

M: Mhm.

AF: Rezo nas três paróquias, à hora normal e depois vou ao cemitério com as pessoas... nas aldeias onde não vou aos dias da semana. Aqui em Vilar de Perdizes, já não vou ao cemitério hoje, mas vou amanhã.

M: Mhm. E... a missa que diz de manhã... que disse hoje de manhã lá em Meixide, é a mesma que todos os anos que diz ou...?

AF: É a missa própria que se dirige a todo o mundo, igual de todo o mundo, no Dia de Todos os Santos.

M: É igual para todos? Mhm. Está bem. Lembra-se da primeira vez que visitou um cemitério?

AF: Não me recorda, que isso deve ter sido... nos meus 5, 6, 7 anos mais ou menos...

M: Tem alguma lembrança da morte ou...?

AF: Lembra-me... as mortes que mais... que mais presentes na minha infância são a de crianças, de irmãos...

M: Mhm.

AF: ...morria... muita... a natalidade infantil em minha casa... morreram três irmãos pequeninos... lembro-me mal assim já de... lembro-me dos anjinhos. Não é? Os anjinhos... chamávamos os anjinhos. Nós em minha casa, neste caso a minha mãe fazia o enxoval para morrer... para os vestir... os sapatos para calçar...

M: Ai tinham umas roupas especiais para vestir os anjinhos?

AF: Quer dizer, vestiam de branco.

M: Sim. Mas era uma roupa nova? Era?

AF: Era uma roupa nova que se lhe fazia e o calçado era... era do género de papelão... enfeitado, também a minha mãe fazia... e depois íamos... íamos a casa do... as pessoas vinham a casa do morto, dos anjinhos e das outras pessoas, não é? Iam-lhe fazer o velório, iam rezar, pôr água benta, e... eu lembro-me de... na minha terra lembro-me de... de um casal, de jovem que morre com 17 anos com uma pneumonia... sem intervenção médica não, não conseguiram salvá-lo... e lembro-me da morte da minha mãe, mas isso já era adulto. Não é?

M: Pois.

AF: O meu pai... de um irmão meu que mataram na guerra em Moçambique ...

M: Na guerra?

AF: Na guerra e depois... morreu dia 5 de Janeiro e no dia 16 informa na televisão dizer que estava bem... [risos]

M: [risos] E, os seus pais nunca lhe falaram sobre a morte?

AF: Todas as noites falavamos. Todas as noites já... principalmente mais de inverno, nós víamos a oferecer da mesa, que é um costume de fazer no fim da ceia, toda a gente oferecia à mesa, ao serão à volta da lareira... minha mãe, o meu pai e todos à roda rezávamos uma lenga-lenga de orações que era pelos mortos da família e dos amigos e vizinhos, e...

M: Era todos os dias?

AF: Todos os dias à noite, e depois pedíamos a bênção aos pais. E aos tios, ou padrinhos, ou assim, e depois íamos dormir.

M: Mas os seus pais nunca falaram... o... no significado da morte ou o que queria dizer...?

AF: A morte era... toda a gente sentia presente, não precisava que eles falassem.

M: Pois.

AF: Não tenho ideia de que eles nos falassem...

M: Mhm. O senhor padre tem algum... alguma campa que cuida, no cemitério?

AF: Não. Eu tenho...

M: Por exemplo, dos seus pais...

AF: Não. É só os meus irmãos que cuidam.

M: É só os irmãos? E são homens ou são as mulheres?

AF: São homens e mulheres.

M: São homens e mulheres. Homens e mulheres que cuidam.

AF: Ainda ontem um irmão meu perguntou... vai para os Estados Unidos amanhã... e perguntou-me a que horas era a missa numa aldeia onde está enterrado um... um irmão... um cunhado meu.

M: Mhm.

AF: E ali a igreja, não há missa lá, portanto se queres ir àquela... vais depois para onde quiseres. É o meu irmão que... esse meu cunhado não terá cá família nenhuma directa e então, esse meu irmão iria cuidar da campa até se... numa terra diferente da nossa. Geralmente são os homens e as mulheres, no meu caso, os meus irmãos é que cuidam das campas. As mulheres deles é que podem ir para casa, mas geralmente...

M: Ai é?

AF: É.

M: Engraçado.

AF: As mulheres vão cuidar às vezes das campas dos pais deles. E os meus irmãos vão cuidar das campas dos meus pais.

M: Interessante. E aqui em Meixide, eu reparei que... ou já me disseram que no início havia a separação dos homens e das mulheres, à medida que iam sendo sepultados: as mulheres ficavam do lado esquerdo e os homens do lado direito. No início...

AF: Eu não creio que isso seja tão verdade. Eu acho que é: cada família tem uma campa, e os homens são sepultados nos sítios onde foi enterrada a mulher e vice-versa. Isso é a regra normal. E, campa familiar.

M: Sim... não mas, no início, quando foi construído o cemitério, parece-me que separaram porque foi aquilo que as pessoas...

AF: Nunca ouvi falar nisso.

M: Não?

AF: Na igreja é que estava diferente. Na igreja, as mulheres estavam em baixo, atrás de... do meio para baixo...

M: Do meio da igreja para baixo eram as mulheres sepultadas? É?

AF: Não, não. À missa.

M: À a missa? Sim, sim.

AF: E do meio da igreja para cima eram os homens.

M: Mhm. Sim.

AF: Então, há uma brincadeira que diz: "Calças abaixo, saias acima". [risos]

M: [risos] E porque é que acha que faziam essa separação dos homens e das mulheres?

AF: A igreja foi sempre machista e tinha sempre uma divisão de... um gradeamento... portanto nem a mulher podia ir ao altar, nem podia tocar nos[...] na igreja, não é?

M: E como é que isso foi modificado?

AF: Foi com este Vaticano, [...] em 62-63 talvez, mais ou menos.

M: Em 63?

AF: É, começaram a dar alguma posição...

M: ...liberdade e...

AF: ...da mulher dentro da igreja. De ler, de... mesmo assim há um retrocesso de alguns bispos a dizer que devemos dar preferência aos homens em todas as actividades de igreja.

M: Pois. Relativamente à campa que é dos seus pais, quem foi que escolheu a... o jazigo, a pedra, a decoração, digamos, funerária?

AF: Isso foi... já teve várias...

M: Intervenções.

AF: ...intervenções. A última já não fui eu. A primeira fui eu e os meus irmãos, a primeira cruz que lá pôs, mandou-se fazer mais ou menos ao nosso gosto e agora foi feita, alargada para em vez de ter uma campa só, tem três. Tem lá o meu pai, a minha mãe e esse meu irmão, e um tio meu que já morreu depois. Então é uma campa com pedra em granito...

M: Sim.

AF: ...de cabeceira bastante larga e, de forma...

M: Arredondada?

AF: ...de forma... asa de cesto.

M: Sim, já estou a ver... asa de cesto.

AF: E depois com as fotografias, como é normal.

M: E qual é a importância de pôr as fotografias nas campas?

AF: Bem...é uma forma de que, o que não é visto não é lembrado, não é?

M: Mhm.

AF: Só a memória... a fotografia só é recente. Antigamente não havia fotografias...

M: Sim.

AF: ...de modo que só recentemente é...

M: É que se põe.

AF: ...é que se põe para a memória mais viva, mais presente das pessoas.

M: E as pessoas como é que começaram a pôr? Porque eu sei que antigamente que não...

AF: No cemitério da minha terra, isto agora... logo atrás da porta havia...havia a fotografia de um... de uma família mais rica. Talvez em 1950 ou 40, por aí.

M: Existiam já flores? Punham flores...?

AF: Havia terra, não havia mármores...

M: Pois.

AF: ...eram tábuas de cruzes em madeira... tenho aqui no museu uma cruz dessas. Que no cemitério de Meixide está cá fora [...] cruzes de mármore, mas antigamente eram, eram cabeceiras de madeira.

M: Ai eram de madeira, as cabeceiras...?

AF: As cabeceiras eram de madeira.

M: ...da... das campas?

AF: Das campas e as cruzes eram de madeira também.

M: Isso no adro da ig...?

AF: Não, não. No cemitério.

M: Mesmo no cemitério, é?

AF: Sim, sim.

M: E em Meixide também ou...?

AF: Em todo o lado. Em todo o lado.

M: Em todo o lado?

AF: A última cruz que vi lá fora do cemit... estava uma cruz fora do cemitério e trouxe-a para aqui.

M: Ainda ao bocadinho estava a falar com a Dª **F** e ela estava a dizer... mostrou uma cruz realmente que estava no sítio, e que agora está pousado não é? Na parede, não é? Ao lado de umas...

AF: E isso já são de mármore?

M: São de mármore. Essas são de mármore. Daquelas brancas.

AF: Mas antigamente era uma espécie de oratório[...] tinha uma cruz de madeira a encimar ou...

M: Sim.

AF: ...mais trabalhado ou menos trabalhada conforme o... nuns era uma simples cruz, noutros eram campas, em forma de silo.

M: Sim.

AF: Com forma de terra...

M: Sim, sim, um monte de terra, mas em bico, não é?

AF: Em bico, é.

M: Pois. E quando nos primeiros cemitérios então, quando começaram a pôr as cruzes em madeira, a parte de cima era só em terra ou também havia com...?

AF: Se havia era pedra... pedra granítica...

M: Sim.

AF: Simples ou trabalhada, conforme.

M: Pois.

AF: O geral era tudo terra.

M: Terra rasa. Até porque era muito mais caro...

...interrupção para cumprimentarem AF...

M: Acha que é importante nós lembrarmo-nos das pessoas?

AF: Acho que sim. A história... é mestre da vida, e se não houvesse essa a memória das pessoas, não havia história, não é?

M: Mhm.

AF: Quem não recorda, não honra os seus, não é digno deles, não é?

M: Mhm.

AF: Portanto, acho que há muito a aprender no passado... evitar os erros do passado, e aprender a experiência do passado para não cairmos nos mesmos erros.

M: E acha que as pessoas quando estão a cuidar de uma campa, a pôr flores, a limpar, a acender as velinhas, têm alguma intenção de que os mortos lhes dêem alguma coisa também, de troca?

AF: Eu acho que sim. O culto dos mortos é um bocado interesseiro. Por um lado de sufrágio, de que os mortos estão apenas a arder no purgatório, como às vezes foi insinuado, portanto acham isso como um acto negativo, de sufrágio, que as igrejas aconselham [...] sepulturas e religiões também, por outro lado é também o aspecto de... as almas do purgatório têm poderes para ajudar os vivos. É possível que as pessoas tenham esse interesse... esse interesse. Por outro lado têm medo. Já não tanto por amor, mas também vão por medo, ou por indicação de videntes e bruxas, e isso... vão muitas vezes fazer, pôr velas, ou isto ou aquilo ou aqueloutro tudo em promessas que os mortos deixariam de cumprir... para não atormentar os vivos.

M: E qual é a importância das... das velas?

AF: Agora é um símbolo de vida... a pessoa está viva e portanto põe-se uma vela a indicar...

M: Como se tivesse... continuasse a pessoa a...

AF: Como se a pessoa estivesse... por um lado, a precisar de luz, ou então que está viva como a vela que está acesa, ou então um símbolo de alguma promessa que as pessoas dizem assim: "vou pôr esta vela para compensar promessas ou dívidas, ou pecados", como se fosse...

M: E as flores qual é o...?

AF: As flores, antigamente andavam a pôr flores plantadas, não é? Porque era em terra... então havia flores próprias do cemitério.

M: Quais eram?

AF: Jarros cor de [...] Há as flores... chamavam-lhes as prende-carnes...

M: Prende-... prende-carnes? Tenho que encontrar.

AF: E estas flores simples... há uma flor chamada saponária, que é uma planta da qual se faz o sabão...

M: Mhm.

AF: Ainda recordo aqui de uma planta que havia aqui nos adros, nos cemitérios. Depois há o... plantavam o cipreste... plantariam... o azevinho... Isto agora, quais são as plantas... marianas...

M: Mas... isso era o que plantavam nas terras rasas? Era?

AF: Era, era.

M: E assim tinham...

AF: Tinham sempre alguma flor.

M: ...mais florido... mais colorido.

AF: [incompreensível]

M: Crisântemos?

AF: Talvez os crisântemos, no cemitério...

M: Mas isso era só nos cemitérios; no adro da igreja nunca punham flores ou...?

AF: No adro, alguns tinham um canteirito também. Recordo-me do adro da minha igreja, em ..., eu mesmo provoquei lá a reacção, enquanto lá estive... como o adro da igreja está próximo do [incompreensível] fazia-se lá um jardimzito. É por isso que antigamente...

M: Mas só...

ANEXO XXVI

Curriculum Vitae do Padre Fontes publicado a 21 de Junho de 2006 do blogue *Tradicionalmente Falando* (http://tradicoes.blogs.sapo.pt/2006/06/ (25.06.2007))

António Lourenço Fontes

- Nasceu em Cambezes do Rio, (Montalegre) a 22.02.1940
- Terminou o curso de Teologia no Seminário de Vila Real em Junho de 1962.
- Conclui a licenciatura em História, na Universidade do Porto, em 1980.
- Editou várias obras: Etnografia Transmontana (2 volumes). Em colaboração: Usos e Costumes de Barroso; Milenário de S. Rosendo. Antropologia da Medicina Popular Barrosã, Chegas de bois, Raça Barrosã, Las fronteras invisibles, Contos da raia, Crenzas e mitos da raia seca ourensana, Ponte da Mizarela, ponte do diabo; Roteiro dos castros de Montalegre, roteiro dolménico de Montalegre. Colaboração em vários jornais e revistas regionais. Fundou e dirige o mensário Notícias de Barroso desde 1971-2006.
- Exerceu as funções de empregado, chefe de pessoal nos Serviços Médico Sociais de Vila Real (Montalegre), de 73 até 1990.
- Exerceu as funções de Secretário do gabinete da Presidência na Câmara M. de Montalegre desde 1990 a 2000 e reformou-se.
- Foi Pároco de Tourém, Pitões e Covelães (1963-71). É pároco em Vilar de Perdizes, Meixide e Soutelinho da Raia, desde 1971 e Mourilhe (2002-2005)
- Dirige no Centro Social Paroquial de Vilar de Perdizes, de que é fundador e presidente, jardim-de-infância, agora centro de dia, cursos de formação: artesanato da lã e do linho (1986); Plantas aromáticas em 1998, apicultura (1985), de serigrafia, artes decorativas.
- Fez centenas de conferências por todo o país, e no estrangeiro, em Universidades, Grupos culturais, escolas, autarquias etc.
- Colaborador permanente da RTP, TVE, TVG. Participou em filmes da região: Terra de Abril, Terra Fria, 5 dias e 5 noites, não cortes o cabelo que meu pai me penteou, Os demónios, documentários para a BBC, TV de Holanda e França, Unesco, Odisseia...
- Organizou vários congressos internacionais: Milenário de S. Rosendo (77), Centenário de S. Bento (81); caminhos de Santiago (82); 19 de Medicina Popular, (desde 83), 2 de religiosidade popular (84-85) e um de arquitectura popular (84). 17 encontros de cantadores ao desafio e concertinas, pelo Natal.
- Em 2000-2001) reconstruiu em Mourilhe o solar do Outão, do séc. XVIII, agora hotel rural Sª dos Remédios, centro cultural de promoção e divulgação das terras e cultura Barrosã, onde acolhe turistas, visitantes, doentes, universidades e estudantes, artistas, e comunicação social.